



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

ALBA MARIA SANTANA FERREIRA ELIAS

**A RELIGIOSIDADE EM *ELIAS PORTOLU*, DE GRAZIA DELEDDA**

Alba Maria Santana Ferreira Elias

**A RELIGIOSIDADE EM *ELIAS PORTOLU*, DE GRAZIA DELEDDA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Literatura.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvana de Gaspari

Florianópolis  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Elias, Alba Maria Santana Ferreira  
A RELIGIOSIDADE EM ELIAS PORTOLU - DE GRAZIA DELEDDA /  
Alba Maria Santana Ferreira Elias ; orientadora, Silvana  
de Gaspari, 2019.  
204 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Literatura, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Literatura. 2. Elias Portolu. 3. Religiosidade. 4.  
Verismo. 5. Grazia Deledda. I. Gaspari, Silvana de. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós  
Graduação em Literatura. III. Título.

Alba Maria Santana Ferreira Elias

**A RELIGIOSIDADE EM *ELIAS PORTOLU*, DE GRAZIA DELEDDA**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Silvana de Gaspari, Dr(a).

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Marcia de Almeida, Dr(a).\_ via Videoconferência

Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Raphael Novaresi Darella Lorenzin Leopoldo, Dr.

Faculdade Católica de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Literatura.

---

Prof. Dr. Marcio Markendorf

Coordenador do Programa

---

Prof.(a) Dr.(a) Silvana de Gaspari

Orientadora

Este trabalho é dedicado ao meu  
marido, Jair José Elias, e às nossas  
filhas, Belise Cristina Elias e  
Bianca Caroline Elias.

## AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida.

À Silvana de Gaspari pelas orientações nesta pesquisa.

Aos familiares e amigos que me incentivaram nessa jornada.

Ao meu marido, Jair Jose Elias pela presença constante e amorosa.

Às nossas filhas, Belise Cristina Elias e Bianca Caroline Elias, pelas correções de texto e formatação.

À Belise Cristina Elias pelas correções do *Abstract*.

Ao Caetano Fontana Bez Batti e Bianca Caroline Elias pelo livro *Juncos ao Vento* (2015), quando de seu lançamento em São Paulo, e por terem garimpado e adquirido, em sebos do Porto/PT, o livro *Claro-escuro*, edição de 1945.

Ao Júlio Cesar Ferreira e Flávia Locks Machado Ferreira pelo presente dos livros adquiridos em Óbidos e Caldas da Rainha/PT: *Depois do Divórcio* (2018) e *Cinzas* (2018), respectivamente.

Às bibliotecárias, Letícia Lazzari — Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) — e Crislaine Zurilda Silveira — Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) — pelo empenho na localização e disponibilização à cópia do livro *O drama de Regina*, do acervo da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC).

Aos amigos João Dimas Nazário e Júlia Nezi Macedo Nazário, pelas trocas de ideias em dias alegres.

*“Sì, amo molto la Sardegna; posso anzi dire che è il mio più grande amore. L’amo nelle sue terre, nei suoi monti, nel suo cielo, in mia madre, nella nostra vita, nei nostri costumi, e vorrei, non so, vorrei, fare tutto da me per illustrarla e farla amare ai continentali.”* (Cfr. G. Deledda, lettera a L. Falchi (7 maggio 1893), in Scano 1, p. 280 *apud* Patrizia Linossi, 2015, p. 97).

## RESUMO

O presente estudo visa apresentar uma análise sobre a religiosidade, retratada na poética da escritora italiana Grazia Deledda, ganhadora do Prêmio Nobel de literatura de 1926. Mais exatamente, será abordada a religiosidade pela perspectiva verista, ou seja, a concepção que considera a terra como religião, no livro *Elias Portolu* (1903). Importante ressaltar que, em grande medida, a autora transformou sua vida em narrativa, recordando sua história em diferentes fases. Em especial no que diz respeito à descrição supostamente realística de ambientes e habitantes/personagens, que fizeram parte dos 29 anos em que ela viveu em Nuoro, na Sardenha, sua grande inspiração. A base teórica desta pesquisa é composta por autores como Giorgio Agamben, Benedetto Croce, Friedrich Schleiermacher, Antoine Berman. A tradução, que consta como apêndice deste trabalho, fez-se necessária por ser o ponto de partida da reflexão teórica aqui apresentada.

**Palavras-chave:** *Elias Portolu*. Religiosidade. Verismo. Grazia Deledda.



## SOMMARIO

Il presente studio si propone di presentare un'analisi della religiosità dimostrata nella poesia della scrittrice italiana Grazia Deledda, vincitrice del Premio Nobel di letteratura 1926. Più precisamente, si proporrà a discutere la religiosità verista, cioè, la concezione verista che considera la terra come una forma di religiosità, in *Elias Portolu* (1903). Importante dire che la scrittrice ha trasformato la sua vita in una narrazione, che racconta proprio la sua storia in diverse fasi. Soprattutto per quanto riguarda la descrizione presumibilmente realistica di ambienti e abitanti/personaggi, che hanno fatto parte dei suoi 29 anni vissuti a Nuoro, in Sardegna, la sua grande ispirazione. La base teorica di questa ricerca sarà composta di autori come Giorgio Agamben, Benedetto Croce, Friedrich Schleiermacher, Antoine Berman. La traduzione, che fa parte dell'appendice di questa ricerca, è stata necessaria perché si presenta come punto di partenza di questa riflessione teorica.

**Parole chiave:** *Elias Portolu*. Religiosità. Verismo. Grazia Deledda

## ABSTRACT

This study aims to present an analysis about religiosity, described in the poetics of the Italian writer Grazia Deledda, winner of the Nobel Prize for Literature in 1926. More precisely, the religiosity will be approached by the perspective verista, that is, the conception that considers the land as religion, in the book *Elias Portolu* (1903). Important to emphasize that, to a large extent, the authoress has transformed her life into story, reminding that in different moments. In particular, concerning the supposedly realistic description about places and inhabitants/characters, who were part of the 29 years she lived in Nuoro, Sardinia, your great inspiration. The theoretical basis of this research will be composed by authors such as Giorgio Agamben, Benedetto Croce, Friedrich Schleiermacher, Antonie Berman. The attached translation of this academic work, is necessary because it is the starting point of the theoretical reflection presented here.

**Key words:** *Elias Portolu*. Religiosity. Verismo. Grazia Deledda

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Capa do livro <i>Depois do Divórcio</i> . (2018).....	70
Figura 02 - Capa do livro <i>Cinzas</i> . (2018).....	71
Figura 03 - Folha de rosto do livro <i>O Drama de Regina - Nostalgias</i> . (1932).....	72
Figura 04 - Capa do livro <i>Claro-Escuro</i> . (1945).....	74
Figura 05 - Capa do livro <i>Caniços ao vento</i> . (1964).....	75
Figura 06 - Capa do livro <i>Mariana Sirca</i> . (1944).....	77
Figura 07 - Capa do livro <i>Cosima</i> . (2005).....	78
Figura 08 - Capa do livro <i>Elias Portolu</i> . (2015).....	80

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Autores e suas obras mais relevantes.....	25
Quadro 2 - Marca siciliana nos nomes das personagens em <i>Os Malavoglia</i> .....	28
Quadro 3 - Zoomorfismo em <i>Fantasia, Ruivo Pêlo-Ruim, Nedda e A Loba</i> .....	52
Quadro 4 - Aproximações e descrições do comportamento humano com as de um animal, em <i>Os Malavoglia</i> .....	53
Quadro 5 - O zoomorfismo em números em <i>Os Malavoglia</i> .....	57
Quadro 6 - Zoomorfismo presente nos 111 provérbios em <i>Os Malavoglia</i> .....	60
Quadro 7 - Confissões de Elias Portolu.....	101
Quadro 8 - Os sonhos de Elias Portolu.....	108
Quadro 9 - Rezas.....	111
Quadro 10 - Expressões sardas em <i>Elias Portolu</i> .....	119

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCE – Centro de Comunicação e Expressão.

ESAG – Escola Superior de Administração e Gerência

FACASC – Faculdade Católica de Santa Catarina

IPESC – Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina

PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SESI – Serviço Social da Indústria

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina.

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	15
CAPÍTULO 1 - ORIGEM E MANIFESTAÇÕES VERISTAS .....	21
1.1 Impessoalidade .....	27
1.2 Discurso Indireto Livre.....	37
1.3 Língua e linguagem.....	39
1.3.1 Dialeto .....	39
1.4 Regionalismo .....	40
1.4.1 Giovanni Verga.....	40
1.4.2 Luigi Capuana.....	41
1.4.3 Federico De Roberto.....	42
1.4.4 Matilde Serao.....	44
1.4.5 Salvatore Di Giacomo.....	46
1.4.6 Grazia Deledda .....	48
1.5 A Família.....	51
1.6 Zoomorfismo (Animalização).....	52
1.7 Pessimismo.....	62
1.7.1 Religiosidade .....	63
CAPÍTULO 2 - A DESCOBERTA DE <i>ELIAS PORTOLU</i> POR MEIO DA TRADUÇÃO .....	65
2.1 Sardenha — Vínculos com as obras de Deledda .....	66
2.2 Trajetória deleddiana: Brasil e Portugal .....	70
2.3. Elementos veristas em Grazia Deledda .....	84
CAPÍTULO 3 - RELIGIOSIDADE EM <i>ELIAS PORTOLU</i> : A FAMÍLIA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PERSPECTIVA VERISTA. ....	90
3.1 A terra como religião .....	91
3.2 A família como religião.....	94
3.3 A constituição do sujeito por meio da terra e da família como religiosidade.....	98
3.3.1 As confissões de Elias.....	101
3.3.2 Sonhos e premonições .....	108
3.3.3 Rezas.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS .....	115
APÊNDICE - UMA TRADUÇÃO DE <i>ELIAS PORTOLU</i> : CONCEITOS E CONCEPÇÕES.....	117
ELIAS PORTOLU .....	122
BIBLIOGRAFIA DA TRADUÇÃO .....	204

## INTRODUÇÃO

Esta introdução, diferentemente de todo o trabalho aqui apresentado, terá um tom mais pessoal, pois foi, a partir dos caminhos, que muitas vezes trilhei sozinha, que este trabalho teve origem.

A escolha da escritora Grazia Deledda iniciou-se com a criação de um grupo de estudos, formado no Centro de Comunicação e Expressão - CCE/UFSC, em 2012, com o objetivo de traduzir dois contos deleddianos: *Ospitalità* e *I due mietitóri*. Tal grupo não evoluiu após o segundo encontro, ficando a tradução abortada e sem perspectiva de término.

Como não sei começar um trabalho sem concluí-lo, dei prosseguimento à tarefa de tradução, utilizando-me do programa Wordfast. Dessa forma, constituí um *corpus*, já pensando no Trabalho de Conclusão de Curso de graduação (TCC). Comecei a elaborar o projeto, porém, com viés muito amplo e ousado, que se propunha colocar em diálogo a literatura, a linguística e a tradução. Mas, depois, percebi que não era exatamente isso que gostaria de fazer e reorganizei meu projeto. A partir dele escrevi meu TCC. Obtive o título de Bacharel em Letras - Italiano com o TCC, sob o título: “A harmonia entre paisagem e personagens em *Elias Portolu*<sup>1</sup> de Grazia Deledda: tradução e análise do primeiro capítulo” (2015).

Porém, a partir da tradução desse capítulo, senti a necessidade de traduzir os nove capítulos restantes, elaborando novo *corpus* de pesquisa.

Minha predileção por Grazia Deledda também ocorreu após cursar as disciplinas de Literatura Italiana I, II, III e IV, ocasião na qual tive contato com o perfil histórico da literatura italiana como um todo, inclusive com o movimento verista e seus escritores. No manual que utilizávamos para as aulas (ANSEMI, 2008), o espaço concedido à escritora Grazia Deledda surpreendeu-me, pois, as poucas linhas que continham informação acerca da autora, segundo meu ponto de vista, não faziam jus ao seu trabalho — Nobel de Literatura de 1926 — razão pela qual, mais uma vez, fui instigada a pesquisá-la e saber mais sobre suas obras.

Outro fato relevante, para mim, foi saber que Deledda, em alguma medida, viveu entre dois mundos, ou seja, quando na Sardenha (sua terra natal) pensava no continente e, quanto neste, escrevia sobre sua ilha. Corroborando essa ideia, Anders Hallengren,

---

<sup>1</sup> A título de esclarecimento, informo que o texto fonte utilizado, tanto no TCC, como para essa dissertação, pertence à coletânea *DELEDDA Romanzi e novelle*, 2007.

(2002), ao falar sobre a autora, descreve que a crença na ilha, de que todas as coisas estranhas, “vem do outro lado do mar”, nunca a deixaram. Esse não pertencimento é o que também me moveu, bem como a limitação e o isolamento que a ilha lhe proporcionou. Aqui, parece que o fato de eu também viver numa ilha, a ilha de Santa Catarina, nos aproximou de forma incontestável.

Assim como a limitação geográfica não foi empecilho para que a escritora ampliasse sua visão de mundo e a ele se lançasse, do mesmo modo me reconheci quanto à busca por conhecimento que eu desejava, quando ainda jovem, vivendo em uma cidade do interior. Nesse momento, em vista do que relatei até aqui, faz-se necessário tecer alguns comentários no que se refere a minha trajetória acadêmica, por sua relevância na minha formação tanto profissional como pessoal.

Sou filha de um construtor de casas de alvenaria e de uma professora primária. Diferentemente de Deledda, meu pai não prosseguiu os estudos, não por falta de oferta das séries subsequentes, mas por não ter interesse. Já minha mãe, que havia frequentado colégio de freiras, concluiu não somente o ginásio como se graduou, após o nascimento do sexto filho, em Biblioteconomia na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Iniciei meus estudos em Biguaçu, município da grande Florianópolis/SC, terminado o segundo grau no Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis, com o curso Aprofundamento em Ciências.

Por ocasião do vestibular, prestei concurso para Medicina, por duas vezes, sem sucesso em ambas. Meu ingresso na universidade foi em 1977, para o curso de Administração, na Fundação de Estudos Superiores de Administração e Gerência (ESAG). Porém, ainda perseguindo meu sonho de ser médica, prestei novo vestibular para essa área. Não passei em Medicina, mas obtive sucesso na segunda opção: Economia – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), 1978.

Nos cursos nos quais me via como *estrangeira*, obtive minha realização profissional, transitando como estagiária no Instituto de Previdência do Estado de Santa Catarina (IPESC), Serviço Social da Indústria (SESI), e, como concursada, no cargo de agente administrativo, no Hospital Florianópolis, e escriturária, na Caixa Econômica Federal, local no qual cursei duas Especializações: a primeira em “Programa de Qualidade de Vida no Trabalho numa Instituição Financeira” (1998), e, a segunda, em “Industrialização dos Serviços Bancários e a Qualidade Total: Uma análise sob o ponto



de vista da produtividade e competitividade” (2006). Dessa trajetória, me aposentei em 2010.

Porém, paralelamente à minha estrada profissional, fiz três cursos de idioma: espanhol, inglês e italiano, ocasião na qual fiquei interessada em pedir retorno para a UFSC, agora na área de Letras. Assim, em 2015, obtive graduação como bacharel em Letras-Italiano e, em 2016, como licenciada em Letras-Italiano. Dando prosseguimento aos meus estudos, em 2016, ingressei no curso de Mestrado em Literatura, com a proposta inicial de pesquisar o Verismo<sup>2</sup> como religião - uma análise literária.

Acredito que se possa constatar, portanto, pelo meu breve histórico apresentado acima, de que o meu fio condutor foi sempre a busca pelo conhecimento.

Em conversas com minha orientadora, a professora Silvana de Gaspari, chegamos à conclusão da necessidade de se delimitar melhor o projeto a ser desenvolvido. E chegamos ao seguinte tema: A religiosidade da terra e da família em *Elias Portolu* - Grazia Deledda. E foi dessa forma que essa pesquisa tomou um novo rumo, caracterizando as razões que me levaram a me tornar pesquisadora. Inicialmente, a tradução era o centro de meu trabalho, porém, depois, por uma questão de adaptação teórica, a tradução passou a ser o ponto de partida dessa pesquisa, mas as discussões teóricas se concretizaram em cima da questão religiosa verista, ou seja, da religiosidade da terra e da família, e, obviamente, sempre se remetendo a *Elias Portolu*.

A tradução<sup>3</sup> que realizei integra essa dissertação como apêndice. Ela foi importante como exercício, não somente da língua, mas também para que fossem identificados os elementos e as marcas religiosas, tais como: as rezas, os sonhos, as premonições. Ela também poderá servir de fonte de estudos para outras pesquisas. Além disso, pensando no público leitor de língua portuguesa, a tradução trará mais fácil acesso ao conteúdo, não somente da obra, mas também do entendimento do que se discute nesta pesquisa. Sem contar que, para mim, como pesquisadora, este trabalho me

---

<sup>2</sup> Nesta dissertação, optou-se pela grafia dos termos Verismo e Naturalismo em maiúsculas por designarem movimentos literários que tiveram relevância ao longo da história literária.

<sup>3</sup> Logo após minha qualificação, como diariamente pesquisava tudo sobre o que se referia a meu objeto de estudo, deparei-me, em 01/10/2018, por meio do site [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br), <[https://www.amazon.com.br/indecis%C3%B5es-Elias-Port%C3%B2lu-Grazia-Deledda/dp/8833090442/ref=sr\\_1\\_8?ie=UTF8&qid=1546942298&sr=8-8&keywords=elias+portolu](https://www.amazon.com.br/indecis%C3%B5es-Elias-Port%C3%B2lu-Grazia-Deledda/dp/8833090442/ref=sr_1_8?ie=UTF8&qid=1546942298&sr=8-8&keywords=elias+portolu)>, com a tradução do livro *Elias Portolu* pelo professor Rafael Ferreira da Silva, mas com outro título: *As indecisões de Elias Portolu*. De minha parte, tal tradução veio ratificar o que já estava estudando, da importância da obra de Deledda para a literatura ocidental. Entendo que essa publicação não inviabiliza, de jeito algum, minha pesquisa, pois a abordagem que faço tem outro direcionamento e minha tradução outro tratamento.

possibilitou maior aproximação com o texto e me permitiu entender melhor alguns aspectos do universo italiano da Sardenha do final do século XIX e início do XX, retratado na obra por Grazia Deledda

Retomando, então, este estudo tem como objetivo principal analisar aspectos da religiosidade da terra e da família, na obra *Elias Portolu* (1903), da escritora italiana Grazia Deledda (1871 - 1936). A religiosidade aqui é vista como uma das características mais marcantes do movimento verista, um momento literário e artístico italiano, ocorrido entre 1870 e 1900, que ainda possui outras especificidades como: o regionalismo, o pessimismo, a impessoalidade e a linguagem.

Nesta pesquisa, fiz um estudo da produção deleddiana, dando ênfase às obras enquadradas como veristas, pois se deve entender que nem tudo que Deledda produziu encontra-se identificado nesse movimento. Tal entendimento é baseado nas análises realizadas por: Maria Maneli Pintor (1929), Giovanna Chroust (1932) e Benedetto Croce (1938).

Ainda sobre o enquadramento da autora em um movimento literário, são destacados os pensamentos dos escritores Ruggero Bonghi e Luigi Capuana (*apud* Natalino Sapegno, 2007), que corroboram o supracitado. O primeiro destaca, em Deledda, a *independência da sua maneira*, dissociando-a dos muitos *ismos* (romantismo, realismo, psicologismo, naturalismo, idealismo e simbolismo) e, o segundo, o *forte elemento de originalidade*, ao explorar o mundo sardo e, nesse, a terra como religião.

Como um dos objetivos específicos, o que pretendo, por meio da análise da religiosidade da terra e da família em *Elias Portolu*, é entender melhor a constituição da personagem Elias, enquanto sujeito dentro da obra, perpassando o aspecto religioso pelo qual a autora olha sua terra.

Elias é descrito como uma personagem frágil, de natureza débil e comparado a uma mulherzinha. É atormentado por medos e angústias. Ele se auto intitula como fracassado e justifica seus erros por influência das más companhias. Ele é descrito, inúmeras vezes, por seu pai, como: “Tu não és um homem”. “Tu és um fantoche de queijo fresco [...]” (DELEDDA, 2015, p. 141, tradução nossa), ou seja, como fracassado e molenga. Por sua vez, a mãe se compadece dele e tem esperança em sua salvação. É essa personagem, cheia de contradições em sua essência, que, segundo esta pesquisa, carregará uma das características mais marcantes do Verismo: a religiosidade

representada pelo vínculo com a terra, local de pertencimento, mas também de contradições e angústias.

Para definir Verismo, usei a constante no dicionário Houaiss (2009)<sup>4</sup>, ou seja, “a denominação italiana da escola literária, artística e musical que, como a escola realista francesa, reivindicou o direito de representar a realidade integral. Representação artística que pretende mostrar a realidade, a partir de uma perspectiva naturalista, incluindo o quotidiano, o feio e o vulgar”. Além dessa definição, também me baseei na emitida pelo crítico literário italiano Benedetto Croce (1903, p. 246-47, tradução nossa):

O que é o verismo na história? É quase uma palavra condensada, uma etiqueta para indicar um grande movimento histórico, e justamente da história da imaginação. Movimento que é o resultado daquele complexo de tendências pelas quais o homem vem explorando, de modo mais completo, sua vida psicológica e social, as variedades e as complexidades dos sentimentos, tanto na própria individualidade quanto nas individualidades dos outros homens, de acordo com classes, países e épocas. E foi, por isso, principalmente, que se desenvolveu, a partir de meados do século XIX, correlacionando-se com o grande desenvolvimento das disciplinas históricas e das ciências naturais de observações e do estudo dos problemas sociais.<sup>5</sup>

O Verismo privilegia as descrições regionais, ou seja, a gente do campo e das pequenas aldeias, retratando a miséria e o atraso econômico e intelectual, em todos os aspectos da vida do cidadão em torno das dificuldades e das injustiças sociais. Esses lugares e temas contribuirão, de maneira decisiva, para revelar os aspectos profundos e até desconhecidos da realidade social dessa época.

Quanto ao que caracteriza o ambiente deleddiano, segundo Pintor (1929, p. 29-30), tem como seu principal protagonista a paisagem sarda. Esta se sobressai mais do que os homens sobre os quais são narrados os acontecimentos. Paralelamente a isso, se ressaltam as descrições de usos e costumes da Sardenha, especialmente os da vida

<sup>4</sup> Após exaustivas pesquisas infrutíferas (*sites* especializados, Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina e Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina) por um dicionário especializado de literatura, optou-se pela presente conceituação de Verismo, constante no *Diccionario Houaiss da língua portuguesa*, em decorrência de sua validação por muitos dicionaristas.

<sup>5</sup> *Che cos'è il verismo nella storia? È quasi una parola riassuntiva, un'etichetta, per indicare un gran movimento storico, e propriamente di storia dell'immaginazione. Movimento, ch'è un risultato di quel complesso di tendenze per cui l'uomo è venuto esplorando in modo più compiuto la sua vita psicologica e sociale, le varietà e le complicazioni dei sentimenti così nella propria individualità come nelle individualità degli altri uomini, varri per classi, per paesi, per tempi. E si è svolto perciò, principalmente, dal mezzo del secolo XIX in poi, ed è stato correlativo al grande svolgimento delle discipline storiche e delle scienze naturali d'osservazione e dello studio dei problemi sociali.* (DELEDDA, 2007, p. 45).

familiar nuorese,<sup>6</sup> como, por exemplo: os ritos do matrimônio, do batismo, do funeral, das novenas, das superstições e os relativos às excomunhões.

Entre os principais motivos que contribuíram para a instalação do movimento verista, temos, em primeiro lugar, a crescente atenção ao desenvolvimento do saber científico da época, que parecia fornecer os instrumentos mais adequados às observações e às explicações dos fenômenos naturais e dos comportamentos humanos.

O segundo elemento parece ter sido a questão social da vida, a difusão do interesse pelas condições da vida do sul do país (Itália) e, por último, a vontade de favorecer o crescimento do nível das classes trabalhadoras. Na Itália, o Verismo retrata quase sempre o campo, na ocasião entre o *Risorgimento*<sup>7</sup> e a Unidade Nacional, revelando as condições de miséria em que viviam os operários e os lavradores.

Quando se pensa na fundamentação e no desenvolvimento do Verismo italiano, tem-se que levar em conta o estudo de seus principais nomes: Giovanni Verga, Luigi Capuana, Federico De Roberto, Matilde Serao, Salvatore di Giacomo, e, em alguma medida, Grazia Deledda, além do momento histórico.

Dessa forma, o presente texto está organizado a partir da seguinte estrutura: no capítulo 1 – “Origem e manifestações veristas”, no qual é apresentada a situação da literatura na Europa, e, especificamente, na França e na Itália, por ocasião da eclosão do movimento verista. No capítulo 2, “A descoberta de *Elias Portolu* por meio da tradução”, os vínculos com as obras deleddianas na trajetória Brasil e Portugal e, finalmente, no capítulo 3, “Religiosidade em *Elias Portolu*: a família e a constituição do sujeito na perspectiva verista.” neste faz-se o mapeamento dos elementos religiosos vinculados à terra e à família, presentes nessa obra, e sua análise. Com base na estruturação desses capítulos, pretende-se chegar ao objetivo principal desta pesquisa, pois a obra foi investigada mediante a análise da experiência individual e da religiosidade da terra e da família em *Elias Portolu* enquanto personagem principal.

As considerações finais analisam as contribuições da tradução e apresentam justificativas, dificuldades encontradas, bem como, algumas sugestões para a continuidade dos estudos e das reflexões sobre as questões aqui elencadas.

---

<sup>6</sup> Natural de Nuoro, província italiana da região de Sardenha, local de nascimento de Grazia Deledda.

<sup>7</sup> Em português do Brasil, *ressurgimento*. Termo utilizado para designar o processo de unificação da Itália através da construção de uma memória histórica com a concepção de que existira, desde sempre, uma nação italiana, sufocada, mas viva, desde muitos tempos imemoráveis, segundo Bertonha (2005).

## CAPÍTULO 1 - ORIGEM E MANIFESTAÇÕES VERISTAS

Inicialmente, faz-se necessário pontuar a situação da literatura, na Europa, e, especificamente, na França e na Itália, por ocasião da eclosão do movimento verista.

Muitos estudiosos da área literária apontam que o Naturalismo francês aparece, pela primeira vez, em 1858, em um escrito sobre Honoré de Balzac (1799 - 1850),<sup>8</sup> do ensaísta e filósofo francês Hippolyte Taine (1828 - 1893), advertindo para a inauguração de uma nova tendência dos escritores em tratar, na literatura, a psicologia humana com mais objetividade e rigor, tendo-se em vista as ideias positivistas e a teoria de Charles Darwin (1809 - 1882).

O Naturalismo pretendia aplicar o método científico às obras literárias, narrando, em alguma medida, o comportamento humano por meio das condições ambientais nas quais as ‘personagens’ viviam, conforme Silvana de Gaspari:

Daí surge a necessidade de observar e de descrever, sobretudo a sociedade, que é interpretada muito negativamente, pois ela é vista como um mecanismo de opressão e embrutecimento individual. O desejo de chegar às profundas raízes das leis sociais, que condicionam a vida de cada indivíduo, induz os naturalistas a privilegiar, nas suas divagações narrativas, as classes subalternas, a pequena burguesia, o proletariado, quase sempre marginalizados pela tradição literária anterior. (GASPARI, 1994, p. 23).

Ao privilegiar as classes subalternas, a pequena burguesia e o proletariado, que tinham sido praticamente banidos da tradição literária até aquele momento, o que se conseguiu foi uma revolução dos conteúdos, à qual correspondeu a subversão dos cânones estéticos tradicionais, conforme nos explica Gaspari (2006):

O “feio”, o “disforme”, o “doente”, que os autores naturalistas descobrem na realidade sofredora das periferias urbanas e nos insanos ambientes de trabalho, onde o progresso industrial do final do século encontrava a sua definitiva consagração, constituíram os cânones representativos de uma literatura compreendida como documento humano, como objetiva e fotográfica representação de uma realidade

---

<sup>8</sup> Honoré de Balzac (Tours, França, 1799 - Paris, França, 1850). Principal obra *A comédia humana*, composta por noventa e um romances, separados em 03 divisões: *Estudos de Costumes*, *Estudos Filosóficos* e *Estudos Analíticos*. Os *Estudos de Costumes* são subdivididos em seis cenas: *Cenas da Vida Privada*, *Cenas da Vida Provinciana*, *Cenas da Vida Parisiense*, *Cenas da Vida política*, *Cenas da Vida Militar* e *Cenas da Vida Rural*. É relevante ressaltar que o romance *Eugênia Grandet* teve como tradutora Grazia Deledda, na Itália, em 1930. Tal obra encontra-se nos *Estudos de Costumes*, dentro da subdivisão *Cenas da Vida Provinciana*. (BALZAC, 1989, p. 20-21).

dolorosa e quase sempre embaraçante para o leitor burguês. (1994, p. 23, destaques da autora).

Dessa forma, no âmbito da literatura, o Naturalismo tinha o objetivo de descrever os ambientes e as pessoas, com uma linguagem coloquial e temas como: desejos humanos, instintos, loucura, violência, traição, miséria e exploração. E é destacando essas situações e sentimentos que essa literatura pretendia dar ênfase ao real e não mais ao ideal, como parecia ter sido o objetivo dos movimentos literários de até então.

Culturalmente, o Verismo, em alguma medida, está conectado ao realismo francês, pois, já em 1864, os irmãos Goncourt<sup>9</sup>, no prefácio de *Germinie Lacerteux*, que trata da decadência e da vida dupla de uma criada, Germinie Lacerteux, dão o ponto de partida do Naturalismo até chegar às obras de Émile Édouard Charles Antoine Zola (1840 - 1902)<sup>10</sup>, que são testemunhos de uma sociedade literária natural que ainda não possuía seu correspondente na Itália. (CECCHI; SAPEGNO, 1965).

Os veristas se formaram em uma época confiante na ciência, dominada pelas teorias positivistas centradas no método científico e experimental, aplicado à sociedade e ao homem. É uma época em que a arte era vista como exigência do real, e o intelectual dava voz às problemáticas sociais e políticas.

Como já mencionado, o Verismo sofreu influência do Naturalismo que, por sua vez, se desenvolveu em uma sociedade industrializada e em um contexto urbano, confiando no progresso, retratando, em alguma medida, a vida do proletariado urbano. Na Itália, a ideologia dos veristas é muito mais pessimista. Para esses autores, a Itália é mais atrasada que a França, do ponto de vista econômico, pobre e ainda muito rural, apresentando condições de miséria e exploração dos desfavorecidos, representados pelos agricultores e pescadores.

Assim sendo, o Verismo, possivelmente, tenha sido influenciado pelos programas abstratos do Naturalismo e pelo encontro, em Roma, entre Émile Zola, Giovanni Verga<sup>11</sup> e Luigi Capuana<sup>12</sup>. Nessa ocasião, Zola se refere a Verga como um

---

<sup>9</sup> Edmond Louis Antoine Huot de Goncourt (Nancy, França, 1822 - Draveil, França, 1896) e Jules Huot de Goncourt (Paris, 1830 - Auteuil-Neuilly-Passy, 1870).

<sup>10</sup> Émile Édouard Charles Antoine Zola (Paris, França, 1840 - Paris, França, 1902) foi um escritor, dramaturgo e jornalista francês do movimento artístico e literário conhecido como Naturalismo. Suas obras mais importantes foram: *Thérèse Raquin* (1867) e *Les Rougon-Macquart* (1871-1893).

<sup>11</sup> Giovanni Verga (Sicília, Itália, 1840 - Sicília, Itália, 1922), escritor, dramaturgo e fotógrafo italiano. Considerado a maior expressão do movimento literário verista. Sua obra mais importante foi *I Malavoglia* (1881), traduzido no Brasil como, *Os Malavoglia* (2002), por Aurora Fornoni Bernardini e Homero

autor privado de *teorias sólidas*, o que significa que, para Zola, Verga não tinha profundidade teórica. (CECCHI; SAPEGNO, 1965).

Segundo a crítica literária, Zola, em seus romances, deixou transparecer os sinais de uma época conturbada e de um socialismo crescente na França. Especificamente em *Germinal* (1885), tem-se uma contaminação do marxismo e do evolucionismo darwiniano provenientes do século XIX, enquanto que, nas páginas de *Os Malavoglia*, de Verga, o positivismo<sup>13</sup> é eclipsado, ou seja, o viés ideológico é menos marcado.

Ainda segundo o pensamento dos críticos Cecchi e Sapegno (1965)<sup>14</sup>, os episódios mais bem-sucedidos e vitais de Zola têm as massas como protagonistas. Porém, esses são narrados com artificialidade e, alguns deles, beiram o grotesco, contrapondo-se à representação vigorosa das manifestações coletivas, das greves e batalhas narradas em algum momento pelo escritor.

Prosseguindo nessa reflexão, os autores afirmam ainda que os italianos tinham uma dificuldade diferente da dos franceses, pois estes se encontravam economicamente e politicamente em posição superior à Itália.

Além disso, havia a questão da falta de uma língua nacional italiana. E, em função desta ‘falta’, em *Os Malavoglia*, Verga não ficou imune a algumas construções obsoletas, a alguns resíduos literários em via de extinção, como observam alguns estudiosos de sua obra. Tudo isso por conta do uso de uma língua arcaica, ou seja, uma língua usada em ambientes restritos.

Nesse sentido, em relação à narrativa verista em si, dois aspectos caracterizaram, em certa medida, os veristas italianos. O primeiro deles se refere à falta de uma unidade nacional, que fez com que cada escritor italiano fosse obrigado a proceder por conta própria e, a exemplo de Verga, acompanhar experiências estilísticas incertas e pouco homogêneas. E, outro aspecto, que caracterizou parcialmente os veristas, no que se refere às obras mais significativas, foi o abandono da concepção do romance como

---

Freitas de Andrade, conforme <[http://www.usp.br/dlit/dicionario/dados\\_obra.php?obr\\_id=567](http://www.usp.br/dlit/dicionario/dados_obra.php?obr_id=567)>. Acesso em 12 nov. 2018.

<sup>12</sup> Luigi Capuana (Mineo, Itália, 1839 - Catânia, Itália, 1915), teórico, crítico e narrador italiano. Como teórico escreveu *Studi sulla letteratura Contemporanea* (1875) e sua maior obra foi *Il Marchese di Roccaverdina* (1901), traduzido no Brasil como, *O Marquês de Roccaverdina* (2005), por Eugênio Vinci de Moraes, conforme <[http://www.usp.br/dlit/dicionario/dados\\_autor.php?at\\_id=24](http://www.usp.br/dlit/dicionario/dados_autor.php?at_id=24)>. Acesso em 12 nov. 2018.

<sup>13</sup> Corrente filosófica do século XIX, cujo termo foi usado pela primeira vez na escola de Saint-Simon. Amplamente divulgado por Augusto Comte, com foco no método científico, adesão aos fatos e suas relações, e, fundamentado na ideia de progresso.

<sup>14</sup> Emilio Cecchi (Florença, Itália, 1884 — Roma, Itália, 1966) e Natalino Sapegno (Aosta, Itália, 1901 — Roma, Itália, 1990) foram críticos literários italianos.

*história de uma alma* e de reflexos autobiográficos, para a ênfase sobre uma comunidade, na reconstrução de um mundo pequeno, como uma família, ou como tão grande quanto uma cidade inteira. (CECCHI; SAPEGNO, 1965).

Assim, retomando-se o que foi dito anteriormente, o movimento literário e artístico aqui apresentado (1870 - 1900) foi inspirado no positivismo, que teve como seu idealizador o filósofo francês Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798 - 1857). Seus principais representantes na Inglaterra foram John Stuart Mill (1806 - 1873) e Herbert Spencer (1820 - 1903), e, na Itália, Roberto Ardigò (1828 - 1920). O Verismo também sofreu influências do Naturalismo, e teorizava a fidelidade à realidade (ao verdadeiro) das situações, dos fatos, dos ambientes e das personagens-habitantes regionais.

Conforme Gaspari (1994, p. 8), o Naturalismo assume um comportamento diverso do Verismo com relação à interpretação da religiosidade:

[...] se contrapondo às fortes exigências religiosas da idade romântica se sucede a afirmação da inconciliabilidade da fé cristã com o progresso intelectual e sociais e com os resultados da ciência, seja no campo biológico, como no campo da crítica histórica aplicada aos textos bíblicos.

O Naturalismo narrou os acontecimentos ambientados nos centros urbanos, descrevendo a situação das classes sociais mais humildes, das periferias das cidades industriais, e tentou aplicar o método científico à análise do comportamento humano. São os irmãos Edmond Goncourt e Jules Goncourt, Guy de Maupassant e Zola seus principais escritores. Por sua vez, o Verismo privilegiava as descrições regionais, ou seja, gente do campo e das pequenas aldeias, retratando a miséria e o atraso econômico, intelectual, em todos os aspectos da vida do cidadão, circundados pelas dificuldades e injustiças sociais. Esses lugares e temas contribuirão, de maneira decisiva, para revelar os aspectos profundos e até desconhecidos da realidade social dessa época. Tanto o Verismo como o Naturalismo têm uma narrativa realística, impessoal e científica, sem intervenção do narrador, mas diferem no que se refere à ambientação.

Assim, seguindo com a apresentação das características do Verismo, entre os principais motivos que contribuíram para a instalação do movimento, temos, também, a crescente atenção ao desenvolvimento do saber científico da época, que parecia fornecer os instrumentos mais adequados às observações e às explicações dos fenômenos naturais e dos comportamentos humanos.



Além desse, outro elemento importante para identificação do Verismo foi a questão social da vida, a difusão do interesse pelas condições da vida do sul do país (Itália) e, ainda, a vontade de favorecer o aumento do nível das classes trabalhadoras.

Na Itália, o Verismo retratou o campo, na ocasião, dividido entre as ideias do *Risorgimento* e o desejo de Unidade Nacional, revelando as condições de miséria dos operários e dos lavradores. Porém, é importante destacar que, já com Alessandro Manzoni, a atenção aos humildes vinha sendo dada, na literatura da Itália, desde *Os noivos*<sup>15</sup>.

Em *Os noivos*, romance histórico italiano, mais do que narrar a história dos artesãos de seda do povoado de Lecco, Lourenço Tramaglino (Renzo) e Lucia Mondella que, ao pretenderem se casar são impedidos, seja por obstáculos interpostos pelo poderoso Dom Rodrigo, seja pelo destino (a peste negra), o autor pareceu privilegiar uma língua que facilitasse a comunicação, ou seja, objetivou uma literatura endereçada aos leitores menos cultos, não aos literatos profissionais, obedecendo ao modo de falar da Toscana. Manzoni se utilizou, nesse romance, do dialeto, dos ditados, das expressões da época (a ação transcorre em um tempo distante — cerca de dois séculos da época em que foi escrita — e aborda fatos históricos e algumas personagens reais), dos provérbios, dos modos-de-dizer, das locuções proverbiais, até o latim macarrônico (usado nas questões judiciais, pelo advogado e pelo padre Dom Abúndio), denotando, assim, a diferença cultural, e, conseqüentemente, a relação de poder que existia no referido povoado.

Porém, é no momento de afirmação do Verismo que a ordem, estabelecida pelo poder dominante, começa a ser efetivamente subvertida em favor dos menos poderosos, devido à mudança social que vem ocorrendo a partir da nova condição política italiana. Novas vozes começam a se manifestar e serem ouvidas. Por isso a necessidade de se ter uma língua mais próxima do povo.

Dessa maneira, pensando na fundamentação teórica e no desenvolvimento do Verismo italiano, tem-se que levar em conta o estudo de seus principais nomes:

---

<sup>15</sup> Alessandro Manzoni teve o Imperador Dom Pedro II como seu primeiro tradutor para o português, pois teria, segundo Ferruccio Rubbiani, (*apud* Luigi Castagnola, 1985) traduzido o poema *Cinco de Maio*, homenagem do escritor italiano a Napoleão Bonaparte. Menciona-se, também, as quatro traduções, para o português do Brasil, mais destacadas de *Os Noivos*: em 1944, pela Pongetti, com tradução de Marina Guaspari; em 1951, com tradução de Luís Leal Ferreira, pela Vozes; em 1957, pelas Paulinas, tradução anônima; e, em 1959, é publicada, pelas Edições Paulinas, na coleção, *Os Grandes Romances do Cristianismo*. Ainda fazem parte dessa coleção as seguintes obras: *Ricardo coração de leão*, *Fabiola*, *O mártir do Gólgota*, *A cabana do pai Tomaz*, *Sem família*, *Ben-Hur* e *Quo Vadis*. (CASTAGNOLA, Luigi. In: *Revista de Letras da UFPR*. Curitiba, 1985. Nº 34. p. 44-52.

Giovanni Verga, Luigi Capuana, Federico De Roberto, Matilde Serao, Salvatore di Giacomo e Grazia Deledda. Assim, a partir deste momento, como uma das bases para esta pesquisa, começam-se a se delinear os temas efetivamente desenvolvidos e apresentados pelos principais representantes do Verismo.

Como ponto de partida para esta apresentação, elencamos alguns escritores e algumas de suas obras de maior relevância dentro desse movimento histórico:

Quadro 1 – Autores e suas obras mais relevantes.

<b>Autor</b>	<b>Obras(s)</b>
Giovanni Verga <sup>16</sup>	<i>Nedda</i> (1874) <i>Vita dei campi</i> (1880) <i>I Malavoglia</i> (1881) <i>Novelle rusticane</i> (1883) <i>Per le vie</i> (1883) <i>Mastro don Gesualdo</i> (1889)
Luigi Capuana	<i>Studi sulla letteratura Contemporanea</i> (1882) <i>Giacinta</i> (1875) <i>Profili di donne</i> (1877) <i>Un bacio</i> (1880) <i>Il Marchese di Roccaverdina</i> (1901)
Federico De Roberto	<i>Documenti Umani</i> (1888) <i>L'illusione</i> (1891) <i>L'Impero</i> <i>Processi verbali</i> (1889)
Matilde Serao	<i>Il paese di Cuccagna</i> (1891)
Salvatore di Giacomo	<i>Minuetto settecentesco</i> (1883) <i>Pipa e boccale</i> (1893) <i>Novelle napoletane</i> (1914)
Grazia Deledda	<i>Elias Portolu</i> (1903) <i>Cenere</i> (1904) <i>Nostalgie</i> (1906) <i>L'Edera</i> (1906) <i>La via del male</i> (1906) <i>Colombi e Sparvieri</i> (1912) <i>Canne al vento</i> (1913) <i>Marianna Sirca</i> (1915) <i>L'incendio nell'uliveto</i> (1918) <i>La Madre</i> (1920)

Fonte: *Enciclopedia Treccani*. Elaborado pela autora, 2018.

Na sequência, buscamos traçar um breve comentário sobre os elementos que caracterizam a literatura verista, como a impessoalidade, o discurso indireto, o uso do dialeto, a linguagem popular, o regionalismo, a família, o pessimismo, a religiosidade,

<sup>16</sup> Dentro da obra *Cenas de vida siciliana*, estão as novelas: “A amante de Gramigna”; “A loba”; “Andanças”; “Assim é o rei”; “Carne vendida”; “Cavalleria rusticana” (Na tradução para o português do Brasil foi mantido o título do original, uma vez que a tradução seria: Cavalaria rústica); “Fantasia”; “Guerra dos santos”; “Jeli, o pastor”; “Liberdade”; “Nanni Volpe”; “Nedda”; “O mistério”; “O padre”; “Os bens”; “Os coléricos”; “Pão amargo” e “Ruivo Pêlo-Ruim”, pela Berlendis & Vertecchia. *Os Malavoglia* (2010), pela Abril Cultural, e *Contos Sicilianos*, por meio da Livraria Pioneira Editora/EDUSP.

tendo como referência seus escritores e suas obras mais significativas, antes de nos determos no objeto principal de nosso estudo, ou seja, a religiosidade em *Elias Portolu*, de Grazia Deledda. Tal trajetória se faz importante porque os escritores acima mencionados, relacionados às narrativas regionais, nos auxiliarão para uma melhor compreensão da obra central deste estudo.

## 1.1 Impessoalidade

Para Capuana, reconhecido entre a crítica literária italiana como o grande teórico do Verismo, em *Crises do Romance* (publicado no volume *Gli “ismi” contemporanei*, de 1898), diz que o romance, para permanecer romance, deveria desenvolver sempre a impessoalidade, ser nacional, cada vez mais regional, o que lhe conferiria variedade e riqueza universais.

O romance, provavelmente, se quiser e puder permanecer romance, não se colocará a serviço dessa ou daquela ideia, desse ou daquele sistema; continuará a desenvolver o seu organismo usando sempre melhor o **método impessoal**, tornando-se sempre mais *nacional*, cada vez mais regional, para dar, às suas criações, a mesma variedade e riqueza das criações da **Natureza**. (CAPUANA 1898, p. 24, tradução e grifos nossos).<sup>17</sup>

Na mesma ocasião em que defende o método impessoal, Capuana analisa o romance *Os Malavoglia*, de Giovanni Verga, dizendo que nem mesmo Zola havia atingido um patamar tão alto no uso da impessoalidade, e que esse deveria ser o ideal da obra de arte moderna.

*Os Malavoglia* (1881) representa o primeiro romance do *Ciclo dei Vinti*, cujos protagonistas são pescadores sicilianos semianalfabetos. A fidelidade às antigas tradições (*L'ideale dell'ostrica*)<sup>18</sup>, o ingresso do progresso em uma sociedade arcaica, o

<sup>17</sup> “Il romanzo, probabilmente, se vorrà e potrà rimanere romanzo, non si metterà a servizio di questa o quell'idea, di questo o quel sistema; continuerà a sviluppare il suo organismo adoperando sempre meglio il metodo impersonale, divenendo sempre più nazionale, anzi sempre più regionale, per dare alle sue creazioni la stessa varietà e ricchezza delle creazioni della Natura”. (CAPUANA 1898, p. 24). Citação de acordo com a NBR 10520, 2002, ABNT. Doravante utilizada em todos os trechos, cuja tradução, é de autoria dessa mestrandia.

<sup>18</sup> *L'ideale dell'ostrica*, em português, traduzido como o ideal da ostra, indica a fidelidade às condições sociais e morais nas quais se nasce e se cresce. É estar ligado fortemente a uma pessoa, a um lugar, sem o desejo de se separar desse. Esse termo é uma metáfora associada à ostra presa ao rochedo, assim como o povo de Acì-Trezza está ligado às tradições e à “religião da família”, conforme Verga no conto *Fantasia* (1879) quando, em diálogo com uma “amiga”, reverbera: “Enfim, o ideal da ostra!, [...] o tenaz apego

desejo de estar melhor, a derrota, o desespero, a família como religião e o heroísmo da renúncia são alguns dos temas abordados nesse romance. A narração é filtrada por meio da ótica dos habitantes de Acci Trezza (Catania — Sicília), ou seja, por meio da técnica de estranhamento, do desaparecimento do autor (impessoalidade), e do discurso indireto livre.

Verga, para atingir seus objetivos de escrita, faz uma adaptação da linguagem da qual se utiliza, adotando as expressões e estruturas da sintaxe do dialeto siciliano: motes, adágios, modos-de-dizer e provérbios.

O quadro abaixo traz uma pequena amostra desse tipo de ‘filtro’ linguístico do qual Verga se utiliza em seu romance mais famoso:

---

daquela pobre gente ao rochedo sobre o qual a sorte os fez cair, enquanto semeava príncipes daqui e duquesas de lá, esta resignação corajosa a uma vida de miséria, esta religião de família, que reverbera na profissão, na casa e nas pedras que a circundam, me parecem talvez por um quarto de hora uma coisa também seríssima e respeitadíssima. Parece-me que as inquietações do pensamento vagabundo adormeceriam docemente na paz serena daqueles sentimentos amenos, simples, que se sucedem calmos e inalterados, de geração em geração.” O autor ainda afirma que o drama é interessante: “Para as ostras, o assunto mais interessante deve ser o que trata das insídias do camarão ou da faca do mergulhador que as separa dos rochedos.” (VERGA, 2001, p. 186-7).

Quadro 2 - Marca siciliana nos nomes das personagens em *Os Malavoglia*.

<b>Nomes/sobrenomes Sicilianos.</b>	<b>Abreviações sicilianas dos nomes.</b>	<b>Expressões sicilianas associadas aos nomes</b>	<b>Epítetos</b>
Maruzza da Locca	Miscu (Domenico)	Mastro	'Ntoni do patrão 'Ntoni
Malavoglia	Mommu (Gerolamo)	Zio	Menico da Locca
Zuppiddu	Mena (Filomena)		Dom Franco, boticário.
Cinghialenta	Lia (Rosalia)		Dom Silvestro, o secretário.
Mangiacarrube	Alessi (Alessio)		Dom Michele, guarda aduaneiro.
Antonio	'Ntoni		Pidipapero
Fortunato <i>Cipolla</i>			Dom Giammaria, o vigário.

Fonte: *Os Malavoglia*, 2010. Elaborado pela autora, 2018.

Ao procurar uma linguagem mais simples e viva possível, que fosse próxima da oral e não da escrita, (tendo-se em vista que o dialeto é encontrado somente na oralidade), Verga buscou marcar a impessoalidade do narrador, ou seja, o uso de uma linguagem popular adequada (EIRÍKSDÓTTIR, 2010, p. 6), perceptível nos nomes e sobrenomes das personagens, abreviações, epítetos e nas expressões sicilianas que acompanham os nomes próprios.

Segundo Ana Paula Freitas de Andrade (2006), os contos *Fantasticheria* (1879) e *L'amante di Gramigna* (1880), traduzidos em português do Brasil para *Fantasia* e *A amante de Gramigna*, são materiais importantes para o estudo dos métodos de representação verguianos e da própria trajetória da escola verista, pois, Verga criou, a partir desses, várias personagens típicas sicilianas que, ao utilizarem as expressões sicilianas, marcaram a impessoalidade.

Em *Fantasia* (VERGA, 2001), têm-se alguns exemplos da marca da impessoalidade no que se refere às expressões locais. Estas figuram entre aspas com o objetivo de enfatizarem o modo de dizer local, partindo do grupo ao individual, como em: “homens do mar” (p. 180) e “homens de toga” (p. 180). Além dessas, temos: “debaixo de seu teto” (p. 183), ‘réstia de sol’ (p. 184)<sup>19</sup>, “na confusão” (p. 184), “comem o pão do rei” (p. 185) que, segundo Andrade:

[...] o narrador refere-se ao dialeto siciliano como semibárbaro e as poucas expressões locais que emprega, [...] figuram entre aspas, como a delimitarem dois planos linguísticos distintos: o alto e o baixo; aos

<sup>19</sup> Única expressão que aparece sem aspas, apesar de o original grafar com aspas.

quais correspondem duas realidades sociogeográficas do país, radicalmente desiguais: lassù e laggiù. (ANDRADE, 2006, p. 21-22).

Faz-se importante pontuar que essa literatura, apesar das facilidades da era digital, apresenta uma série de obstáculos na hora de sua tradução, seja por sua localização temporal, reportada por volta do século XIX, seja por apresentar o modo de falar do povo, pelas expressões antigas, pelos provérbios e modos-de-dizer, que coloca o tradutor em uma situação de intensa e paciente pesquisa por materiais que possam elucidar suas dúvidas.

Já com relação aos provérbios, estes indicam a impessoalidade, pois são repetidos de geração em geração, automaticamente, sem reflexão do que está sendo dito. Esses, por caracterizarem uma sabedoria popular, são impessoais, automáticos, com conceitos pré-estabelecidos, que se cristalizam ao longo do tempo. Conforme Eliane Bacega (2017, p. 32), nas 292 páginas da narrativa, há 111 (cento e onze) deles, sendo que muitos se repetem duas ou três vezes.

São apresentados a seguir alguns exemplos da marca da impessoalidade, no que se refere aos provérbios, em *Os Malavoglia*: “Sem piloto a nau não dá quinau” (2017, p. 14); “para ser papa é preciso saber ser sacristão” (p. 14); “faz o trabalho que conheces que, se não enriqueceres, de fome não morrerás” (p. 14); “quando o sol entre as nuvens se recolhe, o vento do poente não se faz esperar” (p. 26); “é nas horas de prisão, doença e necessidade, que se conhece a verdadeira amizade” (p. 76 e 160); e, “quem não tem competência não se estabelece, e quem não sabe nadar que se afogue” (p. 57).

Junto à busca da impessoalidade e suas marcas, como as exemplificadas acima, Verga pretende traçar, a partir desse livro, um quadro da sociedade italiana de sua época — a exemplo do que Zola fez na França com a coleção de vinte romances, intitulada *Les Rougon-Macquart*, com volumes publicados entre 1871 e 1893 — partindo das classes mais baixas do sul da Itália, até chegar às mais altas, configurando um ciclo. E os provérbios e ditos populares refletem a percepção de uma sociedade simples e voltada, na maioria das vezes, à sobrevivência dos seus.

O *Ciclo dos vencidos* é o nome que o autor dá ao conjunto de livros nos quais ele pretende apresentar a temática dos vencidos, e é composto por cinco romances: *Os Malavoglia* e *Mastro Don Gesualdo* completos, *Duchessa di Leyra* incompleto, *L'onorevole Scipioni* e *L'uomo di lusso* não escritos. Esse conjunto de obras deveria tratar dos humildes, que sempre lutam contra o destino e as dificuldades da vida, mas

que sucumbem quando se distanciam da fidelidade às condições sociais e morais nas quais se nasce e se cresce, ou seja, *o ideal da ostra*, cujo principal sentido é o bem da família, tido como valor supremo, como apresentado no conto *Fantasia*, que foi tido como manifesto verista e que apresenta dois projetos narrativos: o *ideal da ostra* e a *religião da família*. O primeiro romance desse ciclo, *Os Malavoglia*, e o segundo, *Mastro don Gesualdo*, são considerados, segundo Croce (1903, p. 258), como verdadeiras telas ampliadas da vida siciliana.

Ao tomar conhecimento da análise que Capuana faz de seu romance, Verga, o expoente máximo da impessoalidade dentro do Verismo, envia-lhe uma carta de agradecimento na qual observa que ele próprio não tinha visto ainda tão bem colocada a questão da impessoalidade:

[...] assim claramente colocada pelo próprio Zola, e, tão felizmente resolvida a questão do naturalismo, ou realismo se se preferir, mas que você, claramente, define o escopo do estudo científico, positivo na forma do romance, da perfeita impessoalidade da obra de arte. (CECCHI; SAPEGNO, 1965, p. 278, tradução nossa).<sup>20</sup>

Verga acredita que, com a impessoalidade, o processo de criação permanecerá um mistério e a obra de arte parecerá *essersi fatta da sé*. Quando a mão do artista permanecer absolutamente invisível, então, será definitivamente a representação do acontecimento real. E ele foi, assim, identificado como o escritor que melhor explorou esse elemento dentro do Verismo.

Giovanni Verga nasceu em uma família rica com orientação política liberal. Cresceu em um contexto geográfico atrasado econômica e culturalmente, se comparado ao norte da Itália. Contudo, a sua formação, que se deu em um ambiente culto e abastado, foi variada. De um lado, por meio dos clássicos da literatura italiana: Dante Alighieri, Francesco Petrarca, Ludovico Ariosto, Alessandro Manzoni; de outro, pela estética de Georg Hegel, romances históricos patrióticos e escritores franceses, como Honoré de Balzac, Gustave Flaubert e Émile Zola.

Entre os anos de 1865 e 1872, o autor frequenta os salões de intelectuais de Florença, capital do Reino e centro cultural, período no qual faz amizade com Luigi

---

<sup>20</sup> “così nettamente posta dallo stesso Zola e così felicemente risolta la questione del naturalismo, o realismo che si voglia, ma che tu nettamente definisce il portato dello studio scientifico, positivo nella forma del romanzo, la perfetta impersonalità dell’opera d’arte.” (CECCHI; SAPEGNO, 1965, p. 278).

Capuana, com quem elaborou o modelo da narrativa verista depois de participar da expedição dos *Mille*<sup>21</sup> e abandonar os estudos universitários.

Em Milão, tem seu encontro com a *scapigliatura*<sup>22</sup> milanesa, por meio da qual muda sua visão de produção literária. Isso pode ser observado no prefácio do romance *Eva* (1873), no qual contrasta o legado deixado pelos gregos (a estátua de Vênus) com o testemunho da arte contemporânea, que deixaria somente o *can-can* litografado em cartões postais e caixas de fósforos. Também nessa ocasião, escreve o romance epistolar *Storia di una capinera* (1871)<sup>23</sup> e entra em contato com os romances franceses<sup>24</sup> e seus ambientes artísticos “*bohème*”.

A produção literária do escritor siciliano, que denota maior destaque para o Verismo, se encontra entre 1870 e 1880, década de publicação de suas maiores obras, ocasião na qual existia, muito mais marcada que atualmente, a disparidade entre o Norte e o Sul da Itália, bem como a separação entre a classe política e o povo e a presença de injustiças sociais. Verga, inserido nesse clima, vai narrar essas disparidades, obtendo, por meio disso, o amadurecimento de sua poética. Por isso ele é muitas vezes definido como um autor de transições, pois viveu na passagem do idealismo romântico da Itália do *Risorgimento* para o Positivismo, de uma Itália burguesa rumo ao capitalismo, a partir de 1860.

A primeira novela do mais conhecido autor verista, *Rosso Malpelo* (1878), publicada na revista *Fanfulla della domenica*<sup>25</sup>, inicia sua chamada conversão ao Verismo, ou seja, a sua *svolta* verista, seguida de *Vita dei campi* (1880), *I Malavoglia* (1881), *Novelle rusticane* (1883) e *Mastro don Gesualdo* (1889). A partir desses escritos, buscou afirmar uma nova linguagem narrativa, que denotasse um realismo muito mais consequente e radical do que o proposto pelo Naturalismo. Com esta sua iniciativa, Verga se tornou, segundo a crítica italiana encabeçada por Luigi Capuana, o mais importante representante do Verismo italiano.

<sup>21</sup> Foi um episódio do *Risorgimento*, ocorrido em 1860, no qual voluntários, os Camisas Vermelhas, comandados por Giuseppe Garibaldi, conquistaram o Reino das Duas Sicílias dos Bourbons. **Spedizione dei Mille**. Disponível em: <<http://www.treccani.it/spedizione-dei-mille>>. Acesso em: 18 out. 2018.

<sup>22</sup> Termo derivado da ópera de Puccini: *La Bohème*. Os literatos e os poetas apresentam uma mistura de renovação e desespero existencial. São boêmios e vivem à margem da sociedade. Figura eminente: Arrigo Boito que, depois de 20 anos, após ter criticado Verdi, vem a ser seu libretista em *Otello* (1887) e *Falstaff* (1893). (ANSELMINI, 2008, p. 304-305).

<sup>23</sup> Juntamente com *Una peccatrice* (1866), *Eva* (1872), *Eros e Tigre reale* (1875) representa as obras pré-veristas.

<sup>24</sup> Os romances naturalistas entram na Itália por meio dos intelectuais milaneses. (VERGA, 2001, p. 11-12).

<sup>25</sup> Foi uma revista política e literária, sediada em Roma, e com periodicidade semanal (aos domingos). Fundada por Ferdinando Martini, em 27/07/1879, permaneceu em atividade até 31/10/1919.



Aqui, neste momento, não se pretende detalhar todas as obras desse escritor, porém, entendendo-se que é a partir de Verga que toda a teoria do movimento verista se desenvolve, acredita-se importante tecer breve comentário sobre os romances e novelas que deram mais prestígio ao escritor, tendo em destaque sua produção verista.

No romance *Eva*, no qual já são percebidas algumas das características do Verismo, o autor conta a história de um pobre jovem pintor siciliano, que deixa sua terra em busca de fortuna em Florença, porém, acaba vendo destruídas as suas ilusões e os seus ideais artísticos em decorrência de seu amor por uma bailarina chamada Eva, personagem principal, que dá título ao romance e que, tal qual a personagem bíblica, induz o homem ao pecado. Segundo Benedetto Croce, as primeiras obras de Verga<sup>26</sup> poderiam ser agrupadas em uma breve composição e intituladas: *amor e morte, paixão e loucura, ou similar*<sup>27</sup>, pois, além de não agradarem ao crítico italiano, não responderiam à força e à experiência da sua mentalidade artística. E é nesse grupo que o romance *Eva* se encaixaria, no que se refere à opinião de Croce.

Em *Ruivo Pêlo-Ruim* (1878), que, como citado acima, parece identificar o novo direcionamento literário para a escrita de Verga, o foco é direcionado ao mundo dos humildes, dos perseguidos e dos repudiados. O conto possui claras características do Verismo, tais como: visão pessimista quanto à condição humana, objetividade ao relatar os fatos, adoção da linguagem popular e, pela primeira vez, a impessoalidade da escrita.

É a quinta novela da coletânea *Vita dei Campi*. Ambientada em uma mina de areia pertencente a uma aldeia na Sicília, conta a história de um jovem trabalhador mineiro, pobre e infeliz, que vive em um ambiente desumano. A aparência desse jovem, segundo os que com ele conviviam, determinava o seu caráter: “tinha o cabelo vermelho porque era um jovem malicioso e ruim, que prometia se sair um primor de malandro.” (VERGA, 2001, p. 112). Daí o seu nome – *Ruivo Pêlo-Ruim*, e, por ser “ruim”, ele era maltratado por todos. A técnica do estranhamento, no Verismo, é a representação de um acontecimento ou fato anormal como se fosse normal, o qual consistiria em reproduzir o ponto de vista da sociedade em uma característica física e aparente. Por isso o jovem Malpelo é visto como estranho e ruim, porque difere do comum. Este conto é considerado, pela crítica italiana do século XIX, como obra-prima do Verismo,

---

<sup>26</sup> *Storia di una capinera* (1871), *Una peccatrice* (1866), *Eva* (1872), *Eros e Tigre reale* (1875).

<sup>27</sup> *Amore e morte, Passione e follia, o simili*. (CROCE, 1903, p. 244). Manteve-se a ortografia conforme texto original.

experimentação de novas tendências artísticas e técnicas de composição, que viriam a se estabilizar no repertório verista, denunciando aqui um sistema social cruel e opressor.

*Vita dei campi* (1878 a 1881) é uma coleção de oito novelas<sup>28</sup> cujo ambiente é a paisagem rural, o interior siciliano. Nessas novelas, de maneira geral, pode-se perceber que as personagens são “primitivas”, ou seja, pessoas humildes, que vivem em um mundo fora da vida civil, envolvidas em uma vida simples e repetitiva. Porém, esses têm, ao mesmo tempo, uma percepção romântica e pessimista da vida, sendo seu mundo o dos lavradores sicilianos no grau mais baixo. A temática dos contos gira em torno da luta pela sobrevivência, dos acontecimentos primitivos violentos, do destino das pessoas simples que vivem nos campos sicilianos. A linguagem busca a objetividade absoluta através de diálogos concisos e da introdução de um narrador popular, que narra a partir do ponto de vista das personagens. Esse narrador não é conhecido de imediato, pois está no interior da narrativa, já que é a voz do povo que deve falar, fazendo com que o leitor se sinta dentro da história. Tal estratégia de escrita também busca a impessoalidade e a regressão do autor: “*l’opera d’arte sembrerà essersi fatta da sé*” (VERGA, 1878, p. 2).

As *Novelle Rusticane* (1883) são um total de doze<sup>29</sup>, todas povoadas de lavradores e proprietários sicilianos, cujo foco é a sociedade lavradora mais complexa, pois apresenta, como personagens, grupos sociais coletivos e também isolados em seu mundo campesino. A maior preocupação do autor está no enfoque econômico e material do que nos ideais sociais. Portanto, seu tema principal é o motivo econômico. O autor apresenta o egoísmo, a obsessão da *roba*<sup>30</sup> e a opressão, por meio de uma narrativa “objetiva”, relatada do ponto de vista das personagens. Com esta publicação, é possível observar que Verga é um escritor eclético, estando sua temática em movimento constante. Se, em *I Malavoglia*, o tema eram os pescadores sicilianos sem instrução, agora, nas *Novelle Rusticane*, o cenário é a lavoura em torno da economia. Nas *Novelle rusticane*, são reproduzidas personagens e ambientes dos campos sicilianos. Ao contrário da obra *Vita dei campi*, tem-se o desaparecimento dos heróis convencionais para dar espaço aos heróis reais (resgate do homem que há em si mesmo), como, por

---

<sup>28</sup> As novelas que compõem essa coleção, publicada pela primeira vez em 1880, são as seguintes: *Fantasticheria* (1879), *Jeli il pastore* (1880), *Rosso Malpelo* (1878), *Cavalleria rusticana* (1880), *La lupa* (1880), *L’amante di Gramigna* (1880), *Guerra di Santi*, *Pentolaccia* (1880), *Il come, Il quando ed il perché* (1881).

<sup>29</sup> Fazem parte desta coletânea as novelas: *Il reverendo*, *Cos’è il re*, *Don Licciu Papa*, *Il Mistero*, *Malaria*, *Gli orfani*, *La roba*, *Storia dell’asino di S. Giuseppe*, *Pane Nero*, *I Galantuomini*, *Libertà*, *Di là del mare*.

<sup>30</sup> Representa a riqueza, os bens materiais. Na família dos Malavoglia, por exemplo, a riqueza está na barca e na casa.

exemplo, Mazzaro, de *La Roba*, um indivíduo comum e também de classe social inferior, apresentando um estilo mais realista e dramático. Os temas mudam: do mundo da igreja, no qual muitos ingressam apenas para desfrutar das riquezas e privilégios, sem a menor vocação, para o mundo da monarquia, da malária, que atinge ricos e pobres, dos órfãos, das alegrias terrenas, passando pela questão das relações socioeconômicas. E prevalecem a *roba* (a coisa da terra) e a luta pela sua posse. Essas corroem os sentimentos e acabam por se tornar uma religião. As únicas leis que são conhecidas e respeitadas são a da acumulação, da economia e do sucesso econômico.

Desaparecem indivíduos excepcionais como *Ruivo Pêlo-Ruim* ou *A Loba*, que deram títulos às primeiras novelas e, nos seus lugares, entram entidades abstratas, tais como a liberdade, a malária, a *roba*. Nestas histórias, torna-se mais acentuado o conflito entre o Norte e o Sul da Itália, assim como parece mais importante a luta entre as classes sociais.

Já em *Per le vie* (1883), o cenário é a vida popular de uma grande cidade (Milão), na qual os protagonistas são os marginais de uma sociedade industrial, e possuem ânsia pelo dinheiro. Eles têm o senso de exclusão e olham a vida dos ricos com assombro (*stupori*). A linguagem busca refletir a objetividade verista.

As últimas obras de Verga foram *Drammi intimi* (1884), *Vagabondaggio* (1887), *I ricordi del capitano d'Arce* (1891), *Mastro don Gesualdo* (1889) e *Don Canderolo e C.* (1894).

Com relação ao livro *Mastro don Gesualdo*, faz-se necessário tecer alguns comentários devido a esse estar não somente entre as obras de maior destaque do escritor verista, juntamente com *Vita dei Campi*, *Novelle Rusticane* e *I Malavoglia*, mas por ser, segundo Croce (1903, p. 262), “outra vasta representação da vida siciliana”. É o segundo romance do *Ciclo Dei Vinti* — com um intervalo de oito anos entre a publicação do primeiro e do segundo romance dessa coleção — e se passa no campo, representado em vários níveis (lavradores, burgueses e nobres). Apresenta como temática a trajetória social e econômica de um operário (pedreiro), que se torna rico, sua solidão e dupla derrota na *roba* (coisa) e nos afetos, juntamente com as dinâmicas sociais da Sicília, na primeira metade do século XIX. Na narração, a busca de objetividade convive com o surgimento da subjetividade de Gesualdo e com a técnica do monólogo interior, dirigindo-se já ao moderno romance psicológico.

Após essa breve passagem pela vida literária de Verga, é possível constatar que o escritor produziu muito, e, assim, em grande medida, sua obra contou as realidades

regionais, diferentes umas das outras (regionalismo), trouxe a concepção pessimista da vida e do destino do homem, descreveu a realidade da maneira mais objetiva possível, sem comentá-la ou interpretá-la (impessoalidade), por meio da adaptação da língua nacional, mesclando-a a termos derivados do regionalismo (linguagem).

Como já exposto anteriormente, da forma impessoal provém a característica documental, na qual prevalecem os fatos concretos, históricos e humanos dos eventos, ou seja, o *documento humano*, a narrativa que se refere ao indivíduo primitivo. Portanto, quando a obra contempla esses aspectos, passa a ser denominada, no contexto verista, *documento humano*. Os escritores Giovanni Verga, em o *Ciclo dei Vinti*<sup>31</sup>, Luigi Capuana, em *Giacinta*, Federico De Roberto, em *I Viceré*, e, Matilde Serao, em *Il Paese di Cuccagna*, nos quais as personagens de todas as classes sociais e ambientes (aristocrático, burguês, popular) são analisadas, em alguma medida, configuram exemplos que souberam utilizar o *documento humano*, de modo geral, muito explorado pelos veristas, (CECCHI; SAPEGNO, 1965).

Ao aspecto da impessoalidade, permaneceram fiéis os escritores Giovanni Verga, Luigi Capuana e Federico De Roberto, enquanto outros narradores, apesar de terem sido influenciados especialmente por *I Malavoglia*, o adotaram apenas ocasionalmente, como, por exemplo, o escritor Remigio Zena, que o aplicou no romance *La boca del lupo*. Dessa forma, se se considerasse como único elemento de caracterização a *forma impessoal*, poucos seriam os exemplos que se encaixariam na literatura verista.

Os temas mais trabalhados por Verga dizem respeito aos derrotados, descritos por meio do pessimismo, do drama e das tragédias nas vidas dos humildes. Ele contempla o desaparecimento do herói convencional, apregoado pelo Romantismo, substituindo-o pelo indivíduo comum, muitas vezes de classe social inferior, incluindo nele o elemento psicológico, pois, esse novo herói tem dúvidas e falhas. Já a exposição dos fatos é linear, seguindo o modelo da fábula, e o narrador é externo e impessoal, pois não participa emocionalmente dos fatos narrados, apresentando o uso da terceira pessoa.

---

<sup>31</sup> *Ciclo dei vinti* — plano inicial de Verga, desde 1878, em escrever o ciclo de romances *Os Vencidos*, porém, não concluído pelo escritor. O romancista explicou o que pretendia com esse projeto no prefácio dos *Malavoglia*: “Em *Os Malavoglia* trata-se tão somente da luta pelas necessidades materiais. Satisfeitas essas, a procura torna-se afeição de riquezas e será encarnada num tipo burguês, *Mestre Dom Gesualdo*, emoldurado no quadro ainda restrito de uma pequena cidade de província, cujas cores, porém, começarão a ser mais vivas, e o desenho mais amplo e variado. Depois tornar-se-á vaidade aristocrática na *Duquesa de Leyra*; e ambição no *Deputado Scipioni*, para chegar ao *Homem de Luxo*, que reúne todas as cobiças; todas essas vaidades, todas essas ambições, para compreendê-las e sofrê-las, ele as sente no sangue e é consumido por elas”. (VERGA, 2010, p. 07-08).

E, ainda seguindo na linha de se produzir uma narrativa, que se construísse por si, tem-se a inserção de outro recurso, o discurso indireto livre, que virá apresentado no próximo subitem.

## 1.2 Discurso Indireto Livre

O discurso indireto livre é uma técnica narrativa, na qual os acontecimentos são narrados em simultâneo e cujas vozes das personagens estão inseridas, direta e integralmente, dentro do discurso do narrador, colocando em segundo plano o verbo “dicendi” (“disse”, “perguntou”, “falou”). Por ser uma característica relevante do Verismo, Verga, De Roberto e outros autores a utilizaram em grande medida em suas obras.

Alguns críticos literários, de modo geral, apontam que Verga ao se utilizar do discurso indireto livre, conta sobre a realidade siciliana, cria uma voz narrativa que, apesar de oriunda da terceira pessoa e representando o autor, não se distingue qualitativamente das personagens, selecionadas em outra esfera social. Ele procura uma língua italiana mesclada com o dialeto siciliano (artifício de regressão), com os provérbios e com os modos-de-dizer tipicamente sicilianos, apresentando uma linguagem impessoal livre.

Para melhor entendimento sobre esse recurso, busca-se em *Os Malavoglia* essa técnica narrativa, como se pode observar no trecho a seguir:

— Esse velho tem o couro duro; se não bate o nariz no chão, como os gatos, não morre. Prestem a atenção no que estou lhes dizendo hoje — predicava a Zuppidda. — Faz dois dias que estamos aqui à espera: morre, não morre? E eu digo que ele há de nos enterrar a todos. — **As comadres** fizeram figas. “Fique longe, que sou filha de Maria!” e a Vespa beijava também a medalha que trazia sobre o escapulário. “Vade retro! Trovão de céu e vinho sulfuroso!” E a Zuppidda juntou: — Vocês, pelo menos, não têm filhos para casar, como eu, que faria muita falta, se fosse para a cova. — **As outras** riam, porque a Vespa, para casar, só tinha a si mesma, e nem isso conseguia. — Quanto a isso, quem faz mais falta é o patrão ’Ntoni, que é o alicerce da casa — respondeu a prima Anna. O potirão do ’Ntoni já não é mais criança. — **Mas todas** deram de ombros. — Se o velho morre, vão ver como a casa desaba! (VERGA, 2010, p. 174, grifos nossos).

Apreende-se que, ao se utilizar do discurso indireto livre, narrando a história a partir da perspectiva das personagens, quando se refere “às comadres”, “às outras”, “mas todas”, Verga garante a impessoalidade, e, portanto, a voz coral.

Semelhante técnica narrativa encontra-se em *Elias Portolu*, quando Deledda descreve os costumes, sentimentos e aspirações do povo sardo, como na passagem em que trata sobre a acolhida da vizinhança e dos parentes a Elias, que retornava da prisão como se estivesse voltando dos estudos:

**Todas as vizinhas** se amontoaram em torno dele, empurrando os **outros camponeses**, e lhe apertaram a mão desejando-lhe: “Outra desgraça dessa só daqui a cem anos”. “Deus queira!”, ele respondia. Em seguida, entraram em casa. O gato, que com a aproximação **dos camponeses** tinha se retirado da janela, vindo até a escadinha externa, saltou para baixo assustado, correu aqui e ali e foi se esconder. “Musci, musci” começou a gritar tio Portolu, “Que diabo tens, nunca viste cristãos? Oh que somos assassinos, que também fogem os gatos? Somos gente honesta, somos cavalheiros!” (DELEDDA, 2015, p. 123, tradução nossa, grifos nossos).<sup>32</sup>

Parafraseando Antonio Candido (1972), nesses exemplos, o narrador procura uma posição similar a da personagem, como se naquele momento fosse por alguns instantes o seu procurador.

A solução estilística de *L'Assommoir*, por exemplo, é em si uma revolução, que representa o primeiro passo irreversível no sentido de incorporar a linguagem falada ao estilo da ficção, pelo fato de criar uma voz narrativa que, embora provinda da terceira pessoa e representando o autor, não se distingue qualitativamente da dos personagens, escolhidos noutra esfera social. Isto foi possível em parte pelo uso do indireto livre; mas vai além, na medida em que é uma espécie de supressão geral da diferença de tonalidade entre o direto e o indireto. (CANDIDO, 1972, p. 100)

Percebe-se que o discurso indireto livre, além de utilizado por Verga e outros autores veristas, também está presente, em alguma medida, em *Elias Portolu*, de Grazia Deledda, pois, por meio dessa técnica narrativa, tem-se a união orgânica entre narrador e personagem.

---

<sup>32</sup> *Tutte le vicine si affollarono intorno a lui, respingendo gli altri paesani, e gli strinsero la mano, augurandogli: «Un'altra disgrazia simile fra cento anni». «Dio voglia!», egli rispondeva. Dopo di che entrarono in casa. Il gatto, che all'avvicinarsi dei paesani s'era ritirato dalla finestra, venuto alla scaletta esterna saltò giù spaventato, corse di qua e di là e andò a nascondersi. «Musci, musci», cominciò a gridare zio Portolu, «che diavolo hai, non hai veduto mai cristiani? Oh che siamo assassini, che fuggono anche i gatti? Siamo gente onesta, galantuomini siamo!» (DELEDDA, 2007, p. 2).*

Tal discurso possibilitou, aos escritores veristas, a maturação da técnica da impessoalidade, alcançada por meio de uma língua mais simples e do dialeto, elementos importantes dentro do Verismo. Assim sendo, entende-se necessário discorrer sobre esses argumentos.

### 1.3 Língua e linguagem

A ideia de uma língua unificada, que vinha do romantismo com Alessandro Manzoni, no Verismo não se consubstancia, pois essa se divide em vários dialetos na Itália. O Verismo vem confirmar que, apesar do desejo de uma língua única, os dialetos continuam imperando e continuam registrados por meio da literatura verista e tendo muita importância nessas regiões.

Quanto à linguagem, Verga, em carta a Capuana, diz que sua fonte inspiradora para a criação de uma linguagem artificial, que parecesse ao leitor culto a própria naturalidade, foi uma história popularesca deste, escrita em versos. Segundo Candido (1972), o livro *A Taberna*, de Zola, publicado pela editora Guimarães & Silva, também lhe serviu de estímulo para a criação dessa linguagem.

Dessa maneira, a linguagem, por comunicar ideias e sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos convencionais, trouxe consigo os dialetos.

#### 1.3.1 Dialeto

Por ser o dialeto uma forma de comunicação com suas próprias marcas linguísticas, e pertencer a determinadas comunidades, existindo simultaneamente outra língua considerada ‘oficial’, Verga, ao apresentar a Sicília, na maioria de seus romances, destaca não somente o modo de dizer dos sicilianos, bem como dá visibilidade aos demais aspectos regionais. Assim como Verga, outros escritores veristas utilizaram-se também do dialeto, confirmando ser esse uma característica marcante do Verismo.

Como menciona Hrefna Eiríksdóttir (2010), o dialeto é perceptível nos nomes e sobrenomes das personagens, nas abreviações, nos epítetos e nas expressões sicilianas que acompanham os nomes próprios.

Para melhor compreensão do uso do dialeto por meio das expressões sicilianas, tem-se como exemplo o uso de *zio* (tio) e *mastro* (mestre): “[...] perto da *Concetta* do **tio** Cola, e da chalupa do patrão Fortunato Cipolla.”, “[...] e embora não se tivesse ouvido o sino porque **mestre** Cirino, o sacristão, fora levar um par de botinas novas para dom Silvestre, o secretário.” (VERGA, 2010, p. 13, 23). Tais expressões dialetais configuram um modo de dizer característico de cada região italiana, o que nos leva a outra característica importante da literatura dos veristas, que se vincula à descrição e valorização dos aspectos regionais, que determinavam a Itália ‘fragmentada’ do início do século XIX.

## 1.4 Regionalismo

O Verismo contemplou, sobretudo, a realidade do sul da Itália (Capuana, Verga, nascidos na Sicília; Federico de Roberto, nascido em Nápoles, mas viveu toda sua vida na Sicília; Matilde Serao e Salvatore di Giacomo, em Nápoles), de onde talvez derive seu pessimismo e certo conservadorismo, devido a ser essa uma das regiões mais abandonadas pelo governo italiano à época. Já a representação regional da Sardenha nos vem através de Grazia Deledda.

A seguir, pretende-se traçar um breve comentário sobre os referidos escritores e suas obras mais significativas, antes de se deter no objeto central deste estudo, ou seja, a religiosidade em *Elias Portolu*, de Grazia Deledda, já que a importância desses escritores acima mencionados, em relação às narrativas regionais, também nos auxiliará na melhor compreensão da obra em estudo dentro do Verismo italiano.

### 1.4.1 Giovanni Verga

Giovanni Verga nasceu na Sicília (Catania, 02/09/1840 — Catania, 27/01/1922), cresceu em um contexto geográfico atrasado econômica e culturalmente, porém, sua formação se deu em um ambiente culto e abastado.

A sua primeira novela, *Ruivo Pêlo-Ruim* (1878), publicada na revista *Fanfulla della domenica*, inicia sua chamada conversão ao Verismo, ou seja, a *svolta* verista, seguida de *Vita dei campi* (1880), *I Malavoglia* (1881), *Novelle rusticane* (1883) e *Mastro don Gesualdo* (1889). A partir dessas publicações, afirmou uma nova linguagem



narrativa, com um realismo muito mais consequente e radical do que propôs o Naturalismo. Verga se tornou o narrador mais importante do Verismo.

#### 1.4.2 Luigi Capuana

À genialidade narrativa de Verga, soma-se a teorização do movimento verista, realizada por Luigi Capuana, teórico, crítico e narrador. A característica do Verismo na qual ele mais se empenhou foi a impessoalidade, preceito este por meio do qual Verga expressou seu grande gênio. Capuana defendia um narrador *scienziato-dimezzato*, ou seja, um cientista partido ao meio, meio cientista meio escritor. (GASPARI, 2007, p. 323).

Assim, da mesma forma do que foi mapeado sobre Verga, faz-se igualmente necessária, com Capuana, uma breve descrição da trajetória literária desse escritor, que vai conceber o novo romance como um documento humano e se apropriará da influência do psicologismo de Bourget<sup>33</sup> para melhor descrever o mundo dos lavradores e a realidade regional de pequenas aldeias, em especial da Sicília. Capuana, além de atravessar o universo psicológico de suas personagens, passou também por seus sentimentos.

Capuana nasceu em Mineo, uma província de Catânia, Sicília, em 29 de maio de 1839. Sua vida profissional, apesar de eclética, pois apreciava diversas áreas do conhecimento (literatura, fotografia, escultura, desenho, cerâmica), transitou entre ser prefeito de Mineo, atividade que exerceu por duas vezes (por volta de 1868 e de 1882), e ser escritor.

Sua produção literária (ele se ocupou de escritos sobre literatura, teatro, história, ciências naturais e ocultas) começou já na sua infância, por meio de seu contato com o folclore siciliano, tema que viria a ser abordado em suas fábulas infantis (*C'era una volta* — 1882). Escreve seu primeiro soneto por volta dos treze anos de idade, na época da escola, (quando, em 1851, entra para o Real Colégio Borbônico, em Bronte, permanecendo até 1855) e é intitulado *Per L'immacolata Concezione della B.V. Maria*.

---

<sup>33</sup> Paul Charles Joseph Bourget (França, 02/09/1852 – França, 25/12/1935). Romancista e crítico literário francês.

Mais tarde, por volta dos dezoito anos, auxilia Lionardo Vigo<sup>34</sup> na edição de *Raccolta amplissima di canti popolari siciliani*.<sup>35</sup>

Após esse período, entre idas e vindas à Sicília, vai para Florença, onde conhece Verga, em 1865. Em Roma, conceberá o romance *Giacinta* e se ocupará da edição de seu primeiro volume de contos intitulado *Perfis de Mulheres*<sup>36</sup>. Em Milão, passará um período muito proveitoso, pois, além de crítico literário do *Corriere della sera*, publicará *Giacinta*, uma nova edição das poesias dialetais de Paolo Maura<sup>37</sup> e as duas séries do *Studii sulla letteratura contemporanea*<sup>38</sup>.

#### 1.4.3 Federico De Roberto

A formação de Federico De Roberto (Nápoles, 16/01/1861 — Sicília, 26/08/1927) como escritor transita da atividade jornalística, período no qual entra em contato com Verga e Capuana, à produção narrativa propriamente dita, que encontra em *L'illusione* (1891) e em *I Vicerè* (1894) sua própria forma, destacando-se a partir daí os elementos mais marcantes de sua escrita: a objetividade histórica e a ironia.

De Roberto utiliza a técnica da impessoalidade. Não há regressão do narrador na realidade representada, o discurso é indireto livre, e, grande parte da sua narrativa se baseia no diálogo e na presença de breves comentários descritivos. Sua narrativa tende a assumir a técnica teatral, como se pode observar no prefácio de *Processi verbali*, no qual De Roberto diz: “A impessoalidade absoluta não pode ser alcançada a não ser no puro diálogo, e, o ideal da representação objetiva consiste na *cena* como escrita para o teatro.”<sup>39</sup>. (DE ROBERTO, 1990, p. 3).

<sup>34</sup> Lionardo Vigo Calanna ( Acireale, 25/09/1799 - Acireale, 14/04/1879 ). Poeta, filólogo e político italiano.

<sup>35</sup> Essas três obras, até a presente data, não foram ainda traduzidas para o português do Brasil.

<sup>36</sup> *Profili di donne*, traduzido no Brasil como *Perfis de mulheres*, por Gaspari, conforme: *A trajetória narrativa de Luigi Capuana segundo sua Teoria Verista*. Dissertação (Mestrado em Letras - Língua e Literatura Italiana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p.263. 1994, porém ainda não publicado em separado.

<sup>37</sup> Paolo Maura (Mineo, 23/01/1638 — Mineo, 24/09/1711). Poeta italiano representante da poesia satírico-burlesca.

<sup>38</sup> Coletânea de ensaios de crítica literária de autoria de Capuana (1880 - 1882).

<sup>39</sup> *L'impersonalità assoluta, non può conseguirsi che nel puro dialogo, e l'ideale della rappresentazione obiettiva, consiste nella scena come si scrive per il teatro*. (DE ROBERTO, 1990, p. 3).

Como narrador, De Roberto estreia com a coletânea intitulada *La sorte* (1887)<sup>40</sup>. Em seguida, lança sua segunda coleção, *Documenti Umani* (1888), composta por quatorze contos<sup>41</sup> cujo objetivo era recolher documentos sobre a psicologia dos homens, de acordo com os preceitos da escola de Bourget.

O primeiro romance de De Roberto, *Ermanno Reali* (1889), é feito possivelmente de dados autobiográficos a partir dos quais o autor desenvolve a tese de que a dor é uma lei inexorável da vida. O protagonista é um jovem chamado Ermanno, cujo pai é siciliano e a mãe alemã. Já em *L'illusione* (1891), a protagonista é uma mulher (Teresa), que configura a procura do amor e o fracasso a que essa busca conduz.

Com o romance *I Viceré*, tem-se uma das características mais marcantes de De Roberto: a historicidade. Nesse romance, ele narra a história de uma família da antiga nobreza espanhola, os *Uzeda*. A história se passa por volta de 1855-1882, período em que viu a passagem da dominação borbônica ao desenvolvimento do Estado Unitário italiano e de seu regime parlamentar. Em certa medida, a história traz referências a fatos reais e concretos, descrevendo eventos públicos e ambientes reais nos quais a trama privada da família se desenvolve.

São mencionadas aqui, a título de informação, as demais obras do escritor napolitano, tais como: os livros de poesia *Encelado* (1887), *L'albero della scienza* (1890); *Gli Amori* (1898); *Leopardi* (1898); *Il Colore del Tempo* (1900); *La messa di nozze* (1908); *Al rombo del cannone* (1918); *All'ombra dell'olivo* (1920) e, por fim, *L'imperio* (1928), que trouxeram, em sua produção literária, a técnica teatral, bem como o tom irônico, além do cuidado com a história, características essas predominantes na escrita de De Roberto.

<sup>40</sup> Compreende oito contos respectivamente: *La disdetta*, *Ragazzinaccio*, *San Placido*, *Il matrimonio di Figaro*, *Il «Reuzzo»*, *Nel cortile*, *La malanova* e *Rivolta*, de acordo com: <<https://www.liberliber.it/online/autori/autori-d/federico-de-roberto/>>.

<sup>41</sup> Essa coleção é composta pelos seguintes contos em um total de quatorze: *Documenti umani*, *Il Passato*, *Una dichiarazione*, *Il memoriale del marito*, *Il ritratto del maestro Albani*, *Studio di donna*, *Il Sacramento della penitenza*, *Un caso imprevisto*, *Donato del Piano*, *La Morta*, *Le due faccie della medaglia*, *Una voce*, *Epilogo*, *L'Orgoglio e la Pietà*. Faz-se necessário ressaltar que o primeiro conto intitula-se *Documenti umani* e empresta seu título para a coleção. Note-se também que alguns títulos apresentam grafia em maiúscula e outros não, assim sendo, optou-se pela manutenção da escrita original. Disponível em <[https://www.liberliber.it/mediateca/libri/d/de\\_roberto/documenti\\_umani/pdf/docume\\_p.pdf](https://www.liberliber.it/mediateca/libri/d/de_roberto/documenti_umani/pdf/docume_p.pdf)>.

#### 1.4.4 Matilde Serao

Da mesma forma que condições particulares da Sicília estimularam as grandes narrativas veristas de Verga e Capuana, outras áreas do *Mezzogiorno*<sup>42</sup> tiveram seus representantes, como a escritora Matilde Serao (Patras, 07/03/1856 - Nápoles, 25/07/1927), que irá observar a realidade napolitana de outro modo, contrastando-a com a do resto do país.

Matilde Serao, em Croce (1903), transita entre a atividade jornalística — por meio da qual funda, juntamente com Edoardo Scarfoglio,<sup>43</sup> os jornais: *Il corriere di Roma* (1885) e *Il corriere di Napoli* (1887), transformado em *Il Mattino* em 1892 — e o empenho no movimento de causas sociais e culturais, atentos tanto às condições de vida das classes pobres, aos conflitos e às instituições do mundo literário e jornalístico, quanto às formas de vida mundana e elegante. Essa transição entre o jornalismo e as causas sociais, trouxe algumas dificuldades quanto à orientação na sua produção jornalística e narrativa.

O material da arte de Serao, segundo Croce (1903), é constituído basicamente por três elementos, ou seja, pelos ambientes característicos, ternura de sentimentos e lutas apaixonadas. Em suas diversas obras, ora predomina a representação da burguesia (do ambiente das famílias da pequena burguesia napolitana, dos lojistas, dos pequenos empregados, advogados e professores, dos aposentados e da miséria sem fim). Em outras obras, é conduzida à plebe napolitana (dos criados, dos artesãos, dos varejistas, das mulheres vulgares, dos meninos de rua, da gentilha que se confronta nos pátios e pelas escadas das casas). E, por fim, as duas formas se juntam e se harmonizam entre elas, burguesia e plebe, e o leitor é transportado para a grande vida política e social de Roma.

Por essa ótica, verifica-se que a força da escritora está na sua pequena concretude burguesa, na plebe, nas economias elementares, no trabalho paciente e cotidiano, originando daí sua capacidade de representar a realidade de todos os dias nos seus caracteres mais circunstanciais, os quais podem ser encontrados na maioria de seus esboços, novelas, e que irão culminar em seus artigos, contidos na coletânea *Il ventre di Napoli*.

---

<sup>42</sup> Localizado no sul da Itália.

<sup>43</sup> Edoardo Scarfoglio (Paganica, 26/09/1860 – Nápoles, 06/10/1917). Poeta, jornalista e escritor italiano.

Também ainda segundo Croce (1903), Matilde Serao, quando representa a vida napolitana, o faz com esmero. Entre suas personagens, predomina a figura feminina, que é descrita desde a alimentação até os ritos e as superstições religiosas, (todas as superstições, os altares, as procissões, os milagres, as bruxas, os espíritos e os tormentos da usura), isto é, do cotidiano até as ocasiões nas quais as diversas classes sociais se encontram e se misturam.

Tal representação pode ser observada em *Vicenzella*, história na qual uma jovem plebeia passa o dia trabalhando zelosamente em pequenos serviços. Pela manhã, ela prepara polvo frito para vender aos trabalhadores: pedreiros, porteiros e maquinistas. Após o almoço, prepara uma mesinha na qual dispõe nozes frescas para vendê-las às crianças e, mais tarde, assa espigas de milho. Todo dinheiro ganho dá a seu namorado que a maltrata e trai.

A luta constante pela existência aparece na maioria de suas obras<sup>44</sup> como, por exemplo: *Il ventre di Napoli* (1884), a novela *La virtù de Checchina* (1884) e os romances *La conquista di Roma* (1885), *Vita e avventure di Riccardo Joanna* (1887) e *Il paese di cuccagna* (1890).

A narrativa de Serao se moveu entre os textos jornalísticos dedicados a Nápoles e à paixão civil, tendo ela alcançado grande êxito, como disse Croce:

Tudo o que Serao notou em torno da vida e do caráter da plebe napolitana saiu em 1884, por ocasião da terrível cólera que assola a cidade e depois da visita do rei Umberto I, e a frase: “Nápoles deve ser destruída”, pronunciada pelo velho ministro Depretis que, pela primeira vez, teve contato com o horror da miséria e ficou aturdido. Serao escreveu uma série de artigos, que foram reunidos sob o título *Il Ventre di Napoli*. São páginas extraídas de um fôlego só, descrições rápidas, anedotas narradas com a simplicidade do século XIV. Um vigoroso e eloquente discurso em prol do povo napolitano, que Serao nos faz amar, ao apresentar a miséria e a ignorância com afeto maternal, do qual ela possui o segredo. (CROCE, 1903, p. 334, tradução nossa).<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Demais obras: Os primeiros esboços: *Palco borghese* e *Commedia borghesi* (1878-79), *Romanzo della fanciulla* (*Telegrafi dello Stato, Per monaca, Nella lava, Scuola normale femminile* e *Non più* — 1919), *O Giovannino o la morte* (1889) e *Leggende napoletane* (1881). Sobre a plebe: *Piccole anime, Una fioraia* e *Canituccia* (1883) *Vicenzella* (1884), *Il paese di Cuccagna* (1891) e *La virtù di Checchina* (1884). No período passado em Roma: *La conquista di Roma* (1885) e *Vita e Le avventure di Riccardo Joanna* (1887). As obras veristas: *Dal vero* (1879), *Piccole anime* e *Fantasia* (1883) e *Cuore infermo* (1881). Novelas de pretensão psicológica: *Addio, amore* (1890), *Il castigo* (1893) e *Gli amanti, Le amanti* (1894). As obras místicas: *Nel paese di Gesù* (1898) e *La Madonna e i Santi* (1901). Obras da maturidade: *La ballerina* (1899) e *Suor Giovanna della croce* (1901). Conforme CROCE (1903).

<sup>45</sup> *Tutto ciò che la Serao aveva notato intorno alla vita e al carattere della plebe napoletana, venne fuori nel 1884, in occasione del terribile colera che infierì nella città e dopo la visita di re Umberto, e la frase: “bisogna sventrare Napoli”, pronunciata dal vecchio ministro Depretis, che per la prima volta si trovò a*

Apreende-se que a atividade jornalística, juntamente com a civil, capacitou a escritora a um olhar crítico, possibilitando as descrições rápidas, anedotas narradas com simplicidade e representatividade para os napolitanos.

Porém, segundo Croce (1903), Serao foi contra seu próprio perfil literário ao tratar de temas que fugiam da sua forma artística, por exemplo, no grupo de novelas de pretensão psicológica, influenciadas por Bourget: *Addio, amore; Il castigo; e, Gli amanti, Le amanti*, que possuem o grave defeito de serem escapes mentais, séries eróticas, abstrações que não tomam forma artística.

#### 1.4.5 Salvatore Di Giacomo

Outro escritor que merece ser mencionado dentro do Verismo italiano é Salvatore Di Giacomo (Nápoles, 13/03/1860 – Nápoles, 5/04/1934) que, apesar de ser um narrador descontínuo (ocupou-se de outras atividades, como as de jornalista e cronista), projeta sua terra natal, Nápoles, em suas produções literárias, seja por meio de poesias, canções, contos ou novelas. O escritor, em carta enviada a Georges Hérèlle, em 01 de fevereiro de 1894, auto definiu-se como um “verista sentimental” (D’ELIA et al., 2007, p. 297). Com relação a essa *auto definição*, acredita-se que somente o escritor poderá justificá-la. Porém, propõe-se, como uma das possibilidades de entendimento da afirmação, que ele poderia ter sido um autor que, frequentemente, tenha oferecido seus sentimentos mediante uma personagem do povo, fosse homem ou mulher.

Di Giacomo recolhe grande parte de seu material literário da vida napolitana, observando-a em seus diversos aspectos. Captura não somente os ambientes, mas também as personagens, para compor suas obras literárias. Como se pode verificar:

[...] Salvatore di Giacomo extrai grande parte de seu material e de suas cores da vida napolitana [...] os espetáculos trágicos, humorísticos, macabros, as misturas de ferocidade e de delicadeza, de comicidade e de paixões, de embrutecimento e sentimentalidade. E os seus personagens são mulheres perdidas, camorristas, saltimbancos, mendigos, bêbados, cegos, aleijados, enfermos, idosos que veem a vida passar melancolicamente diante de seus olhos. E o ambiente onde vivem são becos imundos, rumorosos e pitorescos, cais abandonados,

---

*contatto di quel cumulo di miseria e ne restò sbalordito. La Serao scrisse allora una serie di articoli, che furono raccolti col titolo Il Ventre di Napoli. Sono pagine tirate d'un fiato, descrizioni rapide, aneddoti narrati con semplicità trecentesca, una vigorosa eloquentissima perorazione a pro del popolo napoletano, che la Serao fa amare, nel presentarne la miseria e l'ignoranza, con quell'affetto materno del quale ella possiede il segreto. (CROCE, 1903, p. 334).*

oficinas e cortiços, locandas de má fama, hospícios, hospitais, cárceres. (CROCE, 1903, p. 401, tradução nossa).<sup>46</sup>

Seus escritos narrativos importantes são *Minuetto settecentesco* (1883); *Pipa e boccale* (1893) — os contos fantásticos<sup>47</sup>, esses possivelmente influenciados pelos escritores Edgar Allan Poe e Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann; as *Novelle napolitane* (1914), que traz Benedetto Croce como prefaciador; os contos *Celebrità napoletane* (1896), *Luci ed ombre napoletane* (1914), *Da Capua a Caserta* (1924) e *L'ignoto* (1920); o romance *Napoli: figure e paesi* (1909) e *La cronaca del teatro San Carlino* (1891).

Em sua peça teatral *Mala vita*, confirma-se a natureza essencialmente lírica do escritor, e, em *'O mese mariano* (1900), se tem a história de Carmela, uma mãe solteira em visita ao seu filho, que deixou, por necessidade, em um orfanato. Segundo Croce (1903), essas peças estão entre as pouquíssimas obras do teatro italiano contemporâneo que pertencem ao mundo da arte.

Percebe-se que seus dramas teatrais são tirados de suas novelas ou de seus grupos de sonetos, como na peça teatral *A San Francisco*<sup>48</sup>.

Com relação às suas poesias, *'O funneco verde* (1886), *Ariette e sunette* (1898) e *Canzoni e ariette nove* (1916) foram reunidas com outras em um único volume, *Poesie* (1907), com adições em edição definitiva de 1927.

A partir das diversas leituras feitas, de vários autores que tratam sobre o Verismo, e, em especial, de Croce, é possível compreender que as obras *Novelle napolitane*, *'O Mese Mariano*, *'O Voto*, *Assunta Spina* podem ser consideradas veristas, pois trazem o tema da dor, do drama dialetal, do sofrimento advindo das traições amorosas, ou seja, as cenas populares napolitanas repletas das características próprias do Verismo, já citadas anteriormente, como o pessimismo com relação à condição humana, o regionalismo, entre outras.

---

<sup>46</sup> [...]Salvatore di Giacomo prende gran parte del suo materiale e dei suoi colori dalla vita napoletana, [...] gli spettacoli tragici, umoristici, macabri, i miscugli di ferocia e di tenerezza, di comicità e di passione, de abbrutimento e di sentimentalità. E i suoi personaggi sono donne perdute, camorristi, saltimbanchi, pezzenti, ubbriaconi, ciechi, storpìi, infermi, vecchi che malinconicamente vedono la vita velarsi ai loro sguardi. E il suo ambiente sono vicoli sudici, chiassosi e pittoreschi, fondaci oscuri, botteghe e bassi, locande de mala fama, ospizii, ospedali, carceri. (CROCE, 1903, p. 401).

<sup>47</sup> *Brutus*, *La fine de Barth*, *L'Odochantura Melanura* e *Garofani rossi* publicados em *Pipa e boccale* (1893); *Addio!...* (1904); *La civetta* e *Cronaca della vecchia Norimberga* em *Per terra e per mare* (1905) e *L'orologio dello zio Sigismondo* em *Ottocento nero italiano*(2009).

<sup>48</sup> Peças teatrais: *'O voto* (1889), *A San Francisco* (1910), *Assunta Spina* (1909), oriundos de um grupo de sonetos escritos por di Giacomo, *'O Mese Mariano* (1910), *Quand l'amour meurt* (1910) e *Mala vita* (1889).

Cabe ainda salientar que, se Capuana foi o grande teórico do Verismo, Verga o seu mais expressivo narrador, como já dito anteriormente, Serao foi a jornalista das causas civis. De Roberto foi o escritor teatral e Salvatore Di Giacomo o mais lírico (em torno de 45 canções)<sup>49</sup> do movimento verista italiano, pois, tanto em sua prosa, como em seus dramas e nos coros de suas canções, se valeu do método musical, produzindo um lirismo amoroso e ficcional, uma verdadeira harmonia orquestral. Segundo Croce (1903), Di Giacomo transforma tudo em arte, seja até mesmo o obituário do duque de Maddaloni.

Todos os escritores anteriormente mencionados, em alguma medida, apresentam características do Verismo, principalmente no que se refere à literatura dita regional, especialmente quanto a identificarem a terra como religião, seja da Sicília (Capuana, Verga e De Roberto) ou de Nápoles (Serao e Salvatore), razão pela qual se fez essa breve explanação sobre suas vidas, obras e temáticas. Entendê-los faz com que o caminho para se conhecer a obra de Grazia Deledda se torne mais viável. Assim como eles, a escritora italiana, nascida na Sardenha, também teve seu momento Verista e escreveu sobre sua terra percebendo-a como uma religião.

#### 1.4.6 Grazia Deledda

Maria Grazia Cosima Damiana Deledda Madesani nasceu em Nuoro, em 27/09/1871, e morreu em Roma, em 15/08/1936, no primeiro aniversário da unificação da Itália. Na época, frequentar uma escola significava aprender a língua de um padrão elitizado, de uma Itália distante, muito diferente da falada em sua terra natal, a Sardenha.

Apesar de possuir um baixo nível de escolaridade em italiano, pois o dialeto sardo era predominante na Sardenha, foi nesse idioma que Deledda escreveu todos os seus trabalhos. Considerando que sua educação oficial durou apenas quatro anos – ou seja, ela frequentou apenas a escola primária –, é possível afirmar que ela teve grande êxito em sua vida de escritora. Contudo, conforme seus relatos em *Cosima*, não foi algo fácil, pois tudo foi escrito com *una forza sotteranea* (DELEDDA, 2005, p. 77).

Em sua arte, a escritora tinha como objetivo retratar a vida, os sentimentos e os

---

<sup>49</sup> As principais canções são *Marzo*, *Marechiaro*, *Pianefforte 'e notte* e *Oilì oilà* entre outras, conforme *La canzone classica napoletana*. Disponível em: <<http://www.tarantelluccia.it/a-marechiaro-testo/>>. Acesso em: 27 dez. 2017.



pensamentos de sua cultura em uma dimensão mais ampla, registrando, por escrito, as histórias de sua ilha. Deledda encontrou uma literatura similar em Capuana, considerado o teórico do Verismo, pois, segundo Anselmi, ele também procurava produzir uma ficção fiel à realidade:

Capuana, com muito entusiasmo, aceita o método *científico* e objetivo, e, por consequência, a prática da *impessoalidade* dos narradores naturalistas, mas não a assimilação da obra ao sistema científico, considerando indispensável salvaguardar sua especificidade e sua função estética. Em resumo, o que se deseja é uma literatura — que é o mesmo que dizer *romance* — que seja *verdadeira* na forma e nos conteúdos, mas longe de qualquer projeto político e social, mesmo em suas ambições *científicas*. (ANSELM, 2008, p. 309, tradução nossa).  
50

Outro escritor que tinha estilo semelhante ao de Deledda era Verga, que também escrevia sobre os acontecimentos humanos a partir da descrição de pessoas comuns da sociedade rural siciliana.

As demais influências importantes da literatura italiana, na formação de Deledda enquanto escritora, foram: Alessandro Manzoni (1785-1873), Ogo Tarchetti (1839-1869), Antonio Foggaro (1842-1911) e Luigi Pirandello (1867-1936), além dos críticos Emilio Cecchi (1884-1966) e Pietro Pancrazi (1893-1952). Já a influência fora da Itália esteve a cargo, possivelmente, dos autores lidos e por ela admirados, tais como Victor Hugo e Fiódor Dostoiévski (SAPEGNO, 2007, p. XV).

Os escritores italianos da geração de Deledda escreveram na época de Gabriele D'Annunzio<sup>51</sup> (1863-1938), que era idolatrado pelo irmão da escritora, Andrea, e também pelos amigos deste. No entanto, D'Annunzio não era uma influência importante para a escritora, que preferiu observar a realidade local, na qual tinha a oportunidade de vivenciar as diferentes canções das mulheres ao trabalho, bem como ouvir contos e canções populares, localizando as personagens e suas ações em um contexto social. Ela

---

<sup>50</sup> *Capuana accetta con entusiasmo il metodo scientifico e oggettivo e quindi la pratica dell' impersonalità dei narratori naturalisti, ma non la assimilazione dell'opera al sistema delle scienze, ritenendo indispensabile salvaguardarne la specificità e la funzione estetica. Si vuole insomma una letteratura — che è come dire un romanzo — che sai vera nella forma e nei contenuti, ma lontana da qualunque progettualità politica e sociale, persino nelle sue ambizioni scientifiche.* (ANSELM, 2008, p. 309).

<sup>51</sup> Gaetano Rapagnetta, conhecido pelo pseudônimo de Gabriele D'Annunzio, foi um poeta e dramaturgo italiano, símbolo do decadentismo. Escreveu em muitos gêneros literários e adotou diversos estilos. Publicou a obra *Primavera*, aos 16 anos. Tornou-se famoso com o romance *O prazer*, de 1889, dedicado à atriz Eleonora Duse (Vigevano, Itália, 1858 - Pittsburgh, Pensilvânia, EUA, 1924), cuja primeira e única interpretação cinematográfica ocorreu em 1916, com o filme *Cenere*, baseado na obra de Grazia Deledda, dirigido e estrelado por Febo Mari.

preferiu a forma adotada por escritores como D'Annunzio, ou por clássicos, como Dante (HALLENGREN, 2002), já que não os admirava a ponto de se tornarem referências a serem seguidas.

Essa “reprodução” de muitos aspectos da vida real, em seus escritos, acabou gerando alguns problemas à escritora, pois a população sarda conseguia identificar as inspirações dos protagonistas, que eram criados a partir dos fatos que aconteciam na região. Para evitar o choque e a raiva gerados por sua ficção com base “real”, Deledda passou a se utilizar de pseudônimos – como G. Razia ou Ilia di Sant’Ismael, o primeiro feminino e o segundo masculino (Elia de São Ismael) – para assinar seus contos, publicados em revistas locais.

Apesar dos obstáculos, Deledda produziu mais de trinta romances, cerca de quatrocentos contos, muitos artigos, algumas peças de teatro, um livreto de ópera e alguns poemas.

Os romances que deram mais fama à autora italiana foram *Elias Portolu, Cenere, L’Edera, Colombi e Sparvieri*, que mereceu o prefácio de D.H. Lawrence<sup>52</sup>, na tradução inglesa. Já o romance *Canne al vento* é um dos mais conhecidos e traduzidos. Além desses, temos *Il Dio dei Viventi* e *Cosima*. Este último, inacabado, tem cunho autobiográfico, e foi publicado poucos meses depois de sua morte, em 1937. Outro não finalizado por Deledda foi *Il cedro di Libano* (1939), conforme dados contidos no banco de dados da nomeação do Prêmio Nobel.<sup>53</sup>

Suas obras foram traduzidas para muitas línguas. Em Portugal, foram publicados *Claro-escuro*<sup>54</sup>, *Mariana Sirca*<sup>55</sup>, *Depois do Divórcio*<sup>56</sup> e *Cinzas*<sup>57</sup>. Já no Brasil, as obras publicadas foram *Canções ao Vento*<sup>58</sup>, *O drama de Regina*<sup>59</sup> e *Cosima*<sup>60</sup>. Recentemente,

<sup>52</sup> D.H. Lawrence (Eastwood (Reino Unido), 11/09/1885 — Vence (França), 02/03/1930). Escritor inglês, conhecido pelos seus romances, poemas e livros de viagens, como também por ter abordado, em suas obras, temas considerados controversos no início do século XX, como a sexualidade e as relações humanas com características destrutivas. Destaca-se a obra *Sea and Sardinia* (1921).

<sup>53</sup> Disponível em <<https://www.nobelprize.org/prizes/literature/1926/deledda/auto-biography/>>. Acesso em 13 nov, 2018.

<sup>54</sup> DELEDDA, Grazia. *Claro-escuro*. Tradução de Graziella Saviotti. Lisboa: Gleba, 1943.

<sup>55</sup> DELEDDA, Grazia. *Mariana Sirca*. Tradução de Graziella Maria Saviotti. Lisboa: Gleba, 1944. (O livro publicado em Portugal traz o título *Mariana Sirca*, grafado com um *n* somente).

<sup>56</sup> DELEDDA, Grazia. *Depois do Divórcio*. Tradução de Maria Carlos Loureiro. Lisboa: Sibila Publicações, 2018.

<sup>57</sup> DELEDDA, Grazia. *Cinzas*. Tradução de Graziella Saviotti. Lisboa: Sibila Publicações, 2018.

<sup>58</sup> DELEDDA, Grazia. *Canções ao Vento*. Tradução de Mario de Murtas. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1964.

<sup>59</sup> DELEDDA, Grazia. *O drama de Regina: nostalgias*. Tradução de Marina Guaspari. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

<sup>60</sup> DELEDDA, Grazia. *Cosima*. Tradução de Maria do Rosário Toschi. Vinhedo: Editora Horizonte, 2005.

a editora Carambaia publicou uma segunda tradução de *Canne al vento*, com novo título: *Juncos ao vento* (2015), traduzida por Maria Augusta B. de Mattos. Ressalta-se, ainda, o fato de que Deledda também atuou como tradutora da obra *Eugênia Grandet* em 1930, de Honoré de Balzac.

A história de Deledda mostra que suas obras foram produzidas e publicadas em um período no qual a literatura era exercida, essencialmente, por homens.

Faz parte, também, da escrita peculiar da autora, a região da Sardenha como cenário de sua produção textual. Esse fato mostra-se bastante evidente em seus escritos, o que pode sugerir uma visão que remete à nostalgia das relações amorosas e familiares, regadas pela culpa, pelo pecado, pelo castigo e pela incontável fatalidade. A rotina impera, com relativa atemporalidade, em decorrência da necessidade de representação dos costumes e modos de ser inseridos no grupo familiar.

## 1.5 A Família

A família é de grande importância dentro do Verismo, juntamente com as demais características já mencionadas anteriormente. Os escritores veristas, ao retratarem o povo das regiões pobres italianas, dão destaque à família, e, às relações desta com os demais integrantes do povoado. Essas relações são marcadas, por exemplo, por meio dos Malavoglia e dos Portolu, em *Os Malavoglia* e *Elias Portolu*, respectivamente.

Com o intuito de exemplificar a relevância da família dentro do Verismo, Candido apresenta trechos de *Os Malavoglia*, nos quais a casa, conhecida como “Nespereira”, vem projetada quase que como um ser vivo:

**A casa** não é uma realidade física marcante e impositiva, quase um personagem, como em tantos romances de Zola ou n’*O Cortiço*: **é expressão da família**, transfigurando-se metafóricamente nos ditos reveladores. (“Casa mia, madre mia” “La casa ti abbraccia e ti baccia”) Daí a funcionalidade de certas antanácises, mediante as quais a **casa = habitação não pode separar-se em nosso espírito da casa = grupo familiar**, fundindo-se ambas numa metáfora sugestiva do gênero de vida (casa = barca): “A casa dos Malavoglia sempre fôra uma das primeiras de Trezza; mas agora, com a morte de Bastianazzo, Ntoni no serviço militar, Mena precisando casar e todos aqueles esfomeados dando pelos pés, era uma casa que fazia água por todos os lados”. (CANDIDO, 1972, p. 94, grifos nossos).

Torna-se possível apreender que a “Nespereira” é a expressão da família e a “Providência” da casa, que representa não somente a habitação, mas também o grupo familiar, e, ambas, Nespereira e Providência, indicam um gênero de vida.

Nessa família, apesar da fusão da casa no indivíduo, os assuntos privados são de interesse comum, e sabe-se praticamente tudo o que acontece no interior da casa, que se incorpora ao tecido da vida coletiva (CANDIDO, 1972).

Sobretudo, não há assuntos privados e todos falam aberta, mas cândidamente, da intimidade dos outros, como se o que toca ao indivíduo ou à família devesse necessariamente virar interesse comum, incorporando-se ao tecido da vida coletiva. (1972, p. 96).

Portanto, não existe fronteira entre o público e o privado, como pontua Candido (1972), já que as normas e as transgressões são sempre iguais, vistas do mesmo modo, com efeitos previsíveis de antemão.

Igualmente, todos os assuntos são incorporados ao “tecido coletivo”, no qual os aproveitadores e os explorados, como identifica Candido (1972), são quase imperceptíveis, por viverem a mesma rotina, e, dessa, participam igualmente os animais. Dessa forma, ao incluir os animais na rotina do povoado, comparando-os aos indivíduos, mais uma vez evidencia-se a fusão indivíduo e meio; ressaltando-se aqui mais uma das características do Verismo: o zoomorfismo.

## **1.6 Zoomorfismo (Animalização)**

Zoomorfismo é uma figura de linguagem que descreve o comportamento humano semelhante ao de um animal. Mais do que uma figura de linguagem, é uma concepção do Naturalismo, pois, como já mencionado anteriormente, esse pretendia aplicar o método científico às obras literárias, narrando, em alguma medida, o comportamento humano por meio das condições ambientais nas quais as ‘personagens’ viviam.

Exemplo disso encontra-se em Balzac, na ideia inicial para a elaboração de *Comédia Humana*, na qual o autor afirma: “A ideia primeira da *Comédia Humana* foi para mim, a princípio, como que um sonho, [...]. Essa ideia nasceu de uma comparação entre a humanidade e a animalidade” (BALZAC, 1989, p. 9).

Segundo o Dicionário Houaiss, o zoomorfismo é um culto religioso que imprime forma animal à divindade. O termo é entendido também como a crença na possibilidade de transformação do homem em animal: o lobisomem é uma manifestação de zoomorfismo para a credence popular. A palavra zoomorfismo deriva do grego ζῷον (zōon), que significa “animal”, e μορφή (morphē), que significa “forma”.

Para melhor entendimento dessa figura de linguagem dentro do Verismo, apresenta-se o Zoomorfismo, no Quadro 3, constante em quatro obras de Verga. Tal figura é fortemente marcada também em *Elias Portolu*, por meio dos seguintes animais: ovelhas, cavalos, gatos, cães, pombas e bois, que serão tratados posteriormente.

Quadro 3 - Zoomorfismo em: *Fantasia*, *Ruivo Pêlo-Ruim*, *Nedda* e *A Loba*.

Obras	Zoomorfismo
<i>Fantasia</i> (1879)	Mundo x peixe voraz (p. 187). Pessoas x exército de formigas (p. 181). Molecotes x chacais (p. 186). Pessoas x ostras (p. 186).
<i>Ruivo Pêlo-Ruim</i> (1878)	Feito cão sarnento (p. 112). Que tinha “ficado feito rato, preso na ratoeira” (p. 114). Berrava como se fosse mesmo um bicho (p. 115). Trabalhava igual àqueles búfalos ferozes (p. 116). E, com efeito, ele levava as pancadas sem se queixar, exatamente como fazem os burros (p. 116). Mancava de tal jeito que o haviam apelidado de Sapo (p. 117). Cale-se sua galinha-choca (p. 118). Ele de fato reduzia-se à condição daqueles cachorros [...] sem pelo e selvagem feito lobos (p. 119- 20). Até na cor dos cabelos e nos olhos ameaçadores de gato (p. 120). Tiveram de puxá-lo para o ar livre com as cordas, exatamente como a um asno que estivesse para dar coices ao vento (p. 121). Trabalhar nos telhados, como os gatos [...] agora que tem de viver debaixo da terra, como os ratos (p. 125). Tremia de febre feito um pintinho molhado (p. 126).
<i>Nedda</i> (1874)	Ela parava trêmula, como um cabrito desgarrado (p. 31) O coração lhe saltava no peito como um pássaro amedrontado (p. 38). A pobre formiguinha, [...] conseguira fazer um pequeno enxoval com seu trabalho (p. 41). Desatou a correr sem motivo algum, como uma corça assustada (p. 41). E fechou-se em seu casebre como um passarinho ferido se encolhe em seu ninho (p. 48).
<i>A Loba</i> (1880)	Dois olhos desse tamanho e lábios frescos e vermelhos que devoravam a gente (p. 50). Chamavam-na a <i>Loba</i> , pois nada, jamais, parecia saciá-la (p. 50). Faziam o sinal de cruz ao vê-la passar sozinha como uma cadela, com aquele andar errante e desconfiado de loba faminta (p. 50).

Fonte: *Cenas de vida siciliana*, 2001. Elaborado pela autora, 2018.

Como se percebe, no Quadro 3, podemos identificar que o zoomorfismo é uma figura de linguagem muito presente do Verismo. Além dessas quatro obras, analisa-se

separadamente *Os Malavoglia*, devido à grande expressividade do zoomorfismo presente nessa.

Assim, mapeou-se os animais ou aproximações das personagens com esses, por meio de sucessivas leituras da obra *Os Malavoglia*. Desse mapeamento, resultaram três quadros, esquematizados da seguinte forma: Quadro 4 - aproximações e descrições do comportamento humano com as de um animal; Quadro 5 - quantificação dos animais e, por fim, Quadro 6 - presença dos animais nos 111 (cento e onze) provérbios elencados por Bacega (2017).

Quadro 4 - Aproximações e descrições do comportamento humano com as de um animal, em *Os Malavoglia*.

Ordem	Página	Frases
1	p. 17	“a cabeça fora da janelinha, como fazem os bois quando levados à feira”.
2	p. 19	“é do seu feitio; é feito um bacalhau, que até prego enferrujado engoliria”.
3	p. 20	“não se dava sossego e parecia uma gata que perdera os gatinhos”.
4	p. 23-4	“àquela hora as moças formavam como que um bando de pássaros”
5	p. 25	“O tio Crocifisso berrava como se lhe estivessem arrancando as penas”
6	p. 26	“Ele (tio Crocifisso) é rico feito um porco”
7	p. 26	“disse então o patrão Cipolla, tô inchado como um peru”.
8	p. 29	“Dom Silvestro bota ovos de ouro lá na Prefeitura”
9	p. 31	“deixando com aquela ninhada de filhos tão pequenos”
10	p. 34	“parecia uma galinha choca com seus pintinhos.”
11	p. 36	“Dom Silvestro ria cacarejando feito galinha.”
12	p. 39	“o Piedipapera, farejando na direção das janelas da paróquia.”
13	p. 39	“nos tempos que correm deve-se manter amizade com essas ovelhas negras”
14	p. 43	Maruzza, a longa [...] parecendo uma galinha prestes a botar o ovo.
15	p. 44	“O elefante do mestre Turi Zuppiddu, por brincadeira, andava distribuindo aos amigos socos que teriam derrubado um boi”.
16	p. 45	“Santuzza [...] caminhava na ponta dos pés, como uma galinha”.
17	p. 46	“saltou-lhe em cima a Vespa, pronta para a ferroada.”
18	p. 48	“O patrão Ntoni passou o dia inteiro andando para cá e para lá, como se picado pela tarântula.”
19	p. 54	“e iam embora sem ter aberto a boca, como se fossem bacalhau de verdade”.
20	p. 55	“mestre Croce Callà, o “Bicho-da-seda” [...] e como sempre de nariz para cima, tanto que o povo dizia que ele vivia farejando o vento [...]”.
21	p. 56	“dona Rosolina, a irmã do vigário, vermelha como uma perua [...]”.
22	p. 57	“por causa do grande espinho do Bastianazzo que tinha cravado no peito, como se um tubarão o dilacerasse”.
23	p. 57	“e de nariz torcido, como se todas as outras fedessem pior que as sardinhas [...]”.
24	p. 58-9	“mas como dom Silvestro começasse a rir e a cacarejar feito galinha, o patrão Cipolla levantou-se da mureta, furioso, e passou a insultar os ignorantes, que tinham orelhas compridas como os burros”.
25	p. 63	“Brasi Cipolla [...] as moças o devoravam com os olhos”.
26	p. 65	“A Vespa, então, pôs as mãos nas cadeiras e desembainhou a língua como um ferrão.”
27	p. 70	“do contrário, anda-se para trás feito caranguejo [...]”.
28	p. 71	“e eles também se assoberbavam, bufavam e arfavam [...]”.
29	p. 74	“que era viúvo com seis filhos pequenos, mas rico como um porco [...]”.
30	p. 74	“que o tinha chamado de “poltrão” e agora estava vendo que se tratava de um belo poltrão [...]”.
31	p. 77	“deixando as redes atrás de si, como a cauda de uma serpente.”
32	p. 77	“em Nápoles corriam atrás de mim feito cachorrinhos.”

33	p. 80	“o tio Cola, que era um cão para os homens da chalupa [...].”
34	p. 86	Estamos sempre como o peixe fora d’água [...].
35	p. 97	“a <i>Providência</i> tinha deslizado para o mar como um pato [...].”
36	p. 99	“para desembaraçar as redes que não acabavam mais, feito uma serpente [...].”
37	p. 100	Coitadinha! Exclamou o velho sorrindo, ao ver a galinha preta passeando pelo quintal, de rabo empinado e crista caída, como se não fosse com ela.
38	p. 102	“e aquele cabrão do tio Santoro não vê nada.”
39	p. 102	“como o compadre Naso, que está mais gordo que os porcos que cria!”
40	p. 102	“Vamos agora fazer festa a todos esses cabeças de peixe do ano magro.”
41	p. 105	“do seu tio Crocifisso, o qual podia esmagá-los como formigas [...].”
42	p. 105	“quando o encontrara à porta do quintal a olhar para a praça feito um bacalhau.”
43	p. 105	“e deixavam o prefeito de nariz para cima, feito bicho-da-seda a procurar a folha.”
44	p. 107	“que nos suga o sangue mais do que uma sanguessuga [...].”
45	p. 109	“e como a Betta o recebia, arreganhando os dentes mais do que um cachorro louco [...].”
46	p. 110	“o mestre Callà [...] fincava os pés no chão, mais empacado que um jumento [...].”
47	p. 111	“e vem aqui para sugar o sangue dos pobres, mais do que uma sanguessuga [...].”
48	p. 113	“Vim para partir seus cornos, se não calar a boca.”
49	p. 114	“espancando-se e trocando mordidas como os cachorros do Peppi Naso [...].”
50	p. 114	“A moça, toda corada, refugiara-se em casa, com o coração batendo como o de um pintinho.”
51	p. 114	Morde mais forte que um cão corso, o compadre Tino!
52	p. 116	“porque desde menino caçoavam dele que tinha orelhas de burro [...].”
53	p. 116	“Brasi [...] correndo atrás de moças que não tinham onde cair mortas, como um perfeito bacalhau que era.”
54	p. 118	A Vespa anda abespinhada como se estivéssemos em julho!
55	p. 121	“O Piedipapera [...] estufava-se como um peru, com a importância que lhe davam na aldeia.”
56	p. 122	“todos atarefados, de nariz no chão como os cães de caça [...].”
57	p. 122	“São codornizes de dois pés, daquelas que levam o açúcar e o café [...].”
58	p. 123	“que me escorregaram das mãos como enguias [...].”
59	p. 125	“a falar daquele negócio que não acabava mais, e “as coisas compridas viram cobras”.”
60	p. 139	“havia um ajuntamento, como quando cai um burro sob a carroça [...].”
61	p. 139	“e as pessoas escutavam de orelhas em pé e paradas feito moscas.”
62	p. 144	“Longa [...] andava sempre perambulando, a conversar de porta em porta, como que à procura do que queria saber. — Já viram uma gata quando perde as suas crias?”
63	p. 144	“Até o patrão Ntoni já não embarcava mais e ficava sempre agarrado às saias da nora, como um cachorrinho.”
64	p. 146	“Eu não estou acostumada a ficar no quarto de cima, como os pombos!”
65	p. 147	“Uma cambada de sem-vergonhas, esses Malavoglia, e não queria mais ver nem pintados aqueles cabeças de porcos, que o porco do dom Giammaria havia batizado.”
66	p. 150	“O patrão Ntoni não devia ter feito esta cachorrada comigo.”
67	p. 151	“Diz que dos Malavoglia, agora, nem os cães querem saber.”
68	p. 152	“mas a moça cantava como um estorninho [...].”
69	p. 152	“a comadre Piedipapera tinha vergonha de aparecer, por causa da cachorrada que o compadre Tino fizera aos pobres Malavoglia.”
70	p. 153	“porque a Barbara o mantinha envisgado como um passarinho [...].”
71	p. 154	“com o tricô no pescoço, dizendo cobras e lagartos dos homens, que são piores que cães.”
72	p. 155-6	“pois a criatura não arredava o pé de sua porta, feito um cão [...].”
73	p. 157-8	“e se via passar uma pobre mulher, que voltava da cidade, curvada sob o peso da carga como um burro cansado [...].”
74	p. 161	“O rapaz puxava, fincando os pés e bufando que era como se fizesse tudo sozinho.”
75	p. 161	“e o mar frigia em volta como peixe na frigideira [...].”

76	p. 162	“e até a Nunziata, com todos os seus pintinhos atrás [...].”
77	p. 164	“Ntoni, com a faca entre os dentes, tinha-se agarrado ao mastro, como um gato, e, de pé na borda para fazer contrapeso, ficou suspenso sobre o mar, que rugia por debaixo dele, querendo engoli-lo.”
78	p. 168	“A barca soltou sobre o Recife, como um potro, indo cair de nariz em terra.”
79	p. 171	“e mantenha debaixo das asas a sua irmã, como faz a galinha choca com seus pintinhos.”
80	p. 174	“Esse velho tem o couro duro; se não bate o nariz no chão, como os gatos, não morre.”
81	p. 180	“e não fazia caso de dom Michele, tanto que lhe dizia cobras e lagartos [...].”
82	p. 184	“Você é o povo. Enquanto tiver a paciência do burro, há de levar pauladas.”
83	p. 184	“Agora que não tinha nada para fazer, aprendera a conhecer as galinhas, uma a uma, entretido a ver o que faziam, e passava o tempo a escutar as vozes dos vizinhos.”
84	p. 184	“parecendo o cachorro do mestre Turi, que procurava o sol para se estirar.”
85	p. 185	“Tal e qual como os gatos! — dizia a Zuppidda —, que, se não batem o focinho no chão, estão sempre vivos.”
86	p. 186	“Façamos como as formigas [...].”
87	p. 188	“Não quero levar uma picada daquela cobra da sua sobrinha.”
88	p. 190	“e tratava de trabalhar, cantarolando como fazem os pássaros no ninho ao nascer do dia [...].”
89	p. 198	“assim, pelo menos, descansava para o dia seguinte, em que se voltava desde o começo a fazer a mesma coisa, como o burro do compadre Mosca que, ao ver a albarda, abaulava o lombo, à espera de que o selassem!”
90	p. 198	“Carne de burro! — resmungava —; eis o que somos! Bestas de carga! — E via-se bem que estava cansado daquela vida de cão [...].”
91	p. 199	“Eu não sou um pássaro. Eu não sou um animal, como eles! — respondia o Ntoni. — Eu não quero viver como um cão preso à corrente, como o burro do compadre Alfio, ou como um jericó de nora, sempre girando a roda; eu não quero morrer de fome num cantinho, ou acabar na goela dos tubarões.”
92	p. 200-1	“Tal qual o burro do compadre Alfio! Assim que amanhece, estende o pescoço para ver se me vêm por a albarda.”
93	p. 202	“Bem, continuarei a fazer como o burro do compadre Mosca, que quando não puder mais puxar a carroça, será jogado num fosso para morrer.”
94	p. 204	“Portanto, para não andarem para trás como os caranguejos [...].”
95	p. 207	“na aldeia, queriam dar cabo do boticário, mas ele desatava a rir como uma galinha [...].”
96	p. 207	“foram pondo o lenço preto no pescoço e saindo à rua, como os caracóis depois do temporal, de rosto pálido e ainda atordoados.”
97	p. 207	“e todos os demais tinham se enfiado no toca como os coelhos [...].”
98	p. 208	“parecia-lhe que devia mantê-la sob suas asas como uma galinha choca [...].”
99	p. 209	“Os forasteiros também tinham fugido, como os pássaros quando chega o inverno [...].”
100	p. 210	“sinto-me como um peixe fora d’água, e nada mais me importa.”
101	p. 212	“Como todos que gostavam dela iam partindo, um a um, sentia-se realmente um peixe fora d’água.”
102	p. 215	“Todos querem me sugar o sangue como sanguessugas e tirar o que é meu.”
103	p. 215	“Agora até o Pizzuto anda correndo atrás da Vespa, todos como cães de caça!”
104	p. 216	“foi [...] falar com o patrão Cipolla na botica, para onde dom Silvestro tinha conseguido de novo arrastar o feitor Filippo e outros tubarões [...].”
105	p. 217	“e corria atrás de todas as mulheres como um gato em janeiro [...].”
106	p. 219	“A Nunziata parecia estar como em sua casa e vinha com os irmãozinhos, como uma galinha choca.”
107	p. 223	“porque aqueles que nada têm ficam a olhar de boca aberta os ricos e os afortunados, e trabalham para eles, como o burro do compadre Mosca, por um punhado de palha, em vez de dar coices, pisotear a carroça e espojar-se na relva com as patas para cima.”
108	p. 224	“tinha apreendido na viagem e agora abria os olhos, como os filhotes de gato depois de quarenta dias de nascidos. ‘A galinha que cisca volta para casa com o



		papo cheio’.”
109	p. 225	“Depois, vinha outro ano ruim, outro cólera, outra desgraça e comia a casa e a barca, e tornavam a fazer como as formigas.”
100	p. 227	“Pouco me importa, porque quem se fia nessas canalhas de mulheres é um porco.”
110	p. 227	“O único que entendia alguma coisa era o ’Ntoni, que conhecera o mundo e abrira um pouco os olhos como os filhotes do gato [...]”
111	p. 234	“O ’Ntoni chorava como um bezerro desmamado [...]”
112	p. 236	“Desse modo, mantinha-o na taverna gordo e cevado como o cachorro do açougueiro.”
113	p. 241	“Vocês não conhecem o mundo e são como filhotes de gato recém-nascidos.”
114	p. 241	“O nosso ofício é deixar o couro na boca dos tubarões.”
115	p. 244	“Aqui parece estar no meio dos porcos, palavra de honra!”
116	p. 245	“Os outros são raposas velhas [...]”
117	p. 245	“e veem mesmo sem binóculo as barcas que ao escurecer vão costeando de mansinho, como se estivessem a pescar morcegos.”
118	p. 246	“e as moças tinham sempre a impressão de ouvir gritos e tiros, como daquela vez em que disseram que havia ocorrido uma caçada às codornizes de dois pés.”
119	p. 248	“por isso o defendia, se o irmão dizia cobras e lagartos do governo e dos parasitas, respondendo: — Dos parasitas como dom Silvestro, sim! porque devoram todo um povoado sem fazer nada [...]”
120	p. 248	“e sem soldados nós nos comeríamos uns aos outros, como lobos.”
121	p. 249	“tal qual dom Michele, que parece um pássaro vagabundo, sempre a bater pernas [...]”
122	p. 249	“Você o engorda como um porco e ele vai fazer seus galanteios à Vespa [...]”
123	p. 256	“As pessoas, mal dom Michele voltou a frequentar a Santuzza, diziam: — Cães e gatos fizeram as pazes!”
124	p. 256	“Ao contrário, tocava-lhe ficar na rua feito um viralata, de rabo entre as pernas e focinho no chão”.
125	p. 265	“O ’Ntoni, o Cinghialenta e o Rocco Spatu, que estavam à soleira, diante da chuva que chiava feito peixe na frigideira [...]”
126	p. 268	“com uma noite destas, as corujas não saem para passear.”
127	p. 269	“mas ele se estatelou como um boi, ferido no peito. Então, o ’Ntoni quis fugir, saltando mais do que um cabrito [...]”
128	p. 271	“ou iam apinhar-se como moscas na porta do quartel [...]”
129	p. 279	“porque a má notícia é o passarinho quem traz.”
130	p. 281	“porque à noite não enxergava nada, pior do que uma galinha.”
131	p. 284	“e cada um neste mundo tem de pensar em puxar a carroça que Deus lhe deu, como o burro do compadre Alfio [...]”
132	p. 286	“O casamento é como uma ratoeira; os que estão dentro querem sair e os de fora querem entrar.”
133	p. 287	“Passava a maior parte do tempo na cama, como um caranguejo debaixo das pedras, ganindo mais do que um cão [...]”
134	p. 290	“pondo-se nas pontas dos pés, vermelho como um galo [...]”
135	p. 291	“Dom Giammaria exultava; aquele aspargo verde tinha a coragem de um leão, por ter a sotaina nos ombros [...]”
136	p. 294	“Nós, pobres coitados, somos como as ovelhas, e seguimos sempre de olhos fechados para onde vão os outros.”
137	p. 295	“e ouvia-se o dia inteiro o barulho do tear de Santa Ágata, e o cacarejar das galinhas e a voz da Longa, que tinha sempre o que fazer.”
	p. 300	“e o Rocco que todos os dias ela precisava procurar aqui e ali, pelas ruas e na frente da baiuca, e arrastá-lo para casa como um bezerro tresmalhado.”

Fonte: *Os Malavoglia*, 2010. Elaborado pela autora 2018.

Conforme o Quadro 4, constata-se a forte presença do zoomorfismo em *Os Malavoglia*, nas 138 frases destacadas. Em alguma medida, poder-se-ia sintetizar a

presença marcante do zoomorfismo, no romance em destaque, por meio do diálogo entre patrão 'Ntoni e 'Ntoni:

Eu não sou um pássaro. Eu não sou um animal, como eles! — respondia o 'Ntoni. — Eu não quero viver como um cão preso à corrente, como o burro do compadre Alfio, ou como um jerico de nora, sempre girando a roda; eu não quero morrer de fome num cantinho, ou acabar na goela dos tubarões. (VERGA, 2010, p. 199).

A partir das 138 frases mapeadas no Quadro 4, elaborou-se o Quadro 5, no qual elenca-se e quantifica-se a presença do zoomorfismo em *Os Malavoglia*, oportunizando-se, assim, não somente uma melhor visualização dessa figura de linguagem na obra em destaque, mas também a relação dessa com a religiosidade, na qual o homem é equiparado ao animal, o que evidenciaria uma forma de se referenciar ou não à terra.

Assim, compreende-se que o zoomorfismo não só indica esse vínculo com a terra, com o sagrado como pertencimento, mas também dá a ideia de exclusão.

Quadro 5 - O zoomorfismo em números em *Os Malavoglia*.

O zoomorfismo em números em <i>Os Malavoglia</i>			Quantidade		
Ordem	Italiano	Português	Singular	Plural	Total
1	Baccalà/merluzzo	Bacalhau	04	02	06
2	Vitello	Bezerro	02	---	02
3	Bue	Boi	07	03	10
4	Asino	Burro	12	04	16
5	Capriolo	Cabrito	01	---	01
6	Cagnolino	Cachorrinho	01	01	02
7	Cane	Cão	29	11	40
8	Lumache	Caracóis	---	02	02
9	Granchio	Caranguejo	01	---	01
10	Cavallo	Cavalo	10	---	10
11	Serpente	Cobra	01	---	01
12	Quaglie	Codornizes	---	04	04
13	Coniglio	Coelho	01	01	02
14	Civetta	Coruja	06	01	07
15	Elefante	Elefante	01	---	01
16	Anguille	Enguias	---	01	01
17	Stornello	Estorninho	01	---	01
18	Formica	Formiga	02	03	05
19	Gallina	Galinha	13	11	24
20	Gallo	Galo	05	---	05
21	Gatta	Gata	03	---	03
22	Gatto	Gato	08	06	14
23	Leone	Leão	01	---	01
24	Lupo	Lobo	03	03	06
25	Pipistrelli	Morcego	01	01	02
26	Mosca	Mosca	05	08	13
27	Pecora	Ovelha	---	03	03
28	Uccello	Pássaro	03	03	06
29	Anatra	Pato	02	---	02

30	Pesce	Peixe	23	08	31
31	Tacchino	Peru	02	01	03
32	Pulcino	Pintinho	01	10	11
33	Pulcino	Pinto	---	---	---
34	“Cetriolo” /puledro	Poltrão/poltro	10	---	10
35	Colombi	Pombos	---	04	04
36	Maiale	Porco	09	01	10
37	Volpe	Raposa	01	01	02
38	Sanguisuga	Sanguessuga	01	01	02
39	Sardelle	Sardinha	---	04	04
40	Tarantola	Tarântula	01	---	01
41	Pescecane	Tubarão	01	----	01
<b>Total</b>	---	---	172	98	270

Fonte: *Os Malavoglia*, 2010. Elaborado pela autora 2018.

Aprende-se, do Quadro 5, o uso de duzentos e setenta ocorrências de zoomorfismo, sendo o mais citado o ‘cão’, com 40 repetições, vindo em seguida o ‘peixe’ (31), a ‘galinha’ (24), o ‘burro’ (16), o ‘gato’ (14), a ‘mosca’ (13), o ‘pintinho’ com 11 e o porco, o potro, o cavalo e o boi com 10 cada. Assim, constata-se que Verga utilizou-se em abundância do zoomorfismo para caracterizar suas personagens; e, “Ao igualar seus personagens aos animais, Verga evidencia neles os aspectos desagradáveis e distorcidos”. (GUIMARÃES, 2011, p. 72).

Quanto ao zoomorfismo, em *Ellias Portolu*, destaca-se o registro dos seguintes animais: ovelhas, gato, leões, raposa, pombos, pintinho, galo, passarinho, touro, potro, lagartixa, lebre, galinha e cordeiro. Tal menção é efetuada tanto pelas personagens quanto pela autora, com o intuito de estabelecer entre o animal e o humano uma relação de semelhança.

Essa equiparação decorre, possivelmente, da dificuldade das personagens de expressarem seus sentimentos por meio de palavras, conforme se constata nos seguintes exemplos: 1º) quando da recepção a Elias, vindo da prisão, tio Portolu, ao pentear os cabelos, compara-os aos pelos embaraçados das ovelhas: “Que o diabo vos penteie”, dizia aos seus cabelos, torcendo a cabeça. “Nem mesmo a lã das ovelhas é tão embaraçada!” (DELEDDA, 2015, p. 122); 2º). Ou como quando tio Portolu equipara as ovelhas à coragem, ou seja, são mais confiáveis do que os guardiões da prisão, no continente, na qual esteve Elias: “O que eles são? Homens de queijo fresco! Vá pedir que lacerem um potro indomável, ou que agarrem um touro, ou que disparem uma espingarda! Morrem antes, de susto. O que são esses senhores? As minhas ovelhas são mais corajosas, que Deus me acuda!” (DELEDDA, 2015, p. 125).

A analogia com as ovelhas destaca a conexão entre o homem e a terra. O cabelo de tio Portolu e o pelo das ovelhas são iguais. Já a coragem dos guardiões é comparada à das ovelhas, evidenciando o desprezo pelos homens que não são da Sardenha.

Outra comparação é a pontuada por tio Portolu quando um parente seu é, por este, igualado ao cordeiros, no que se refere ao aspecto físico, evidenciando que ser gordo é ser bonito, forte, e rico: “[...] tio Portolu se apropriou de Jacu Farre, seu parente, um bonito homem vermelho e gordo, que respirava lentamente e não o deixou mais em paz”. (DELEDDA, 2015, p. 123). “[...] As ovelhas eram grandes pela longa lã intrincada, os cordeiros grandes e gordos.”

O cotejo entre Jacu Farre e os cordeiros decorre do valor apregoado ao peso e altura dos animais, como um bem almejado e este automaticamente transferido às pessoas da terra, pois no homem e na natureza, quando se fala em religiosidade da terra, a fronteira é imperceptível, estabelecendo, assim, uma relação de semelhança.

Ainda no capítulo I da obra *Elias Portolu*, outro animal que a autora menciona e consideramos interessante destacar é o gato:

O gato, que com a aproximação dos camponeses tinha se retirado da janela, vindo até a escadinha externa, saltou para baixo assustado, correu aqui e ali, e, foi se esconder. “*Muscì, muscì*” começou a gritar tio Portolu, “Que diabo tens, nunca viste cristãos? Oh que somos assassinos, que também fogem os gatos? Somos gente honesta, somos cavalheiros!” (DELEDDA, 2015, p.123, tradução nossa).<sup>61</sup>

O destaque ao referido animal decorre da análise que o gato faz do ambiente, e, possivelmente, é um aviso de que, com a chegada de Elias, não serão apenas dias felizes.

No que se refere ao casal protagonista, Elias Portolu e Maddalena Scada, parece destoar dos demais e da terra, pois raramente é comparado com os animais, e, se o é, nunca com os que expressam a terra em sua melhor forma. Essa constatação é evidenciada quando Elias é instigado, pelo pai da selva, tio Martinu, quanto a uma representação animal: “Ah, Elias Portolu, tu me fazes rir! Que animal tu és? És uma

---

<sup>61</sup> *Il gatto, che all'avvicinarsi dei paesani s'era ritirato dalla finestra, venuto alla scaletta esterna saltò giù spaventato, corse di qua e di là e andò a nascondersi. «Muscì, muscì», cominciò a gridare zio Portolu, «che diavolo hai, non hai veduto mai cristiani? Oh che siamo assassini, che fuggono anche i gatti? Siamo gente onesta, galantuomini siamo!»* (DELEDDA, 2007, p. 9)

lebre? Um gallo? Uma galinha? Uma lagartixa?” Afirma Elias: “Sou um homem mortal!”. (DELEDDA, 2015, p. 179) <sup>62</sup>

Em outro momento, Elias se vê “um cordeiro, uma ovelha louca”, portanto, sem serventia aparente. Por seu pai, às vezes, é tido como um “pombo”, outras, um “leão”, mas este último é sempre proferido com o verbo no futuro, como uma esperança e não uma constatação presente (DELEDDA, 2015, p. 123, tradução nossa). Desse modo, evidencia-se a ruptura do casal protagonista com a terra, pois parece não pertencerem a ela.

No mapeamento do zoomorfismo, em *Os Malavoglia*, além das duzentas e setenta ocorrências de zoomorfismo, somam-se mais vinte e uma, constantes especificamente nos 17 dos 111 provérbios, não computados anteriormente, totalizando 291 (duzentos e noventa e uma).

Tal separação prende-se ao fato de dar-se destaque ao zoomorfismo dentro do provérbio, chamando-se a atenção para a cristalização dessa figura de linguagem de geração em geração, por meio de sua repetição sem reflexão.

Quadro 6 - Zoomorfismo presente nos 111 provérbios em *Os Malavoglia*.

Ordem	Provérbios com animais em <i>Os Malavoglia</i>	Quantidade
01	“Mulher de tear, galinha de galinheiro, salmonete de janeiro.” (p. 14)	02
02	“A cada um o seu ofício, e ao lobo as ovelhas.” (p. 29)	02
03	“O peixe fora d’água não vive, e quem nasce peixe o mar o espera.” (p.77)	02
04	“Carne de porco e homens de guerra duram pouco.” (p.77)	01
05	“A mulher será fiel ao homem só quando a galinha tiver dentes.” (p.77)	01
06	“Pega-se o homem pela palavra, e o boi pelos chifres.” (p.116 e 126)	01
07	“A cavalo bom não falta sela.” (p.128)	01
08	“O que é do homem o bicho não come.” (p.156)	01
09	“Água do céu, sardinha nas redes.” (p.162)	01
10	“Quem anda atrás só de beleza, arranja chifres na cabeça.” (p.182)	01
11	“Cada pássaro gosta mais do seu ninho.” (p.186)	01
12	“Feliz do passarinho que em sua terra faz o ninho.” (p.197)	01
13	“Em tempos de vacas magras o que vier é lucro.” (p.216)	01
14	“O peixe começa a feder pela cabeça.” (p.229)	01
15	“Ao cavalo magro, as moscas.” (p.281)	02
16	“A fome faz o lobo sair do bosque.” (p.281)	01
17	“Cão faminto não tem medo de paulada.” (p.281)	01
Total		21

Fonte: *Os Malavoglia*, 2010. Elaborado pela autora 2018.

A partir da leitura dos últimos quatro quadros, entende-se que o zoomorfismo, como figura de linguagem dentro do Verismo, é muito importante. Quando utilizado em abundância, dentro dos provérbios, retrata as personagens em seus aspectos

<sup>62</sup> «Ah, Elias Portolu, tu mi fai ridere! Che animale sei tu? Sei una lepre? un gallo? una gallina? Una lucertola?» «Uomo mortale sono!»

desagradáveis e destorcidos, na maioria das vezes, cristalizando conceitos passados de geração em geração, conferindo a ideia de animalização do homem. Essa distorção traz à tona o pessimismo da gente da terra, que acredita que suas vidas devam ser reproduzidas da mesma forma como a de seus ancestrais. E é nesse contexto que a sacralização e a religiosidade da terra e das tradições toma fôlego, reproduzindo ritos e crendices há muito estabelecidas.

### 1.7 Pessimismo

De forma geral, os veristas, ao contarem a realidade, trazem-na com um profundo pessimismo, que faz perceber um imobilismo e uma estaticidade que não são afetados pelo tempo, pois suas personagens parecem permanecer sempre as mesmas. O que impera é a rotina, com os costumes e modos de ser indefinidamente estáveis, prevalecendo o lugar comum, a repetição e os provérbios.

Esse modo de ser estável é perceptível em um dos ditados proferidos por Padron 'Ntoni:

No plano da família, projetada materialmente na casa, o peso dos outros círculos parece mais duro, e cada um deve renunciar à própria veleidade para obedecer às normas e interesses do grupo. Aqui, o costume é zelo do nome, união, obediência aos mais velhos, aceitação da sorte, do papel e do lugar de cada um, como estatui um ditado referido por Padron 'Ntoni: **“Os homens são feitos como os dedos da mão: o dedão deve ser dedão e o dedinho deve ser dedinho”**. (CANDIDO, 1972, p. 97, grifos nossos).

Essa característica verista pontua a impossibilidade de mudança ao longo do tempo, na vida das personagens, cristalizando suas ações, e que se torna evidente na comparação dos homens aos dedos da mão, que serão sempre os mesmos, ou seja, o dedão deve ser dedão e o dedinho deve ser dedinho, portanto, o servo nunca será patrão.

Em *Os Malavoglia*, a impossibilidade de mudança de vida é clara desde o início, quando o chefe da família procura lucro fora da ocupação habitual, comprando a prazo tremoços estragados, para Bastianazzo vendê-los a um navio ancorado na região. Porém, o barco, nomeado “Providência”, naufraga, Bastianazzo morre, perde a carga e a família fica com a dívida, disseminando, entre os Malavoglia, a crença destorcida de que, ao mudarem de ramo, teriam sido castigados, ou seja, o império do pessimismo.

Desse modo, quando se fala do zoomorfismo, do pessimismo, dos modos de dizer, dos provérbios, dentro da literatura verista, entende-se que os autores pretendem, por meio das personagens, evidenciar a imitação da terra, da natureza, por parte desses, “para dar as suas criações a mesma variedade e riqueza das criações da *Natureza*” (CAPUANA 1898). E é esse que entendemos ser o foco da religiosidade verista.

### 1.7.1 Religiosidade

No sul da Itália, nas três últimas décadas do século XIX precisamente, em Nápoles, na Sicília e na Sardenha, a ficção contemplou o regionalismo e a rotina em suas narrativas, cujo enredo representou costumes e modos de ser estáveis, conforme pontua Antônio Candido (1972).

Como mencionado anteriormente,<sup>63</sup> os escritores dessa época, Verga, Capuana, De Roberto, Di Giacomo, Serao e Deledda, foram denominados veristas, porque, em alguma medida, representaram, em suas escritas, cenas da vida de suas terras, ou seja, do sul italiano, nas quais a miséria, o atraso, as dificuldades e as injustiças sociais se faziam presentes.

A terra, que é destacada pelos autores veristas, e aqui se torna relevante na obra de Deledda, é concebida, juntamente à família, como uma verdadeira religião, refletida em provérbios, modos-de-dizer, repetições, personagens identificadas por apelidos, bem como na sua comparação com animais. Tudo isso irá influenciar o modo de agir dessas personagens na comunidade, e, quem transgride essa rotina, se torna um profanador.

Essa profanação, segundo Agamben (2007), traduz-se pelo uso de algo até então considerado sagrado, e, portanto, separado da prática humana. Em *Elias Portolu*, pode-se entender que o protagonista, Elias, anuncia a profanação da terra desde o momento no qual é preso. Tirado de sua terra natal, a Sardenha, e encaminhado para a península, na qual cumpriu a condenação por um crime para o qual, segundo ele, foi arrastado pelas “más companhias”, já se vê efetivada uma ruptura com a terra e com a família.

Quando Elias retorna da penitenciária, ao se encontrar com a família e os vizinhos, percebe-se que ele já não tem mais o aspecto do homem sardo. Ele rompeu com a terra e, conseqüentemente, com o homem sardo, indicando o nascimento de um novo indivíduo que, de acordo com as regras por meio das quais sua família vive, agora

---

<sup>63</sup> Item 1.1 do Cap. I.

é um indivíduo profanado, ou seja, desvinculado da terra, que é a ligação sagrada entre os membros da família.

Assim, entendendo-se esse elemento como primordial para a compreensão da literatura deleddiana, faz-se necessária a apresentação, no segundo capítulo, da escritora verista e sua trajetória literária a partir da tradução da obra *Elias Portolu*.



## CAPÍTULO 2 - A DESCOBERTA DE *ELIAS PORTOLU* POR MEIO DA TRADUÇÃO

A escolha por *Elias Portolu* como texto central, na presente dissertação, deve-se não somente pela eleição do movimento literário, pois, até hoje, a crença no fato verídico é um tema instigante, mas também por seu caráter poético, que permeia o romance, despertando a curiosidade e desafiando o saber com referência aos aspectos da religiosidade constantes no livro, desde o primeiro contato que se teve com o texto, por meio da tradução do capítulo I da obra, a partir do Trabalho de Conclusão de Curso em 2015.

Consequentemente, teve-se o interesse por traduzir os demais capítulos dessa obra, envolvendo esta pesquisadora, ainda mais com as problemáticas evidenciadas pelo Verismo. O movimento tradutório possibilitou maior aproximação, não somente com o texto em epígrafe, bem como com a escrita deleddiana, permitindo melhor compreensão do universo italiano da Sardenha do final do século XIX. Por ser a tradução o ponto de partida, essa constará em apêndice. Convém por oportuno, ressaltar que as citações constantes nessa dissertação são oriundas da tradução elaborada por essa pesquisadora.

Igualmente, em estudos anteriores por nós realizados (2015), a escolha de *Elias Portolu* decorre de sua representatividade dentro da prosa deleddiana e, também, por tal obra não ter sido, ainda, traduzida no Brasil, permanecendo uma lacuna, entre os trabalhos publicados, com relação à análise desse romance. Dessa forma,

Ressalta-se que, o reconhecimento internacional em relação à Grazia Deledda ainda é relativamente pouco, e a autora é praticamente desconhecida em nosso país. Embora as narrativas da escritora tenham sido traduzidas para várias línguas, no Brasil, até o momento, conta-se apenas com as traduções de três obras<sup>64</sup>: *Nostalgie* (1905), *Canne al vento* (1913) e *Cosima* (publicado postumamente, em 1937). (ELIAS 2015, p. 13).

Ainda, por meio da análise da religiosidade da terra em *Elias Portolu*, pretende-se também entender melhor a constituição da personagem Elias, enquanto sujeito dentro da obra, perpassando o aspecto mitológico e religioso pelos quais a autora olha sua terra natal, privilegiando, entre outros, o cotidiano, cujo tempo deixa de ser histórico para ser geográfico, fixando-se pelo retorno das estações e seus trabalhos nos quais a

---

<sup>64</sup> A tradução desses títulos para o português, bem como seus tradutores, encontra-se na página 31.

narrativa recebe nuances além do regionalismo, segundo Antonio Candido (1972) e conforme descrição a seguir.

## 2.1 Sardenha — Vínculos com as obras de Deledda

A Sardenha<sup>65</sup>, cuja denominação oficial é Região Autônoma da Sardenha, desde 28 de fevereiro de 1948, possui um estatuto especial e é composta por oito províncias — dentre elas, Cagliari, sua capital. Ela é a segunda maior ilha do Mar Mediterrâneo. Rodeada por praias de água cristalina, muitas ilhas e ilhotas, possui clima mediterrâneo temperado, com verões quentes e secos e invernos instáveis e úmidos. Esse cenário foi palco de muitas das obras de Deledda.

Seu nome é derivado da palavra latina *Sardinia*, que faz menção às expressões ‘terra’ e ‘a ilha dos sardos’. Esse era o nome pelo qual a ilha era conhecida antigamente. Essa região deu a Deledda inspirações para a criação de seus textos, inclusive *Elias Portolu*, título que apresenta, em suas páginas, diversos traços geográficos e culturais dessa região italiana.

Deledda cresceu ouvindo lendas, conhecendo o folclore da Sardenha e os costumes de seu povo, os quais preservaram particularidades da cultura e temas locais desde os tempos antigos. Em sua literatura, ela retratou o folclore quase que como uma especialista e, sob a supervisão de Angelo de Gubernatis<sup>66</sup>, desenvolveu um projeto de pesquisa para a *Rivista delle tradizioni popolari italiane*<sup>67</sup>. Essa pesquisa resultou em publicações como *Tradizioni popolari di Nuoro* (1895), e, possivelmente, seus resultados tenham influenciado a autora na escrita de *Anime Oneste* (1894) e *La via del male* (1896).

Um aspecto que, provavelmente, tenha contribuído para a manutenção da cultura e dos costumes sardos, fato tão presente nas obras da autora, poderia ser a localização

<sup>65</sup> Com 24.090 km<sup>2</sup>, cinquenta e seis vezes maior, que a ilha de Santa Catarina (424,4 km<sup>2</sup>).

<sup>66</sup> Angelo de Gubernatis (Turim, Itália, 1840 – Roma, Itália, 1913). Literato italiano (ensinou latim, grego, italiano e sânscrito) e estudioso da língua indiana. Teve uma vasta produção, particularmente no âmbito do hinduísmo, mas a sua grande obra foi *Storia Universale della Letteratura*, em 18 volumes (1883 - 1885). Foi candidato ao Prêmio Nobel de literatura entre 1901 e 1965 (os indicados e outras informações sobre as indicações não podem ser divulgados até 50 anos depois, de acordo com as regras do Comitê do Nobel de Literatura). Além disso, fundou diversas revistas, entre elas a *Rivista delle tradizioni popolari italiane*. No livro *Grazia Deledda: a legendary life*, de Martha King, De Gubernatis é mencionado como velho amigo e “bom confessor” de Deledda (KING, 2005, p. 211).

<sup>67</sup> Revista das tradições populares italianas, cujo diretor foi Angelo De Gubernatis. Volume 1. Editora Forzani e c, 1893-1895.

estratégica na qual se encontra a Sardenha, no centro do Mar Mediterrâneo ocidental.

A Barbaglia, região em que nasceu Deledda, era considerada a mais selvagem e inacessível da ilha, alimentando o pavor vindo com os saques, mortes e doenças. Conforme Arrigoni (2015, p. 12), no prefácio do livro *Juncos ao Vento*, essa situação deu-se em decorrência das sucessivas invasões na ilha, desde as advindas por meio da civilização nurágica (2200 - 1500 a. C.), em cuja mitologia se encontram os heróis fundadores: Iolaus, Norax e Sardus (este último filho de Hércules, possivelmente uma das origens do nome Sardenha), passando pelos fenícios (IX - VII a. C.), cartagineses (348 a. C.) e romanos (227 a. C.), época na qual a Sardenha foi transformada em província e os habitantes locais viram-se obrigados a se refugiarem nas partes internas da ilha; como, por exemplo, Nuoro, na Barbaglia, dedicando-se ao pastoreio.

Dessa forma, em razão da singular localização geográfica que possui, seus habitantes, ao longo da história, viram-se obrigados a migrar para o interior do território sardo, desenvolvendo habilidades em torno da caça e do pastoreio, ao invés de concentrar toda produção local em atividades pesqueiras. Essa interiorização forçada diminuiu, mesmo que de forma singela, a influência de outras nações sobre eles, o que permitiu possivelmente a preservação de suas tradições.

Essas características tão peculiares são facilmente reconhecidas nos principais romances e contos deleddianos. A paisagem sarda se sobressai como elemento fundamental e a atmosfera de costumes arcaicos, com suas personagens mergulhadas em dramas passionais, familiares e morais, parece se entrelaçar com a paisagem árida dos campos e de suas vilas, conforme se pode observar no relato da novena à montanha de Lula pelos Portolu: Tio Berte, tia Annedda, Pietro, Elias, Mattia e Maddalena (futura esposa de Pietro).

Antes de partirem, tia Annedda e Elias foram assistir à missa na igreja do Rosário. Pouco antes que a missa começasse, chegou um homem, um camponês que seguiu até a frente de um altar e pegou um pequeno nicho de madeira e vidro, dentro do qual tinha um São Francisquinho. [...] Pouco depois, todos estavam a caminho. O Prior, um camponês ainda jovem, com a barba quase loura, montava um belo cavalo cinza, e levava o estandarte e o nicho com o Santo. Seguiam-no outros camponeses, com mulheres na garupa dos cavalos. Mulheres que cavalgavam sozinhas, mulheres a pé, crianças, carros, cães. Cada um, porém, viajava por sua conta, uns mais longe outros mais perto da estrada [...] Estava uma manhã belíssima. As imponentes montanhas, na direção das quais viajavam, surgiam azuis sob o céu ainda aceso pelas chamas violáceas da aurora. O vale selvagem do Isalle estava coberto de ervas e de flores. [...] Mas os

peregrinos tinham que subir as montanhas e deixaram para trás as planícies que conduziam ao mar. O sol começava a bater forte, e os cavaleiros rudes de Nuoro começavam a beber, para “refrescar a garganta”, parando de vez em quando os cavalos e inclinando seus rostos sob as abóboras esculpidas nas quais mantinham o vinho. Todos estavam muito alegres. (DELEDDA, 2015, p. 133, tradução nossa).<sup>68</sup>

Assim, como afirma Sapegno:

Nesta paisagem se identificam, com a sua naturalidade, as criaturas da terra: ovelhas brancas e lentas, potros selvagens, veados tímidos, cães e porquinhos de focinho astuto. E ainda se confundem as figuras humanas – nobres e servos; sacerdotes e bandidos — das quais se destacam, acima de tudo, a cor, o gesto pitoresco, a linha forte da atitude que se destaca contra um fundo de céu azul e de campos verdes, ou dos interiores pretos das casas. (SAPEGNO, 2007, p. XVI-XVII, tradução nossa).<sup>69</sup>

O convívio harmônico entre as figuras humanas e o ambiente por eles vivenciado, bem como entre as criaturas e a paisagem na qual estão inseridas, é uma marca da prosa de Deledda. Tal peculiaridade mostrou-se ainda mais forte na transição do século XIX para o século XX, coincidindo com o ápice de sua maturidade como escritora.

O detalhamento do meio, com paisagem e ambiente que descreviam a geografia sarda, e dos dramas vividos pelas personagens que, em não raras ocasiões, eram inspiradas em habitantes de sua terra natal, são explorados por Sapegno:

[...] o que, em primeiro lugar, impressiona o leitor é o motivo subjacente da paisagem e do ambiente: terrenos ásperos e solitários,

<sup>68</sup> *Zia Annedda ed Elias, prima di partire, andarono ad ascoltare la messa nella chiesetta del Rosario: poco prima che la messa cominciasse venne un uomo, un paesano, andò davanti ad un altare e prese una piccola nicchia di legno e vetro; dentro c'era un piccolo San Francesco: [...] Poco dopo tutti erano in viaggio. Il priore, un paesano ancor giovane, con la barba quasi bionda, montava un bel cavallo grigio, e portava lo stendardo e la nicchia: seguivano altri paesani, con donne in groppa ai cavalli; donne che cavalcavano da sole, donne a piedi, fanciulli, carri, cani. Ciascuno però viaggiava per conto suo, chi più in là, chi più in qua della strada. [...] Era un mattino bellissimo. Le forti montagne verso cui si viaggiava sorgevano azzurre sul cielo ancora acceso delle fiamme violacee dell'aurora. La valle selvaggia dell'Isalle era coperta di erbe e di fiori [...] Ma i viandanti dovevano salire le montagne e lasciarono di fianco le pianure conducenti al mare. Il sole cominciava a batter forte; e i rozzi cavalieri nuoresi cominciavano a bere, per «rinfrescare la gola», fermando di tratto in tratto i cavalli e arrovesciando il viso sotto le zucche incise dove tenevano il vino. Una grande allegria era in tutti.* (DELEDDA, 2007, p. 2).

<sup>69</sup> *In questo paesaggio s'immedesima, con la loro naturalità, le creature della terra: greggi candide e lente, selvatici puledri, timide cerbiatte, cani e porchetti dal muso arguto. E anche vi si confondono le figure umane – nobili e servi, preti e banditi – di cui risalta anzitutto il colore, il gesto pittoresco, la linea risentita dell'atteggiamento che si staglia su uno sfondo di cieli azzurri e di verdi praterie o di neri interni casalinghi.* (SAPEGNO, 2007, p. XVI-XVII).

arbustos e barrancos, bosques de sobreiros e tufos de figos da Índia, de zimbros e aroeiras; pastos desertos e montanhas que rejuvenescem na primavera, e, no inverno, se cobrem de neve, semelhantes a “filas de pombos adormecidos”; *tancas*<sup>70</sup> selvagens, “amarelas das palhas e do sol ardente”; currais alpestres, mosteiros e santuários; cabanas de pastores e casas pretas de colonos ou de proprietários de terras, com seus usos remotos e patriarcais; aldeias afundadas em uma atmosfera de civilização arcaica, fora do tempo, e pequenas cidades com suas vidas fechadas e cheias de paixões reprimidas e curiosidade cruel; amanheceres e entardeceres sempre novos e diferentes, que possuem a cor da natureza singular daquele lugar, do seu ar estupefato, do seu silêncio, e pálidos, fervilhantes de fantasmas e de duendes. (SAPEGNO, 2007, p. XVI).<sup>71</sup>

Em 1900, Deledda se casou com Palmiro Madesani, considerado um *istranzu*<sup>72</sup>, talvez por ter nascido em Mântua, na Lombardia, e não na ilha. Com ele teve dois filhos (Franz Madesani e Sardus Madesani), e mudou-se da Sardenha para Roma. Por consequência, tornou-se estrangeira aos olhos da população sarda. Conforme Hallengren (2002, p. 8), essa distância de Nuoro, província de seu nascimento, encorajou-a ainda mais a narrar os fatos – alguns verídicos, outros nem tanto – de seu povo, dando origem a diversas obras.

Após contato com as obras deleddianas, especificamente as traduzidas para o português de Portugal e do Brasil, observou-se a presença, em alguma medida, das características do Verismo, tais como: uso do dialeto e de regionalismos, a família como uma forma de religião, o zoomorfismo, o pessimismo e a religiosidade advinda da terra. Porém, essas serão mencionadas apenas superficialmente neste capítulo, uma vez que o objeto de análise desta pesquisa é o romance *Elias Portolu* que, no capítulo 3, será apresentado mais detalhadamente.

Assim, são elencadas as obras da autora, datadas de suas primeiras publicações,

<sup>70</sup> *Tanca* s.f. (pl.— *che*). Terreno fechado. Terra cercada, na qual os rebanhos pastam na Sardenha. Conforme o *Vocabolario sardo*, disponível em: <<http://vocabolariocasu.isresardegna.it/>>. Em *Elias Portolu*, o plural de *tanca* é grafado como sendo *tancas* e não *tanche* como no italiano. (CASU, 2011).

<sup>71</sup> [...] *quello che a tutta prima sovrasta nell'impressione del lettore è il motivo di fondo del paesaggio o dell'ambiente: brughiere aspre e solitarie, macchie e forre, boschi di sugheri e ciuffi di fichi d'India, di ginepri e di lentischi; pascoli deserti e montagne che rinverdiscono a primavera e nell'inverno si ammantano di neve, simili a "file di colombi addormentati"; tancas selvagge, "gialle di stoppie e di sole ardente"; ovili alpestri, eremi e santuari; capanne di pastori e nere case di contadini o di rustici signorotti, con le loro usanze remote e patriarcali; villaggi sprofondati in un clima di civiltà arcaica, fuori del tempo, e piccole città con la loro vita chiusa e irta di passioni soffocate e di crudele curiosità; albe e tramonti sempre nuovi e diversi, che prendon colore dalla singolar natura di quel paese e dalla sua aria stupefatta e dal suo silenzio, e pallide brulicanti di spettri e di folletti.* (SAPEGNO, 2007, p. XVI).

<sup>72</sup> Forestier, agg. e s.m. segundo o *Vocabolario Sardo*, significa: forasteiro, estrangeiro. Disponível em: <<http://vocabolariocasu.isresardegna.it/>>

e, seguidas das primeiras traduções<sup>73</sup>: *Depois do divórcio* (Turim, 1902 - Portugal, 2018), *Elias Portolu* (Turim, 1903 - Brasil, 2015, não publicada), *Cinzas* (Roma, 1904 - Portugal, 2018), *O Drama de Regina - Nostalgias* (Roma, 1906 - Brasil, 1932), *Claro - Escuro* (Milão, 1912 - Portugal, 1945), *Caniços ao Vento* (Milão, 1913 - Brasil, 1964), *Mariana Sirca* (Milão, 1915 - Portugal, 1944) e *Cosima* (Milão, 1937 - Brasil, 2005).

Tais livros despertaram não somente a curiosidade, com relação ao tema que seria abordado em seu interior, bem como o interesse por parte dessa pesquisadora, no que tange ao estilo narrativo da autora, especialmente no que se refere às características veristas, instigando-a à aquisição de todos os livros e consequentes leituras, mesmo que por fruição, para o devido mapeamento.

Tal mapeamento faz-se necessário tanto em decorrência da particularidade de cada obra, como da já anteriormente mencionada oscilação entre alguns movimentos literários, por parte da escritora.

## **2.2 Trajetória deleddiana: Brasil e Portugal**

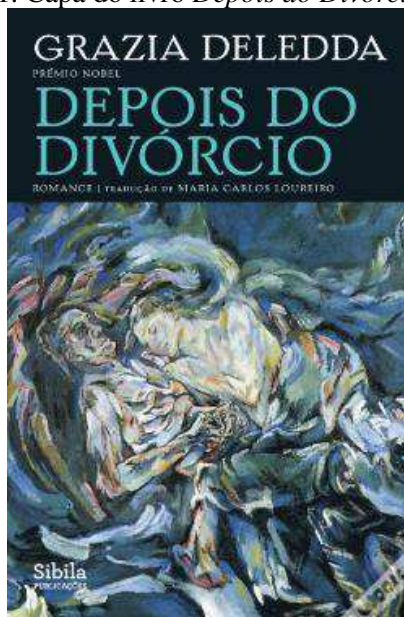
Como mencionado no item anterior, aqui serão apresentadas as primeiras traduções da autora no Brasil e em Portugal, buscando-se evidenciar, ao final desta breve apresentação, algumas das características veristas percorridas por Deledda.

---

<sup>73</sup> As referidas obras traduzidas, tanto para o português do Brasil como o de Portugal, são as que fazem parte do acervo particular desta pesquisadora.

O primeiro volume aqui apresentado é *Depois do Divórcio* (1902):

Figura 01. Capa do livro *Depois do Divórcio*. (2018).



Fonte: Elias (2019).

*Depois do Divórcio* foi publicado em 1902 em Turim, e, recentemente (2018) editado em português de Portugal, pela Sibila Publicações, em Lisboa. Esse romance aborda a temática do divórcio em Nuoro, Sardenha, antecipando em alguma medida o debate sobre o assunto que, em 1920, estará em plena ebulição e somente em 1970 será estabelecido legalmente na Itália.

O romance desenvolve-se em torno do divórcio de Giovanna Era e Costantino Ledda, casados apenas no civil, pois, por falta de recursos adiaram o da igreja. Quando suas vidas se separam, por conta da condenação de Costantino por um crime que ele não cometeu, ambos veem, nessa situação, um castigo. Giovanna, visando a própria sobrevivência, de seu filho e de sua mãe, vê-se obrigada a contrair novo matrimônio. Uma história de sofrimento, de renúncias e de esperas.

Já, em 1904, é a vez de *Cinzas*:

Figura 02. Capa do livro *Cinzas*. (2018)



Fonte: Elias (2019).

*Cinzas* é a segunda obra aqui apresentada, publicada em Roma em 1904, e, recentemente (2018) reeditada<sup>74</sup> no português de Portugal pela Sibila Publicações, em Lisboa.

O livro apresenta o problema da sedução, da gravidez e da expulsão da casa dos pais de uma jovem, chamada Oli, aos quinze anos, em Nuoro, Sardenha.

Quando nasce seu filho (Anania), Oli vê-se obrigada a abandoná-lo quando ele tem em torno de sete anos, à porta da casa do pai da criança, pois não possui meios para sustentar a si e ao filho. Este, apadrinhado por Daniel Carboni (patrão do pai), estuda e torna-se advogado, porém, a ideia de procurar sua mãe jamais o abandonou:

Continuava a pensar na mãe, e mil perguntas inquietantes o assaltavam. Para onde teria ela ido? Por que não entrara no lugar? Por que o havia abandonado e esquecido. Agora, que comera e estava quente, sentia-se tomado por uma vontade enorme de chorar, de fugir. Fugir! Ir à procura da mãe! Esta ideia invadiu-o e não o deixou mais. (DELEDDA, 2018, p. 42-43).

Anania, mesmo após ser deixado na casa de seu pai, nunca deixou de pensar em sua mãe e em reencontrá-la. Essa procura tornou-se uma grande missão, acompanhando-o até mesmo quando deixou Nuoro e foi estudar em Cagliari:

<sup>74</sup> Primeira publicação em 1946 pela editora Gleba.



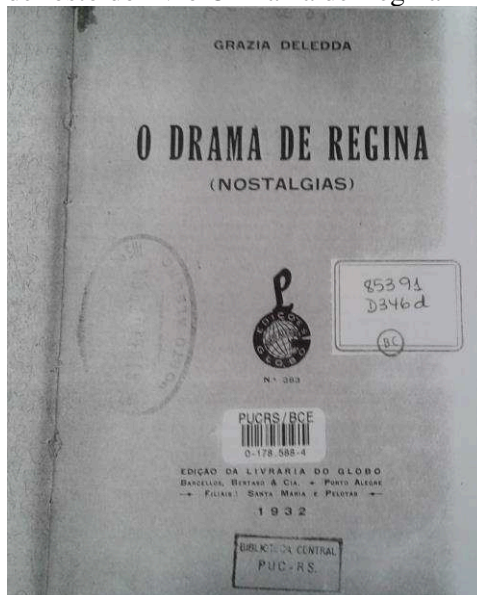
O pensamento de tornar a encontrar a mãe crescia e desenvolvia-se com ele, palpitava com seu coração, vibrava com seus nervos, corria com seu sangue; só a morte poderia desenraizá-lo, a esse pensamento, e era justamente na morte da mãe que ele pensava, quando desejava que o seu encontro nunca se realizasse; mas também esta solução se lhe afigurava uma grande cobardia. (DELEDDA, 2018, p. 102).

Deledda, ao apresentar a problemática do desencontro entre mãe e filho, apropria-se de uma das características do Verismo que é a família (entendida como um culto, uma religiosidade e um lugar de permanência), bem como do pessimismo, não somente presente no diálogo entre Daga e Anania, como também no título da obra, sugerindo que tudo é inútil, pois tudo se transforma em cinzas:

Sinto uma alegria semelhante à dor. Disse Anania. Daga não respondeu, mas, depois dum silêncio, disse: — Sinto que estou na lua. Não te parece que na lua se sentirão as mesmas coisas que se sentem neste grande mundo morto? (DELEDDA, 2018, p. 137).

Igualmente, em *O Drama de Regina – Nostalgias* (1906) tem-se o tema do adultério, porém, o destaque está no conflito interior travado pela protagonista.

Figura 03. Folha de rosto do livro *O Drama de Regina - Nostalgias*. (1932).



Fonte: Elias (2019).

Esse romance tem por protagonista Regina Tagliamari, mulher que viveu em constante diáspora. Saiu de sua terra, a aldeia C\*\*\*, para acompanhar o marido, Antonio Venutelli, segundo secretário do Ministério do Tesouro em Roma, filho de uma família de empregados públicos.

Quando em Roma, só pensa em sua aldeia C\*\*\*. Em visita a sua terra natal, pensa em Roma, vivendo, assim, como uma estrangeira onde quer que vá, e tendo como companheira constante a nostalgia.

O substantivo nostalgia é usado no sentido de aquela que sente falta, que, como o conceituado por meio do dicionário Houaiss<sup>75</sup> é: “Tristeza causada pela saudade de sua terra ou de sua pátria; saudade do passado, de um lugar e da ausência da família. Condição melancólica causada pelo anseio de ter os sonhos realizados”.

Por ocasião do nascimento de sua filha Catarina, Regina aquietar-se e desfrutar um pouco da alegria de se viver em Roma. Porém, acontece uma reviravolta em sua vida: ela se depara com o adultério de seu marido Antonio com “madame” Makuline, uma princesa russa, surda e velha porém riquíssima, que tinha, como amantes, homens jovens que lhe interessavam, e que, por dinheiro, se submetiam aos seus caprichos. Tal fato leva Regina a reviver uma passagem de sua infância, quando vê seu pai sendo acalentado por sua mãe em decorrência de ter-lhe traído, mas ele mostrava arrependimento e foi perdoado por essa.

Agora é Regina quem se sente chamada a perdoar, pois Antonio, apesar de ter praticado o adultério, ela, ao pensar na filha pequena e no futuro dessa, o perdoa.

Assim, como sua mãe tinha abdicado de seu orgulho, e perdoado seu pai, em favor dos filhos pequenos, ela também iria proteger Catarina e postergar seus sonhos. Pois “Agora compreendia bem a natureza do seu mal, vã aspiração de uma **pátria de sonhos** talvez perdidos para sempre”. (DELEDDA, 1932, p. 232, grifos nossos).

Regina estava em constante busca de compreender a vida, o que sentia e o que via, bem como, as pessoas ao seu redor e as relações sociais em sua aldeia C\*\*\* e em Roma. Alguns episódios de sua vida pareciam faltar-lhe, como que para montar o quebra-cabeça de sua existência. Algo não estava encaixando. Carecia dessas peças para trazer-lhe nitidez para a plenitude de sua existência. Ela passava por uma verdadeira crise.

Trata-se de um romance circular, cujo fio condutor da trama é os acontecimentos que giram em torno de Regina, e, não efetivamente assimilados, ao longo da vida por ela, e verbalizados por seu marido na expressão: “Raciocinas demais, Regina.” (DELEDDA, 1932, p. 254).

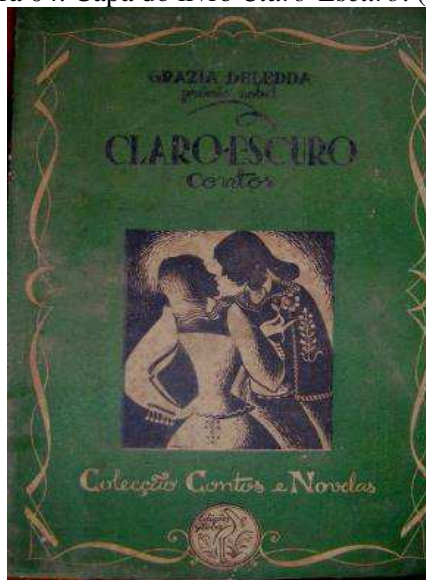
A autora, ao descrever as inúmeras reflexões da protagonista, também verbalizadas por Antônio, quando este diz que a esposa raciocina demasiadamente,

<sup>75</sup> Conforme <<https://www.dicio.com.br/nostalgia/>>. Acesso em 16/05/2019.

evidencia seus devaneios e, assim, o aspecto psicológico da personagem em seu conflito interior. Trata-se do único livro cuja ambientação não tem como cenário a Sardenha e sim Roma.

Em *Claro-Escuro* (1912), estamos de volta à Sardenha:

Figura 04. Capa do livro *Claro-Escuro*. (1945)



Fonte: Elias (2019).

É um livro de contos com um total de 24 histórias<sup>76</sup>, elencadas sequencialmente: *Claro-escuro*, *Os treze ovos*, *Um grito na noite*, *O javali*, *A porta aberta*, *A porta fechada*, *O Natal do Conselheiro*, *Quando sopra o vento levante*, *Páscoa*, *Os sapatos*, *No serviço do Rei*, *A excomunhão*, *O homem novo*, *Pegar ou largar*, *A corça*, *A raposa*, *A festa do Cristo*, *Um pouco a todos*, *Regresso*, *Vento áfrico*, *A mulher*, *Os três irmãos*, *A última* e *A vinha nova*.

Os temas abordados<sup>77</sup> oscilam entre: as trapaças, no conto *O homem novo*; as mentiras, no *Claro-escuro*; as traições, no *Um grito na noite*; os roubos, no *A porta aberta*; o castigo divino, no *A porta fechada*; os costumes e as tradições da terra em *Quando sopra o vento levante* e *Pegar ou largar*; a sorte e o azar em *Os sapatos*; os prisioneiros, em *No serviço do Rei*; os tesouros roubados, em *Pegar ou largar*; os adultérios, em *A corça*, *A raposa*, *A festa do Cristo*, *Regresso*, *Vento áfrico*, *A última* e *A*

<sup>76</sup> Originalmente continha o conto *Patroa e criados*, totalizando vinte e cinco. Porém, na edição de 1945, publicada pela Editora Gleba em 21/06/1945, esse foi excluído, conforme folha de rosto, do livro em epígrafe.

<sup>77</sup> De conteúdos variados são: *O javali*, *O Natal do Conselheiro*, *Páscoa*, *A excomunhão*, *Um pouco a todos* e *A vinha nova*.

*mulher* e por fim, os casamentos por interesse, em *Os treze ovos* e *Os três irmãos*.

No tocante às características veristas, tem-se: o zoomorfismo, os ditos populares e o pessimismo, sendo a família e o regionalismo intrínsecos à obra.

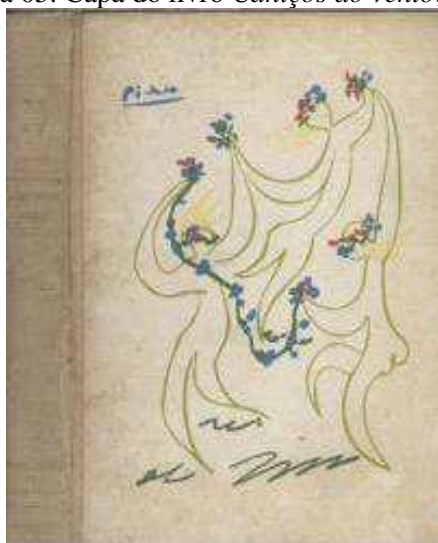
O zoomorfismo está presente nas comparações das personagens com animais por meio de algumas expressões como: “mostrando os seus alvos dentes de lobo” (p. 25); “meter-se com os estrangeiros, os velhos javalis” (p. 26); “olhos de gato” (p. 77) e a resposta do lavrador quando lhe perguntaram como ia sua vida: “Como a dos velhos falcões que perderam as garras” (DELEDDA, 1945, p. 83).

Os ditos populares apresentam-se em expressões tais como: “Há um dia também para os pobres” (p. 80) e “o homem quando é bonito não é bom” (p. 83). E, na ocasião em que almejavam prejudicar o outro, por meio dos encantamentos em: “Um tiro vos trespasse a touca a todas.” (p. 9); “Má fada vos empeça” (p. 166); “Raios o partam (p. 166)”, ou nos momentos nos quais a benção é invocada: “Que o Senhor lhe dê cem Natais” (DELEDDA, 1945 p. 83).

Cada conto narra uma história dos protagonistas, composta de dois lados: um sabido por todos e outro mantido em segredo por esses, somente revelado ao final. Os contos são compostos, portanto, por um jogo de luzes e sombras, a começar pelo primeiro, cujo título é: *Claro-escuro*. Nesse é narrada a história de Carlu, que mente sobre sua verdadeira identidade. Para o pai jura ser inocente de tudo que lhe acusam, mas, quando se encontra frente a frente com a morte, confessa ser o verdadeiro autor das acusações a ele dirigidas.

Seguindo, em 1913, têm-se *Caniços ao vento*:

Figura 05. Capa do livro *Caniços ao vento*, 1964.



Fonte: Elias (2019).

O livro aqui em questão narra a saga de Felix, servo da família Pintor, que, ao matar acidentalmente Dom Zame Pintor, quando da fuga de Lia Pintor, a terceira filha, se autopenitencia, e, assim, passa a cuidar das demais (Noemi, Ester e Rute), todas com nomes bíblicos. Tanto Felix, como as irmãs Pintor, são como caniços, pois, com a morte do progenitor, ficam à sorte dos ventos.

Tudo começa quando, após a morte de Dona Maria Cristina, Dom Zame, a exemplo dos antigos barões, guarda em casa, a sete chaves, suas filhas, a espera de maridos abastados, exigindo delas constante austeridade. Depois vem a ruína financeira e a fuga de Lia Pintor, que transtornou o pai, causando-lhe a morte.

Lia passa a viver em Civitavecchia, casa-se com um negociante de gado, e com esse tem um filho, ao qual dá o nome de Jacinto. Após a morte de seus pais, Jacinto manifesta o desejo de viver em Galte, terra natal de Lia, chegando a essa no dia da Festa de Nossa Senhora do Remédio.

Por sua beleza e pelo dinheiro que esbanja, desperta o desejo não somente na tia Noemi, que fica encabulada quando o aperta num abraço forte, como nas mulheres da aldeia, principalmente em Grixenda, filha de Pottói, vizinha das irmãs Pintor.

O dinheiro de Jacinto é adquirido por empréstimos, com notas promissórias entregues à usurária da aldeia, tia Kallina, contendo em uma delas a assinatura falsificada de sua tia Ester, com a qual se correspondia por cartas. Ele vai se endividando de tal forma que as tias são obrigadas a venderem o sítio cultivado por Felix, para o primo das Pintor, Dom Predu.

Com isso, Rute vem a falecer, Jacinto compromete-se em casamento com Grixenda e Noemi casa-se com Dom Predu, ficando o sítio em família. Felix, nas núpcias de Noemi, vem a falecer, obtendo sua libertação, ou seja, é absolvido de sua autopenitencia ao matar seu patrão com uma pedra, e Ester continua cuidando da casa. Indicam-se algumas das características veristas, na obra, por meio do zoomorfismo, do pessimismo e da religiosidade da terra.

*Mariana Sirca* (1915) é o próximo romance traduzido da autora:

Figura 06. Capa do livro *Mariana Sirca*. (1944)



Fonte: Elias (2019).

Narra a libertação da protagonista, Mariana Sirca (mulher de 30 anos que ainda não conhecia o amor), da opressão na qual foi criada. Após a morte de seu tio, que era padre, herda seus bens e deixa de ser, como dizia, “uma moeda no cofre” (DELEDDA, 1944, p. 123) e toma as rédeas de sua vida.

Mariana vai para o campo descansar e lá se encontra com seu antigo amor (platônico), Simão Sole, que foi seu criado quando criança e com quem intenciona se casar. Porém, seu pai, tio Berte, seu primo Sebastião e sua criada Fidela não aprovam o casamento e fazem de tudo para que esse não se concretize. O pai, em decorrência das questões financeiras, o primo por gostar de Mariana e a criada em defesa da honra e dos bons costumes.

A protagonista, então, foge ao encontro de seu amor, e, para que isso aconteça, diz em altos brados: “Eu é que mando em mim própria” (DELEDDA, 1944, p. 123).

No entanto, Sebastião, por ciúmes, um dia fica de tocaia e quando vê Simão se aproximar da casa de Mariana, no campo, dispara contra ele ferindo-o de morte. No seu leito de morte, Mariana e Simão se casam e o anel de casamento é um dos roubos de Simão, da igreja de Nossa Senhora dos Milagres.

Mariana, no entanto, devolve o anel à santa quando da romaria à sua igreja, ocasião na qual conhece o filho mais velho de um rico proprietário, que se interessa por ela e a pede em casamento. Pedido esse aceito.

Esse romance aborda diversas questões sociais: separação entre ricos, pobres e miseráveis; heranças mal distribuídas gerando inimizade entre famílias (p. 26); destino; bandidos; a figura do padre; o poder excessivo dos pais sobre os filhos; e do dinheiro como elemento de libertação à opressão exacerbada na qual viviam os que não o possuíam, corroborando, em alguma medida, o descrito por Serao, por meio do *Il ventre di Napoli*, no qual retrata a miséria e a ignorância do povo napolitano, conforme Candido (1972).

Com *Cosima* (1937), Deledda entra na esfera dos romances autoficcionais<sup>78</sup>:



Figura 07. Capa do livro *Cosima*, 2005.  
Fonte: Elias (2019).

*Cosima* trata-se de um livro autoficcional (ELIAS; DAL PONT & GASPARI, 2018), no qual a autora, narradora e protagonista é Grazia Deledda, que recorda sua história em diferentes fases, dando uma intensidade própria ao romance ao narrar os 29 anos passados em sua terra natal, Nuoro, na Sardenha.

Em *Cosima*, tem-se a reprodução dos acontecimentos desagradáveis mais relevantes referentes aos irmãos Santus, Andrea, Giovanna, Enza e Beppa.

<sup>78</sup> Segundo Doubrovsky: “Autobiografia? Não, isto é um privilegio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura a aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes e depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autoficção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer.” (apud FIGUEIREDO, 2010, p. 92).

O irmão mais velho, Santus, inicia-se no alcoolismo com direito a “delirium tremes” (DELEDDA, 2005, p. 112), após o insucesso de suas criações de balões voadores. O irmão Andrea, por sua vez, foi arrastado pelos amigos que praticavam roubos de galinhas, mais por fanfarronice que por malvadeza. Por este pequeno crime foi preso, condenado, matando de desgosto seu pai Antônio e, conseqüentemente, provocando a perda da prosperidade da família. Com a morte do pai, Andrea parece ter criado juízo. Passa a administrar o patrimônio da família, porém, sem deixar de aproveitar, gastando com jogos e mulheres. No final, resta apenas o suficiente para pagar os estudos de Santus e os impostos. (DELEDDA, 2005, p. 66).

Giovanna morre jovem, após uma nevasca que durou diversos dias, com chuvas torrenciais e rajadas de ventos. Enza, outra irmã, que sucumbe aos vinte e um anos de idade, após um aborto. Na ocasião, Cosima, com apenas quatorze anos, prepara o corpo da irmã falecida, antes mesmo de comunicar a morte à sua mãe, aos irmãos e ao marido de Enza, Gioanmario.

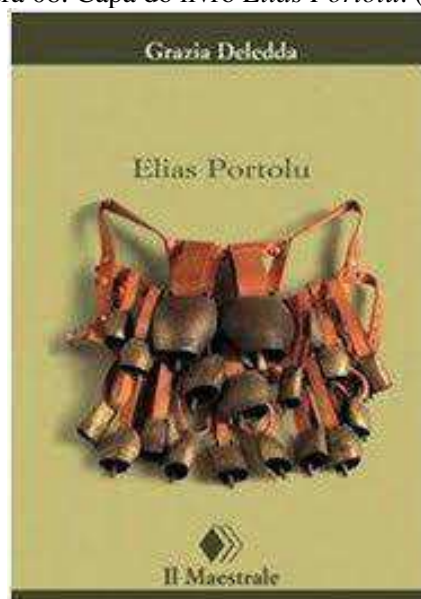
Beppa, por sua vez, foi ridicularizada depois da promessa fracassada de um pretendente, Francesco, pois este passou a exigir um dote superior às possibilidades da família, levando sua mãe ao desalento e a própria Beppa à humilhação. Cosima, sem saber como ajudar, se desespera. Sonha com sua avozinha que lhe diz ter vindo “só para um cumprimento e trago também lembranças de Francesco” (DELEDDA, 2005, p.153-157). Mais tarde, soube-se que, naquela mesma noite, um pouco antes do sonho de Cosima, o comendador Francesco (noivo de Beppa) tinha morrido de pneumonia. Assim, acudidos pela misericórdia divina, tudo foi aplinado.

Deledda, a partir da personagem Cosima, inicia sua autoficção, descrevendo com detalhes sua casa na aldeia. Igualmente retrata cada integrante da família: os pais, a avó e os irmãos, bem como empregados, visitantes e conterrâneos. Conta seus fascínios de menina, detalhando a despensa da casa de seus pais, os móveis diferentes, um prato de cristal, a neve, o primeiro amor e os lacres das cartas, comparando-os às pequenas hóstias. Narra, em alguma medida, como se tornou escritora. No desfecho, vislumbra esperança para sua vida futura, quando, ao ser hóspede de uma admiradora que dirigia uma revista literária em uma cidade junto ao mar, conhece o amor de sua vida, com quem se muda para Roma. Esta mudança torna-se o divisor de águas de sua existência.



Finalmente chega-se à publicação de *Elias Portolu*, em 1903:

Figura 08. Capa do livro *Elias Portolu*. (2015)



Fonte: Elias (2019).

O romance se desenvolve em torno de Elias, o segundo dos três irmãos Portolu, de Nuoro. Após retornar de um período na prisão, em uma penitenciária do continente, a personagem é permeada pelo desejo de começar uma nova vida. No entanto, enamora-se de sua cunhada, Maddalena, esposa de seu irmão Pietro, e, com ela, tem um filho (Berteddu), o que é mantido em segredo por eles. Atormentado e decidido a reparar esse erro, resolve se tornar padre. Mesmo assim, sua angústia aumenta ao ver Maddalena ser maltratada por seu irmão que, além de alcoólatra, tornara-se violento. Pietro morre de inflamação nos rins e, após algum tempo, vem a falecer o filho de Elias com Maddalena – momento no qual o protagonista finalmente entende ter recebido a absolvição em relação a seus pecados.

A inspiração para o protagonista Elias e para o livro como um todo parece ter sido fruto das vivências da autora, somadas ao seu conhecimento literário. Deledda narrou, provavelmente, a história de seu próprio irmão, Andrea, pai de um filho ilegítimo e que, como *Elias Portolu*, havia passado certo período de sua vida na prisão. Outro familiar da autora, que teria sido contemplado nessa obra, seria seu tio Don Ignazio, conhecido por ser um clérigo de pouca fé e que gostava de coisas mundanas (HALLENGREN, 2002, p. 8).

No romance aqui analisado, tem-se a sensação de cortes cinematográficos, pois, primeiramente foi publicado em revista, na forma de folhetim, apresentando assim

alguns traços técnicos típicos para essa modalidade, como os cortes de capítulos e divisão em fragmentos. Quando publicado em definitivo como livro, manteve o “corte”, que seria o mais indicado para uma nova concepção de leitura silenciosa, individual e mais contínua. O livro, já em novo formato, possui, ao todo, dez capítulos, que são identificados apenas com numeração, não possuindo títulos específicos.

No capítulo inicial (cap. I), são apresentadas as personagens que fazem parte da trama desenvolvida pela escritora. Na casa dos Portolu, temos o protagonista do romance, Elias Portolu, seus dois irmãos (Pietro e Mattia Portolu), seus pais Annedda e Berte Portolu. Também traz Maddalena Scada, a prometida em casamento de Pietro, tio Martinu e padre Porcheddu, estes últimos como confidentes e conselheiros de Elias.

Posteriormente (caps. II, III e IV), a narração envolve a preparação e a ida da família Portolu à igreja de São Francesco, em Lula, para cumprimento de uma promessa feita por Elias ainda na penitenciária. A história segue, com a possibilidade de o protagonista entrar para o seminário, misturada às desavenças entre ele, seu irmão e Maddalena, já exibindo um conflito de sentimentos experimentados pela personagem principal. Suas incertezas o levam ao encontro de Martinu Monne, um sábio do local, conhecido como “pai da selva”, que, vivendo fora da ambientação urbana de Nuoro, fez com que viessem à tona, na obra, as características da *tanca*, vegetação predominante na Ilha da Sardenha, local no qual são descritos os momentos confessionais e reflexivos mais expressivos de Elias ora abordados.

A chegada do verão, descrita pela autora no capítulo V, traz cores e vida à paisagem da *tanca*. Em tal capítulo, são relatadas as bodas de Pietro e Maddalena, e também o desconforto de Elias com esse casamento, haja vista a paixão secreta que nutre pela própria cunhada, sentimento que receia ser descoberto pelo pai.

No capítulo VI, a mudança de estação, do verão para o outono, detalhadamente descrita por Deledda, remete à transformação não somente do tempo e da paisagem, como também do comportamento das personagens, uma vez que Elias Portolu decide se tornar padre perto dos trinta anos, mas diz ter vocação desde menino. Passado o outono, inicia-se a estação mais fria do ano e, junto com ela, têm início as discussões entre Pietro e Maddalena, e o relacionamento extraconjugal dela com Elias. Percebe-se que, assim como a casa caiada de branco na chegada festiva da primavera vai amarelando com o passar das estações, a personagem Elias tem suas expectativas em declínio frente a situações adversas, fechando-se dentro de si mesmo, como o inverno.

Nos capítulos VII e VIII, é narrada a oficialização de Elias como futuro padre e

revelada a gravidez de Maddalena, que decide dar a notícia da gestação primeiro ao verdadeiro genitor da criança. No capítulo seguinte (IX), enquanto mergulhado nos estudos religiosos, Elias é informado sobre o nascimento de seu filho e a morte de seu irmão, Pietro.

No último capítulo (X), são narrados a ordenação sacerdotal de Elias e o falecimento de seu filho com Maddalena. Tais fatos denotam uma fusão de sentimentos, pois mesclam a tristeza da perda do filho com o alívio de não mais possuir pecados terrenos, já que a única prova da desvirtuação de sua conduta já não existia mais.

Mais do que a história de Elias, o livro traz uma Itália dividida, evidenciada tanto na grafia de *Sardos* e *Napolitanos*, em letras maiúsculas, remetendo, ao que tudo indica, à divisão política da península, bem como na palavra *Continentais*, contrastando com o abandono da Sardenha frente à importância que ela tivera outrora para a Unidade Nacional, já que o governo central nenhum interesse demonstrava pelos destinos da ilha, pois, de acordo com Murtas:

À queda de Roma marca o fim do poder temporal do Papa. O acontecimento deixou certa mágoa nas camadas populares da Sardenha, profundamente católicas, aumentando o descontentamento das massas para com o governo central, que, aliás, nenhum interesse demonstrava pelos destinos da ilha. Os românticos construtores da unidade italiana tinham lançado o *slogan*: “*L’Italia é fatta! Bisogna fare gl’italiani!*”, e o governo de Roma, todo entregue a esta nobre tarefa, esqueceu-se completamente da Sardenha e da importância que ela outrora, quando, como reino independente, fora a célula mater da Unidade nacional. (MURTAS, 1973, p. 30).

Com a leitura integral do livro, é possível perceber a influência política, sociocultural e econômica da terra natal de Deledda sobre sua literatura. Não apenas as personagens têm aspectos dos habitantes da ilha italiana, mas também a ambientação da trama e a paisagem nela descrita apresentam a geografia da Sardenha, palco do referido romance.

Igualmente, é necessário pensar que esse lugar, a Sardenha, que Deledda descreveu de forma poética e legendária, tornou-se parte dela, ou seja, sua religiosidade, representada pelo ambiente e seus moradores. Religiosidade entendida no sentido de uma forte relação com a terra, com as crenças populares e com a vida. Essa religiosidade é representada pelo ambiente. Por isso os sardos viveriam do que é

passado de pai para filho, indicando a recorrência dos problemas e das soluções, como se cada geração recomeçasse do mesmo ponto, conforme Antonio Candido:

A tonalidade dominante é, pois, de fechamento, e a composição afina por ela, sugerindo de vários modos o caráter cerrado do grupo e dos indivíduos. Daí uma estrutura circular que se manifesta em vários níveis, indicando a recorrência dos problemas e das soluções, como se cada geração recomeçasse no mesmo ponto, com o imobilismo das organizações sociais estagnadas, onde, para falar como Fernand Braudel, o tempo deixa de ser histórico para ser geográfico, definindo-se pelo retôrno das estações e seus trabalhos. (CANDIDO, 1972, P. 93).

Essa característica, além de outras marcas da literatura verista, será apresentada e discutida na próxima subseção.

### 2.3. Elementos veristas em Grazia Deledda

Segundo já exposto no capítulo anterior, o movimento literário dos veristas se destaca por algumas características, como: a família como uma forma de religião, o zoomorfismo, a religiosidade advinda da terra e o pessimismo.

Levando-se em consideração os escritos de Deledda e suas respectivas traduções, identificam-se, em diversas de suas obras, traços desse movimento e, a título de exemplificação, elencam-se algumas passagens que podem auxiliar na compreensão desse tipo de construção literária, tão valorizada e destacada por Grazia Deledda.

Das características do Verismo, em *Depois do divórcio*, ressalta-se a família como religião, perceptível quando do diálogo entre tia Porredda e Giovanna:

O meu Costantino, o meu Costantino [...], tu estás morto para mim, nunca mais te volto a ter, nunca mais. Aqueles **cães raivosos** apanharam-te e prenderam-te, não te deixaram ir embora. A nossa casa vai ficar deserta, e a cama ficará fria, e **a família vai dissolver-se**. (DELEDDA, 2018, p. 15, grifos nossos).

A autora, por meio da personagem Giovanna, pontua a vida que levará após a prisão do marido, o único provedor da família, entendendo-se família como lugar de pertencimento.

Do mesmo modo, em *Cinzas*, tem-se a família, porém, dessa vez, Deledda dá destaque à relação entre mãe e filho.

Outra característica importante do Verismo é o zoomorfismo, presente em *Caniços ao vento*, que está nas expressões em destaque, as quais descrevem o comportamento humano igual ao do animal: “Tia Noemi! Tinha os olhos de um gato danado” (p. 108), “Então Felix pulou, cravou-lhe as mãos em garra nos ombros” (p. 116), “Jacinto teve a sensação de estar sendo assaltado por um abutre” (p. 116), e “Dobrado sobre si mesmo como um animal doente” (DELEDDA, 1964, p. 125).

Essa característica também é encontrada na obra *Mariana Sirca*, quando a autora quer evidenciar o aprisionamento no qual se encontra a personagem Mariana ao compará-la ao passarinho na gaiola: “E Mariana obedecera. Sempre obedecera, desde quando, ainda criança, a tinham pôsto, como um **passarinho na gaiola**, em casa do tio, a espalhar a alegria e a luz da sua infância em volta do tristonho sacerdote, na mira de sua possível herança.” (DELEDDA, 1944, p. 14, grifos nosso).

Além dessa característica, *Mariana Sirca* trás a religiosidade da terra, na qual a autora, por meio de suas personagens, enfatiza as questões relativas ao pertencimento à terra e ao destino: “O interesse é de sangue: afinal são propriedades tuas.” (1944, p. 128) e “É preciso sermos pobres e sermos forçados ao trabalho para moer bem os dias da vida.” (1944, p. 129), pois o sangue é o elemento primordial de identificação familiar e a crença no destino uma característica da religiosidade da terra.

Do mesmo modo, em *Caniços ao vento*, tem-se a religiosidade da terra, presente na crença popular do poder advindo dos livros religiosos: “[...] recorria o boato, pela mudança de comportamento amável de Dom Predu, que ele fosse ‘tocado a livro’, isto é, enfeitado por algum ‘serviço’ feito com os livros sagrados” (DELEDDA, 1964, p. 159).

Outra obra da autora que tem essa característica é *Claro-Escuro*, quando os aldeões tomam partido sobre um roubo ocorrido na casa paroquial, em *A porta aberta*, leva a crer que esse se vincula à religiosidade da terra, pois a discussão, em torno do assunto, está fortemente ligada à crença popular em detrimento à solução do problema: “[...] num ápice, a aldeia tôda foi como que invadida por um vento de escândalo [...] os vizinhos, porém, ou melhor, as famílias da terra, dividiram-se em dois partidos. Os homens defendiam Basília, [...] mas, as mulheres comentavam, zombeteiras.” (DELEDDA, 1945, p. 50-51).

Das características veristas mais presente na escrita deleddiana é o pessimismo, presente em *Mariana Sirca*, quando da resposta de Mariana à criada, acerca do homem certo e da visão de vida, quando a autora descreve os sentimentos de Mariana com

relação a esses, que mais pareciam uma prisão: “[...] nem sequer faltava à custódia inexorável, a criada Fidela, de chaves à cinta e olhos de espia. Aliás, na vida, todos estamos assim, num cárcere, a espiar a própria culpa de viver, ou nos conformamos ou quebramos as grades [...]”. (DELEDDA, 1944, p. 43).

Essa característica é contemplada também em *Claro-Escuro*, quando da descrição do pensamento de Giuseppe sobre a vida: “Mas Giuseppe pensava que, para ele, já não existiam festas: a vida, para ele, era tôda uma quaresma” (DELEDDA, 1945, p. 140), bem como, em *Caniços ao vento*, quando a autora salienta a melancolia de Noemi ao contemplar a natureza, por ocasião de seus afazeres domésticos:

Mas ela ficava a estender com capricho a colcha e parecia que se demorava de propósito a olhar o panorama, à direita e à esquerda, ambos de uma beleza melancólica, com a planície arenosa sulcada pelo rio, por fileiras de choupos e de amieiros e salpicada de matas de juncos e eufórbios; com a basílica enegrecida cercada de sarças, o antigo cemitério coberto de grama verde, em que, como margaridas, afloram os brancos ossos dos mortos, e, no fundo, o morro com as ruínas do Castelo. (DELEDDA, 1964, p. 214).

Do mesmo modo, em *O drama de Regina – Nostalgias*, tem-se o pessimismo, porém, dessa vez, o destaque está na falta que Regina sente da terra natal acompanhada de melancolia.

Pensando-se, então, nesta visão pessimista, retorna-se à cultura sarda e a suas especificidades. De acordo com alguns historiadores e críticos literários italianos, os sardos, representados nas obras deleddianas, são conhecidos por sua natureza selvagem<sup>79</sup>, no que corrobora Russo<sup>80</sup> (1951, p. 191), quando se refere à matéria prima de Deledda como sendo a de “um mundo bárbaro elementar e místico, psicologicamente remoto [...] que passou pela experiência do nosso realismo nacional e do romantismo religioso dos russos [...]”<sup>81</sup>. Devido às constantes batalhas que enfrentaram, decidiram

<sup>79</sup> O referido adjetivo é recorrente na literatura deleddiana, em seu original: *selvaggio*, traduzido para o português como selvagem, tanto do Brasil como de Portugal, razão pela qual é nessa dissertação reproduzido.

<sup>80</sup> Luigi Russo - crítico literário italiano (Delia, Itália, 1892 - Marina di Pietrasanta, Itália. 1961). Entre suas obras destaca-se: *Metastasio* (1915); *Giovanni Verga* (1919); *Salvatore Di Giacomo* (1921); *I narratori* (1923); *Francesco De Sanctis e la cultura napoletana* (1928); *Problemi di metodo critico* (1929); *Elogio della polemica* (1933); *La critica letteraria contemporanea* (3 voll., 1942 - 1943); *Machiavelli* (1945); *Ritratti e disegni storici* (4 voll., 1946 - 1951); *Storia della letteratura italiana* (vol. I, 1957); *Carducci senza retorica* (1957); *Il tramonto del letterato (raccolta di saggi, 1960)*. Conforme <<http://www.treccani.it/enciclopedia/luigi-russo/>>. Acesso em 05/06/2019.

<sup>81</sup> *un mondo barbaro elementare e mistico, psicologicamente remoto, [...] che sia passato attraverso la posteriore esperienza del realismo nostrano e del romantismo religioso dei russi.* (RUSSO, 1951, p. 191, tradução nossa).

migrar para o interior de sua ilha a fim de não mais vivenciarem as disputas frequentes na área costeira. Essa mudança geográfica parece ter despertado ainda mais o lado arcaico dos habitantes, pois, utilizando a caça como principal atividade, aproveitavam tudo o que um animal abatido podia lhes oferecer – inclusive partes como intestino, cérebro e coração.

Esse aspecto rústico dos sardos, relatado por Deledda, está presente também no romance *Elias Portolu*, não somente no ambiente físico, a *tanca*, mas também quando Elias, ao sentar-se com sua mãe em um dos bancos rústicos de pedra no pátio, após ter bebido vinho, sente o sangue correr quente em suas veias com um prazer excessivo e primitivo:

Depois do jantar, tia Annedda pode finalmente estar com Elias, ambos sentados no frescor do pátio. O portão aberto, o caminho deserto. Parecia uma noite de verão, silenciosa, com o céu diáfano, florido de estrelas puríssimas. Atrás das hortas, atrás da estrada, ao longe, se ouvia o tilintar prateado de ovelhas no pasto, vinha pelo ar um perfume de erva fresca cítrica. Elias respirava aquele perfume, aquele ar puro, com as narinas dilatadas, com um instinto de volúpia selvagem. Sentia o sangue escorrer quente nas veias, e a cabeça oprimida por um peso agradável. Tinha bebido e se sentia feliz. (DELEDDA, 2015, p. 122, tradução nossa).<sup>82</sup>

Em outra passagem, quando um homem de Orune é descrito, a mesma característica selvagem é constatada:

Um **homem alto, rígido, robusto, com uma barba cinza** — avermelhada, **uma espécie de gigante**, caminhava lentamente, quase majestosamente, pelo bosque. Elias logo o reconheceu: era um homem de Orune, um sábio selvagem, que vigiava a imensa *tanca* de um proprietário de terras de Nuoro, para que não tirassem sem sua permissão a cortiça das árvores. Elias conhecia desde menino aquele **homem gigantesco, que não ria nunca** e talvez por isso gozasse de certa fama de sábio. Chamava-se Martinu Monne, mas todos o chamavam de “pai da selva” (*ssu babbu'e ssu padente*), porque ele contava que, **depois da infância, não tinha dormido uma única noite no povoado**. (DELEDDA, 2015 p. 130, grifos e tradução

---

<sup>82</sup> *Dopo cena zia Annedda poté finalmente trovarsi con Elias, seduti entrambi al fresco nel cortile. Il portone aperto, il viottolo deserto: sembrava una notte d'estate, silenziosa, col cielo diafano fiorito di stelle purissime. Dietro gli orti, dietro lo stradale, in lontananza, si sentiva uno scampanio argentino di pecore al pascolo; veniva nell'aria un aspro profumo d'erba fresca. Elias respirava quel profumo, quell'aria pura, con le narici dilatate, con un istinto di voluttà selvaggia: sentiva il sangue scorrer caldo nelle vene, e il capo oppresso da un piacevole peso. Aveva bevuto e si sentiva Felice.* (DELEDDA, 2007, p. 18).

nossa).<sup>83</sup>

A personagem Martinu Monne parece representar os sardos que migraram da área costeira da Sardenha para o interior da ilha, tendo suas características selvagens evidenciadas em seu aspecto físico: homem gigantesco, barba cinza e que nunca ria.

Além dessas características de rudeza, que parecem ser intrínsecas aos sardos, as cores também são muito presentes nessa obra de Deledda. As particularidades geográficas da Sardenha, em especial o fato de ela ser banhada pelo Mar Mediterrâneo, conferem a tal região italiana uma paleta de cores ímpar, mesclando mar e céu. Essa atmosfera é revelada quando da menção do tom de pele, olhos e barba das personagens, *bronzino, rozzo-bronzino, azzurri-verdognoli e grigio-rossastra*:

Os dois jovens se pareciam muito: baixotes, robustos, barbudos, com o rosto atrigueirado e com longos cabelos pretos. Também tio Berte Portolu, a velha raposa, como o chamavam, era de estatura pequena, e com uma cabeleira preta e embaraçada que caía até seus olhos vermelhos adoentados, e, sobre as orelhas, ia se confundindo com a longa barba preta, não menos embaraçada. Vestia um traje bem sujo, com uma longa jaqueta preta sem mangas, de pele de carneiro, com lã por dentro; e, entre toda aquela pele preta, se entreviam apenas as mãos enormes de um vermelho-atrigueirado. No rosto, um grande nariz igualmente vermelho-abronzeado. (DELEDDA, 2015, p. 122, tradução nossa).<sup>84</sup>

Porém, a significativa presença das cores da Sardenha na produção de Deledda não está restrita à geografia e à forma física das personagens. Elas também aparecem nas menções ao vinho produzido na ilha. De coloração forte, a bebida proveniente dos vinhedos, desde os tempos antigos, é protagonista, juntamente com o povo sardo, de muitas histórias. Os fenícios, que passaram pelo território, introduziram as variedades de uva Nuragus e Grenache<sup>85</sup>. Os romanos desenvolveram os tipos Moscato e

<sup>83</sup> *Un uomo alto, rigido, grosso, con una barba grigio-rossastra, una specie di gigante, camminava lentamente, quasi maestosamente, sotto il bosco. Elias lo riconobbe subito: era un uomo d'Orune, un selvaggio sapiente, che vigilava l'immensa tanca d'un possidente nuorese, perché non estraessero di frodo il sughero dei soveri. Elias conosceva sin da bambino quell'uomo gigantesco, che non rideva mai e forse per ciò godeva una certa fama di saggio. Si chiamava Martinu Monne, ma tutti lo chiamavano il «padre della selva» (ssu babbu 'e ssu padente), perché egli raccontava che, dopo la sua infanzia, non aveva dormito una sola notte in paese.* (DELEDDA, 2007 p. 22-23).

<sup>84</sup> *I due giovanotti si rassomigliavano assai; bassotti, robusti, barbuti, col volto bronzino e con lunghi capelli neri. Anche zio Berte Portolu, la vecchia volpe, come lo chiamavano, era di piccola statura, con una capigliatura nera e intricata che gli calava fin sugli occhi rossi malati, e sulle orecchie andava a confondersi con la lunga barba nera non meno intricata. Vestiva un costume abbastanza sporco, con una lunga sopraggiacca nera senza maniche, di pelle di montone, con la lana in dentro; e fra tutto quel pelame nero si scorgevano solo due enormi mani d'un rosso-bronzino, e nel viso un grosso naso egualmente rosso-bronzino.* (DELEDDA, 2007, p. 7).

<sup>85</sup> Uvas Nuragus (branca), Cannonau (tinta, mais conhecida como Grenache), Moscato (branca) e Apesorgie (amarelo-esverdeada).



Apesorgie.

A importância dessa bebida, localmente produzida, também é mencionada em *Elias Portolu*, quando a autora trata dos efeitos que o vinho causa na personagem:

Talvez fosse o vinho que, ao fermentar em seu sangue, dava-lhe um pouco de febre. Lembrava todos os acontecimentos do dia, mas tinha a impressão de ter sonhado, de ainda estar *naquele lugar* e de sentir uma profunda dor. (DELEDDA, 2015, p. 129, tradução nossa).<sup>86</sup>

Além das características já citadas, como natureza selvagem, cores e vinho, Deledda levou ainda mais da Sardenha para sua obra, conforme se verifica nas palavras de Schück:

Nos romances de Grazia Deledda, mais do que na maioria dos demais autores, homens e mulheres formam um todo. Poder-se-ia mesmo dizer que os homens são como plantas brotadas do próprio solo da Sardenha. Na maioria são pessoas do povo, simples, possuindo um modo primitivo de pensar e agir com algo da grandeza da natureza sarda. (SCHUCK, 1973, p. 19).<sup>87</sup>

Parafraseando Antonio Candido (1972), mais que uma realidade topográfica, homens e mulheres consubstanciam o correspondente geográfico do grupo, ou seja, a religiosidade da terra, percebida não como símbolo, mas como qualidade do que pertence à substância ou essência de algo, imanência.

Esta breve análise nos possibilita verificar que os elementos singulares dessa região italiana são fundamentais para a produção textual da autora.

No próximo capítulo, apresenta-se a análise da obra *Elias Portolu*, com o intuito de mapear as marcas de religiosidade presentes na referida obra, ou seja, os sonhos, os desejos e as premonições do protagonista, bem como as rezas de sua mãe. Marcas essas que se evidenciam como objeto central da presente pesquisa.

---

<sup>86</sup> *Forse era il vino che fermentandogli nel sangue gli causava un po' di febbre. Ricordava tutti gli avvenimenti della giornata, ma gli pareva di aver sognato, di trovarsi ancora in quel luogo e di provarne un cupo dolore.* (DELEDDA, 2007, p. 22).

<sup>87</sup> SCHÜCK, Henrik. Discurso de Recepção: a Grazia Deledda. In: DELEDDA, Grazia. **Caniços ao vento**. Rio de Janeiro: Ed. Opera Mundi, 1973.

### **CAPÍTULO 3 - RELIGIOSIDADE EM *ELIAS PORTOLU*: A FAMÍLIA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PERSPECTIVA VERISTA**

Como já mencionado na introdução desta pesquisa, o objetivo principal deste trabalho é a análise dos aspectos da religiosidade verista (terra e família) na obra *Elias Portolu* (1903), da escritora italiana Grazia Deledda, partindo da tradução integral do texto em questão.

No sul da Itália, nas três últimas décadas do século XIX, precisamente, em Nápoles, Sicília e Sardenha, a ficção contemplou o regionalismo e a rotina em suas narrativas, cujo enredo representou costumes e modos de ser estáveis, conforme pontua Antônio Candido (1972).

Como mencionado no capítulo 1, os escritores dessa época, Verga, Capuana, De Roberto, Di Giacomo, Serao e Deledda, foram denominados em alguma medida veristas porque representaram, em suas escritas, cenas da vida de suas terras, ou seja, do sul italiano, nas quais a miséria, o atraso, as dificuldades e as injustiças sociais se faziam presentes.

A terra, que é destacada pelos autores veristas e que se torna relevante na obra de Deledda, é concebida, juntamente à família, como uma verdadeira religião, refletida em seus provérbios, modos de dizer, repetições, personagens identificadas por apelidos, bem como na comparação destes com animais, que irão influenciar o modo de agir da comunidade. A transgressão efetivada nesse modo de agir, ou seja, o uso de algo até então considerado sagrado, e, portanto, separado da prática humana, é considerado por Agamben (2007) como uma profanação.

Em *Elias Portolu*, pode-se entender que o protagonista, Elias, anuncia a profanação da terra a partir do momento de sua prisão, quando é tirado de sua terra natal, a Sardenha, e encaminhado para a península, onde cumpriu a condenação por um crime para o qual, segundo ele, foi arrastado pelas “más companhias”, constituindo a ruptura com a terra e com a família.

Quando Elias retorna da penitenciária, e se encontra com a família e os vizinhos, percebe-se que ele não tem mais o aspecto do homem sardo, pois se diferencia dos demais, não somente quanto ao aspecto físico (o rosto e as mãos brancas), como pela linguagem exótica (meio italiano e meio dialeto). Esse novo aspecto concede a Elias o rompimento com a terra e com o homem sardo, indicando o nascimento de um novo indivíduo.

Buscando identificar e esclarecer esta profanação, que se origina na sacralidade da terra e da família, apresentam-se, a seguir, os elementos de religiosidade identificados em *Elias Portolu*, conforme a perspectiva verista, ou seja, a família e a constituição do sujeito que estão intrinsecamente ligados à terra como religião.

### 3.1 A terra como religião

A obra *Elias Portolu* insere-se dentro da perspectiva verista ao privilegiar a descrição de ambientes de uma comunidade pequena, Nuoro, na província do sul da Itália, especificamente Barbaglia, na Sardenha, na qual prevalecia o atraso econômico e o abandono por parte do governo italiano, abordando a vida simples do camponês dessa região, no final do século XIX.

A autora, ao narrar a simplicidade do povo sardo, faz uso dos elementos culturais regionais para descrever seus costumes e modos-de-ser, que se identificam como muito estáveis, o que ressalta uma das características do Verismo. Para isso, ela se utiliza do artifício dos provérbios, das repetições, dos modos de dizer, dos epítetos e, por fim, do zoomorfismo, para a construção de suas personagens, consubstanciando-se, assim, a religiosidade da terra, entendida como a forte relação dessa com suas crenças populares e a vida de seu povo.

Quanto ao zoomorfismo, destaca-se, novamente, o registro dos seguintes animais: ovelhas, gato, leões, raposa, pombos, pintinho, galo, passarinho, touro, potro, lagartixa, lebre, galinha e cordeiro. Tal menção é efetuada, tanto pelas personagens quanto pela autora enquanto narradora, com o intuito de estabelecer, entre o animal e o humano, uma relação de semelhança. Tal equiparação decorre, possivelmente, da dificuldade das personagens de expressarem seus sentimentos por meio de palavras.

Além da comparação aos animais, as descrições também se utilizavam de elementos da natureza para se efetivarem, já que estes eram os pontos de referência quase que exclusivos da gente daquelas regiões. Maria Maddalena Scada é assim traçada por tio Portolu: “Uma rosa, uma joia, uma palma! Ela costurava e bordava, era boa dona de casa, honesta, bonita, boa, bem de vida” (p. 3). Já por tia Annedda como: “morena, mas é graciosa. Além disso, é muito sábia e [...] parece modesta” (p. 7), e pela narradora como:

[...] no meio deles a luminosa figura de Maria Maddalena. Elias sentiu um golpe no coração. Padre Porcheddu estalou a língua contra o palato e ficou quieto, não encontrando palavras para expressar a sua admiração. E ele que dizia que entendia dessas coisas! Maddalena não era muito alta, nem verdadeiramente bela, mas agradabilíssima. Ágil, com uma finíssima pele moreno-rosada, uns olhos brilhantes sob umas sobrancelhas espessas, e uma boca sensual. O espartilho vermelho-escarlata aberto sobre a camisa branca, o lencinho florido de orquídeas e de rosas, tornavam-na deslumbrante. Em meio às rudes figuras de Pietro e de tio Portolu, ela parecia a graça entre a força selvagem. De perto, seus olhos brilhantes, de grandes pálpebras, de longos cílios, um pouco oblíquos e semicerrados, um pouco voluptuosos, fascinavam no verdadeiro sentido da palavra. (DELEDDA, 2015, p. 137, tradução nossa).<sup>88</sup>

Parafraseando tio Portolu, não havia outro casal igual em Nuoro, pois o perfil traçado, tanto para Elias quanto para Maria Maddalena Scada, foge aos esperados para o do povoado, para o qual a mulher seria a primeira a ser enquadrada nos costumes que, desde sempre, espera-se que elas sigam, sendo submissas e se dedicando aos afazeres domésticos, e não sendo deslumbrantes e luminosas.

Tal estranheza, com relação às descrições dos protagonistas, talvez se justifique quando se pensa em um romance cujo ambiente é real, um povoado cuja cultura é extremamente fechada e a história uma ficção, na qual a escritora sinaliza que, talvez, Elias se encontre em um processo de não pertencimento à terra natal e seus costumes. O estranhamento do casal que levaria à profanação, ao desvincular-se da terra e de suas tradições. A descrição das personagens parece trazer à narrativa o prenúncio do desfecho trágico, da punição àqueles que fogem às normas sacralizadas da terra.

No romance *Elias Portolu*, tem-se uma obra de ficção que, como tal, apresenta algumas contradições. Na narrativa, são percebidas duas realidades diversas: a primeira é a história ambientada entre os pastores de ovelhas de Nuoro, na qual a cultura da terra é exaltada; a segunda é a do casal protagonista, que apresenta um movimento crescente de não mais pertencerem à terra, pois Elias, ao viver afastado de sua terra, durante o período no qual esteve preso no continente, em alguma medida, distancia-se de suas raízes, e Maddalena é a personagem que vai reforçar, ainda mais, a ruptura com a terra,

<sup>88</sup> [...] e in mezzo a loro la luminosa figura di Maria Maddalena. Elias sentì un colpo al cuore. Prete Porcheddu schioccò la lingua sul palato, e stette zitto, non avendo termini per esprimere la sua ammirazione. E sì che lui diceva d'intendersene! Maddalena non era molto alta, né veramente bella, ma piacentissima, svelta, con una finissima carnagione bruno-rosea, gli occhi lucenti sotto le folte sopracciglia, e la bocca sensuale. Il corsetto rosso-scarlato, aperto sulla candida camicia, e il fazzoletto fiorito d'orchidee e di rose, la rendevano abbagliante. Tra le rozze figure di Pietro e di zio Portolu ella sembrava la grazia tra la forza selvaggia. Da vicino i suoi occhi lucenti, dalle grandi palpebre, dalle lunghe ciglia, un po' obliqui e socchiusi, un po' voluttuosi, affascinavano nel vero significato della parola. (DELEDDA, 2007, p. 37-38).

levando-o à profanação dessa, através do desejo do proibido, que culmina no adultério. Porém, para as demais personagens, a conexão entre o elemento humano e o animal continua sendo forte como característica importante para transcrever a cultura regional.

Da mesma forma que as personagens são comparadas aos animais, a autora se utiliza dos epítetos ou da redução do nome próprio dessas, empregando vocábulos para expressar as características que mais se sobressaem e representem aquele indivíduo, conforme se pode constatar nas expressões: para tio Portolu, “a velha raposa” (p. 122), devido à idade avançada e à experiência; para tio Martinu Monne, “o pai da selva” (p. 130), porque ele contava que, depois da infância, não tinha dormido uma única noite no povoado; para o padre Jacu Maria Porcu, “padre Porcheddu” (p. 136), porque era de estatura baixa; e, para Pietro, Prededdu (Pedrinho - p. 123), pois assim era chamado afetuosamente por seu pai. Relativo à diminuição de nomes, temos de Jacu Farre para Farre e, por fim, Fà, e, para tia Annedda, tia Annè. (DELEDDA, 2015).

Como já mencionado anteriormente, os modos-de-dizer e as repetições são características veristas e estão intrinsecamente ligadas à religiosidade da terra. Essas também são usadas como artifícios pela autora para melhor descrever a cultura sarda. Alguns modos-de-dizer mais frequentes em *Elias Portolu* são: “moças que frequentavam a igreja” (p. 123), “fantoche de queijo fresco” (p. 141), “vida é como uma novena curta” (p. 122), “os anos cabem na mão de uma criança” (p. 122), “o homem nasceu para beber. E nós somos homens” (p. 131). Tais dizeres estão imbricados com a terra, por exemplo, o queijo e o vinho, que são alimentos produzidos pelos Portolu por meio de seu trabalho na terra. (DELEDDA, 2015).

No que diz respeito às repetições, destaca-se: “Deus queira” (p. 123), “Deus me acuda” (p. 125), “Deus o abençoe” (p. 127), “Outra desgraça dessa só daqui a cem anos (p. 123),” e “Quem não bebe não é homem” (p. 138). Essas expressões pontuam a abnegação, a esperança de um século de graças e, ao mesmo tempo, a constituição do sujeito, que passa pela bebida como elemento de masculinidade, dando ênfase à religiosidade da terra, à maneira de pensar e viver de um povo. (DELEDDA, 2015). Importante destacar que o vinho, como elemento do sagrado, é fundamental para o cristianismo, pois faz parte da celebração da vida, realizada pelo próprio Cristo antes de sua morte, como relatado na *Bíblia*. Assim, tanto o elemento vindo da terra, o vinho, como seu uso, sacralizado através do rito, fazem com que o pertencimento a um lugar geográfico específico e a uma família definida se identifiquem como uma “religiosidade” a ser respeitada e reproduzida ao longo do tempo.

Por último, tem-se a concepção imóvel da realidade, cristalizada no uso dos provérbios, entendendo-se por esses como “modos de petrificar a língua, de confinar o seu dinamismo a um código imutável”, (CANDIDO, 1972, p. 103) tendo como exemplos: “Cada pequena mata tem pequenas orelhas” (p.154) e “O Senhor não perdoa a leviandade” (p. 128), (DELEDDA, 2015). Cristalizar a língua, assim como pode-se entender por este trabalho, é uma maneira de manter as coisas como estão, de não mexer no que parece já instituído e funcionando. Quando se pensa em nossa sociedade atualmente, pode-se dizer que seja correspondente ao modo de dizer: “em time que está ganhando não se mexe”.

Resumindo, verifica-se que, do zoomorfismo das personagens, passando pelos epítetos que a esses são aferidos, pelos modos-de-dizer aceitos pela localidade, e, pelas suas repetições, reiteradas ao longo dos anos, chega-se aos provérbios, como enfatiza Candido (1972): um modo paralisado, um fechamento do pensamento sobre determinados problemas e possíveis soluções que, por sua vez, são muito utilizados pelas personagens coadjuvantes, e, não pelos protagonistas, anunciando uma separação desses dos costumes, e, portanto, da terra.

Essa cristalização, da forma de ser e de viver de cada indivíduo, é refletida no povoado e na própria família, que incorpora os costumes e também os propaga, tornando-os preceitos e ritos constituintes de uma religião.

### **3.2 A família como religião**

A crença na família que, por sua vez, é norteadada pela autoridade patriarcal, na qual o grupo permanece, aparentemente, coeso, em decorrência dos níveis elementares de sobrevivência, caracteriza outro elemento verista. Ou seja, a família é tida como uma religião, com forte ligação com as crenças populares e com a vida, auferindo a religiosidade da terra, no livro *Elias Portolu*, quando está imbricada com a hierarquia, o julgamento, a fraqueza que se vincula aos vícios e aos pecados.

Em *Elias Portolu*, esse grupo familiar é descrito por meio dos seguintes elementos, segundo observou-se: concepção da casa como um ninho, dependência econômica e psicológica dos componentes do grupo, fidelidade e cumplicidade dos indivíduos, obediência paterna, e, fechada em si.

A autora, para descrever a religiosidade da família, inicia o romance narrando a casa dos Portolu: “O casebre, com um quintal interno, dava para um caminho íngreme, que descia até a estrada. Atrás do muro, tomado pelas trepadeiras, estendiam-se as hortas que pareciam olhar para o vale. A sensação era a de estar no campo”. (DELEDDA, 2015, p. 122). A casa e o campo, local de aconchego e de trabalho, parecem se conectar, ao ponto dos ambientes se fundirem (fusão casa e terra).

Ainda sobre a casa como religiosidade, é interessante pensar no papel de liderança, no qual se sobressai o patriarca, “a velha raposa”, o qual menciona ser sua casa uma casa de homens:

“Claro que estou alegre. O que achas? Eu não devo estar alegre? Não vês o pombo? Voltou ao ninho. Está branco como um lírio. E agora sabe contar belas histórias. Arrita Scada, ouviste? Somos uma família, uma casa de homens, somos. E diz a tua filha que ela se casará com uma flor, não com uma imundice.” (DELEDDA, 2015, p. 128, tradução nossa).<sup>89</sup>

Essa casa, além de ser comandada por seu patriarca é vista como um ninho. Um ninho de pombos. Tal comparação remete ao companheirismo do casal de aves na construção do ninho, bem como na fidelidade entre si. Quando os Portolu casam seus filhos, estes trazem suas esposas para coabitarem sob o mesmo teto, indicando ao mesmo tempo uma abertura (ingresso da nora), dependência econômica, e, novo fechamento do grupo familiar, retornando à abertura somente com as próximas bodas, replicando o concebido pelo senso comum do povoado e à forte relação com a vida.

A autora, com relação à vizinhança, não detalha a constituição dos demais grupos familiares nuoreses. Quando a menciona, descreve ser essa composta de gente honesta, famílias de costumes simples e de moças que frequentam igreja, deixando claro que ela possui as mesmas características dos Portolu.

Quanto ao comportamento dos componentes da família Portolu, em especial ao de Elias, apreende-se uma forte intenção de fidelidade por parte deste, particularmente a seu irmão Pietro, quando Elias relata, a tio Martinu, estar com medo de contar a Pietro que ama Maddalena, pois quer poupar não somente Maddalena e seu irmão Pietro, como toda família da perdição:

---

<sup>89</sup> «Sicuro che sono allegro. Cosa ne dici, tu? Non devo essere allegro? Non lo vedi il colombo? È ritornato al nido. È bianco come un giglio. E belle storie ne sa raccontare, ora. Arrita Scada, sentito hai? Siamo una famiglia, una casa di uomini, noi: e diglielo a tua figlia, che essa sposerà un fiore, non una immondezza.» (DELEDDA, 2007, p. 16).

“Sim, por que o esconderia? Tenho medo, mas não da morte. É que também Maddalena estaria perdida, e também Pietro e toda a minha família. Mas não é somente este espinho que tenho no coração, tio Martinu. É que eu amo meu irmão e não quero, mesmo admitindo, que se resigne, que seja infeliz.” (DELEDDA, 2015, p. 155, tradução nossa).<sup>90</sup>

A forte ligação entre Elias e seu irmão se sobressai. Contudo, o protagonista apresenta uma contradição entre o pensar e o agir, pois, ele, em decorrência de sua fraqueza, não consegue deixar prevalecer seu pensamento e a fidelidade permanece somente no discurso; isso porque, de acordo com Antônio Candido, o que prevalece é o grupo:

No plano da família, projetada materialmente na casa, o peso dos outros círculos parece mais duro, e cada um deve renunciar a própria veleidade para obedecer as normas e interesses do grupo. Aqui, o costume e zelo do nome, união, obediência aos mais velhos, aceitação da sorte, do papel e do lugar de cada um. (CANDIDO, 1972, p. 97).

Outro tópico interessante, na construção da religiosidade identificada na narrativa, associa-se tanto aos momentos felizes, quanto aos infelizes, como percepção coletiva e não individual, que afeta a família inteira, pois, quando um indivíduo comete um deslize, a família inteira se julga devedora.

Com relação aos dias felizes, ressalte-se que esses ocorrem quando a comunidade é partícipe, tais como: a volta de Elias ao ninho, a participação nas novenas, as bodas de Pietro, a festa de carnaval, a gravidez de Maddalena e a anunciação à família Portolu da admissão de Elias no seminário. Em caráter ilustrativo, apresenta-se o trecho abaixo:

Dias felizes se aproximavam para a família Portolu, de Nuoro. No final de abril voltaria o filho Elias, que cumpria pena em uma penitenciária do continente, depois se casaria Pietro, o mais velho dos três jovens Portolu. (DELEDDA, 2015, p. 122, tradução nossa).<sup>91</sup>

<sup>90</sup> «*Si, perché nascondervelo? Ho paura, ma non della morte. È che anche Maddalena sarebbe perduta, e anche Pietro e tutta la mia famiglia. Ma non è solo questa spina che io ho nel cuore, zio Martinu. È che io amo mio fratello e non voglio, anche ammesso che egli si rassegni, che sia infelice.*» (DELEDDA, 2007, p. 74).

<sup>91</sup> *Giorni lieti s'avvicinavano per la famiglia Portolu, di Nuoro. Agli ultimi di aprile doveva ritornare il figlio Elias, che scontava una condanna in un penitenziario del continente; poi doveva sposarsi Pietro, il maggiore dei tre giovani Portolu.*(DELEDDA, 2007, p. 7).



No Verismo, os momentos felizes são meteóricos, ou seja, apenas anunciados, já caminham para a infelicidade. No texto supracitado, Elias retorna à casa, e é recebido com alegria pela família e vizinhos, mas essa alegria terá desdobramentos infelizes, como seu envolvimento com sua futura cunhada, a morte de seu irmão e de seu próprio filho, bem como seu martírio pessoal.

As ocasiões infelizes, narradas por meio do movimento verista, são mais duradouras. Quanto a esse aspecto, ressaltam-se as seguintes passagens: o envolvimento de Elias fora do grupo familiar, com as “más companhias”, que, por um crime não narrado, é preso em uma penitenciária no continente, levando a família à penitência; a doença de Elias quando do casamento de seu irmão; as brigas de Pietro e Maddalena; a morte de Pietro e de Berteddu (filho de Elias e Maddalena). Pode-se observar tal situação na cena descrita quando Pietro começa a beber em demasia, e discutir com Maddalena:

Maddalena parou de chorar logo após ter recebido a bofetada. Ficou branca como um cadáver e tremia toda de ira e de dor, mas compreendeu imediatamente que se não mudasse sua atitude causaria graves desgraças na família. (DELEDDA, 2015, p. 168, tradução nossa).<sup>92</sup>

Outro aspecto que vale ressaltar, com relação à família, refere-se à visão que se tem das mães de família da vila, como pessoas desleixadas e feias, ideia verbalizada pelo padre Porcheddu: “Ela terá filhos, murchará, não te olhará mais, se tornará como tantas outras mães de família da vila, com vestidos sujos, velha, desleixada e feia” (DELEDDA, 2015, p. 164), ou seja, o fato de assumir a maternidade tem como consequência a renúncia aos interesses pessoais em prol do grupo.

Já a obediência ao patriarca é do tipo coercitivo, pois tio Berte Portolu se faz obedecer pela força, apesar de seus três filhos já serem adultos: “Pietro, filho meu, deixa em paz a pomba. Vem aqui, imediatamente! Ou queres que me levante com o bastão e te faça me obedecer?” (DELEDDA, 2015, p. 144). A autoridade se faz presente mesmo que seja necessário o uso da força.

Porém, ao longo da trama, a crença na família como religião sólida e lugar de aconchego, vai esmorecendo gradativamente. O clã já ficou fragilizado no momento em

---

<sup>92</sup> *Maddalena aveva cessato di piangere appena ricevuto lo schiaffo; s'era fatta bianca come un cadavere e tremava tutta d'ira e di dolore, ma aveva istantaneamente capito che se non mutava metodo veniva a causare gravi disgrazie in famiglia.*(DELEDDA, 2007, p. 100).

que Elias foi para a prisão, pois perdeu um de seus dedos, retomando a fala de Padron ‘Ntoni, de *Os Malavoglia*. Já outra ocasião em que se observa seu enfraquecimento é quando Elias anuncia querer tornar-se padre. Através dessa escolha, começa-se a perceber que a família não mais evoluirá de forma ‘natural’. Tal fato é constatado quando padre Porcheddu diz para Elias que um sacerdote não deve ter filhos, nem esposa e nem família, conforme verifica-se na seguinte situação:

O sacerdote não deve ter nem filhos, nem esposa, nem família. Não deve pensar nas riquezas e nas coisas terrenas. Ele é esposo da Igreja e os seus filhos são a pobreza, o dever, as boas obras. Pensa nisso, Elias Portolu, se tu ainda te sentes apegado às coisas do mundo, não dês o passo que vais dar. Deves pensar somente em salvar a tua alma e em nada mais. (DELEDDA, 2015, p. 186, tradução nossa).<sup>93</sup>

Elias, ao tomar a decisão de ser padre, já anuncia seu possível desligamento de sua família. A partir desse momento, sua religião será outra, pois ele vê, no sacerdócio, uma religião da vida, uma vida de religião, cumprindo-se o conselho do sábio da selva, tio Martinu Monne, quando de seu primeiro sonho ao retornar a Nuoro: “Ei, se não queres te incomodar, vai ser padre!” (DELEDDA, 2015, p. 130), o que o constitui em um novo sujeito. Assim, tendo seu irmão e seu filho morrido e ele se tornado padre, a salvação de Elias, conforme ele acredita, se concretiza. Mas a família, origem central de todas as crenças do protagonista, percebe, a partir daí, sua perdição total diante do pouco que lhes resta. O sujeito e a terra já não se conectam mais, como deveria acontecer naturalmente, segundo as crendices por eles internalizadas.

### 3.3 A constituição do sujeito por meio da terra e da família como religiosidade

A constituição do sujeito por meio da terra e da família, na obra *Elias Portolu*, insere-se na perspectiva verista ao privilegiar a formação do indivíduo de uma pequena comunidade no sul da Itália. Dessa forma, analisando a personagem central do romance, Elias, passa-se a elencar os elementos mais expressivos que irão constituir, ao longo do romance, a personagem Elias Portolu, confrontando-o com a influência da terra e da família como religiosidade.

---

<sup>93</sup> *Il sacerdote non deve aver né figliuoli, né moglie, né famiglia; non deve pensare alle ricchezze e alle cose terrene; egli è sposo della Chiesa e i suoi figliuoli sono la povertà, il dovere, le buone opere. Pensaci bene, Elias Portolu; se tu ti senti attaccato ancora alle cose del mondo, non fare il passo che devi fare: devi pensare solo a salvar l'anima tua e non altro.*(DELEDDA, 2007, p. 135).

A autora, ao traçar o perfil do protagonista, atribui a esse a fraqueza, tanto física como espiritual, como ponto mais marcante. Além de pontuar a fragilidade de Elias, ao dizer que esse se parece com uma mulher, a escritora destaca o que o diferencia dos demais:

[...] o seu rosto e as suas mãos se destacavam entre todos aqueles rostos e aquelas mãos atrigueiradas, **parecia uma mulher vestida como um homem**. Além disso, a sua linguagem tinha adquirido algo de particular, de exótico. Ele falava com certa afetação, meio italiano e meio dialeto, com xingamentos completamente continentais. (DELEDDA, 2015, p. 124, tradução e grifo nosso).<sup>94</sup>

Esse destaque parece já anunciar que Elias, ao não possuir a mesma cor dos demais e ter uma linguagem com ‘algo de particular’, de exótico, pois estudou até o segundo ginásio e sabe ler em latim e italiano, além do sardo (nessa época um dialeto, pois somente foi considerado um idioma em 1997), vai se distanciando dos seus conterrâneos e fazendo suas escolhas à margem dos de sua terra.

O próprio Elias se percebe um fraco:

“**Eu sou muito fraco**”, disse depois de um momento, “não tenho força para nada, é como se tivessem quebrado a minha coluna. E, no entanto, nunca fiquei doente. Só uma vez tive uma cólica tremenda e eu achava que ia morrer”, “Meu *Santu Franziscu*”, eu disse então, “me tire desse horror e, a primeira coisa que farei, ao voltar à liberdade, será ir a vossa igreja e levar uma vela”. (DELEDDA, 2015, p. 129, tradução e grifo nosso).<sup>95</sup>

Essa fraqueza é imperativa em Elias, pois, ao se sentir como se sua coluna estivesse quebrada, fica paralisado, torna-se um imprestável para as lidas do pastoreio e, assim, mais uma vez, quebra suas amarras com a terra.

Tio Portolu, Mattia e Jacu Farre, quando querem falar da força de Elias, descrevem-no também como sendo frágil:

<sup>94</sup> [...] *il suo viso e le sue mani spiccavano fra tutte quelle facce e quelle mani bronzine; sembrava una donna vestita da uomo. Inoltre il suo linguaggio aveva acquistato qualche cosa di particolare, di esotico; egli parlava con una certa affettazione, metà italiano e metà dialetto, con imprecazioni affatto continentali.* (DELEDDA, 2007, p. 11).

<sup>95</sup> “*Io sono assai debole*», disse dopo qualche momento, «*non ho forza per nulla: è come se mi avessero troncato la schiena. Eppure non sono mai stato ammalato; solo una volta ho avuto una colica tremenda, e mi pareva di morire, “Santu Franziscu mio”, dissi allora, “fatemi uscire da quest’orrore, e la prima cosa che farò, tornando in libertà, sarà di venire alla vostra chiesa e portarvi un cero*”. (DELEDDA, 2007, p. 20).

“E o que viste tu?” rebateu tio Portolu, depreciativo. “Tu não viste nada. Na tua idade eu não tinha visto nada. Mas vi depois e sei o que são esses senhores, e o que são os Continentais e o que são os Sardos. **Tu és um pintinho que acabou de sair do ovo.**” “Que pintinho o quê!”, murmurou Elias, sorrindo amargamente. “Um galo, talvez!”, disse Mattia. E o Farre, com fineza: “**Não, um passarinho...**”. “**Saído da gaiola!**”, exclamaram os outros, rindo. (DELEDDA, 2015, p. 126, tradução e grifos nossos).<sup>96</sup>

Essa fragilidade constatada por seu pai, pelo irmão mais moço e pelo amigo da família vai ao longo do romance se confirmando, tanto no aspecto físico do protagonista, como no emocional, pois a constituição de Elias como homem é marcada pela inconstância, por avanços e recuos, por uma fé vivida por altos e baixos. Essa fé muito humana, que vai diminuindo aos poucos.

No entanto, tio Portolu, quando descreve Elias junto com os demais filhos, o vê com outros olhos:

“Vês” gritava-lhe, puxando a ponta do casaco e apontando-lhe os filhos, “**vês agora os meus filhos? Três pombos! E fortes, hein, e saudáveis, e bonitos!** Vês todos em fila, vês? Agora que Elias voltou, **seremos como quatro leões, nem uma mosca nos atingirá.** Eu também sabes, eu também sou forte. Não me olhes assim, Jacu Farre, eu não me importo contigo, entendes? **Meu filho Mattia é a minha mão direita; agora, Elias será a minha mão esquerda.** E Pietro, também, o pequeno Pietro, meu Prededdu? Não o vês? É uma flor! Semeou dez quartos de cevada, oito quartos de trigo, dois quartos de favas. E, se ele quiser casar, pode manter bem a esposa! Não lhe faltará o que colher. É uma flor, meu Prededdu. **Ah, os meus filhos! Como os meus filhos não existem outros em Nuoro**”. (DELEDDA, 2015, p. 123, tradução e grifos nossos).<sup>97</sup>

No discurso de tio Portolu, quando Elias é visto em sua força individual, este é caracterizado como possuidor de grande fraqueza, mas quando visto junto aos irmãos, é considerado como mais um leão. Mais um exemplo de que é o grupo que pode vencer as

<sup>96</sup> «Cosa hai veduto tu?», ribatteva zio Portolu, sprezzante. «Tu non hai veduto nulla. Alla tua età io non avevo veduto nulla; ma ho veduto dopo e so cosa sono i signori, e cosa sono i continentali e cosa sono i Sardi. Tu sei un pulcino appena uscito dall'uovo.» «Altro che pulcino!», mormorò Elias, sorridendo amaramente. «Un gallo, piuttosto!», disse Mattia. E il Farre, con finezza: «No, un uccellino...». «Uscito dalla gabbia!», esclamarono gli altri, ridendo. (DELEDDA, 2007, p. 14).

<sup>97</sup> «Vedi», gli gridava, tirandogli la falda del cappotto, e accennandogli i suoi figli, «li vedi ora i figli miei? Tre colombi! e forti, eh, e sani, e belli! Li vedi in fila, li vedi? Ora che è tornato Elias, saremo come quattro leoni; non ci toccherà neppure una mosca. Anche io, sai, anche io sono forte; non guardarmi così, Jacu Farre, io di te me ne infischio, intendi? Mio figlio Mattia è la mia mano destra; ora Elias sarà la mia sinistra. E Pietro, poi, il piccolo Pietro, Prededdu mio? Non lo vedi? È un fiore! Ha seminato dieci quarti d'orzo e otto di frumento e due quarti di fave: eh, se vuol sposarsi, può tenerla bene la moglie! Non gli mancherà la raccolta. È un fiore, Prededdu mio. Ah, i miei figli! Come i miei figli non ce ne sono altri a Nuoro.» (DELEDDA, 2007, p. 10).

agruras da vida, ou seja, aquele que se torna único, fora do grupo, além de fragilizar a família, torna-se um vencido pelas condições de seu entorno.

Assim sendo, apreende-se que tio Portolu utiliza-se muito mais da imaginação, para descrever seus filhos, de que da realidade propriamente dita, pois os vê com adoração e não de fato como são. Para ele, seus filhos são únicos em Nuoro, como esses não existem outros.

Tio Martinu, ao questionar a Elias sobre como este se percebe, mencionando animais frágeis como lebre, galo, galinha e lagartixa, deixa clara a sua visão sobre Elias.

“Tenho medo, tio Martinu.” “De que tens medo, **pequena lebre?**”, gritou o velho. “Tenho medo de me encontrar sozinho com Maddalena”, respondeu Elias com os olhos perdidos. “Ah, Elias Portolu, tu me fazes rir! **Que animal tu és? És uma lebre? Um galo? Uma galinha? Uma lagartixa?**” (DELEDDA, 2015, p. 179, tradução e grifos nossos).<sup>98</sup>

Assim, tem-se, mais uma vez, delineado o perfil individual de Elias, e, não mais aquela ideia coletiva, de que os filhos de tio Portolu serão como leões.

A visão de tio Martinu é a que prevalecerá, pois esse sujeito é marcado pela inconstância, por avanços e recuos, por idas e vindas, se distanciando cada vez mais do perfil do homem nuorese. Outro ponto que ratifica a ideia da fraqueza da personagem e sua desvinculação do grupo são suas confissões, conforme veremos a seguir.

### 3.3.1 As confissões de Elias

As confissões de Elias Portolu, proferidas ao longo do romance, duas delas ao sábio da selva (tio Martinu Monne) e três ao padre Porcheddu, revelam seus conflitos internos e sua debilidade em relação a assumir a religiosidade da terra e da família, como seus irmãos e seu pai.

A seguir, apresenta-se o quadro 7, no qual são elencadas as confissões de Elias Portolu, sua sequência, os confessores, a data e os locais. A primeira, feita ao padre Porcheddu, e as duas seguintes, ao tio Martinu, tem caráter oficioso, ou seja, foram verbalizadas sem efeito sacramental. Já a quarta e a quinta, proferidas ao padre

<sup>98</sup> «Ho paura, zio Martinu.» «Di che hai paura, piccola lepre?», gridò il vecchio. «Ho paura di trovarmi solo con Maddalena», rispose Elias con gli occhi smarriti. «Ah, Elias Portolu, tu mi fai ridere! Che animale sei tu? Sei una lepre? un gallo? una gallina? Una lucertola?» «Uomo mortale sono!» (DELEDDA, 2007, p. 121).

Porcheddu, são sacramentais, pois além do relato de Elias ao padre, tem o *suposto* arrependimento, a absolvição e a penitência.

Quadro 7 - Confissões de Elias Portolu

O que?	1ª Oficiosa	2ª Oficiosa	3ª Oficiosa	4ª Sacramental	5ª Sacramental
A quem?	Pe. Porcheddu	Tio Martinu Monne	Tio Martinu Monne	Pe. Porcheddu	Pe. Porcheddu
Quando?	Na Novena a São Francisco, na montanha de Lula para pagamento da promessa feita por Elias quando na prisão. À noite, em uma bela noite enluarada e silenciosa.	Na tosquia das ovelhas. ...o horror da confissão.	Após o casamento de Pietro e Maddalena	Elias, após dormir com Maddalena pela primeira vez, tem remorsos e pede ao tio Martinu para acompanhá-lo à casa do Pe. Porcheddu para se confessar.	No princípio da Quaresma
Onde?	No pasto entre os cavalos e o caminho para a igreja.	No muro da <i>tanca</i> dos Portolus	Na <i>tanca</i> dos Portolus	Na casa do Pe. Porcheddu	Na casa do Pe. Porcheddu
Por que?	*	**	***	****	*****
Confissão	“Tu estás enamorado de Maddalena.” “Fale baixo...” disse Elias.	“Elias Portolu”, [...] Maddalena está enamorada de ti” “Quietos!”, [...] “Cada pequena mata tem pequenas orelhas!”, [...] Maria Maddalena te ama, tu a amas; uni-vos em Deus, porque Ele vos criou um para o outro”.	“Tu ainda estás enamorado?” “Mais do que nunca!”, explodiu Elias. [...] melhor ser um homem do mundo hábil para bem, do que um homem do Senhor inclinado ao mal. Adeus, cuide-se”.	“Confessei-me”, disse ao velho quando estavam sozinhos, “voltarei dentro de duas semanas para comungar e porque padre Porcheddu deve dar-me uma resposta.” “Que resposta?” “Serei padre”, disse Elias abaixando a voz. “Ah, já era hora! Esse é o meu caminho.”	No princípio da quaresma foi até padre Porcheddu e se confessou.
Reação	<b>Primeira</b> verbalização da paixão de Elias por Maddalena. Quando diz ...fale baixo...Elias já está admitindo que é verdade o que o Pe advinhou. Ou seja, <b>primeira</b> confissão.	<b>Segunda</b> confissão. Agora não ao padre, mas ao sábio da selva que, diferente do padre, o aconselha a dizer a verdade a Pietro. Tio Martinu anuncia o que sucederá.	<b>Terceira</b> Elias sentia-se mais forte e com propósitos para o futuro após ter conversado com tio Martinu.	Elias confessa-se oficialmente com padre Porcheddu e decide que o caminho é ser padre. Confissão mencionada a tio Martinu, mas não narrada.	Na quaresma, Elias se confessa com o padre Porcheddu. Padre Porcheddu diz a Elias para esse aproveitar o momento de graça e renovar os seus votos de ser padre.

\* Elias, em crise, bebe e depois fica envergonhado “daquele dia turvo” no qual, bêbado, diz que será padre pela primeira vez. Cap. III p. 146.

\*\* Elias pede auxílio ao tio Martinu para não deixá-lo a sós com Maddalena. Cap. IV p. 154.

\*\*\* Elias manda chamar tio Martinu à *tanca* dos Portolus após o casamento de Pietro e Maddalena, pois Elias está em crise. Cap. VI p. 166.

\*\*\*\* Os dois conselheiros juntos: tio Martinu e Pe Porcheddu. Cap. VII p. 180.

\*\*\*\*\* Após saber que Maddalena esperava um filho seu. Cap. VIII p. 185.

Fonte: Elaborada pela autora a partir do romance *Elias Portolu* em out. 2018.

As confissões, selecionadas para esta análise, foram aquelas que, segundo observou-se, tornam visível a constituição do sujeito, a partir do ato confessional, e destacam os conflitos vividos por Elias no romance. O referido quadro tem como intuito mapear esses momentos conflitantes da personagem.

Ainda, em outra passagem da obra aqui analisada, tem-se o sonho de Elias (cap. I) que, ao não conseguir pegar no sono, oprimido por um dormir quase penoso, cheio de imagens confusas, sonhava com tio Martinu e, para este, contava as coisas *daquele lugar* (prisão), tais como o acesso à confissão, à comunhão e à missa:

“Levavam-nos sempre à missa, nos faziam confessar e comungar com frequência. Ah, lá embaixo todos são bons cristãos! O capelão era um santo homem. Eu lhe disse uma vez, em confissão, que tinha estudado até o ginásio, que depois tinha me tornado pastor, mas que muitas

vezes eu tinha me arrependido de não ter continuado a estudar. Então ele me deu um livro, escrito uma parte em latim e outra parte em italiano, o livro da Semana Santa. Eu o li mais de cem, que digo? Mais de mil vezes. E eu o trouxe comigo. Eu sei ler tanto em latim quanto em italiano.” “Então tu és um sabichão!” “Não tanto quanto o senhor! Mas sou temente a Deus.” “Pois bem, quando se é temente a Deus se é mais sábio que os reis”, disse tio Martinu. (DELEDDA, 2015, p. 130).<sup>99</sup>

Nesse momento, Elias transita na fronteira entre o estar acordado e estar sonhando. Dessa forma, a autora sinaliza o que acontecerá no romance, ou seja, ela nos apresenta Elias, sempre no limiar entre a confissão e a ação. Tal característica é perceptível já na primeira verbalização da paixão de Elias por Maddalena (cap. III) ao padre Porcheddu, dizendo-lhe “*fale baixo*” e, conseqüentemente, admitindo que seja verdade o que o pároco adivinhou:

“Tu olhas a lua, Elias Portolu, tu pensas em fazer uma poesia... Adivinhei. Tu estás enamorado.” “Padre Porcheddu!...”, disse Elias assustado, baixando a cabeça. Sentiu imediatamente que aquele homem que estava ao seu lado sabia de seu doloroso segredo. E ruborizou-se de vergonha e de raiva. Queria lançar-se sobre padre Porcheddu e esganá-lo. “Tu estás enamorado de Maddalena. Eh, não fique vermelho, não te irrites, filho meu. Eu adivinhei, mas não te assustes, não creias que todos compreendam as coisas como as compreende padre Porcheddu. Bem, que vergonha há nisso? Ela é uma mulher, e tu és um homem, e sendo um homem tu estás sujeito às paixões humanas, às tentações, diria tia Annedda tua mãe. A vergonha não está nisso, filho meu; está em não saber como vencê-las. Mas tu vencerás Maddalena...” “**Fale baixo...**” disse Elias.”Maddalena é para ti uma coisa sagrada. Ao vê-la é como se tu visses a uma Santa. Tu compreendeste, não é verdade?” “Eu... eu entendi...” murmurou Elias. (DELEDDA, 2015, p. 145, grifo nosso).<sup>100</sup>

<sup>99</sup> «*Ci portavano sempre a messa, ci facevano confessare e comunicare spesso. Ah, laggiù si è buoni cristiani. Il cappellano era un santo uomo. Io gli dissi una volta, in confessione, che avevo studiato fino alla seconda ginnasiale, che poi mi ero fatto pastore, ma che molte volte mi ero pentito di non aver continuato a studiare. Allora egli mi regalò un libro, scritto da una parte in latino e dall'altra in italiano, il libro della Settimana santa. Io l'ho letto più di cento, che dico? più di mille volte: e l'ho portato qui, anche. Lo so leggere tanto in latino che in italiano.*» «*Allora tu sei un sapientone!*» «*Non quanto voi! Però ho il timore di Dio.*» «*Ebbene, quando si teme Dio si è più sapienti dei re*», diceva zio Martinu. (DELEDDA, 2007, p.24).

<sup>100</sup> «*Tu guardi la luna, Elias Portolu, tu pensi di fare una poesia... Ecco che ho indovinato, io. Tu sei innamorato.*» «*Prete Porcheddu!...*», disse Elias spaventato, chinando la testa. Sentì d'un colpo che quell'uomo che gli stava accanto possedeva il suo doloroso segreto: e arrossì di vergogna e di collera. Avrebbe voluto gettarsi sopra prete Porcheddu e strozzarlo. «*Tu sei innamorato di Maddalena. Eh, non farti rosso, non adirarti, figliuolo mio. Io l'ho indovinato, ma non spaventarti, non credere che tutti capiscano le cose come le capisce prete Porcheddu. Ebbene, che vergogna c'è? Essa una donna, e tu sei un uomo, ed essendo un uomo sei soggetto alle passioni umane, alle tentazioni, direbbe zia Annedda tua madre. La vergogna non sta in ciò, figlio mio; sta nel non sapersi vincere. Ma tu ti vincerai. Maddalena...*» «*Parli piano...*», disse Elias. «*Maddalena è per te una cosa sacra. Guardandola è come se tu guardassi una Santa: tu l'hai capito, non è vero?*» «*Io... io l'ho capito...*», mormorò Elias. (DELEDDA, 2007, p.19).

Essa primeira confissão, que inicia a trajetória de revelações da personagem, não somente diz do amor de Elias Portolu por Maddalena, como traz o elemento do sagrado que, segundo o padre, Elias deveria entender que sua futura cunhada é para ele sagrada. Contudo, é importante ressaltar que o amor de Elias é correspondido por Maddalena, ficando evidente quando esta lhe afirma que estará morta, morta para a vida, para o amor, se ele se casar com Paska, sua suposta namorada:

“Elias! disse com voz um pouco trêmula:” desculpe-me se te chateio!”  
 “Oh!”, disse ele sacudindo a cabeça. “No ano que vem levarás na garupa do teu cavalo a tua esposa...” “A minha esposa?” “Sim, a Paska. Então estarás contente.” “E tu não estarás contente?” “**Oh, eu estarei morta...**” “**Morta!... Maddalena!...**” “**Morta...para a vida...para o amor, quero dizer...**” (DELEDDA, 2015, p. 148, grifos nossos).<sup>101</sup>

No segundo ato confessional de Elias sobre sua paixão por Maddalena, agora feita não ao padre, mas ao tio Martinu, o protagonista é aconselhado a dizer a verdade a seu irmão Pietro, e é alertado a respeito das consequências de seu silêncio, entre estas a permanência de ambos como reféns de seus desejos, conforme o fragmento a seguir destaca:

“Elias Portolu”, disse gravemente, “eu sei o que queres me dizer. Maddalena está enamorada de ti” “Quietos!”, disse o outro assustado, colocando a mão em seu braço. “Cada pequena mata tem pequenas orelhas!”, acrescentou rapidamente, para desculpar sua confusão. “Sim”, respondeu com voz grave o “pai da selva”, “cada pequena mata, cada árvore, cada pedra tem orelhas. E para que? O que acabo de dizer e o que direi pode ser ouvido por qualquer um, começando por Deus que está lá em cima, e terminando pelo mais mísero servo. **Maria Maddalena te ama, tu a amas; uni-vos em Deus, porque Ele vos criou um para o outro**”. [...] Maddalena te ama perdidamente, eu li em seus olhos. Se tu calas, se casará com Pietro, irá viver em tua casa, e acabarão se perdendo, porque a natureza humana é fraca. Ouve isso, Elias Portolu? Você já pensou nisso? A tentação se vence hoje, se vence amanhã, mas ela acaba por nos vencer porque nós não somos de pedra. Tu já pensaste nisso, Elias Portolu?”. “É verdade, é verdade!”, disse Elias, com os olhos cheios de terror. (DELEDDA, 2015, p. 155, grifos nossos).<sup>102</sup>

<sup>101</sup> «Elias», disse con voce un po' tremante, «scusami se ti do noia!» «Oh!», diss'egli scrollando il capo. «L'anno venturo condurrà in gropa al tuo cavallo la tua sposa...» «La mia sposa?» «Sì, Paska. Allora sarai contento.» «E tu non sarai contenta?» «Oh, io sarò morta...» «Morta!... Maddalena!...» «Morta... alla vita... all'amore, voglio dire...» (DELEDDA, 2007, p.21).

<sup>102</sup> «Elias Portolu», disse gravemente, «io so quello che vuoi dirmi. Maddalena è innamorata di te.» «Zitto!», disse l'altro con spavento, mettendogli la mano sul braccio. «Ogni piccola macchia porta piccole orecchie!»<sup>12</sup>, aggiunse tosto, per scusare il suo turbamento. «Sì», rispose con voce grave il «padre della selva», «ogni piccola macchia, ogni albero, ogni pietra porta orecchie. E che per ciò? Ciò che io ho



Nota-se, entretanto, na terceira confissão, que, apesar do anúncio proferido por tio Martinu, quase profetizando o futuro de Elias, não se obteve a repercussão esperada, pois, embora o protagonista tenha sido aconselhado a externar o sentimento que mantém em segredo, Elias se julga incapaz de fazer Maddalena feliz ao declarar publicamente seu amor por ela (cap. VI):

“Tu ainda estás enamorado?” “Mais do que nunca!”, explodiu Elias. E pouco a pouco a sua voz tornou-se frágil, lamentosa, quase voz de choro. “Às vezes tenho a impressão de enlouquecer. Ela é bela; ah, se vísseis como está bonita agora! Eu sempre prometo não voltar para a casa, não vê-la, não olhá-la; mas o demônio me empurra, tio Martinu meu; e também ela me olha, e eu tenho medo. É preciso encontrar um remédio; caso contrário acontecerá aquilo que o senhor disse.” **“Por que não te casas?”** “Ah, não me fales disso!” disse Elias com uma cara de horror. **“A maltratarei, pressinto, talvez me tornaria mau, e o demônio me venceria com mais facilidade.”** “Maria Maddalena também te olha?” “Ah, não falais nomes, tio Martinu! Sim, ela me olha.” “Mas então não é uma mulher honesta?” “Eu acredito que seja honesta, mas nunca amou o seu marido, nunca o amou, e o seu marido não a trata bem. Cansou-se cedo, tio Martinu; e depois ele se embriaga com frequência e então se torna ruim. Brigam com frequência.” (DELEDDA, 2015, p. 164, grifos nossos).<sup>103</sup>

Ao admitir para si e para o sábio que não poderá trazer felicidade a Maddalena, a personagem central da trama se atormenta, pois constata que essa já é maltratada por seu irmão, o qual, percebendo não ser amado pela esposa, entrega-se à bebida.

Após as conversas com o sábio da selva, Elias continua com seus conflitos internos, uma vez que não consegue se desvencilhar dos tormentos iniciais anunciados em seu sonho, vivendo sempre no limiar entre agir ou silenciar:

---

*detto e che dirò lo può ascoltare chiunque, cominciando da Dio che è lassù, e terminando nel più misero servo. Maria Maddalena ti ama, tu l'ami; unitevi in Dio, perché egli vi ha creato l'uno per l'altra.»[...] Maddalena ti ama perdutoamente, io gliel'ho letto negli occhi. Se tu taci, ella sposerà Pietro, verrà a stare a casa tua, e finirete col perdervi, poichè la natura umana è fragile. Lo senti, Elias Portolu? Pensato ci hai? La tentazione si vince oggi, si vince domani, ma posdomani finisce col vincere lei, perché noi non siamo di pietra. Ci hai pensato, Elias Portolu?» «È vero, è vero!», disse Elias, con gli occhi pieni di terrore. (DELEDDA, 2007, p.26).*

<sup>103</sup> «Tu sei ancora innamorato?» «Più che mai!», proruppe Elias: e a poco a poco la sua voce si fece esile, lamentosa, quasi voce di pianto. «A volte mi sembra d'impazzire. Essa è bella; ah, se vedeste come è bella, ora! Io mi propongo sempre di non tornare a casa, di non vederla, di non guardarla; ma il demonio mi spinge, zio Martinu mio; anch'essa mi guarda, ed io ho paura. Bisogna cercare un rimedio; altrimenti accadrà quello che voi avete detto.» «Perché non prendi moglie?» «Ah, non me ne parlate!», disse Elias, atteggiando il viso a raccapriccio. «La maltratterei, lo sento, forse diventerei cattivo, e il demonio mi vincerebbe ancora di più.» «Maria Maddalena dunque ti guarda?» «Ah, non fate nomi, zio Martinu! Sì, ella mi guarda.» «Ma dunque non è una donna onesta?» «Io credo che sia onesta, ma essa non ama suo marito, non lo ha mai amato, e suo marito non la tratta bene: si è stancato presto, zio Martinu; e poi egli si ubriaca spesso e allora diventa cattivo. Si bisticciano spesso.» (DELEDDA, 2007, p.34).

“Sou um idiota”, pensava. “Maddalena não pode mais viver sem mim, ela me disse, e eu jurei que serei sempre seu. Porque devo fazê-la infeliz? Não faremos outro mal sobre a terra; viveremos sempre como marido e mulher, e Pietro não sofrerá nunca por nossa culpa.” E o seu rosto se iluminava diante do sonho de tanta felicidade. Mas, de repente, improvisamente, sentia o horror do seu sonho e queria rolar no chão, mover as pedras, gritar para os céus o seu pecado, bater a cabeça contra as pedras, para esquecer, para tirar da mente os desejos e as recordações. (DELEDDA, 2015, p. 177).<sup>104</sup>

O limite entre tomar uma atitude e permanecer silencioso leva o protagonista à derradeira tentativa de encontrar uma saída para o seu dilema, decidindo-se pelo sacerdócio como forma de controlar a sua tentação pela cunhada. Assim sendo, realiza sua quarta confissão, e primeira ao padre Porcheddu (cap. VII), classificada aqui como sacramental. O diálogo não vem narrado no romance, mas somente mencionado em uma conversa com tio Martinu, pois se entende que, por tratar-se de um sacramento religioso, é considerado íntimo e totalmente secreto:

“**Confessei-me**”, disse ao velho quando estavam sozinhos, “voltarei dentro de duas semanas para comungar e porque padre Porcheddu deve dar-me uma resposta.” “Que resposta?” “Serei padre”, disse Elias abaixando a voz. “Ah, já era hora! Esse é o meu caminho.” [...] Uma espécie de êxtase o envolvia. Todas as angústias, as inquietudes, as vergonhas, as indecisões cessaram. Diante de si, ele via um caminho branco e plano como a estrada que percorriam e um fundo nítido, sereno, semelhante ao horizonte azul-escuro daquela manhã pura. (DELEDDA, 2015, p. 180, grifo nosso).<sup>105</sup>

Quando chega a quaresma, Elias já tem conhecimento sobre a gestação de Maddalena, que lhe informou estar esperando um filho seu. A personagem, então, decide se confessar novamente (quinta confissão), terceira com o padre Porcheddu, recebendo como conselho aproveitar o momento de graça e renovar os seus votos:

<sup>104</sup> «Sono un idiota», pensava. «Maddalena non può più vivere senza di me, me lo ha detto, ed io le ho giurato che sarò sempre suo. Perché devo renderla infelice? Non faremo altro male sulla terra; vivremo sempre come marito e moglie, e Pietro non soffrirà mai nulla per colpa nostra.» E il suo viso si rischiava al sogno di tanta felicità; ma subito, improvvisamente, sentiva l'orrore del suo sogno, e avrebbe voluto rotolarsi per terra, smuovere le rocce, urlare al cielo il suo peccato, sbatter la testa contro le pietre, per dimenticare, per levarsi dalla mente i desideri e i ricordi. (DELEDDA, 2007, p.44).

<sup>105</sup> «Mi sono confessato», disse al vecchio appena furono soli, «ritornerò fra due settimane per comunicarmi, e perché prete Porcheddu deve darmi una risposta.» «Che risposta?» «Mi faccio prete», disse Elias abbassando la voce. «Ah, è tempo! Quella è la mia strada.» [...] Una specie di estasi lo avvolgeva: tutte le angosce, le inquietudini, le vergogne, le indecisioni erano cessate; davanti a sé vedeva una via bianca e piana come lo stradale che percorrevano, e uno sfondo nitido, sereno, simile all'orizzonte turchino di quella pura mattina. (DELEDDA, 2007, p.47).

No princípio da quaresma foi até padre Porcheddu e se confessou. Não demonstrava mais o arrependimento, a dor e o fervor do ano passado, mas se dizia estar firmemente decidido a não cair mais em pecado mortal. Parecia outro. Padre Porcheddu pôde ver que o incêndio da paixão havia diminuído nele, mas o olhou durante longo tempo, pensativo, e sacudiu muitas vezes a cabeça. “Agora te parece assim”, disse, “mas, veja bem, se não te salvares agora, te perderás outra vez. **Aproveita esse momento de graça**”. “O que o senhor quer dizer, padre Porcheddu?” “Não te lembras do que querias fazer no ano passado? Eu segui os trâmites necessários e parecia que tudo iria terminar bem...” “Ah, sei o que o senhor quer dizer”, murmurou Elias, baixando os olhos como um menino. “Mas agora!...” “Bem, agora?...O que isso quer dizer? Não pensastes mais nisso?” “Sim, pensei com frequência, mas creio que agora seja demasiado tarde e que eu não seja mais digno...” “Nunca é tarde para a misericórdia de Deus, Elias Portolu: pense bem nisso se queres te salvar.” (DELEDDA, 2015, p. 185, grifo nosso).<sup>106</sup>

Elias, depois dessa confissão, em vez de alívio sente grande tristeza, pois ser padre não era mais sonho e sim realidade, era para ele o adeus a todas as coisas que formavam a sua vida, inclusive Maddalena e seu futuro filho. Tal reação do protagonista é percebida no seguinte trecho da obra:

[...] depois da confissão; na verdade se entristecia e lágrimas amargas lhe ofuscavam os olhos. No entanto, estava firmemente decidido, a sua tristeza vinha de fato da sua firme decisão. Não era mais sonho. Agora era realidade. No primeiro instante, tomada sua decisão, ele não pôde se desligar do passado sem sentir o coração sangrar. Era o adeus a todas as coisas que formavam a sua vida. Era, de fato, sua própria vida que se ia, com seus costumes, com suas alegrias, suas dores, suas paixões, seus erros, seus prazeres. (DELEDDA, 2015, p. 115).<sup>107</sup>

Contudo, embora não tenha assumido seu sentimento por Maddalena e a relação por eles mantida, da qual adveio o nascimento de um filho, Elias, ao não poder

<sup>106</sup> *Ai primi di quaresima andò da prete Porcheddu e si confessò: non dimostrava più il pentimento, il dolore e il fervore dell'anno passato, ma si diceva fermamente deciso a non cader più in peccato mortale. Sembrava un altro; prete Porcheddu vide bene che l'incendio della passione era smorzato in lui, ma lo guardò a lungo, pensoso, e scosse più volte la testa. «Ora ti sembra così», disse, «ma, vedrai, se non ti salvi adesso, ti perderai di nuovo. Profitta di questo momento di grazia.» «Che cosa vuol dire, prete Porcheddu?» «Non ricordi ciò che volevi fare l'anno passato? Io feci le pratiche necessarie e pareva che tutto dovesse riuscir bene...» «Ah, so ciò che vuol dire», mormorò Elias, abbassando gli occhi come un fanciullo. «Ma ora!...» «Ebbene, e ora?... Cosa vuol dire ciò? Non ci hai pensato più?» «Sì, ci ho pensato spesso; ma credo che ora sia troppo tardi, e che io non sia più degno...» «Non è mai tardi per la misericordia di Dio, Elias Portolu: pensaci bene, se vuoi salvarti.» (DELEDDA, 2007, p. 51-52).*

<sup>107</sup> *[...] dopo la confessione; anzi ora si rattristava e agrime amare gli offuscavano gli occhi. Eppure era fermamente deciso; ma la sua tristezza veniva appunto dalla sua ferma decisione. Non era più il sogno, adesso, era la realtà; ed egli, nel primo momento della sua risoluzione, non poteva staccarsi dal passato senza sentir sanguinare il cuore. Era l'addio a tutte le cose che formavano la sua vita; era quindi la sua vita stessa che se ne andava, con le abitudini, le gioie, i dolori, le passioni, gli errori, i piaceri. (DELEDDA, 2007, p. 52).*

manifestar publicamente seu amor pela criança, encoleriza-se ao ver Farre, pretendo futuro esposo de Maddalena, fazendo o papel de pai que, por direito, deveria ser dele:

Por que ele está lá? Por que me tirou de lá? Expulsou-me, empurrou-me. Com que direito? É dele ou meu o filho? É meu, é meu, não dele! Agora mesmo vou lá e dou umas bofetadas nesse grande odre, o expulsarei de lá, porque sou eu quem devo estar lá, não ele. Eu vou, eu vou, o esbofetarei, o matarei. Quero beber o sangue dele, porque o odeio, porque ele me tomou tudo, tudo, tudo, porque quando ele está presente, eu chego a desejar a morte do meu filho. (DELEDDA, 2015, p. 201).<sup>108</sup>

Pode-se apreender, portanto, que Elias não consegue sair de seu sonho. Não demonstra estar maduro em suas decisões e permanece sempre na fronteira entre o querer e o agir. Suas atitudes são contraditórias, pois, apesar de não assumir Maddalena e o filho, revolta-se quando outro o faz, o que fortalece a assertiva proferida por seu pai, quando afirma ao longo da história que Elias era “*um fantoche de queijo fresco*” (DELEDDA, 2015, p. 141). E, assim, a confissão não passa de apenas um sonho, um desejo que desaparece diante das ações e do tempo que passa. Para Elias, parece que a confissão não é mais que uma falsa iniciativa para que ele se sinta parte do mundo no qual está vivendo, pois, real, para ele, é o mundo de sonhos que ele criou em seu universo particular.

### 3.3.2 Sonhos e premonições

Os sonhos permeiam a vida do protagonista desde sua chegada a Nuoro. As premonições, semelhantes aos sonhos, sinalizam os episódios seguintes dentro do romance, ou seja, funcionam quase que como um fio condutor, elementos importantes na narrativa, constituindo as intuições, palpites sobre o que está por vir.

A seguir, apresenta-se um quadro no qual se busca demonstrar os momentos em que os sonhos de Elias, de certa forma, antecipam ou reforçam sua trajetória trágica através da narrativa.

---

<sup>108</sup> «Perché egli è là? Perché mi ha tolto di là? Mi ha cacciato, mi ha spinto. Con qual diritto? È suo o mio il bimbo? È mio, è mio, non suo! Adesso vado, lo prendo a schiaffi, quel grosso otre, lo caccio di là, perché devo starci io, non lui. Vado, vado, lo schiaffeggio, lo ammazzo: voglio bere il suo sangue, perché lo odio, perché mi ha tolto tutto, tutto, tutto, perché quando c'è lui, io arrivo a desiderar la morte del mio bambino». (DELEDDA, 2007, p. 64).

Quadro 8 - Os sonhos de Elias Portolu

Sonhos	Páginas
<p>As imagens fantásticas de seu sonho ondeavam, se afastavam, se dissipavam. Pronto, agora ele tinha a impressão de que aquelas estranhas ovelhas com o rosto humano saltavam sobre o muro que fechava a <i>tanca</i>; e ele ia atrás delas, com afã, saltando também o muro e adentrando na <i>tanca</i> vizinha, carregada de ervas altas, verdíssimas. Um homem alto, rígido, robusto, com uma barba cinza-avermelhada, uma espécie de gigante, caminhava lentamente, quase majestosamente, pelo bosque. Elias logo o reconheceu: era um homem de Orune, um sábio selvagem, que vigiava a imensa <i>tanca</i> de um proprietário de terras de Nuoro, para que não tirassem sem sua permissão a cortiça das árvores. Elias conhecia desde menino aquele homem gigantesco, que não ria nunca e talvez por isso gozasse de certa fama de sábio. Chamava-se Martinu Monne, mas todos o chamavam de “pai da selva” (<i>ssu babbu’e ssu padente</i>), porque ele contava que, depois da infância, não tinha dormido uma única noite no povoado.</p> <p>“Aonde vais?”, perguntou a Elias.</p> <p>“Vou atrás dessas ovelhas doidas. Mas estou tão cansado, pai da minha selva! Não aguento mais, estou fraco e moído, já não sirvo para nada.”</p> <p>“Ei, se não queres te incomodar, vai ser padre!”, disse tio Martinu com a sua voz poderosa.</p> <p>“É, é, essa ideia me ocorreu algumas vezes <i>naquele lugar!</i>”, gritou Elias.</p> <p>Agitou-se, despertou e sentiu um calafrio.</p>	<p>Cap. I - p. 130.</p> <p>Na <i>tanca</i></p>
<p>Mas não conseguia pegar no sono, novamente oprimido por um dormir quase penoso, cheio de sonhos confusos.</p>	<p>p. 130.</p>
<p>[...] Tio Martinu ainda estava lá, mas agora estava perto do muro, alto, rígido, sujo, majestoso. Também de pé, junto ao muro, na parte da <i>tanca</i> de sua família, Elias contava-lhe muitas coisas <i>daquele lugar</i>. Entre outras coisas, dizia:</p> <p>“Levavam-nos sempre à missa, nos faziam confessar e comungar com frequência. Ah, lá embaixo todos são bons cristãos! O capelão era um santo homem. Eu lhe disse uma vez, em confissão, que tinha estudado até o ginásio, que depois tinha me tornado pastor, mas que muitas vezes eu tinha me arrependido de não ter continuado a estudar. Então ele me deu um livro, escrito uma parte em latim e outra parte em italiano, o livro da Semana Santa. Eu o li mais de cem, que digo? Mais de mil vezes. E eu o trouxe comigo. Eu sei ler tanto em latim quanto em italiano.”</p> <p>“Então tu és um sabichão!”</p> <p>“Não tanto quanto o senhor! Mas sou temente a Deus.”</p> <p>“Pois bem, quando se é temente a Deus se é mais sábio que os reis”, disse tio Martinu.</p> <p>Aqui, o sonho de Elias se confundia e se entrelaçava com outros sonhos mais ou menos extravagantes.</p>	<p>p. 130.</p> <p>Na <i>tanca</i>.</p>
<p>Calaram-se. Do pátio, chegavam confusos rumores, cantos e melodias melancólicas, vibrantes na noite pura. Uma voz harmoniosa de tenor cantava ao longe, entre o coro triste e cadenciado do acompanhamento vocal dos cantos nuoreses. E aqueles cantos nostálgicos e sonoros que pareciam impregnados da solene tristeza da charneca, da noite, da solidão, subiam, expandiam-se, através dos rumores da multidão, enchendo o ar de flores e de sonhos.</p> <p>Maddalena escutava, tomada de uma profunda tristeza. Às vezes, tinha a impressão de reconhecer aquela voz. Era Pietro? Era Elias? Não sabia, não sabia, mas aquela voz e aquele canto coral, difuso na noite, uma voluptuosidade de tristeza quase mórbida. E tia Annedda continuava no seu sonho, na sua reza, sem dar-se conta que Maddalena estremeçia e palpitava ao seu lado como uma verdadeira pomba apaixonada.</p> <p>Mas eis que, de repente, os pensamentos das duas mulheres suspenderam o seu curso. Um homem entrava e avançava com passo incerto para o altar. Elias era a figura que ocupava as suas almas. Elias se ajoelhou sobre os degraus do altar, com o boné sobre o ombro direito, e começou a golpear o peito e a fronte, e a gemer silenciosamente. A luz avermelhada oscilante da lâmpada o iluminava do alto, dando um brilhante reflexo a seus cabelos. Ele, porém, não pensava que pudessem vê-lo e continuava em seu fervor doloroso a gemer e golpear o peito e a fronte.</p> <p>As duas mulheres olhavam, contendo a respiração, e tia Annedda se sentia quase feliz pela dor de seu filho.</p> <p>“Ele se arrepende de estar bêbado”, pensava, “ele tem bons propósitos: bendito seja São Francisco meu, São Francisquinho meu”. “Vem, saiamos, ele poderia nos ver e se</p>	<p>Cap. III p.143.</p> <p>No cap. IX, p. 190.</p> <p>Elias vai ter um <i>Dejavu</i> dessa voz harmoniosa de tenor.</p>

<p>envergonhar”, disse sussuradamente a Maddalena, levando-a para fora da igreja.  “O que tem Elias?”, perguntou Maddalena perturbada.  “Arrepende-se do excesso feito; ele é muito devoto, filha minha.”</p>	
<p>Os seus sentidos se acalmavam na doçura inicial do sono, quando uma visão lhe apareceu.  Era Maddalena que descia para se lavar. Ao vê-lo, ela não se perturbou, ao contrário, aproximou-se dele, inclinou-se sobre... Ah, demasiado! Demasiado! Os seus olhos encantavam-no, ardentes, fatais. Recordava a sua promessa: “Pietro, irmão meu, ainda que ela se atirasse em meus braços, eu a rejeitaria...”. Mas provava uma inquietude, um delírio que o sufocava e o cegava. Queria fugir, mas não podia se mover, e ela estava perto dele, e os seus olhos semicerrados, ardentes sob as largas pálpebras, e os seus lábios e os seus dentes o faziam perder a consciência. “Maddalena, amor meu...”, murmurou, mas logo se arrependeu e começou a gemer de paixão e de dor. “Pietro, irmão meu! Pietro, irmão meu...”  Despertou tremendo: estava sozinho e a água murmurava, e os pássaros gorjeavam. Contudo, não se ouviam mais nem disparos nem vozes. Levantou-se. Quanto tempo havia dormido?</p>	<p>Cap. III p. 148.   Sonha com Maddalena, à beira do rio Isalle, após o almoço.</p>
<p>Algumas vezes ele dormia assim, na quietude profunda do meio-dia, e, infalivelmente, Maddalena aparecia-lhe em sonho. E eram sonhos que o turbavam e o excitavam dolorosamente, deixando-lhe uma má impressão por todo o resto do dia.</p>	<p>Cap. IV p. 151.</p>
<p>Mas, sobretudo, aumentavam a recordação fixa, insistente, indestrutível do retorno da festa. Os sonhos de Elias renovavam quase sempre aquela cena, uma vez que as suas costas, a sua vida, a sua mão conservavam intactas a impressão física do corpo e da mão de Maddalena. E a mente, recordando as palavras dela, se perdia outra vez numa vertigem de prazer e de angústia.</p>	<p>Cap IV p. 151.</p>
<p>“Acreditas em sonhos, senhor?”  “O que queres que te diga? Os sonhos na verdade não se realizam, mas muitas vezes acontece que nós esperamos algo, pensamos muito nisso, e assim sonhamos. Depois acontece, e, então, nos parece que o sonho se tornou realidade, mas é algo que simplesmente devia acontecer.”  Elias admirou uma vez mais a sabedoria de tio Martinu, mas sacudiu a cabeça. Relembra o sonho na beira do rio Isalle: acaso tinha ele previsto e desejado a conversa mantida com Maddalena? Não, parecia-lhe que não.</p>	<p>Cap IV p. 152.</p>
<p>Recordava o sonho que teve na primeira noite após seu retorno e aquele na margem do Isalle, e outros sonhos, e outras visões distantes. E experimentava, no fundo da alma, uma angústia confusa, por causa daquela voz que não podia ouvir, daqueles sonhos, por outras coisas que não conseguia lembrar.</p>	<p>Cap V p. 159.</p>
<p>Sonhos atormentadores, no sono e na vigília, o assaltavam, piores do que qualquer tentação. Quase toda noite sonhava com o passado, com a <i>tanca</i>, o curral de ovelhas, a casinha, com Maddalena e frequentemente também com o menino. E sempre tinha a impressão de ainda ser pastor e livre. Porém, uma opressão sombria e uma recordação que não conseguia reter, mas muito dolorosa, convertiam aqueles sonhos em pesadelos. Contudo, não era com esses sonhos que ele se angustiava, mas dos sonhados com olhos abertos, com as visões doces e funestas que o cerravam em círculos insidiosos. “Não! Não, não!”, repetia sempre e expulsava os desejos vãos, as imagens fatais, e começava a rezar e a estudar. Porém, se fossem expulsos cem vezes, cem vezes os tristes sonhos voltavam</p>	<p>Cap. IX p. 189.   Na <i>tanca</i>.</p>
<p>Então, o distante canto sardo se fez um pouco menos distante. Do coro melancólico subia uma voz harmoniosa de tenor, na qual tremulava toda a vontade e a doçura daquela noite enluarada. Elias levantou a cabeça apanhado por um súbito encantamento. Onde tinha ouvido aquela voz? Uma recordação quase física o fez estremecer. Ele se lembrava de ter vivido outra noite como aquela, de ter ouvido aquele canto, de ter estado triste como estava agora. Onde? Quando? Como? Levantou-se, apoiou-se na janela, sob o puríssimo raio da lua em zênite. A brisa trazia distantes fragrâncias. Ele estremeceu e recordou a noite na qual tinha chorado de paixão aos pés de São Francisco.</p>	<p>Cap. IX p. 190   Elias tem um <i>Dejavu</i> dessa voz harmoniosa de tenor, que aconteceu no Cap. III, p. 143, quando ele chora aos pés de São Francisco.</p>
<p>Ao amanhecer dormiu um pouco, e sonhou com Pietro vivo, que vinha para a <i>tanca</i></p>	<p>Cap. IX p. 192.</p>

<p>(como sempre, parecia que ainda era pastor). Pietro vinha a cavalo e tinha o rosto lívido e os olhos fechados como os do cadáver.  “O que tens?”, perguntou Elias com terror.  “A criança morreu; venho para te dizer”, respondeu Pietro. “Retorna ao povoado porque é você que deve enterrá-lo.”  Elias experimentou tanto medo e tanta angústia que fez um esforço para despertar. Mas, despertando, continuou a se sentir angustiado como no sonho. Já era dia. Ouvia a criança chorar e logo pensou com dor:  “Que também ele deveria morrer? Que o sonho teria sido um aviso? As desgraças nunca vêm sozinhas e eu creio nos sonhos”.</p>	<p>Anúncio da morte de Berteddu.   Na <i>tanca</i>.</p>
---	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir do romance *Elias Portolu* em out. 2018.

Os sonhos e premonições, em alguma medida, revelam desejos e conflitos da personagem Elias Portolu, bem como anunciam futuros acontecimentos, como se pode constatar no primeiro sonho, no qual Elias, ao sonhar com as ovelhas, sinaliza um possível não pertencimento à terra, pois, como as ovelhas saltam sobre o muro, ele também deseja ultrapassá-los. Da mesma forma premonitória, sonha com Pietro anunciando a morte de seu filho.

Os sonhos e premonições se tornam reguladores da narrativa, que avança de acordo com o que parece já estar predestinado para suas personagens. O protagonista, ao querer mudar seu destino de homem da terra, parece avisado o tempo todo, por seus sentidos, de que a saída por ele encontrada não o levará a nenhum caminho sem dor. E, com ele, neste caminho de sofrimento, por ter ousado alterar a direção ‘correta’ das coisas sagradas da terra, arrasta toda a sua família, que se desmonta como um castelo de cartas.

### 3.3.3 Rezas

Por fim, assim como os sonhos perpassam a obra *Elias Portolu*, anunciando os acontecimentos futuros, as rezas também fazem parte dessa narrativa. Porém, o papel das rezas parece diferente do papel dos sonhos e premonições, pois essas têm a intenção de colocar as coisas nos trilhos, de reverter o desvio anunciado pelo protagonista e voltar ao sagrado. As rezas parecem ser o pedido de absolvição pelos pecados e excessos cometidos, e a promessa de que a terra, em sua imensa sabedoria e santidade, será respeitada e ouvida. Tia Annedda é a escolhida pela autora para interceder ao divino por sua família e, especificamente, por Elias.

#### Quadro 9 - Rezas

Rezas de Tia Annedda	Páginas
“Ah, belo Santu Franziscu, pequeno São Francisco meu, eu não tenho	Cap. I p. 135.

palavras para agradecer. Toma minha vida, se quiseres, e tudo o que desejas, mas que os meus filhos sejam felizes, que andem pelos caminhos retos do Senhor, que não sejam muito apegados às coisas do mundo, <i>Santu Franzizcheddu</i> meu!”	
“Ah, <i>Santu Franziscu</i> meu, São Francisco belo, tira esse peso do meu coração. Elias, o filhinho meu, está retornando ao mau caminho. Eis que ele se embriaga, se maltrata, não é mais o mesmo. E parecia tão bom quando voltou, e prometia tanta coisa! Tenha piedade de nós. São Francisco meu, São Francisquinho meu, fazei com que ele volte para o bom caminho, afastai-o dos vícios, das más companhias, das coisas do mundo. São Francisco, irmãozinho meu, concedei-me essa graça!”	Cap. III p. 141.
Tia Annedda esperava sentada no pátio, com as mãos entrelaçadas debaixo do avental, rezava suplicando contra a tentação que podia arrebatar os seus filhos mascarados (para ela, a máscara era um símbolo do demônio), e, ao irromper da companhia, estremeceu ligeiramente. Talvez um maligno espírito interno lhe sussurrasse que a sua oração era inútil, que o demônio vencia, que, com a volta dos seus filhos mascarados, o pecado mortal entrava na casinha até então pura.	Cap. VI p. 174.
Tia Annedda tinha acendido duas lâmpadas e dito as <i>palavras verdes</i> , e as <i>palavras verdes</i> haviam respondido que Pietro deveria morrer.	Cap. X p. 191.
A criança tinha uma febre altíssima e delirava, com os olhinhos perdidos e o rosto ardente. Maddalena o velava, consternada e desesperada, e tia Annedda já tinha recorrido aos seus medicamentos, aos Santos e as suas rezas, mas tudo perfeitamente inútil. Ela tinha uma relíquia especial para baixar a febre. Passou-a sobre o corpo ardente da criança e recitou com fervor diversas orações, a Deus, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Misericórdia, a Nossa Senhora dos Remédios, a Maria de Valverde, a Maria do Monte, a Maria do Milagre, às Almas Santas, a São Basílio, a Santa Lúcia, ao Sangue Santo, aos Santos Inocentes; mas a febre só aumentou.	Cap. X p. 199.

Fonte: Elaborada pela autora a partir do romance *Elias Portolu*, em out. 2018.

Suas preces são, não somente súplicas, mas também esperança de que algo de bom aconteça para todos, que a serenidade e a normalidade se restabeleçam, como antes da prisão de Elias. Igualmente aos sonhos e premonições, identifica-se que tais preces denotam uma característica expressiva e forte do Verismo, que é a religiosidade representada pelo vínculo com a terra, local de pertencimento, mas também de contradições e angústias que permeiam a vida dos Portolu.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém evidenciar que esta pesquisa não pretendeu em nenhum momento trabalhar a religiosidade a partir da concepção cristã, ou de outra religião, apesar da educação cristã de Grazia Deledda e de suas leituras constantes da *Bíblia*, características muito presentes em suas obras, (no nome de seus personagens, tais como, Ruth, Ester, Noemi e Lia, em *Caniços ao Vento*; Elias, Pietro, Mattia, Maria Maddalena, em *Elias Portolu*; bem como na seleção bíblica para alguns títulos de seus livros: *Il dio dei viventi*, *La chiesa della solitudine* e *La fuga in Egitto*), já que tal mapeamento exigiria maior aprofundamento. O objetivo principal desta pesquisa foi a religiosidade da terra e da família, a partir da visão verista.

A presente pesquisa, em certa medida, apresentou a situação da literatura na Europa, e, especificamente, na França e na Itália, por ocasião da eclosão do movimento verista. Realizou-se aqui, também, um resumo da vida e da obra da escritora sarda, Grazia Deledda, trazendo seus principais romances traduzidos, no Brasil e em Portugal. Com relação ao livro *Elias Portolu*, cujo original utilizado pertence à coletânea *DELEDDA Romanzi e novelle* (2007), em que sua tradução consta em Apêndice nessa dissertação, apresentou-se o mapeamento dos elementos religiosos vinculados à terra e à família, presentes nessa obra, bem como sua análise.

O que se constatou, apesar de determinados obstáculos enfrentados durante o desenvolvimento deste trabalho, não somente no que se refere à prática tradutória, mas também quanto à pesquisa teórica, é que, identificar e classificar as marcas da religiosidade da terra e da família, utilizadas durante a narrativa, tornou-se instrumento eficaz e fundamental para que se entendesse melhor a constituição da personagem Elias, enquanto sujeito dentro da obra, que perpassa a forma sagrada através da qual a autora vê sua terra.

É relevante destacar que, *Elias Portolu* se insere no movimento verista por apresentar uma das principais características por este pontuadas, ou seja, contemplar o regionalismo e a rotina em suas narrativas, cujo enredo representou costumes e modos de ser estáveis do povo sardo.

Igualmente, vale mencionar os elementos de religiosidade pertinentes à terra e à família, com destaque para os provérbios, os modos-de-dizer, as repetições, as personagens identificadas por apelidos, bem como, a comparação destes com animais, que irão influenciar a constituição de sujeito e o modo de agir da comunidade.

Outro ponto a se destacar, refere-se às rezas e aos sonhos que acontecem ao longo da narrativa, e, funcionam como anunciação para futuros acontecimentos, atuando como fio condutor, que se consubstancia como uma característica importante dentro do Verismo.

Tal constatação encontra-se no capítulo I, quando a autora apresenta as personagens, Elias deixa transparecer que, por ter estudado, ter lido um livro de religião, uma parte em latim e a outra em italiano, e, falar um pouco em dialeto e em italiano, quando retorna à sua terra, encontra-se na fronteira entre o homem sardo e o continental, o que evidenciaria seu futuro desenraizamento. Não é por uma coincidência que o livro, que lê lhe é dado por um padre, fale sobre as coisas sagradas da religião cristã.

Especificamente sobre a tarefa de tradução de *Elias Portolu*, como já mencionado anteriormente, por ocasião do TCC, apresentou algumas dificuldades, como era de se esperar, exigindo empenho constante em pesquisas exaustivas por materiais, tais como: gramáticas, dicionários sardos e as obras traduzidas em Portugal e no Brasil de Deledda. Acredita-se que isso tenha se dado em função de a língua e a cultura, em muitos casos, serem indissociáveis. Isso sem falar nas idas e vindas à busca do entendimento, não só do momento histórico, econômico e político da Itália por ocasião do movimento verista, como também da cultura sarda.

A tradução, apesar de não se constituir no ponto central da reflexão apresentada, teve suporte teórico nos fundamentos de Schleiermacher, quando se pensa em uma tradução na qual se deseja levar o leitor ao autor. Consequentemente, tem-se que mencionar Berman, na priorização da letra e não do sentido, e Venuti, com seus métodos de “domesticação” e “estrangeirização”, já que ambos retomaram os ensinamentos de Schleiermacher.

A visão de mundo, que a presente dissertação exigiu desta pesquisadora, trouxe à tona uma riqueza de detalhes culturais que também poderá alargar a visão de mundo daqueles que com ela tiverem contato.

Espera-se, também, que esta pesquisa possa agregar valor às demais obras já traduzidas de Grazia Deledda, como: *O drama de Regina*, *Caniços ao vento*, *Cosima e Juncos ao Vento*, servindo de inspiração aos que pretendem e desejam realizar trabalhos desse gênero.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ana Paula Freitas de. **Os Malavoglia: o narrador e sua criação**. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- ANSEMI, Gian Mario. **Profilo storico della letteratura italiana**. Milano: Sansoni, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução e apresentação de Selvino Jose Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.
- \_\_\_\_\_. **O reino e a Glória: uma genealogia teológica da economia e do governo**. Tradução de Selvino Jose Assmann. São Paulo: Boitempo, 2011.
- BACEGA, Eliane. **Os Malavoglia de Giovanni Verga: O provérbio na escrita literária da Sicília do século XIX**. Chapecó, Universidade Federal da Fronteira Sul, 2017.
- BALZAC, Honore de. **A comédia humana**. Tradução de Paulo Ronai. Nova ed., rev. São Paulo: Globo, 1989- 17 v.
- BERTONHA, João Fábio. **Os italianos**. São Paulo, Contexto, 2005.
- CANDIDO, Antonio. O mundo-provérbio. **Revista Linguagem e Literatura** nº 1. USP, 1972.
- CAPUANA, Luigi. **Gli 'ismi' contemporanei**. Milano: Fabbri Editori, 1973.
- CASU, Pietro. **Vocabolario sardo Logudorese – italiano**, 2011. Disponível em: <<http://vocabolariocasu.isresardegna.it/>>. Acesso em: 20 abr. 2013.
- CECCHI, E.; SAPEGNO, N. **Storia della letteratura italiana**. Roma: Garzanti, 1965.
- CHROUST, Giavanna. **Grazia Deledda e la Sardegna**. Roma: Ed. Avgvsta, 1932.
- CROCE, Benedetto. **Le Riviste di Benedetto Croce on line La Critica**. Napoli, 1903, vol. 01. Disponível em: <<https://ojs.uniroma1.it/index.php/lacritica/issue/view/220/showToc>>. Acesso em: 13 fev. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Le Riviste di Benedetto Croce on line La Critica**. Napoli, vol. 36, 1938.
- DELEDDA, Grazia. Elias Portolu. In: DELEDDA, Grazia. **Romanzi e novelle**. Milano: Mondadori, 2007, p. 5 - 167.
- \_\_\_\_\_. **Elias Portolu**. Tradução Alba Maria Santana Ferreira Elias. Inédito. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Cosima**. Tradução de Maria do Rosário Toschi. Revisão da tradução de Aurora Fornoni Bernardini. Vinhedo: Horizonte, 2005.

\_\_\_\_\_. **O drama de Regina** (nostalgias). Tradução de Marina Guaspari. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1932.

\_\_\_\_\_. **Canções ao vento**. Tradução de Mario de Murtas. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1964.

\_\_\_\_\_. **Claro-escuro**. Lisboa: Gleba, 1943

\_\_\_\_\_. **Juncos ao Vento**. São Paulo: Carambaia, 2015.

\_\_\_\_\_. **Mariana Sirca**. Lisboa: Gleba, 1944.

\_\_\_\_\_. **Depois do Divórcio**. Tradução de Maria Carlos Loureiro. Lisboa: Sibila Publicações, 2018.

\_\_\_\_\_. **Cinzas**. Tradução de Graziella Saviotti. Lisboa: Sibila Publicações, 2018.

D'ELIA, Antonio et al. **La tentazione del fantastico: racconti italiani da Gualdo a Svevo**. Cosenza: Pellegrini Editore, 2007.

DE ROBERTO, Federico. **Processi verbali**. Palermo: Sellerio Editore, 1990.

EIRÍKSDÓTTIR, Hrefna. **Il vero, i vinti e il dramma attraverso gli occhi di un narratore impersonale: Analisi della teoria letteraria 'Verismo' e la sua rappresentazione in quattro novelle di Giovanni Verga**. Islândia: 2010.

ELIAS, Alba M.S.F. **A harmonia entre paisagem e personagens em Elias Portolu, de Grazia Deledda: tradução e análise do primeiro capítulo**. Florianópolis, UFSC 2015.

ELIAS, Alba M. S. F.; DAL PONT, Izabel & GASPARI, Silvana. (A crença no real e a religião: uma escrita de si em *Elias Portolu* e *Cosima* de Grazia Deledda). **Policromias: revista do discurso, imagem e som**. Rio de Janeiro: v. 3, p. 173-190, 2018.

FERRONI, Giulio et al. **Storia e testi della letteratura italiana**. 3. ed. [Milano]: Mondadori Università, 2011.

FIGUEIREDO, Eurídice. Autoficção Feminina: A mulher Nua Diante Do Espelho. **Criação & Crítica**, São Paulo, v. 0, n. 4, p.91-102, 01 jul. 2010. Semestral. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/issue/view/3836>>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GASPARI, Silvana de. A violência em *Rosso Malpelo* de Giovanni Verga. **Fragmentos**. Florianópolis, n. 30, p. 77-85, jan - jun 2006.

\_\_\_\_\_. Luigi Capuana e o narrador verista: impessoalidade e testemunho. **Fragmentos**. Florianópolis, n. 33, p. 319-329, jul - dez, 2007.

\_\_\_\_\_. Dissertação de mestrado: a trajetória narrativa de Luigi capuana segundo sua teoria verista 1994.

**GRAMMATICA sardo-campidanese.** Disponível em: <[http://www.mondosardegna.net/all-lang/download/archivio/linguasarda/mondosardegna.net\\_GRAMMATICA\\_SARDA.pdf](http://www.mondosardegna.net/all-lang/download/archivio/linguasarda/mondosardegna.net_GRAMMATICA_SARDA.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2013.

HALLENGREN, Anders. **Grazia Deledda: Voice of Sardinia.** 2002. Disponível em: <[http://www.nobelprize.org/nobel\\_prizes/literature/laureates/1926/deledda-article.html](http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/literature/laureates/1926/deledda-article.html)>. Acesso em: 20 abr. 2013.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KING, Martha. **Grazia Deledda: a legendary life.** Leicester: Troubador, 2005.

LINOSSI, Patrizia. **Grazia Deledda Epistolografa.** Tese de doutorado em Filosofia. Universidade da Cidade do Cabo - África do Sul. 2015.

MURTAS, Mario de. Vida e Obra de Grazia Deledda. In: DELEDDA, Grazia. **Canções ao vento.** Rio de Janeiro: Ed. Opera Mundi, 1973.

PINTOR, Maria Maneli. **Grazia Deledda.** Mantova: Mussolinia, 1929.

RUSSO, Luigi. **I Narratori.** Itália: Casa Editrice Giuseppe Principato, 1951. Disponível em: <<https://archive.org/details/inarratori18501900russuoft/page/326>>. Acesso em 05/06/2019.

SAPEGNO, Natalino. *Prefazione.* In: DELEDDA, Grazia. **Romanzi e novelle.** Milano: Mondadori, 2007.

SCHÜCK, Henrik. Discurso de Recepção: a Grazia Deledda. In: DELEDDA, Grazia. **Canções ao vento.** Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973.

VERGA, Giovanni. **Lettera a Salvatore Paolo Verdura** [21 aprile 1878]. *L'amante di Gramigna.* In. *Vita dei campi*, 1880.

\_\_\_\_\_. **Os Malavoglia.** Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Abril, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cenas da vida siciliana.** São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2001.

\_\_\_\_\_. **Tutte le Novelle,** 2005. Disponível em: <<http://bepi1949.altervista.org/tutte/index.htm>>. In: DE BIBLIOTHECA TEMATICA. *Classici della letteratura italiana. Tutte le novelle,* 2005. Disponível em: <<http://bepi1949.altervista.org/tutte/index.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

ARRIGONI, Maria Teresa. Introdução. In DELEDDA, Grazia. **Juncos ao Vento.** São Paulo: Carambaia, 2015.

## APÊNDICE - UMA TRADUÇÃO DE *ELIAS PORTOLU*: CONCEITOS E CONCEPÇÕES

A tradução<sup>109</sup> aqui proposta, segundo análise feita nesta pesquisa, permite perceber que Grazia Deledda transmite, por meio de sua escrita, muito das influências que obteve por ter nascido na região da Sardenha. Nesse ambiente, a escritora vivenciou experiências que lhe deram suporte para a narrativa de diversas obras. Percebe-se que, mesmo tendo ela saído da Sardenha, esta nunca a abandonou. Em *Elias Portolu*, especificamente, encontra-se presente a cultura sarda e a harmonia entre a paisagem e o meio, no qual as personagens estão inseridas com os sentimentos e emoções por elas vividas.

A religiosidade partilhada com a terra, com as crenças populares, com a vida e o ambiente, pode ser observada no seguinte fragmento:

Avançava o outono, trazendo uma doce melancolia na *tanca*. Nos dias vaporosos, a paisagem parecia mais vasta, com misteriosas fronteiras além do velado limite do horizonte. E uma solidão mais intensa pesava sobre as *tanças*. As árvores, as pedras, os arbustos adquiriam uma atmosfera grave como se também sentissem a tristeza outonal. Grandes corvos lentos e melancólicos riscavam o céu pálido. A relva de outono renascia sobre as palhas enegrecidas pelas abundantes chuvas caídas ultimamente. Em um desses dias transparentes, ainda morno, mas triste, Elias se encontrava só, sentado sobre o limiar da cabana. Lia um dos seus livrinhos de orações e de meditações. O rebanho pastava ao longe. Algum gracioso cordeirinho de outono, branco como a neve, baliava com lamentos de bebê mimado. (DELEDDA, 2015 p. 163, tradução nossa).<sup>110</sup>

Deledda, ao narrar a mudança de estação na *tanca*, descreve a melancolia velada no limite do horizonte, na qual a solidão se mescla com a paisagem e com o tempo de meditação de Elias. Para ele, aparentemente, a *tanca* parece ser o lugar “espelho”, que

<sup>109</sup> Por tal romance não ter sido, até o presente momento, traduzido de maneira oficial no Brasil, pretende-se propor uma tradução experimental, amparada nas técnicas tradutórias da domesticação e da estrangeirização, buscando-se a fidelidade ao modo de escrita da autora e preservando seus traços característicos, elencados anteriormente neste trabalho. Consta a tradução, em 2018, para o português, com o título *As Indecisões de Elias Portolu*, por meio da editora italiana NOR, situada em Ghilarza, Sardenha - Itália. Esta foi criada em 2010, como uma editora digital, cujas publicações impressas são feitas a pedido, conforme anotações p. 16 dessa dissertação.

<sup>110</sup> *S'avanzava l'autunno, portando una dolce melanconia nella tanca. Nei giorni vaporosi il paesaggio pareva più vasto, con misteriosi confini oltre il velato limite dell'orizzonte; e una solitudine più intensa gravava sulle tanche; gli alberi, le pietre, i cespugli assumevano qualche cosa di grave come se anch'essi sentissero la tristezza autunnale. Grandi corvi lenti e melancolici solcavano il cielo pallido; l'erba di autunno rinasceva sulle stoppie annerite dalle abbondanti piogge cadute ultimamente. In uno di questi giorni velati, ancora tiepidi ma tristi, Elias si trovava solo seduto sul limitare della capanna. Leggeva uno dei soliti libriccini di preghiere e di meditazioni. La greggia pascolava in lontananza; qualche gracioso agnellino d'autunno, bianco come la neve, belava con lamenti di bimbo viziato.* (DELEDDA, 2007, p. 90).

lhe confere o sentimento de pertença, muito presente também na autora quando essa se refere à terra natal.

A escritora utilizou-se, em grande medida, na escritura de sua narrativa, de elementos relacionados à religiosidade da terra, (modos-de-dizer, crenças, provérbios, bem como o dialeto sardo). Tais elementos não foram de fácil acesso, no processo de tradução, da variação diacrônica do italiano da época de Deledda para o português brasileiro atual. As dificuldades apresentaram-se no que tange aos aspectos culturais e à sintaxe, uma vez que se trata do italiano falado especificamente na região da Sardenha, envolvendo, por vezes, formas idiomáticas próprias da ilha, além de elementos culturais particulares, como a culinária típica e o uso de expressões primitivas da língua<sup>111</sup>.

Por outro lado, o conhecimento prévio de outras obras da autora de posse dessa pesquisadora, como *Drama de Regina*, *Caniços ao Vento*, *Juncos ao Vento* e *Cosima*, traduzidas para o português brasileiro; *Claro Escuro*, *Mariana Sirca*, *Depois do Divórcio* e *Cinzas*, para o de Portugal, além de *Leggende Sarde*<sup>112</sup>, auxiliaram no processo de tradução de *Elias Portolu*, uma vez que também apresentam a diversidade cultural da Sardenha. Cabe salientar que, dos traduzidos para o português brasileiro, o *Drama de Regina* foi o que mais dificuldade apresentou ao seu acesso. Foram, ao todo, três anos de buscas incansáveis em sebos, editoras, bibliotecas quando finalmente em 2019, por meio do serviço de empréstimo entre bibliotecas, conseguiu-se o livro.

Esclarece-se que, para a tradução aqui apresentada, primeiramente, foi elaborado um quadro, composto por duas colunas: uma com o texto original e outra completada com a tradução para o português brasileiro. Durante o processo de tradução, à medida que surgiam dificuldades tradutórias – em virtude da falta de materiais para dar suporte, como *sites* confiáveis e uma edição de gramática sarda –, os vocábulos e expressões que apresentavam maior dificuldade foram classificados em categorias, como geografia, costumes, história-cultural, cor, religião, onomatopeia e provérbios, para facilitar a compreensão do texto. Tal metodologia permitiu a organização do trabalho a ser empreendido, além de possibilitar uma visão sistêmica e, conseqüentemente, uma melhor compreensão da tarefa do tradutor, o que auxiliou muito na execução do

---

<sup>111</sup> CACCHIO, Pasquale. **Castellucese**: grammatica, rimario, vocabolario, toponomastica della lingua di Castelluccio Valmaggiore (FG). Disponível em: <pasquale75321.files.wordpress.com/2012/08/castellucese-8-2013-web4.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2014.

<sup>112</sup> Obra não vertida para o português até a presente data.

planejado, facilitando não somente as pesquisas necessárias, mas também a compreensão do texto a se traduzir.

Por fim, as escolhas feitas para a tradução foram justificadas a partir do embasamento teórico: Schleiermacher (2010), segundo o qual a tradução deve fazer com que o leitor se familiarize com o outro, e não somente consigo mesmo; Venuti (2002), na apresentação dos métodos estrangeirização e domesticação; e, Berman (2002), quando esse elenca as tendências deformadoras da tradução.

Durante o processo descrito acima, alguns elementos da língua sarda mostraram significativa relevância e, por isso, optou-se por sua manutenção na forma original. Alguns exemplos para esses casos são as expressões ‘*muscì*’, ‘*socronza*’, ‘*Santu Franziscu*’ e *allargaribus*.

O equivalente para *muscì*, *muscì*, que é uma forma para chamar os animais, no caso para gatos, seria miau, miau, em português, conseguido após exaustivas pesquisas, por meio da *Gramática da Língua de Castelluccio Valmaggiore* (FG), de Pasquale Cacchio. Com relação à expressão *socronza*, cujo equivalente é sogra do filho ou da filha, optou-se pela manutenção da mesma grafia conforme edição italiana (2007), bem como a de belo *Santu Franziscu*. Quanto à *allargaribus*, possivelmente trata-se de uma brincadeira da autora com a expressão italiana (*al*) *largo* (*tienti al largo da lui* = afaste-se dele) e com o verbo *allargare*, que pode significar “dar espaço em torno”, ou seja, afastai-vos, conforme apresentado no quadro 10:

Quadro 10 — Expressões sardas em *Elias Portolu*

Original	Tradução
p. 9 « <b>Muscì, muscì</b> », cominciò a gridare zio Portolu, «che diavolo hai, non hai veduto mai cristiani ».	p. 123 “ <i>Muscì, muscì</i> ”, começou a gritar tio Portolu, “Que diabo tens, nunca vistes cristãos?”
p. 16 <i>Intanto zia Annedda, visto che non le lasciavano dire una parola, s'era messa a preparare il caffè per <b>La socronza</b>.</i>	p. 127 Enquanto isso, tia Annedda, visto que não a deixavam dizer nada, começou a preparar o café para a <i>socronza</i> .
p. 20 <b>Santu Franziscu bellu</b>	p. 129 Belo <i>Santu Franziscu</i>



<p>p. 38  «Questo è Maometto! Questa è una scimitarra! <b>Allargaribus.</b>».</p>	<p>p. 138  “Este é Maomé! Esta é uma cimitarra! <i>Allargaribus.</i>”</p>
---	---

ELIAS, Alba, 2018. Fonte: *Elias Portolu* (2007).

Além dos elementos singulares da Sardenha e do estilo da autora, a tradução sempre traz a linguagem de quem a elabora. Isso porque, de acordo com Schleiermacher (2010, p. 67), “será impossível que a língua do tradutor tenha sempre a mesma coerência que a de seu autor [...], por conseguinte, terá que se contentar com alcançar em casos isolados o que não pode alcançar em conjunto”.

Portanto, reforça-se uma vez mais que, nesta proposta tradutória, tentou-se seguir a máxima proferida por Schleiermacher (2010), segundo a qual a tradução deve fazer com que o leitor se familiarize com o outro, e não somente consigo mesmo.

**ELIAS PORTOLU**  
GRAZIA DELEDDA

Tradução  
Alba Maria Santana Ferreira Elias

## I

Dias felizes se aproximavam para a família Portolu, de Nuoro. No final de abril voltaria o filho Elias, que cumpria pena em uma penitenciária do continente, depois se casaria Pietro, o mais velho dos três jovens Portolu.

Preparava-se uma espécie de festa. A casa fora caiada, o vinho e o pão preparados<sup>113</sup>; parecia que Elias estava voltando dos estudos, e era com certo orgulho que os parentes, terminada a sua desgraça, o esperavam.

Finalmente chegou o dia tão esperado, especialmente por tia<sup>114</sup> Annedda, a mãe, uma mulherzinha plácida, branca, um pouco surda, que amava Elias acima de todos os seus filhos. Pietro, que era lavrador, Mattia e o tio Berte, o pai, que eram pastores de ovelhas, voltaram do campo.

Os dois rapazes se pareciam muito: baixotes, robustos, barbudos, com o rosto atrigueirado e com longos cabelos pretos. Também tio Berte Portolu, a velha raposa, como o chamavam, era de estatura pequena e com uma cabeleira preta e embaraçada que caía até seus olhos vermelhos adoentados e sobre as orelhas, ia se confundindo com a longa barba preta, não menos embaraçada. Vestia um traje bem sujo, com uma longa jaqueta preta sem mangas, de pele de carneiro, com lã por dentro. Entre toda aquela pele preta, se entreviam apenas as mãos enormes de um vermelho-atrigueirado. No rosto, um grande nariz igualmente vermelho-abronzeado.

Mas, para a ocasião solene, tio Portolu lavou as mãos e o rosto, pediu um pouco de azeite de oliva a tia Annedda, e untou bem os cabelos. Depois os desembaraçou com um pente de madeira, resmungando pela dor que esta operação lhe causava.

“Que o diabo vos penteie”, dizia aos seus cabelos, torcendo a cabeça. “Nem mesmo a lã das ovelhas é tão embaraçada!”

Quando o nó foi desembaraçado, tio Portolu começou a fazer uma trancinha sobre o lado direito da cabeça, outra do lado esquerdo, uma terceira embaixo da orelha direita, uma quarta embaixo da orelha esquerda. Depois untou e penteou a barba.

“Agora, faz outras duas!” disse Pietro, rindo.

“Não vês que pareço um noivo?”, gritou tio Portolu. E ele também riu. Tinha um riso característico, forçado, que não movia um pelo da sua barba.

Tia Annedda resmungou alguma coisa, porque não gostava que seus filhos faltassem ao respeito com o pai; mas este lançou um olhar de reprovação a ela e disse:

“Então, o que dizes, tu? Deixas os rapazes rirem; é hora deles se divertirem; nós já nos divertimos.”

Enquanto isso se aproximou a hora da chegada de Elias. Vieram alguns parentes e um irmão da noiva de Pietro, e todos foram para a estação. Tia Annedda ficou sozinha em casa, com o gatinho e as galinhas.

O casebre, com um quintal interno, dava para um caminho íngreme, que descia até a estrada. Atrás do muro, tomado pelas trepadeiras, se estendiam as hortas que pareciam olhar para o vale. A sensação era a de estar no campo. Uma árvore estendia os seus ramos por cima da cerca viva, dando ao caminho um ar pitoresco. O granítico monte *Orthobene*<sup>115</sup> e as montanhas azuladas do Oliena fechavam o horizonte.

Tia Annedda tinha nascido e envelhecido lá, naquele cantinho cheio de ar puro, e talvez por isso tivesse se mantido sempre simples e pura como uma criatura de sete

<sup>113</sup> Em muitas localidades da Sardenha usa-se um pão especial (*carta da musica*) que dura várias semanas sem estragar.

<sup>114</sup> Na Sardenha, o título de “tio” é dado a todas as pessoas do povo com idade um pouco avançada.

<sup>115</sup> O Ortobene (em sardo: *Orthobène*) é uma colina de granito antiga, que se ergue a leste da cidade de Nuoro na Sardenha.

anos. De resto, toda a vizinhança era habitada por gente honesta, por moças que frequentavam a igreja, por famílias de costumes simples.

Tia Annedda ia de vez em quando ao portão aberto, olhava aqui e ali, depois voltava. As vizinhas também esperavam a volta do prisioneiro de pé em suas portas ou sentadas sobre os ásperos bancos de pedra, apoiados no muro. O gato de tia Annedda contemplava da janela.

E eis então um som de vozes e de passos ao longe. Uma vizinha atravessou correndo o caminho e colocou a cabeça no portão de tia Annedda.

“Lá estão eles!”, gritou.

A pequena mulher saiu trêmula e mais branca que de costume. Logo depois, um grupo de camponeses irrompeu no caminho, e Elias, muito comovido, correu para sua mãe, curvou-se e a abraçou. “Outra dessa daqui a cem anos, outra dessa daqui a cem anos...”, murmurava tia Annedda chorando.

Elias era alto e esguio, com o rosto branquíssimo, delicado, sem barba, tinha os cabelos pretos raspados, os olhos azuis esverdeados. A longa prisão tinha deixado suas mãos e seu rosto cândidos.

Todas as vizinhas se amontoaram em torno dele, empurrando os outros camponeses, e lhe apertaram a mão desejando-lhe:

“Outra desgraça dessa só daqui a cem anos.”

“Deus queira!”, ele respondia.

Em seguida, entraram em casa. O gato, que com a aproximação dos camponeses tinha se retirado da janela, vindo até a escadinha externa, saltou para baixo assustado, correu aqui e ali, e, foi se esconder.

“Musci, musci” começou a gritar tio Portolu, “Que diabo tens, nunca viste cristãos? Oh que somos assassinos, que também fogem os gatos? Somos gente honesta, somos cavalheiros!”

A velha raposa tinha uma vontade enorme de gritar, de falar e dizia coisas inconsistentes.

Sentados todos na cozinha, enquanto tia Annedda servia alguma coisa para beber, tio Portolu se apropriou de Jacu Farre, seu parente, um bonito homem vermelho e gordo, que respirava lentamente e não o deixou mais em paz.

“Vês” gritava-lhe, puxando a ponta do casaco e apontando-lhe os filhos, “vês agora os meus filhos? Três pombos! E fortes, hein, e saudáveis, e bonitos! Vês todos em fila, vês? Agora que Elias voltou, seremos como quatro leões, nem uma mosca nos atingirá. Eu também sabes, eu também sou forte. Não me olhes assim, Jacu Farre, eu não me importo contigo, entendes? Meu filho Mattia é a minha mão direita; agora, Elias será a minha mão esquerda. E Pietro, também, o pequeno Pietro, meu Prededdu<sup>116</sup>? Não o vês? É uma flor! Semeou dez quartos de cevada, oito quartos de trigo, dois quartos de favas. E, se ele quiser casar, pode manter bem a esposa! Não lhe faltará o que colher. É uma flor, meu Prededdu. Ah, os meus filhos! Como os meus filhos não existem outros em Nuoro.”

“É! é!”, disse o outro quase gemendo.

“É! é! O que queres dizer com o teu é! é! Jacu Fà? Estou mentindo por acaso? Mostra-me outros três jovens como os meus filhos, honestos, trabalhadores, fortes. São homens, são homens!”

“E quem está dizendo que são mulheres?”

“Mulheres, mulheres! Mulher debes ser tu, barriga de barril”, gritou tio Portolu apertando com as suas mãos grandes a barriga do parente, “tu, não eles, os meus filhos! Não os vês?”, prosseguiu, virando-se com adoração em direção aos três rapazes. “Não

<sup>116</sup> Diminutivo de Pietro. Tradução em português *Pedrinho*.

os vês, és cego? Três pombos...”.

Tia Annedda se aproximou, com o copo em uma mão e a jarra na outra. Encheu o copo e o ofereceu ao Farre, que deu gentilmente ao tio Portolu. E tio Portolu bebeu.

“Bebamos! À saúde de todos! E tu, minha mulher, minha mulherzinha, não tenhas mais medo de nada. Seremos como leões, agora nem mais uma mosca nos atingirá”.

“Vá! Vá!”, ela respondeu.

Deu de beber ao Farre e passou aos outros. Tio Portolu a seguiu com os olhos, depois disse, tocando sua orelha direita com um dedo:

“É um pouco... aqui; não ouve bem, enfim, mas que mulher! Uma boa mulher! Cuida da sua vida, a minha mulher, ah cuida da sua vida! E é mulher de consciência, também! Ah, igual a ela...”.

“Não há outra em Nuoro!”

“Ao que parece!”, gritou tio Portolu. “Por acaso a veem fazendo fofoca? Não penses que se Pietro trouxer aqui a sua mulher, que a moça ficará mal aqui!”

E logo começou a elogiar a moça. Uma rosa, uma jóia, uma palma! Ela costurava e bordava, era boa dona de casa, honesta, bonita, boa, bem de vida.

“Enfim”, disse o Farre irônico, “não há outra em Nuoro!”.

Enquanto isso, o grupo de jovens conversava animadamente com Elias, bebendo, rindo, cuspidando. Quem mais ria era ele, o ex-prisioneiro, mas o seu riso era cansado e pausado, a voz fraca. O seu rosto e as suas mãos se destacavam entre todos aqueles rostos e aquelas mãos atrigueiradas, parecia uma mulher vestida como um homem. Além disso, a sua linguagem tinha adquirido algo de particular, de exótico. Ele falava com certa afetação, meio italiano e meio dialeto, com xingamentos completamente continentais.

“Ouve teu pai que vos elogia”, disse o futuro cunhado de Pietro. “Ele diz que vocês são uns pombos, e, na verdade, tu és branco como um pombo, Elias Portolu”.

“Mas voltarás a ser preto”, disse Mattia. “A partir de amanhã começaremos a trotar até o curral, não é mesmo, meu irmão?”

“Que ele seja branco ou preto pouco importa”, disse Pietro. “Deixem dessas tolices, o deixem contar o que estava contando.”

“Então, eu dizia”, retomou Elias com sua voz fraca, “que aquele grande senhor, companheiro de cela, era o líder dos ladrões daquela grande cidade, como se chama... não lembro mais, não importa. Estava comigo, me confiava tudo. Aquilo sim é que é roubar. O que contam os nossos furtos? Nós, por exemplo, um dia precisamos de uma coisa, vamos lá e roubamos um boi e o vendemos. Prendem-nos, nos condenam, e aquele boi não é suficiente nem para pagar o advogado. Mas aqueles lá, aqueles grandes ladrões, é outra coisa! Pegam milhões, os escondem e depois, quando saem da prisão, ficam riquíssimos, saem de carroça<sup>117</sup> e se divertem. O que somos nós, Sardos<sup>118</sup> burros, comparados a eles?”.

Os jovens escutavam atentos, cheios de admiração por aqueles grandes ladrões de além-mar.

“E tinha também um monsenhor”, retomou Elias, “um ricaço que possuía no banco tantos milhares de liras”.

“Um monsenhor também?...”, exclamou Mattia maravilhado.

<sup>117</sup> *Carròzza* (tz) s.f. carroça.

<sup>118</sup> Napolitanos, Oruneses e Sardos em letras maiúsculas remete ao que tudo indica, à divisão política da península, antes da Unificação e também alguns anos após a mesma, razão pela qual se optou pela manutenção da referida escrita em letra maiúscula. Portanto, napolitanos os nascidos em Nápoles; *oruneses* os nascidos em Orune e sardos os nascidos na Sardenha. Conforme abordado ELIAS, 2015.

Pietro o olhou rindo e quis parecer desenvolto, mesmo que também se maravilhasse.

“Bem, um monsenhor? Oh, acaso os monsenhores não são homens como os outros? A prisão é feita para os homens.”

“Por que ele estava lá?”

“Ah... parece que era porque ele queria que mandassem o Rei embora e colocassem o Papa como Rei. Mas outros diziam que ele também estava na prisão por coisas de dinheiro. Era um homem alto com os cabelos brancos como a neve. Lia o tempo todo. Outro morreu e deixou aos detentos todo o dinheiro que tinha guardado. Queriam me dar cinco liras; mas eu recusei. Um Sardo não quer esmolas.”

“Estúpido! Eu teria pego!”, gritou Mattias. “Eu teria solenemente enchido a cara em honra do morto.”

“É proibido”, respondeu Elias; e ficou um momento em silêncio, absorto em vagas recordações, depois exclamou: “Jesus! Jesus! Quanta gente estava ali, gente de todo o tipo! Comigo tinha outro Sardo, um marechal. Embarcaram-no em Cagliari na mesma noite que me embarcaram. Ele achava que seria solto, mas prenderam-no sem que ele percebesse”.

“Ah, eu digo que deve ter percebido!”

“Ah, eu também!”

“Ele se gabava que seria liberado rapidamente, porque era parente do ministro, e porque tinha outro parente na Corte do Rei. No entanto, eu o deixei lá. Ninguém lhe escrevia, ninguém lhe mandava um centavo. E, *naquele lugar*<sup>119</sup>, se não se tem dinheiro, se morre de fome, que Deus me acuda! E os carcereiros!”, exclamou em seguida, fazendo uma careta, “uns carrascos! São quase todos Napolitanos, uns canalhas, se eles te veem morrendo ainda te cospem por cima. Mas antes de vir embora eu disse a um deles: “Tenta passar pelas nossas terras, patife, que eu ajeito o osso do teu peçoço.”

“Sim”, disse Mattia, “que tente passar pelo nosso ovil<sup>120</sup>, que nós lhe damos um pouco de soro!”

“Ah, ele não passará!”

“Quem não passará?”, perguntou tio Portolu, aproximando-se.

“Não, um guardião que cuspiu em Elias”, disse Mattia.

“Não, diabos, ele não me cuspiu coisa nenhuma. O que tu estás dizendo?”

Todos começaram a rir. Tio Portolu gritou:

“E também Elias não teria permitido; teria quebrado os dentes dele com um soco. Elias é um homem, somos homens, nós, não somos fantoches de queijo fresco<sup>121</sup> como os continentais, mesmo que eles sejam guardiões de homens...”.

“Guardiões o quê!”, disse Elias levantando os ombros. “Os guardiões são uns canalhas, mas têm também os senhores, vocês deveriam ter visto! Grandes senhores que vão de trem, que quando entram na prisão têm milhares e milhares de liras no banco.”

Tio Portolu se irritou, cuspiu e disse:

“O que eles são? Homens de queijo fresco! Vá pedir que lacem um potro indomável, ou que aguarrem um touro, ou que disparem uma espingarda! Morrem antes, de susto. O que são esses senhores? As minhas ovelhas são mais corajosas, que Deus me acuda.”

“Porém, porém...”, insistia Elias, “se vocês vissem...”.

“E o que viste tu?”, rebateu tio Portolu, depreciativo. “Tu não viste nada. Na tua

<sup>119</sup> Elias usa esse termo para se referir ao lugar no qual esteve retido, por três anos, na península. Doravante tal expressão será apresentada em itálico por tratar-se de um eufemismo.

<sup>120</sup> *Ovile* – ovil, curral.

<sup>121</sup> Pessoa atomata sem consistência. Conforme <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>.

idade eu não tinha visto nada. Mas vi depois e sei o que são esses senhores, e o que são os Continentais e o que são os Sardos. Tu és um pintinho que acabou de sair do ovo.”

“Que pintinho o quê!”, murmurou Elias, sorrindo amargamente.

“Um galo, talvez!”, disse Mattia.

E o Farre, com fineza:

“Não, um passarinho...”.

“Saído da gaiola!”, exclamaram os outros, rindo.

A conversa se espalhou. Elias prosseguiu narrando as suas recordações, mais ou menos exatas, sobre o lugar e as pessoas que tinha deixado. Os outros comentavam e riam. Tia Annedda também escutava, com um plácido sorriso no seu rosto calmo, e não conseguia apreender bem todas as palavras de Elias. Mas o Farre, sentado ao seu lado, aproximava o rosto ao seu pescoço e lhe repetia em voz alta os relatos do ex-prisioneiro.

Enquanto isso outras pessoas chegavam: amigos, vizinhos, parentes. Os recém-chegados se aproximavam de Elias, muitos o beijavam, todos lhe desejavam:

“Outra dessa daqui a cem anos.”

“Deus queira!”, respondia ele, puxando a boina sobre a testa.

E tia Annedda servia de beber. Logo a cozinha estava cheia de gente. Tio Portolu gritava incessantemente, dizendo a todos que os seus filhos eram três pombos e que gostaria que toda aquela gente ficasse por mais tempo. Porém, Pietro estava ansioso para apresentar a Elias a sua noiva, e insistia para sair e levá-lo consigo.

“Vamos tomar um pouco de ar”, dizia. “Este pobre diabo ficou trancado, e vocês querem mantê-lo aqui a tarde toda.”

“Ele vai tomar muito ar!”, respondeu um parente. “Esse rosto de moça vai ficar preto como a pólvora.”

“Isso mesmo!”, gritou Elias, passando as mãos sobre o seu rosto, envergonhado da sua brancura.

Mas, finalmente Pietro conseguiu fazer-se entender e estavam para sair quando chegou a futura sogra, uma viúva magra, alta e rígida, com o rosto terroso envolto por um lenço preto. Acompanhavam-na seus dois filhos mais novos, uma menina e um rapaz já cheio de orgulho.

“Meu filho!”, declamou com ênfase a viúva lançando-se de braços abertos em direção a Elias. “Que o Senhor te mande outra desgraça dessa só daqui a cem anos.”

“Deus queira!”

Tia Annedda seguia cuidadosamente a viúva, desejosa de cumprimentá-la, mas tio Portolu apoderou-se da mulher, segurou-a nas mãos, sacudiu-a toda.

“Vês?”, gritou-lhe no seu rosto, “vês, Arrita Scada! O pombo voltou ao ninho. Quem nos atinge agora? Quem nos atinge? Diz Arrita Scada...”.

Ela não soube dizer.

“Deixem que fale”, exclamou Pietro, dirigindo-se à viúva. “Ele está alegre hoje.”

“Porque deve estar alegre!”

“Claro que estou alegre. O que achas? Eu não devo estar alegre? Não vês o pombo? Voltou ao ninho. Está branco como um lírio. E agora sabe contar belas histórias. Arrita Scada, ouviste? Somos uma família, uma casa de homens, somos. E diz a tua filha que ela se casará com uma flor, não com uma imundice.”

“Isso mesmo.”

“Não é mesmo? Ou achas que tua filha virá aqui para ser uma criada? Virá para ser uma senhora, e terá pão, e terá vinho, e terá trigo, cevada, favas, azeite: todas as bênçãos de Deus. Vês aquela porta?”, gritou, fazendo tia Arrita voltar-se para uma portinha no fundo da cozinha. “Vês? Sim? Pois bem, sabes o que tem atrás daquela porta? Tem cem escudos em queijo. E mais outras coisas.”

“Pare com isso, pare com isso” disse Pietro, um pouco mortificado. “A ela não interessam os seus tesouros.”

“Além disso”, observou Elias, “Maria Maddalena Scada não se casará com Pietro pelo nosso queijo.”

“Filho do meu coração! tudo é bom no mundo!”, declamou tia Arrita, sentando-se entre seus dois filhos, sendo que o rapaz não falava, mas sorria debochado.

“Vamos, vamos, pare com isso!”, repetia Pietro.

Enquanto isso, tia Annedda, visto que não a deixavam dizer nada, começou a preparar o café para a *socronza*<sup>122</sup>.

“Meu marido”, disse-lhe assim que pode tê-la toda para si, “é muito apegado às coisas mundanas, não pensa que o Senhor nos deu seus bens sem que nós os merecêssemos, e que o Senhor pode tirá-los de um momento a outro”.

“Annedda minha, os homens são todos assim”, disse a outra para confortá-la. “Só pensam nas coisas mundanas e nada mais. Deixemos para lá. Mas o que estás fazendo? Não te incomodes. Só vim por um momentinho e já vou em seguida. Vejo que Elias está bem, está branco como uma moça, Deus o abençoe.”

“Sim, parece que está bem, graças ao Senhor; sofreu tanto, pobre pássaro!”

“Ah, esperamos que tudo tenha acabado. Certamente ele não voltará para as más companhias, porque foram as más companhias que lhe trouxeram a desgraça.”

“Que Deus te abençoe, as tuas palavras são de ouro, minha Arrita Scada. Mas o que dizíamos mesmo? Os homens só pensam nas coisas mundanas. Se pensassem só um pouquinho no mundo de lá, andariam mais retos neste. Eles pensam que esta vida terrena não deveria acabar nunca. Mas é uma novena, esta vida, uma novena e curta. Sofremos neste mundo. Façamos com que esta pequena (Maddalena) aqui”, tocou o peito, “fique tranquila e não nos acuse de nada, o resto que siga como deve seguir. Coloca açúcar, então, Arrita, vê se o teu café não está amargo.”

“Está bom assim, doce eu não gosto.”

“Bom, estávamos dizendo que basta ter a consciência tranquila. Mas os homens não se preocupam com isso. Para eles basta que a safra seja boa, que façam muito queijo, muita farinha, muitas azeitonas. Ah, eles não sabem que a vida é tão breve, que todas as coisas do mundo passam tão depressa. Dá-me a tua xícara, não te incomodes. Ah, não é nada, é a colherinha que caiu. As coisas mundanas! Vá, Arrita Scada, vá à beira do mar, e conta todos os grãos da areia. Quando tiveres contado tudo, saberás que eles não são nada em comparação com os anos da eternidade. Mas os nossos anos, os anos a serem passados no mundo, cabem na mão de uma criança. Eu sempre digo essas coisas a Berte Portolu e a todos os meus filhos; mas eles são muito apegados ao mundo.”

“Eles são jovens, minha Annedda, tens que considerar isso, que eles são jovens. Além disso, verás que Elias tomou juízo, está sério, muito sério. A lição não foi pequena, e lhe servirá para toda a vida.”

“Que Maria de Valverde queira! Ah, Elias é um jovem de coração. Quando era rapaz, parecia uma mocinha, não dizia uma imprecação, uma palavra ruim. Quem diria que justamente ele me faria verter tantas lágrimas?”

“Chega, agora passou tudo. Agora os teus filhos parecem mesmo uns pombos, como diz Berte, teu marido. Chega. Que entre eles reine sempre a concórdia, o amor...”

“Ah, quanto a isso não tem perigo, que sejas bendita!”, disse tia Annedda

<sup>122</sup> Vocábulo em dialeto sardo que significa sogra do filho ou da filha. Por oportuno, ressalta-se que as palavras em dialeto sardo, tiveram como referência o site: <<http://vocabolarioscasu.isresardegna.it/index.php?key=p&int=0&lemmi=cerca>>.



sorrindo.

Depois do jantar, tia Annedda pode finalmente estar com Elias, ambos sentados no frescor do pátio. O portão aberto, o caminho deserto. Parecia uma noite de verão, silenciosa, com o céu diáfano, florido de estrelas puríssimas. Atrás das hortas, atrás da estrada, ao longe, se ouvia o tilintar prateado de ovelhas no pasto, vinha pelo ar um perfume de erva fresca cítrica. Elias respirava aquele perfume, aquele ar puro, com as narinas dilatadas, com um instinto de volúpia selvagem. Sentia o sangue escorrer quente nas veias, e a cabeça oprimida por um peso agradável. Tinha bebido e se sentia feliz.

“Estivemos com a noiva de Pietro”, disse com voz vaga, “é uma moça muito graciosa.”

“Sim, é morena, mas é graciosa. Além disso, é muito sábia.”

“Sua mãe me parece um pouco arrogante, se tem um centavo mostra que tem um escudo, mas a moça parece modesta.”

“O que queres? Arrita Scada é de boa raça e se orgulha disso, mas”, disse tia Annedda, entrando no seu assunto favorito, “eu não sei o que se ganha com a arrogância e com o orgulho. Deus disse: ‘três coisas apenas o homem deve ter: amor, caridade, humildade’. O que se ganha com as outras paixões? Tu agora experimentaste a vida, meu filho; o que dizes disso?”

Elias suspirou forte, levantou a cabeça para o céu.

“A senhora tem razão, eu experimentei a vida, não que eu merecesse a desgraça que tive, porque, a senhora sabe, eu era inocente, mas porque o Senhor não perdoa a leviandade. Fui um mau filho, e Deus me puniu, me fez envelhecer antes do tempo. Os maus companheiros me desviaram, e foi porque eu andava com as más companhias que fui arrastado para aquela desgraça.”

“E aqueles companheiros, enquanto tu sofrias, nem pediam notícias de ti. Antes, quando estavas livre, não deixavam em paz aquele portão lá:” “Onde está Elias? Onde está Elias?” Era Elias para cima e Elias para baixo. E depois? Depois se distanciaram ou, se tinham que passar pela rua, cobriam a testa com a boina para que nós não os reconhecêssemos.”

“Chega, minha mãe! Agora tudo acabou, começo uma vida nova”, disse ele, suspirando. “Agora pra mim só existe a minha família: a senhora, meu pai, os meus irmãos. Ah! Creia, eu vos farei esquecer todo o passado. Serei como um criado, obediente, e terei a sensação de ter renascido.”

Tia Annedda sentiu lágrimas de doçura subirem aos olhos, e, como lhe parecia que Elias também estava muito comovido, desviou a conversa.

“Estivestes o tempo todo com saúde?”, perguntou. “Emagreceste muito.”

“O que a senhora queria? Naqueles lugares se emagrece mesmo sem se estar doente. Não trabalhar mata mais que qualquer esforço.”

“Vocês nunca trabalhavam?”

“Sim, são feitos uns trabalhos manuais, de sapateiro ou de mulherzinha! Assim parece que o tempo nunca passa. Um minuto parece um ano. É uma coisa horrível, minha mãe.”

Calaram-se. A voz de Elias ficou profunda ao pronunciar aquelas últimas palavras. Durante a tarde, no primeiro inebriamento de liberdade, ele tinha falado com facilidade da sua prisão e dos seus companheiros de desventura, parecendo-lhe uma coisa já distante, quase agradável de ser lembrada. Mas agora, naquela escuridão silenciosa, ao sentir o cheiro fresco do campo que lhe recordava os dias felizes da sua primeira juventude passada no curral, naquela imensa liberdade da *tanca*<sup>123</sup> paterna, diante de sua mãe, daquela velhinha boa e pura, de repente, a lembrança daqueles anos

<sup>123</sup> Vastíssimo terreno cercado.

perdidos em vão, na angústia da penitenciária, suscitava-lhe horror.

“Eu sou muito fraco”, disse depois de um momento, “não tenho força para nada, é como se tivessem quebrado a minha coluna. E, no entanto, nunca fiquei doente. Só uma vez tive uma cólica tremenda e eu achava que ia morrer”, “Meu *Santu Franziscu*”, eu disse então, “me tire desse horror e, a primeira coisa que farei, ao voltar à liberdade, será ir a vossa igreja e levar uma vela.”

“Belo *Santu Franziscu!*”, exclamou tia Annedda, juntando as mãos. “Nós iremos, nós iremos, meu filho! Que tu sejas abençoado, tu recuperarás as tuas forças, não duvides disso. Nós faremos a novena a São Francisco e Pietro virá à festa e levará a noiva montada em seu cavalo.”

“Quando se casa Pietro?”

“Se casará depois da colheita, meu filho.”

“E trará aqui a sua esposa?”

“Sim, a trará aqui, ao menos durante os primeiros tempos. Eu estou começando a ficar velha, meu filho, e preciso de ajuda. Enquanto eu viver, quero todos unidos. Depois, quando eu voltar ao seio do Senhor, cada um de vocês seguirá o seu caminho. Tu também terás uma mulher...”

“Ah, e quem me quer?”, ele disse com amargura.

“Por que falas assim, Elias? Quem te quer? Uma filha de Deus. Se te emendares, se levares uma vida honesta, com temor a Deus, trabalhando, não te faltará sorte. Eu não digo que tenhas que procurar uma mulher rica; mas uma mulher honesta não te faltará. O Senhor instituiu o casamento para que se unam santamente um homem e uma mulher, e não um rico e uma rica, ou um pobre e uma pobre.”

“Pois!”, disse ele rindo. “Não falemos disso! Acabo de voltar e já estamos falando de casamento. Falaremos disso noutra dia. Só tenho vinte e três anos, e tem tempo. Mas a senhora está cansada, minha mãe. Ide, ide repousar. Ide.”

“Vou, mas recolhe-te tu também, Elias. O ar pode te fazer mal.”

“Mal?”, disse ele abrindo a boca e respirando forte.

“Como pode fazer mal? Não vedes que me devolve vida? Ide. Entrarei em seguida.”

Depois de um momento, ele ficou só, quase deitado no chão, com o cotovelo apoiado no degrau da porta. Ouviu sua mãe subir a escada de madeira, fechar a janela e tirar os sapatos. Logo tudo ficou em silêncio. O ar foi ficando fresco, quase úmido, aromático. Ele repensou nas coisas que sua mãe lhe tinha dito. Então, disse a si mesmo:

“Meu pai e meus irmãos dormem tranquilos sobre suas esteiras, ouço-os daqui. Meu pai ronca, Mattia diz de vez em quando alguma coisa, de certo sonha, e, no sonho, ele também é um pouco simples. Mas como eles dormem bem! Eles se embebedaram, mas amanhã não sentirão mais nada. Eu também estou um pouco bêbado, mas sentirei a ressaca. Como sou fraco! Não sou mais um homem. Não devo ser bom para mais nada. Ah, e minha mãe quer me ver com uma mulher! Mas que mulher me quer? Nenhuma. Chega, o ar está ficando úmido, vamos nos recolher.”

Mas não se moveu. Continuava chegando o tilintar do rebanho pastando que, às vezes, parecia perto, às vezes, distante, carregado pela brisa úmida e cheirosa. Elias se sentia cansado, com a cabeça pesada, e não podia se mexer, ou lhe parecia não poder se mexer. Confusas visões começaram a ondear diante de sua fantasia: lembrava sempre do curral, da *tanca* coberta de feno altíssimo, e via as ovelhas, avolumadas pelos longos pêlos, espalhadas aqui e acolá pelo verde do pasto. Porém, essas ovelhas tinham rostos humanos, quer dizer, os rostos dos seus companheiros de desventura. E sentia uma angústia indefinível. Talvez fosse o vinho que, ao fermentar em seu sangue, dava-lhe um pouco de febre. Lembrava todos os acontecimentos do dia, mas tinha a impressão de

ter sonhado, de ainda estar *naquele lugar* e de sentir uma profunda dor.

As imagens fantásticas de seu sonho ondeavam, se afastavam, se dissipavam. Pronto, agora ele tinha a impressão de que aquelas estranhas ovelhas com o rosto humano saltavam sobre o muro que fechava a *tanca*; e ele ia atrás delas, com afã, saltando também o muro e adentrando na *tanca* vizinha, carregada de ervas altas, verdíssimas. Um homem alto, rígido, robusto, com uma barba cinza-avermelhada, uma espécie de gigante, caminhava lentamente, quase majestosamente, pelo bosque. Elias logo o reconheceu: era um homem de Orune, um sábio selvagem, que vigiava a imensa *tanca* de um proprietário de terras de Nuoro, para que não tirassem sem sua permissão a cortiça das árvores. Elias conhecia desde menino aquele homem gigantesco, que não ria nunca e talvez por isso gozasse de certa fama de sábio. Chamava-se Martinu Monne, mas todos o chamavam de “pai da selva” (*ssu babbu’e ssu padente*), porque ele contava que, depois da infância, não tinha dormido uma única noite no povoado.

“Aonde vais?”, perguntou a Elias.

“Vou atrás dessas ovelhas doidas. Mas estou tão cansado, pai da minha selva! Não aguento mais, estou fraco e moído, já não sirvo para nada.”

“Ei, se não queres te incomodar, vai ser padre!”, disse tio Martinu com a sua voz poderosa.

“É, é, essa ideia me ocorreu algumas vezes *naquele lugar!*”, gritou Elias.

Agitou-se, despertou e sentiu um calafrio.

“Adormeci aqui”, pensou levantando-se, “vou ficar adoentado.”

Entrou na cozinha cambaleando. O pai e os irmãos dormiam pesadamente em suas esteiras. Uma lamparina ardia sobre a pedra da lareira. Para Elias, pobrezinho, tão fraquinho, uma cama foi preparada em um quartinho embaixo. Pegou a lamparina, atravessou a salinha na qual, sobre tábuas largas, tinha uma grande quantidade de queijo amarelo e oleoso que exalava um cheiro ruim, e entrou no quartinho.

Despiu-se, deitou na cama, apagou a lamparina. Sentia a coluna quebrada, a cabeça pesada. Mas não conseguia pegar no sono, novamente oprimido por um dormir quase penoso, cheio de sonhos confusos. Via ainda a *tanca*, o feno, as ovelhas grandes, de lã amarela emaranhada, a linha verde do bosque vizinho. Tio Martinu ainda estava lá, mas agora estava perto do muro, alto, rígido, sujo, majestoso.

Também de pé, junto ao muro, na parte da *tanca* de sua família, Elias contava-lhe muitas coisas *daquele lugar*. Entre outras coisas, dizia:

“Levavam-nos sempre à missa, nos faziam confessar e comungar com frequência. Ah, lá embaixo todos são bons cristãos! O capelão era um santo homem. Eu lhe disse uma vez, em confissão, que tinha estudado até o ginásio, que depois tinha me tornado pastor, mas que muitas vezes eu tinha me arrependido de não ter continuado a estudar. Então ele me deu um livro, escrito uma parte em latim e outra parte em italiano, o livro da Semana Santa. Eu o li mais de cem, que digo? Mais de mil vezes. E eu o trouxe comigo. Eu sei ler tanto em latim quanto em italiano.”

“Então tu és um sabichão!”

“Não tanto quanto o senhor! Mas sou temente a Deus.”

“Pois bem, quando se é temente a Deus se é mais sábio que os reis”, disse tio Martinu.

Aqui, o sonho de Elias se confundia e se entrelaçava com outros sonhos mais ou menos extravagantes.

## II

Ainda que Mattia insistisse para que Elias fosse logo com ele ao ovil, o ex-prisioneiro

ficou por alguns dias em casa, recebendo visitas de amigos e parentes, e descansando.

Tio Berte e Mattia retornaram ao ovil, Pietro aos seus trabalhos. Contudo, um ou outro voltavam ao povoado, à noite, para ver Elias e fazer-lhe companhia. Naqueles momentos tinham grandes conversas e contavam histórias, em torno do fogo, ou no pátio nas noites límpidas e primaveris. Elias não sofria a especial vigilância que normalmente segue e aumenta a pena. Porém, pelo menos durante os primeiros tempos, estava sendo observado a partir da sede da polícia. Frequentemente, à tarde, dois policiais percorriam com passos pesados o caminho, se detinham, botavam a cabeça dentro do portão de tio Berte.

Se tio Berte estava em casa e seus olhinhos doentes de lobo distinguiam os policiais, imediatamente se levantava entre respeitoso e zombeteiro, ia até o portão e os convidava a entrar.

“Bem-vindo seja o Rei, bem-vinda seja a autoridade!”, gritava. “Entrem, aqui, jovens, venham beber um copo de vinho. Oh, não querem entrar? Oh creem ser uma casa de assassinos ou de ladrões? Somos homens gentis, e vocês não têm que colocar o nariz nos nossos afazeres.”

Os policiais, dois jovens vermelhos e grandes, se dignavam a sorrir.

“Vocês vão entrar ou não?”, prosseguia tio Portolu. “Puxo-vos? Ou querem que eu os faça entrar a força? Se não querem entrar vão para o diabo. Tio Portolu tem vinho bom.”

Os policiais acabavam por entrar e eis que surgia Tia Annedda com a famosa garrafa.

“Viva o Rei, viva a força, viva o vinho! Bebam, e que a justiça caia sobre vós.”

“Oh, Oh”, observava Mattia, quando estava presente, “que dizes pai? Então eles batem em si mesmos”.

“Ah, ah, ah!”

“Não tem do que rir. Bebam filhos meus. E bebe também tu, Mattia, que te fará bem à cabeça. Bebe também tu, Elias, que tens no rosto a cor da cinza. Precisam estar vermelhos para serem homens. Tu vêes esses jovens? Precisas ficar vermelho assim. Pois bem, vocês se tornam ainda mais vermelhos. Diabo! Talvez vocês estejam envergonhados pelas palavras de tio Portolu? Eh, ele fez corar a cara a muita gente além de vocês. Fez corar os dragões, tio Portolu. Vocês não sabem quem é tio Portolu? Bem, eu digo a vocês: sou eu.”

“Com prazer!”, disseram os dois jovens, inclinando-se e rindo. Divertiram-se, e o vinho do tio Portolu era verdadeiramente bom, frisante e aromático.

Tio Berte aproveitava a liberdade para colocar as mãos nos ombros dos policiais.

“O que vocês acreditam que são? A força! Um chifre de cabra! Espere até eu tirar de vocês este facão, esta pistola, estes distintivos: o que resta de vocês? Um chifre, como já lhes disse. Colocamos estas coisas em Elias, em Mattia, em meu Pietro. Aqui estão eles, são melhores do que vocês. Três flores, três pombos. Os meus filhos! Aos meus filhos vocês nada têm a dizer. Eles não têm nenhuma necessidade de roubar, porque nós temos bastante, e nos sobra para jogar aos cães e aos corvos.”

“Umm!...”, disse Elias, sentado silencioso em um canto. “Isto é demasiado, meu pai.”

“Deixa-o falar...”. Murmurava Mattia, todo contente pelas bravatas do pai.

“Fique calado, meu filho, destas coisas não entendes, tu nasceste ontem. Mas, o que estão fazendo, jovens? Bebam, bebam, que diabo! O homem nasceu para beber, e nós somos homens.”

“Somos todos homens”, concluía filosoficamente, com tom persuasivo, “homens vocês e nós, e temos que nos compadecer mutuamente. Hoje vocês têm as espadas e

representam o Rei, que o diabo o respeite, mas amanhã? Bem, amanhã pode ser que representem um chifre, e pode ser que tio Portolu então lhes seja útil. Porque tenho bom coração. Ah, isto lhes pode dizer toda a vila. Como tio Berte existe poucos. Mas também os meus filhos têm um bom coração, têm o coração de pombos. Bem, se vocês passarem no nosso ovil, na Serra<sup>124</sup>, leite, queijo e também mel, nós lhes daremos. Eh, nós temos também mel. Mas vocês, jovens, fechai um olho, ou talvez os dois, e não contai ao Rei todas as coisas que virem, porque todos somos homens, todos somos sujeitos a erros.”

Os dois jovens riam, bebiam e fechavam de verdade um olho e talvez os dois, frente às fraquezas dos Portolu e dos seus amigos.

A propósito dos amigos, foram ver Elias também aqueles de cuja má companhia ele e a família deviam a desgraça. Apesar dos seus propósitos, de não recebê-los, ao contrário de dar com o portão nos narizes se se atrevessem a vir, Elias os recebeu como cristãos, e tia Annedda deu-lhes de beber.

“O que se pode fazer?”, disse ela, quando se foram. “É preciso ser cristãos, é necessário nos compadecer. Que Deus os perdoe!”

“E é melhor ficar em paz com todos. O Senhor comanda a paz”, disse Elias.

“Que tu sejas bendito, Elias, tu disseste uma grande verdade.”

Ah, como tia Annedda se sentia contente quando o filho falava de Deus! E quando o via voltar da missa; e quando ele lia aquele grande livro preto, trazido *daquele lugar!*

“Que Deus seja louvado!” Pensava toda comovida. “volta a ser bom como era quando era uma criança.”

Enquanto isso mãe e filho se preparavam para cumprir a promessa a São Francisco.

A igreja de São Francisco se eleva nas montanhas de Lula<sup>125</sup>. A lenda diz que ela foi edificada por um bandido que, cansado de sua vida errante, prometeu submeter-se à justiça e mandar construir a igreja se fosse absolvido. De todos os modos, verdadeira ou não a lenda, os priores, isto é, aqueles que dirigem a festa, fazem todos os anos um sorteio entre os descendentes do fundador ou dos fundadores da igreja.

Todos esses descendentes, que se dizem também parentes de São Francisco, formam, durante o tempo da festa e da novena, uma espécie de comunidade, e gozam de certos privilégios. Os Portolu estavam entre eles. Poucos dias antes da partida, Pietro foi a São Francisco com seu carro e seus bois, e trabalhou de graça junto com outros pastores e pedreiros, alguns dos quais trabalhavam pagando promessa. Arrumaram a igreja e as pequenas habitações construídas ao redor, e transportaram a lenha que deveria arder durante o tempo da novena. Tia Annedda, de sua parte, mandou certa quantidade de farinha à priora, e junto com as outras mulheres da tribo dos descendentes dos fundadores da igreja, ajudou a peneirar a farinha e a fazer o pão que tinham que levar para a novena. Parte desse pão foi, por meio de um mensageiro do Prior, enviada como presente aos donos dos currais dos campos de Nuoro. A cada ovil, um pão. Os pastores o recebiam com devoção, e em troca davam tudo o que podiam de seus produtos. Alguns davam também dinheiro e cordeiros vivos. Outros prometiam dar vacas inteiras que aumentariam os bens do Santo, rico já em terras, dinheiro e rebanhos. Quando o mensageiro chegou ao ovil dos Portolu, tio Berte descobriu a cabeça, se curvou e beijou o pão.

“Agora não te dou nada”, disse ao mensageiro, “mas no dia da festa estarei lá

<sup>124</sup> Cordilheira ou cadeia de montanhas, montes ou penedias com picos e anfractuosidades: a serra da Mantiqueira. <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Vocábulo mantido em maiúscula conforme original.

<sup>125</sup> Lula é um município da região da Sardenha, província de Nuoro.

com minha mulherzinha e levarei ao Santo uma ovelha não tosada e *l'entrata*<sup>126</sup> de um dia de meus rebanhos. Tio Portolu não é avaro e crê em São Francisco, e São Francisco o tem ajudado sempre. Agora vai com Deus.”

Tia Annedda, enquanto isso, continuava os seus preparativos. Fez pão especial, biscoitos, doces de amêndoas e mel, comprou café, licor, outras provisões. Elias seguia, com olhar afetuoso, a labuta tranquila de sua mãe. Às vezes a ajudava. Ele quase nunca saía de casa. Continuava sentindo-se fraco, débil e, muitas vezes, seus olhos azuis-esverdeados, um pouco úmidos, tinham um olhar vidrado, e se perdiam no vazio, no nada. Pareciam os olhos de um morto.

Finalmente chegou o dia da partida. Era um domingo, no início de maio. Tudo estava pronto dentro dos alforjes de lã. Aqui e ali, pelas ruas, se via um carro carregado de utensílios e provisões, com bois atrelados para a partida.

Antes de partirem, tia Annedda e Elias foram assistir à missa na igreja de Rosário. Pouco antes que a missa começasse, chegou um homem, um camponês que seguiu até a frente de um altar e pegou um pequeno nicho de madeira e vidro, dentro do qual tinha um São Francisquinho. No momento em que estava para sair, algumas mulheres lhe fizeram sinal para que se aproximasse e as deixassem beijar a caixa. Elias também o chamou com um sinal de cabeça e beijou o vidro aos pés do Santo.

Pouco depois, todos estavam a caminho. O Prior, um camponês ainda jovem, com a barba quase loura, montava um belo cavalo cinza, e levava o estandarte e o nicho com o Santo. Seguiam-no outros camponeses, com mulheres na garupa dos cavalos. Mulheres que cavalgavam sozinhas, mulheres a pé, crianças, carros, cães. Cada um, porém, viajava por sua conta, uns mais longe outros mais perto da estrada.

Elias, com tia Annedda na garupa de uma égua cinza mansa, estava entre os últimos. Um jumentinho, filho da égua, pouco maior que um cão, os seguia de perto.

Estava uma manhã belíssima. As imponentes montanhas, na direção das quais viajavam, surgiam azuis sob o céu ainda aceso pelas chamas violáceas da aurora. O vale selvagem do Isalle<sup>127</sup> estava coberto de ervas e de flores. No caminho rochoso, pendiam, como grandes lâmpadas acesas, os zimbros amarelo-ouro. O fresco *Orthobene*, colorido pelo verde dos bosques, pelo ouro dos arbustos, pela vermelha flor do musgo, se distanciava às costas dos viajantes, sobre o fundo perolado do horizonte. Repentinamente o vale se descortina. Surgem solitárias planícies cobertas de culturas ainda tenras, brilhantes de orvalho que, embaixo dos raios do sol ainda baixo, tinham uma luminosa oscilação prateada. Os prados cobertos de papoulas, de tomilho, de margaridas, exalavam perfumes irritantes.

Mas os peregrinos tinham que subir as montanhas e deixaram para trás as planícies que conduziam ao mar. O sol começava a bater forte, e os cavaleiros rudes de Nuoro começavam a beber, para “refrescar a garganta”, parando de vez em quando os cavalos e inclinando seus rostos sob as abóboras esculpidas nas quais mantinham o vinho. Todos estavam muito alegres. Alguns instigavam de vez em quando os cavalos, e se entregavam a um ágil galope, a uma carreira desenfreada, inclinando-se um pouco para trás, emitindo gritos selvagens de alegria.

Elias os seguia sem pestanejar e seu rosto se iluminava. Também ele tinha vontade de gritar. Sentia um calafrio nos rins, uma lembrança instintiva de distantes corridas, uma necessidade de entregar-se uma vez mais ao ágil galope, e à corrida inebriante e livre. No entanto, o braço fino de tia Annedda apertava sua cintura. Ele não somente freava o seu instinto de homem primitivo, como permanecia bastante atrás dos

<sup>126</sup> O produto, ou seja, o lucro.

<sup>127</sup> O rio *Isalle* ao passar pelo território de *Dorgali* (município da província de Nuoro, na região italiana da Sardenha) empresta seu nome às terras por onde passa: vale *Isalle*.

demais cavaleiros, a fim de que o pó que se levantava não ofendesse a velha senhorinha.

Finalmente começaram a subir a montanha. Densos arbustos de aroeiras subiam e desciam entre o fosco brilho do granito, pontilhados de rosas silvestres, em pleno florescimento. O horizonte se estendia amplo e puro, o vento cheiroso passava ondulando os verdíssimos arbustos: inefável sonho de paz, de solidão selvagem, de silêncio imenso, apenas quebrado por alguma chamada distante de cuco, e pelas vozes fracas dos peregrinos. E eis que, de repente, a sublime paisagem profanada e desolada pelas bocas pretas e pelas descargas das minas. Então, novamente, paz, sonho, esplendor do céu, das pedras foscas, de distantes marinas. De novo o reino ininterrupto da aroeira, da rosa silvestre, do vento, da solidão.

A certa altura, em outra clareira, entre as aroeiras, todos pararam. Algumas mulheres desmontaram do cavalo, os homens beberam. A tradição diz que ali, enquanto a transportavam para a igreja, a estátua do Santo quis parar e beber. Entrevia-se a igreja, com as suas paredes brancas e os tetos vermelhos reclinados à média quina entre o esverdear dos arbustos.

Depois de uma curta pausa, retomou-se a viagem. E Elias Portolu e tia Annedda foram os últimos. O meio-dia se avizinhava, o sol estava se aproximando de seu apogeu, mas o vento agradável, com cheiro de rosas silvestres, o temperava com ardor.

Eis que, ao fundo de um pequeno vale, de novo a subida. As paredes brancas, os tetos vermelhos se aproximavam. Coragem, a subida é dura e árida, e tia Annedda agarra-se bem à cintura de Elias! A égua está cansada, toda brilhante de suor. O potrinho não aguenta mais. Coragem! O acampamento está próximo. Eis a bela igreja com as casinhas em torno, com o pátio, com o muro que a envolve, com o portão escancarado. Parece um castelo todo branco e vermelho sobre o azul intenso do céu, sobre o verde selvagem dos arbustos ondulantes.

Debaixo, Elias e tia Annedda viam os cavalos e os cavaleiros se empurrarem, se agruparem, entrarem compactos pelo portão escancarado em meio a uma nuvem de poeira. Os homens perdiam os bonés, as mulheres, os lencinhos, e algumas tinham os cabelos soltos, despenteados pelo movimento difícil da cavalgada. Um sino estridente soava no alto e as suas pequenas badaladas de alegria se rompiam, se perdiam naquela imensidade de céu azul e de paisagem verde.

Elias e tia Annedda entraram por último. No pátio, invadido pelas ervas selvagens, cheio de sol ardente, acontecia uma agitação de homens e mulheres, uma confusão de animais cansados e suados. Um garoto gritou, um cão latiu. As andorinhas passavam gritando por cima do pátio, como que assustadas, ao verem aquela grande solidão da montanha tão repentinamente animada. E, na verdade, parecia que uma tribo errante tinha vindo de longe para assaltar aquele pequeno povoado desabitado. As portinhas se abriam, os abrigos ressoavam de gritos e de risos.

Elias ajudou tranquilamente sua mãe a desmontar, depois desmontou, amarrou a égua e levou sobre os ombros, um após o outro, os alforjes que continham suprimentos e cobertores. E os Portolu, como todos os outros da tribo dos fundadores da igreja, ocuparam seu lugar na *cumbissia*<sup>128</sup> maior. Esta *cumbissia* é uma larguíssima sala, meio escura, grosseiramente pavimentada, com o forro de juncos. De vez em quando, fundida no solo, encontra-se uma lareira de pedra, e nas paredes grosseiras uma grande cavilha. Cada uma destas cavilhas indica o lugar hereditário das famílias dos fundadores.

Os Portolu tomaram posse de seu *chiodo*<sup>129</sup> e de sua lareira no fundo da *cumbissia* que, na verdade, naquele ano, não estava muito animada. Apenas seis

<sup>128</sup> Alojamento ou cabana que rodeia quase todos os santuários rurais na Sardenha, servindo de abrigo aos festeiros ou aos peregrinos.

<sup>129</sup> Cabide

famílias estavam lá. O resto dos romeiros era gente que não pertencia à tribo, e, portanto, ocupavam outros dos numerosos quartinhos.

O Prior com sua família, cujo lugar de honra estava assinalado por um armário fechado na parede, ocupou o lugar de duas ou três famílias. Era uma família numerosa a do Prior, com uma priora magnífica, gorda e branca como uma vaca, com duas lindas filhas e uma ninhada de crianças já vestidas com trajes de festa. O menor, ainda com cueiro, tinha apenas um ano. Menos mal que, entre os utensílios da igreja, tinha também uma pequena gamela de madeira branca, na qual o pequeno foi imediatamente colocado.

Os Portolu foram instalados rapidamente. Tia Annedda colocou, em um buraco na parede, a sua cesta de doces, o seu pão, o seu café. Sobre a lareira, colocou a cafeteira e a panela. E, ao longo da parede, dispôs o saco, a manta, o travesseiro de tecido vermelho, e colocou o cestinho de junco com as taças e os pratos. Isso foi tudo. Como vizinhos próximos, os Portolu tinham uma pequena viúva corcunda e seus dois netos. Imediatamente travaram amistosas relações, trocando presentes e cumprimentos. Logo depois, Elias tirou a sela da égua e esta, com o potro, saem correndo a pastar na charneca próxima.

Enquanto no pátio e nos pequenos quartos, continuavam os gritos, o vai e vem, a confusão, tia Annedda foi rezar na igreja. Uma igreja fresca, limpa, com piso de mármore, e um grande Santo barbudo que na verdade inspirava mais medo que afeto. Pouco depois entrou na igreja também Elias, que se ajoelhou nos degraus do altar, com o boné sobre um ombro, e rezou.

Tia Annedda o olhava intensamente, rezando com fervor. Parecia que ele era o Santo a quem as suas súplicas maternas eram dirigidas. Ah, aquele perfil delicado e cansado, aquele rosto pálido e sofrido, quanta ternura despertava nela! E vê-lo ali, o filho preferido, ajoelhado aos pés do Santo, cumprindo a promessa feita nas terras distantes, nos lugares ingratos, ah, era uma coisa que apertava o coração de tia Annedda.

“Ah, belo Santu Franziscu, pequeno São Francisco meu, eu não tenho palavras para agradecer. Toma minha vida, se quiseres, e tudo o que desejas, mas que os meus filhos sejam felizes, que andem pelos caminhos retos do Senhor, que não sejam muito apegados às coisas do mundo, *Santu Franzizcheddu* meu!”

Pouco a pouco, o vai e vem, o barulho, a confusão cessou. Cada um havia ocupado seu lugar, também o Ilustríssimo senhor capelão, um padre que não media mais de um metro e trinta, de rosto vermelho, muito alegre, que assobiava melodias da moda e cantarolava canções quase de café-concerto.

Os cavalos foram levados ao pasto. Acenderam-se as lareiras. A magnífica priora e as mulheres da tribo começaram a cozinhar algumas caldeiras enormes de sopa temperada com queijo fresco. Que vida alegre começou para aquela espécie de clã pacífico e patriarcal! Abatiam-se ovelhas e cordeiros, foram preparados muitos macarrões, bebia-se muito café, muito vinho, muita aguardente. O capelão rezava missa, novena, assobiava e cantarolava.

A diversão maior acontecia, porém, na grande *cumbissia*, de noite, ao redor dos altos e crepitantes fogos de aroeiras. Fora, a noite estava fresca, às vezes quase fria. A lua caía sobre o vasto horizonte, dando à charneca um encanto selvagem. Oh! Pálidas noites de solidões sardas! O chamado vibrante da coruja, a fragrância selvagem do tomilho, o áspero odor da aroeira, o distante murmúrio dos bosques solitários se fundem em uma harmonia monótona e melancólica, que dá à alma uma sensação de tristeza solene, uma nostalgia de coisas antigas e puras.

Reunidos ao redor do fogo, os lavradores da *cumbissia* maior contavam histórias picantes, bebiam e cantavam. O eco de suas vozes sonoras se perdia lá fora, naquela grande solidão, naquele silêncio da lua, entre os arbustos sob os quais dormiam os



cavalos.

Elias Portolu tomava parte na diversão com prazer intenso, quase infantil. Parecia-lhe estar em um mundo novo, narrava as suas peripécias e escutava as narrações dos demais, quase comovido.

Além disso, tinha estreitado relações com o senhor capelão e este novo amigo lhe falava com uma linguagem divertida, incitando-lhe a gozar a vida, a esquecer, a se distrair.

“Serve a Deus na alegria”, dizia-lhe. “Dançamos, cantamos, assobiamos, gozamos. Deus nos deu a vida para gozá-la um pouco. Não digo pecar, ah! não, isto não. Além disso, o pecado deixa o remorso, um tormento, amigo meu... basta, tu o deves ter provado. Mas divertir-se honestamente, sim, sim, sim! Eu me chamo Jacu Maria Porcu, ou padre Porcheddu porque sou pequeno. Bem, Jacu Maria Porcu se divertiu muito em sua vida. Bem feito! Uma noite volto à casa depois da meia-noite. Minha irmã disse que eu estava bêbado, mas a mim parecia que não, amigo meu”. “O que você me dá para jantar, Anna?” “Nada te dou, nada Jacu Maria Porcu descarado. É meia-noite passada, nada te dou.” “Dá-me de jantar. Annesa, a um padre se lhe deve dar de jantar.” “Bem, te dou pão e queijo, descarado, Jacu Maria Porcu, descarado, é meia-noite passada.” “Pão e queijo a um padre, a Jacu Maria Porcu?”. “Sim, pão e queijo. Aqui estão se você quiser. Se não os deixe.” “Pão e queijo a Jacu Maria Porcu? Ao padre Porcheddu? *Tè, tè, ziriu, ziriu*<sup>130</sup> tome.” E o padre Porcheddu joga tudo aos cães! Assim se deve fazer, jovem da cara pálida! E que, porque sou padre, não devo me divertir? Divertir-se sim, pecar não!

O amor se faz para rir,  
O amor se faz para rir,  
Somente para rir.  
Hoje tu, amanhã outra!

“Este é louco!”, pensava Elias, rindo. Porém, se divertia, e as palavras do padre Porcheddu o tocavam, lhe traziam um sopro de vida, um desejo de cantar, de gozar, de se distrair.

Quase todos os dias, ele, padre Porcheddu, o Prior e algum outro amigo iam longe, à sombra dos altos arbustos. Tudo calava na metálica quietude da tarde. Diante deles os pitorescos montes de Lula se perfilavam nítidos e azuis sobre céu puro, e, ao longe, entre o verde da charneca, os cavalos corriam agilmente, perseguindo-se em rápidos giros. Parecia um quadro. E os amigos, agradavelmente estendidos na relva, narravam uns aos outros o seu passado mais ou menos aventuroso, as lendas da igreja, historinhas de mulheres, feitos épicos ocorridos aos Sardos antigos. Com frequência, a conversa se interrompia por um gorjeio, por um assobiozinho do padre Porcheddu. Às vezes, de fato, o capelão pulava em pé de repente e titubeava ou cantava acompanhando com mímica grotesca as suas livres canções.

Um dia, na antevéspera da festa, estavam exatamente assim, na sombra de um grupo enorme de aroeiras. Quando Elias terminou de narrar como uma vez um prisioneiro, seu companheiro, tinha batido em um torturador, porque esse tinha desdenhosamente rejeitado o convite para beber com certos prisioneiros, ouviu-se um assobio tremulante, agudo, que vinha como uma flecha da igreja.

Elias se levantou de um salto e gritou:

“Este é o assobio de Pietro meu irmão”.

“Bem”, disse padre Porcheddu, “se é teu irmão você o verá em seguida! Por isso

<sup>130</sup> Som para chamar os cães.

te comoves?”.

“Ele deve ter alcançado meu pai. Talvez também a namorada de Pietro. Vamos, vamos...” disse Elias. Ele estava perturbado de verdade.

“Se é assim, vamos”, disse o Priore. “Precisamos fazer as honras. Berte Portolu é um bom parente de São Francisco. Além disso, Maria Maddalena Scada é uma bela garota.”

“Uma bela garota?”, exclamou padre Porcheddu. Se é assim, vamos.

Elias o olhou com desdém. Porém, padre Porcheddu enfrentou o olhar. Então, riu e cantarolou a sua canção favorita:

O amor se faz para rir,  
Somente para rir,  
Somente para rir...

Enquanto se aproximavam da igreja por um pequeno caminho, recém-traçado entre o mato e os arbustos, entre o verde da erva perfumada, o assobio se repetia, sempre mais próximo e insistente. Elias não se enganara. Diante do poço, estavam Pietro e tio Portolu. No meio deles a luminosa figura de Maria Maddalena. Elias sentiu um golpe no coração. Padre Porcheddu estalou a língua contra o palato e ficou quieto, não encontrando palavras para expressar a sua admiração. E ele que dizia que entendia dessas coisas!

Maddalena não era muito alta, nem verdadeiramente bela, mas agradabilíssima. Ágil, com uma finíssima pele moreno-rosada, uns olhos brilhantes sob umas sobrancelhas espessas, e uma boca sensual. O espartilho vermelho-escarlate aberto sobre a camisa branca, o lencinho florido de orquídeas e de rosas, tornavam-na deslumbrante. Em meio às rudes figuras de Pietro e de tio Portolu, ela parecia a graça entre a força selvagem. De perto, seus olhos brilhantes, de grandes pálpebras, de longos cílios, um pouco oblíquos e semicerrados, um pouco voluptuosos, fascinavam no verdadeiro sentido da palavra.

“Bem-vindos”, disse Elias adiantando-se e apertando-lhe a mão. “Estais aqui há muito tempo?” “Não os esperávamos antes de amanhã.”

“Hoje ou amanhã dá no mesmo, respondeu tio Portolu. Saudações a todos, saudações ao Prior, saudações a esse pequeno padre vermelho. Deus o guarde. Vê-se que é um padre, ainda que esteja de calças.”

“Padre Porcheddu, eh, o que você diz?”

“Com calças ou sem, somos todos homens”, ele respondeu um pouco mordaz. Em seguida, virou-se para Maddalena e a elogiou.

“Esteja atenta”, disse-lhe Elias sorrindo, “padre Porcheddu é terrível com as mulheres.”

“Não mais do que você”, respondeu imediatamente o pequeno padre.

“Ah, ah!”, riu suavemente Maddalena. “Eu não tenho medo de ninguém.”

E tio Portolu:

“Não tenhas medo de ninguém, filha minha, pomba minha, não tenhas medo de ninguém, tio Portolu está aqui. E se não bastar tio Portolu, tem também sua *leppa*<sup>131</sup>.” E desembainhou o facão que trazia enfiado no cinto, e o brandiu no ar. Padre Porcheddu recuou, defendendo-se com as mãos para frente, em um simulado gesto cômico de terror.

---

<sup>131</sup> Espécie de faca de combate

“Este é Maomé! Esta é uma cimitarra!<sup>132</sup> *Allargaribus*.<sup>133</sup>”

“O que queres?”, disse tio Portolu, embainhando a *leppa*. “Esta garota, esta pomba, me foi confiada por sua mãe, uma pomba viúva.” “Arrita Scada”, disse-lhe eu: “Fique tranquila. A pomba não terá qualquer problema em mãos minhas. Eu a defenderei inclusive contra o meu filho, Pietro de ouro, e contra todos os demais gaviões e abutres”.

Tio Portolu falava sério e, de quando em quando dirigia olhares de afeto selvagem à garota.

“Quando é assim, estejamos atentos”, advertiu padre Porcheddu. “E agora vamos beber.”

“Beber, sim, bravo padre Porcheddu. Quem não bebe não é homem e sequer sacerdote.”

Enquanto eles caminhavam, tia Annedda os servia com as suas cafeteiras, as suas jarras e os seus cestos de doces. Maddalena e o seu cortejo irromperam na *cumbissia* rindo e conservando. Em breve se ouviu uma confusão de vozes, de gritos, de gargalhadas; um tinido de copos e canecas. Ouviu-se tio Portolu narrar que tinha feito toda a viagem com a ovelha prometida a São Francisco atada na garupa do cavalo.

“Era a minha mais bela ovelha!”, disse ao Prior. “Assim, de lâ comprida. Eh, tio Portolu não é avaro.”

“Vá ao diabo!”, lhe respondeu o Prior. “Não vês que é uma ovelha grisalha, velha como tu!”

“Grisalho é você, Antoni Carta! Se me insultas, te enfio a minha *leppa*.”

E o padre Porcheddu estava com o copo levantado, a cabeça um pouco reclinada sobre o ombro, os olhos lisonjeiros voltados para Maddalena e para as graciosas filhas do Prior.

Sobre a popa do meu *brik*,  
Bons cigarros fumando,  
Com o copo fazendo *trik*,  
Bebo rum de contrabando.

“Ah! ah! ah!”, riam as mulheres.

Somente Elias estava calado. Sentado sobre uma das muitas selas esparsas pela *cumbissia*, bebericava o seu vinho, abaixando e levantando de quando em quando a cabeça. Sentados frente a frente, a pouca distância, cada vez que Elias levantava os olhos encontrava os olhos risonhos de Maddalena. Aqueles olhos oblíquos, ardentes, penetravam na sua alma. Ele provava uma espécie de embriaguez, um relaxamento de todos os seus nervos, um prazer quase físico, cada vez que a olhava.

As vozes, as conversas fiadas, as gargalhadas, as canções do padre Porcheddu, as exclamações das mulheres, chegavam-lhe como vindas de longe. Parecia a ele que os rumores vinham de um lugar remoto, que não faziam parte da diversão. De repente alguém lhe dirigiu a palavra e o fez voltar a si. Ele despertou como se estivesse em um sonho, o seu rosto se escureceu, levantou-se e saiu rapidamente.

“Elias, aonde tu vais?”, gritou Pietro alcançando-o.

“Vou olhar os cavalos, deixe-me ir!”, respondeu ele quase rudemente.

<sup>132</sup> Sabre oriental largo e recurvo. Conforme <<https://www.dicio.com.br/houaiss/>>. Acesso em 22 de agosto de 2017.

<sup>133</sup> Possivelmente trata-se de uma brincadeira da autora com a expressão italiana (*al largo (tienti al largo da lui* = afaste-se dele) e com o verbo *allargare* que pode significar “dar espaço em torno”, ou seja, afastai-vos. Conforme anotações p. 121.

“Os cavalos estão acomodados. Por que estás de mau humor, Elias? Não te agrada que Maddalena tenha vindo?”

“De modo algum! Por que me dizes isso?”, perguntou Elias olhando-o.

“Eu não sei, pareceu-me que tu estavas de cara amarrada. Tenho a impressão de que ela não te agrada. O que dizes disso, irmão meu?”

“Tu estás louco! Todos estão loucos! Também ela, com toda a sua decantada sabedoria, ela ri demais.”

Pietro não se ofendeu. De outra parte, ele e todos de sua casa tratavam Elias como uma criança, como um doente. Temiam causar-lhe algum desgosto e o contentavam em tudo. Também naquele momento, vendo que ele desejava ser deixado em paz, Pietro voltou para junto da sua namorada.

“Estão todos loucos”, pensava Elias, vagando de um lado para o outro. “Mas também eu? Ah, essa é esposa de meu irmão, por que sou louco de olhá-la?”

Permaneceu fora durante toda a tarde.

“Onde está Elias?”, perguntava, de quando em quando, tia Annedda, olhando em torno, inquieta. “Onde terá ido esse bendito rapaz? Va buscá-lo, Pietro.”

Mas Pietro vigiava Maddalena, que, para dizer a verdade, não parecia muito enamorada dele, ou ao menos não demonstrava, talvez por manter a compostura aconselhada por sua mãe e respondia: “Vou, vou”, mas não se movia.

“Onde estará Elias?”, repetiu tia Annedda, quando chegou a hora do jantar.

“Portolu, vá ver por onde anda teu filho.”

Tio Berte, sentado no chão junto à lareira, assava um cordeiro inteiro enfiado em um longo espeto de madeira. Ele se gabava de que ninguém no mundo assava melhor do que ele um cordeiro ou um leitão.

“Já vou, já vou”, respondeu ele à sua mulher, “deixa-me antes ajustar as contas com esse animalzinho”.

“O cordeiro está assado, Berte; vá buscar teu filho”. “O cordeiro não está assado, mulherzinha minha, o que entendes disso? Oh! até tu tens que dar conselhos sobre isso a Berte Portolu? Deixa que os garotos se divirtam, afinal de contas, eles têm que se divertir.”

Porém, ela insistia e tio Berte estava por sair quando Elias entrou. Tinha os olhos brilhantes, o rosto aceso. Estava belíssimo. Todos o olharam. Tia Annedda suspirou e tio Berte começou a rir com prazer, reconhecendo que Elias estava um pouco embriagado.

No entanto, Elias não via nada mais além dos olhos oblíquos e ardentes de Maddalena. Ele sentia vontade de chorar como uma criança.

“Está louca!”, pensou. “Por que me olha assim? Por que não me deixa em paz? Eu direi a Pietro, direi a todos. Se não o ama, por que o engana? Ela está louca, está louca, porém, também eu estou louco, eu não devo olhá-la, eu tenho que arrancar meu coração. Agora vou lá onde está Paska, a filha do Prior, e lhe faço a corte... Paska”, disse, então, aproximando-se da lareira do Prior, “tu é a mais bela parenta de São Francisco”.

“E tu o mais belo”, responde imediatamente a garota que estava toda agitada em torno de uma caldeira.

Elias sentou-se próximo a ela, olhando-a com estranha intensidade. Ela ria toda contente. Porém, dentro do coração, Elias se sentia morrer.

No fundo da *cumbissia*, Maddalena observava e, de vez em quando, fechava as longas pálpebras, os longos cílios. Parecia, então, uma Madonna melancólica e resignada. Quando o jantar estava pronto, tio Berte chamou Elias.

“Eu fico aqui”, gritou o jovem, “a mais bela parenta de São Francisco me convidou à sua lareira”.

“Vem aqui!”, gritou tio Portolu. “Ninguém te convidou. Porém, ainda que tivessem te convidado, eu não te permitiria... Se não vens por bem, tio Portolu teu pai te fará vir por mal”.

Elias se levantou e obedeceu, porém não quis comer nem beber, e respondia mal se lhe dirigiam a palavra.

“Por que estás mal humorado?” Perguntou-lhe Maddalena com boas maneiras, enquanto terminavam o jantar.

“Porque te impedimos de ficar na lareira do Prior? Vai, vai e volta lá, estás alegre.”

“Bem, e se volto?” Respondeu-lhe rudemente. “A ti que te importa?”

“Ah, nada!”, disse ela enrijecendo-se. Depois se virou para Pietro, sorriu e se ocupou somente dele.

Elias ergueu-se e distanciou-se. Porém, em vez de parar de novo na lareira do Prior, saiu e sentou-se no pátio. Sentia uma angústia confusa, febril, um desejo de morder os punhos, de gritar, de se jogar no chão e chorar. No entanto, na embriaguez do vinho e da paixão, conservava ainda a consciência de si mesmo e pensava: “Enamorei-me dela, por que me enamorei dela, São Francisco? Ajuda-me, ajuda-me! Eu sou um louco, São Francisco meu, sou tão infeliz!”.

Das *cumbissias*, chegavam, até ali, vibrantes no silêncio da noite tépida e pura, confusos rumores de vozes e de cantos, de berros e de gargalhadas. Elias distinguia a voz de seu pai, o assobio do padre Porcheddu, o riso de Maddalena. Em meio a tanta festa sentia-se triste, desesperado, como um bebê deixado sozinho na selvagem solidão noturna da charneca.

### III

Lentamente os rumores se extinguíram, e tudo era silêncio sobre aquela espécie de clã sonolento. Elias voltou e deitou-se ao lado de Pietro, sobre o mesmo feixe de erva que exalava um perfume áspero. Em toda a *cumbissia* se espalhavam camas improvisadas. Aqui e ali ainda ardia um fogo, projetando trêmulos clarões avermelhados sobre aquele vasto quadro silencioso. Via-se, de quando em quando, uma longa barba, um traje de lã, um vulto de mulher, uma sela, um cão agachado perto da lareira, um rifle pendurado à parede. Elias não conseguia dormir. Tinha a sensação de respirar o hálito de Maddalena, deitada entre tia Annedda e tio Portolu, e continuava sentindo um desejo desesperado por ela, ainda que lutasse contra esse desejo.

“Não, não temas, irmão meu”, dizia mentalmente dirigindo-se a Pietro, “ainda que ela se atirasse em meus braços, eu a rejeitaria. Não a quero: é tua. Se fosse de outro, mesmo que isso significasse voltar para *aquela lugar* a roubaria, mas é tua: dorme feliz, irmão meu. Também eu me casarei, logo, em seguida. Pedirei Paska, a filha do Prior.”

“Bem”, pensava em seguida, “sou um idiota. Que necessidade eu tenho de me casar, que necessidade eu tenho de pensar em mulheres? Também se pode viver sem as mulheres. Oh, não vivi três anos sem sequer vê-las? Talvez seja por isso que, apenas voltei, da primeira que vi me enamorei? Mas eu sou um louco! Deixemos as mulheres, que fazem enlouquecer. Durmamos”.

Mas se virava e revirava, e não conseguia dormir. Assim passou quase toda a noite, e foi um dos primeiros a despertar. Da janelinha aberta sobre um fundo prateado, penetrava o frescor orvalhado do amanhecer. Tia Annedda e Maddalena, ainda sonolentas, já preparavam o café. Elias ergueu-se, pálido como um cadáver, com os cabelos despenteados e a garganta seca.

“Bom dia”, disse-lhe Maddalena sorrindo. “Olhe, tia Annedda, seu filho tem na cara a cor da cera. Sirva-lhe imediatamente o café.”

“Estás doente, filho meu?”

“Creio que estou resfriado”, ele disse com voz rouca, pigarreando. “Dê-me algo para beber. Onde está o nosso cântaro?”

Procurou, pegou o cântaro e bebeu muito, avidamente. Maddalena olhava-o e ria.

“Por que ris?”, disse ele largando o cântaro. “Porque bebo nem bem me levantei? Quero dizer que a noite passada fiquei bêbado. Bem, o vinho foi feito para os homens.”

“Tu não és um homem”, interview tío Portolu, que já tinha bebido aguardente, “tu és um fantoche de queijo fresco, basta que uma mulherzinha te sopra e puf..., para que caias por terra, morto, demolido”.

Bem, que seja então, disse Elias, enfadado, “basta que uma mulherzinha me sopra para que eu caia morto, porém, deixem-me em paz”.

“Ah, que terrível mau humor te oprime!”, exclamou Maddalena. “Talvez porque eu esteja aqui?”

“Sim, precisamente, porque estás aqui.”

“A pomba!”, gritou tío Portolu, abrindo os braços. “A pomba que alegra os lugares por onde passa. E meu filho, este fantoche dos olhos de gato, diz que ela o põe de mau humor? Vai, vai, vai, faça-me o favor, vai embora, filho do diabo! Se estás de mau humor, vai e te enforca. Mas é certo que nunca trará a tío Portolu outra rosa como esta, para animar a casa.”

Estas palavras atingiram Elias no coração, pois, de improviso, ele lembrou que Maddalena ia viver na casa deles, como esposa de Pietro, dentro de poucas semanas. Ah, que martírio seria! Não, ele não iria suportar.

“Bebe o café, filho meu”, disse tia Annedda. “Toma este biscoito, fique alegre, pois estamos na festa, e São Francisco se ofende se estamos tristes.”

“Mas eu estou alegre, mãe minha, estou alegre como um passarinho. Ei!”, gritou então, dirigindo-se em direção à lareira do Prior, “bom dia, Pasqua florida”.

Depois disto, nada interessante aconteceu naquele dia e nem no seguinte na lareira dos Portolu. Às vésperas da festa chegou muita gente de Nuoro e das localidades vizinhas, especialmente de Lula. Pelo caminho íngreme, incrustado na montanha entre arbustos luminosos de giestas floridos, desciam longas filas de mulheres vestidas com um traje um pouco caricato. Com a cabeça exageradamente alongada devido a uma touca sobreposta a um grande lenço franjado, com pesadas saias de lã curtíssimas, com longos rosários encadeados por estranhos adornos de prata.

Também os Portolu de Nuoro receberam muitos hóspedes. Elias e Pietro estiveram envolvidos durante o dia todo com os jovens nuoreses que vieram para a festa. Todos se embriagaram até perder a razão, cantaram, dançaram, gritaram. Em alguns momentos, Elias parecia louco, ria até ficar roxo, com os olhos verdes, emitia estranhos gritos de alegria, uais longos, guturais, estridentes, que pareciam gritos de batalha de algum guerreiro selvagem.

Maddalena, que ajudava tia Annedda a preparar as refeições, a servir vinho e café aos hóspedes, de quando em quando, o olhava de soslaio e murmurava: “Está muito alegre seu filho, tia Anné, olha como está vermelho. Como ri!”

Tia Annedda olhava Elias, suspirava e sentia um aperto no coração. Assim que teve um tempinho livre, entrou na igreja e rezou.

“Ah, *Santu Franziscu* meu, São Francisco belo, tira esse peso do meu coração. Elias, o filhinho meu, está retornando ao mau caminho. Eis que ele se embriaga, se

maltrata, não é mais o mesmo. E parecia tão bom quando voltou, e prometia tanta coisa! Tenha piedade de nós. São Francisco meu, São Francisquinho meu, fazei com que ele volte para o bom caminho, afastai-o dos vícios, das más companhias, das coisas do mundo. São Francisco, irmãozinho meu, concedei-me essa graça!”

O grande Santo severo, quase feroz, ouvia do alto de seu altar grosseiramente adornado de flamejantes flores de cada mês<sup>134</sup>. E pareceu atender a oração de tia Annedda, porque, naquela mesma noite, na janta, Elias expôs uma ideia sua. Falava-se de padre Porcheddu, alguns o criticavam, outros zombavam dele. Elias, ainda embriagado é verdade, mas não muito, saiu em defesa de seu amigo, e, a seguir, disse: “Bem, ladráis simplesmente, cães sarnentos, caluniais simplesmente, ele não se importa com vocês, ele está melhor do que o Papa. E também eu serei um padre.”

Todos riram. Ele disse: “Por que vocês riem, mortos de fome, cães sarnentos, animais, não é isso que vocês são? Bem, sim, serei padre, o que querem? Algo contra? O latim eu sei ler. E espero trazer a todos vocês o consolo e vos enterrar, seus mortos de fome.”

“Também a mim, irmão meu?”, gritou Pietro.

“Sim, também a ti.”

E Maddalena: “Também a mim?”.

“Também a ti!”, gritou Elias, enfurecido. “E a ti por que não? Porque és uma mulher? Para mim mulheres e homens são a mesma coisa, aliás, as mulheres são mais desprezíveis do que os homens.”

“Tudo isso não importa”, disse tio Portolu, que escutava com muita atenção as palavras de Elias. “Voltemos ao assunto. Então você quer ser padre?”

“Parece que sim”, gritou Elias, servindo-se de mais bebida. “Bebe, bebe, te serve, brindemos.”

E encheram os copos.

“Devagar, devagar”, gritou tio Portolu, entre a alegria geral, “raciocinemos antes de beber...”

“Quem não bebe não é homem, papai meu”, disse Pietro, repetindo o axioma tantas vezes pronunciado por seu pai. Mas esse ficou zangado de verdade, e, gritando disse: “Também as bestas raciocinam, filho do diabo! E tu, respeitas teu pai, e agradeça a presença destes amigos e desta pomba, senão te darei tantos bofetões quantos cabelos têm na cabeça.”

“*Bumh! Bumh!* Tio Portolu! Isso é demasiado! Falar assim a um noivo!”

“Maddalena minha, estou morto se não me ajudas”, gritou Pietro rindo.

“Pomba o ajuda!” Disse tio Portolu com ironia; depois se virou de novo para Elias e perguntou-lhe se realmente tinha falado sério. Mas Elias bebia, ria, gritava, e não respondeu da mesma maneira, e o anúncio de seu bizarro desejo já se desvanecia entre a rumorosa alegria dos convidados.

Mas alguém o tinha escutado com angústia: tia Annedda. Ela calava, um pouco por compostura, um pouco porque não conseguia entender bem aquilo que se dizia, mas olhava em volta com olhos atentos. Maddalena aproximava, de quando em vez, o rosto ao seu ouvido, repetindo-lhe uma coisa ou outra. Tia Annedda assentia com a cabeça e sorria. Ah, se Elias tivesse falado sério! Mas, seria possível? Um milagre deste tamanho! Ah, mas São Francisco podia fazer esse e outros milagres. Elias era ainda jovem, podia estudar, podia alcançar o sucesso. E era aquele o seu caminho, o caminho

<sup>134</sup> Cada mês tem a sua flor com as suas características: janeiro (narciso), fevereiro (cerejeira), março (violeta), abril (margarida), maio (anêmona), junho (lírio), julho (vitória régia), agosto (papoula), setembro (cardo), outubro (dália), novembro (rosa) e dezembro (amor-perfeito). Conforme <[http://www.domitillabaldeschi.it/fiori\\_del\\_mese.php](http://www.domitillabaldeschi.it/fiori_del_mese.php)>. Acesso em 09/04/2018.

do Senhor, porque se caísse no mundo seria um jovem perdido. Tia Annedda pensava assim, porque conhecia o seu filho.

Quando encontrou um tempo, ela entrou na igreja para agradecer o Santo pela ideia enviada para Elias. Era noite, as lâmpadas oscilavam em frente do altar, espalhando sombras e luzes trêmulas na igreja deserta. O grande Santo, obscuro, parecia adormecido entre as suas flores de cada mês. Tia Annedda ajoelhou-se, depois se sentou no fundo da igreja, rezando. O seu pensamento voltava sempre para Elias. Parecia-lhe já ver o filho sacerdote, parecia-lhe receber já os dons do trigo, as ânforas de vinho tampadas com flores, as tortas e os *gattòs*<sup>135</sup> que os amigos presentearam ao padre noviço.

Enquanto assim sonhava e rezava, viu entrar Maddalena. A moça vinha buscá-la, se aproximou e se sentou ao seu lado.

“Ah, estais aqui!”, disse. “A procurávamos, mas eu pensei imediatamente que a senhora estava aqui.”

“Irei em breve.”

“Eu também fico um pouco aqui.”

Calaram-se. Do pátio, chegavam confusos rumores, cantos e melodias melancólicas, vibrantes na noite pura. Uma voz harmoniosa de tenor cantava ao longe, entre o coro triste e cadenciado do acompanhamento vocal dos cantos nuoreses. E aqueles cantos nostálgicos e sonoros que pareciam impregnados da solene tristeza da charneca, da noite, da solidão, subiam, expandiam-se, através dos rumores da multidão, enchendo o ar de flores e de sonhos.

Maddalena escutava, tomada de uma profunda tristeza. Às vezes, tinha a impressão de reconhecer aquela voz. Era Pietro? Era Elias? Não sabia, não sabia, mas aquela voz e aquele canto coral, difuso na noite, uma voluptuosidade de tristeza quase mórbida. E tia Annedda continuava no seu sonho, na sua reza, sem dar-se conta que Maddalena estremecia e palpitava ao seu lado como uma verdadeira pomba apaixonada.

Mas eis que, de repente, os pensamentos das duas mulheres suspenderam o seu curso. Um homem entrava e avançava com passo incerto para o altar. Elias era a figura que ocupava as suas almas. Elias se ajoelhou sobre os degraus do altar, com o boné sobre o ombro direito, e começou a golpear o peito e a fronte, e a gemer silenciosamente. A luz avermelhada oscilante da lâmpada o iluminava do alto, dando um brilhante reflexo a seus cabelos. Ele, porém, não pensava que pudessem vê-lo e continuava em seu fervor doloroso a gemer e golpear o peito e a fronte.

As duas mulheres olhavam, contendo a respiração, e tia Annedda se sentia quase feliz pela dor de seu filho.

“Ele se arrepende de estar bêbado”, pensava, “ele tem bons propósitos: bendito sejam São Francisco meu, São Francisquinho meu”. “Vem, saiamos, ele poderia nos ver e se envergonhar”, disse sussuradamente a Maddalena, levando-a para fora da igreja.

“O que tem Elias?”, perguntou Maddalena perturbada.

“Arrepende-se do excesso feito; ele é muito devoto, filha minha.”

“Ah!”

“Algumas vezes é impetuoso, mas é um jovem de consciência, filha minha. Ah, de muita consciência.”

“Ah!”

“Sim, de muita consciência, filha minha. Ele pode ser induzido à tentação, porque tu sabes que o diabo está sempre alerta ao nosso redor, mas Elias sabe combatê-lo e morreria antes de cometer um pecado mortal. Às vezes a tentação o vence nas

<sup>135</sup> Doce *nuorese* de amêndoas, açúcar e mel.



pequenas coisas, como hoje. Tu viste como se embriagou e como falou mal; mas depois ele se arrepende amargamente.”

“Ah!”, disse Maddalena pela terceira vez; e não sabia por que, mas sentia que os olhos lhe ardiam de lágrimas.

Atravessaram o pátio e tornaram a entrar na *cumbissia*, na qual tio Portolu, Pietro e os amigos, sentados no chão ao redor da lareira, cantavam e jogavam. Maddalena se sentou na penumbra, perto da janela, mais séria e composta do que de costume; Pietro aproximou-se e olhou-a intensamente.

“Tu estás séria, Maddalena. Por quê? Viste Elias? Disse-te algo?”

“Não, não o vi.”

“Elias está de mau humor. Deixe-o falar. Sabes! Não se preocupe com ele. Ele trata todos assim.”

“Mas não me importa!”, ela exclamou com vivacidade. “Ademais, ele não me disse nada de descortês.”

“Além disso, tu és prudente! Não é verdade que és prudente?”, disse Pietro todo carinhoso, passando uma mão sobre seu ombro.

“Deixa-me!”, disse ela com maus modos. “vai e joga.”

“Não, eu fico aqui, Maddalena.”

“Vai!”

“Não!”

“Tio Portolu, diga a seu filho que volte a jogar.”

“Pietro, filho meu, deixa em paz a pomba. Vem aqui, imediatamente! Ou queres que me levante com o bastão e te faça me obedecer?”

Pietro voltou para o seu lugar: “Eh, eh, a velha raposa se faz obedecer!”, disse alguém.

Maddalena se voltou toda para a janela, e olhou para fora, com o pensamento bem distante da cena barulhenta que se desenvolvia às suas costas, com seus belos olhos perdidos em um triste sonho. Era uma noite morna, velada; a lua navegava em direção ao sul, em um lago de prateados vapores. Os arbustos pretos da charneca, esfumaçados nos fundos cinzentos, cheiravam mais do que de costume.

Maddalena pensava em Elias. E eis que, pela segunda vez, como que evocada por sugestão de seu inconsciente, a figura de Elias surgiu diante dela. Ele passou debaixo da janela, e afastou-se naquele clarão vaporoso de lua. Aonde iria? Aonde iria ele? Maddalena sentiu uma torrente de lágrimas subir aos olhos e um calafrio percorrer as vísceras e chegar à garganta.

Ela queria se jogar da janela, correr atrás de Elias, e envolvê-lo e sufocá-lo com a sua paixão. Mas ele desapareceu, longe, e ela engoliu secretamente as suas lágrimas. Elias havia feito uma promessa, havia dito mentalmente a seu irmão:

“Dorme feliz, Pietro, irmão meu. Ela é tua, e ainda que se lançasse em meus braços, eu a rejeitaria.”

Esvanecidos os vapores do vinho, ele se sentia forte, e, depois da crise que o arrastara aos pés do Santo, quase alegre. Todos os desesperados projetos que, fermentados pelos licores e pelos olhares de Maddalena, tinham girado no seu cérebro naquele dia - a ideia de fazer-se padre, a ideia de pedir em casamento a filha do Prior - tudo se havia evaporado com a embriaguez. Agora se sentia calmo, não só isso, mas também um pouco envergonhado do que havia pensado e dito durante aquele dia turvo.

Foi olhar os cavalos, que pastavam tranquilos à luz da lua. Deu-lhes de beber e depois retornou em direção da igreja.

“Amanhã retornamos”, pensava. “Depois de amanhã de volta ao ovil. Ficarei dois meses inteiros fora da cidade, com meu pai, com o simplório do Mattia, com os

amigos pastores. Que bela vida! Quando estiver sozinho, lá embaixo, todos esses dias, todas essas bobagens me parecerão um sonho. Eh, as festas são belas e os Santos são bons, mas o vinho, as pessoas, a diversão, acendem o sangue, e se não se é muito sábio, mas muito, pode-se cometer grandes erros e ser induzido às tentações. Ah, bem, agora vou, deito e durmo, porque a noite passada não repousei nada. Então amanhã... ir embora... e depois de amanhã estarei longe, longe. Eh, Elias Portolu, tens medo de ti mesmo. Mas o que vejo ali? Um homem que dorme embaixo daquele arbusto. Não, não é um homem. O que é então? Sim, é um homem... oh, padre Porcheddu!...”

Inclinou-se maravilhado e sacudiu o dorminhoco.

“Ei, ei, padre Porcheddu! E o que é isso? Por que o senhor está aqui? Não sabe que esse ar poderia fazer-lhe mal, e que existem cobras e insetos entre a erva?”

Depois de muitas sacudidas vigorosas, padre Porcheddu despertou assustado, mal reconheceu Elias, arregalou muitas vezes os olhos, mas finalmente recobrou-se e se levantou.

“Ei, ei, saí depois da janta, queria passear, mas parece que adormeci.”

“Para mim também parece! Se, por acaso, não vos tivesse visto, permaneceria aqui sabe Deus até quando, e quem sabe quanta angústia sentiríamos não vendo o senhor regressar.”

“Não penses que bebi muito, caro meu, não. Saí para ver a lua e sentei-me aqui. Ei, tu não sabes que eu já fui poeta?”

“Oh! Oh!”

“Sentamo-nos um pouco aqui? Veja que bela noite. Sim, fui poeta, e publiquei uma poesia, mas, como a poesia era de amor, pois bem, o que me faz o monsenhor? Mandou-me dizer que as deixasse. Que não eram coisas que um sacerdote devesse fazer.”

“E o senhor, padre Porcheddu?...”

“E eu parei. Filho meu, eu sei que tu me tens por um louco...”

“Padre Porcheddu!”

“... um louco, mas sou um louco que não faz mal a ninguém, e muito menos a si mesmo. Sempre soube viver, sempre fui alegre, mas prudente. Assim, naquele momento parei, mas por vezes ainda tenho o hábito de fantasiar. Olha que bela noite, filho meu. É uma daquelas noites que nos convida a pensar, a reexaminar a própria vida, a se arrepender do mal feito, a fazer bons propósitos para o futuro. Tu és inteligente, Elias Portolu, não és um pastorzinho qualquer, estudastes e sofrestes, e podes compreender essas coisas.”

“É verdade”, disse Elias com voz profunda.

Padre Porcheddu, com o rosto virado para o céu, olhava a lua. Também Elias levantou os olhos, olhou para cima: sentia-se estranhamente comovido.

“É isso, filho meu”, continuou o outro, “tu entendes todas essas coisas. Eu compreendi que és inteligente, e tu olhas a lua não para adivinhar as horas, como todos os pastores, mas com um sentimento alto, solene.” Elias, apesar de tudo, não entendeu bem essas últimas palavras. “Talvez, tu também, sejas um pouco poeta e poderias fazer poesias de amor...”

“Isso não, padre Porcheddu.”

Padre Porcheddu calou-se, um pouco pensativo, grave; depois murmurou uma quadrinha em dialeto. Era uma invocação ao mês de maio.

Maio, maio, aí vem,  
Com todo sol e amor  
Com a palma e com a flor

## E com a margarida...

E Elias não deixava de olhar a lua perguntando-se se seria capaz de compor uma poesia para... Maddalena. Ah, nem bem ele esquecia, e o demônio recobrava o seu domínio! Mas a voz do padre Porcheddu ressoou um pouco grave, um pouco trêmula, baixa, porém, vibrante, naquele grande silêncio de lua velada, da cheirosa charneca deserta.

“Tu olhas a lua, Elias Portolu, tu pensas em fazer uma poesia... Adivinhei. Tu estás enamorado.”

“Padre Porcheddu!...”, disse Elias assustado, baixando a cabeça.

Sentiu imediatamente que aquele homem que estava ao seu lado sabia de seu doloroso segredo. E ruborizou-se de vergonha e de raiva. Queria lançar-se sobre padre Porcheddu e esganá-lo.

“Tu estás enamorado de Maddalena. Eh, não fique vermelho, não te irrites, filho meu. Eu adivinhei, mas não te assustes, não creias que todos compreendam as coisas como as compreende padre Porcheddu. Bem, que vergonha há nisso? Ela é uma mulher, e tu és um homem, e sendo um homem tu estás sujeito às paixões humanas, às tentações, diria tia Annedda tua mãe. A vergonha não está nisso, filho meu; está em não saber como vencê-las. Mas tu vencerás Maddalena...”

“Fale baixo...” disse Elias.

“Maddalena é para ti uma coisa sagrada. Ao vê-la é como se tu visses a uma Santa. Tu compreendeste, não é verdade?”

“Eu... eu entendi...” murmurou Elias.

“Muito bem, tu compreendeste. Já te disse que és inteligente! Veja, por que Deus criou o dia e a noite. O dia para dar vantagem ao demônio para lutar contra nós; a noite para que possamos nos recolher a nós mesmos e vencer as tentações. As noites como esta são feitas para isso, porque nestas noites tão calmas, no silêncio, devemos especialmente pensar que a nossa vida é breve, que a morte vem quando menos se espera, e que de toda a nossa vida não levamos diante do Senhor nada além de nossas boas obras, o dever cumprido, as tentações vencidas.”

“E a poesia, então?”, disse Elias, sorrindo ligeiramente. E parecia contente por ter pegado padre Porcheddu em uma contradição, mas a sua voz estava embargada.

“A poesia bela é a voz da consciência quando nos diz que fizemos o nosso dever. Eh, o que tu dizes, Elias Portolu?”

“Eu digo que é verdade.”

“Muito bem. Agora podemos ir. Está começando a ficar úmido, e, além disso, tu me disseste que existem as cobras. Eh, eh, dá-me a mão, ajuda-me a levantar... Eh, eu não tenho vinte anos para pular como tu. Bravo, obrigado. Agora deixe que me apoie em ti. O que dizes de padre Porcheddu?”, perguntou depois, segurando o braço de Elias. “É um louco, pode recolher-se tarde, beber, cantar, jogar o pão aos cães, mas não é ruim. A consciência, sobretudo a consciência, Elias Portolu, recorda-te da consciência! Ah, o que vejo ali? Uma coisa preta, olha, será uma cobra?”

“Não, é um galho seco.”

“Vendo-nos retornar assim, acreditarão que eu estou bêbado. Mas não me importa nada porque não estou. Acreditas que eu esteja?”

“Oh, não!”, gritou Elias com ímpeto.

“Bem, agora recorda sempre o que te disse!”

“Recordar-me-ei.”

“Eu amo a tua família”, começou padre Porcheddu, mas, em seguida, se arrependeu dessas palavras, mudou habilmente o discurso e por todo o tempo em que permaneceu com Elias não tocou mais naquele assunto íntimo.

O nome de Maddalena não foi mais pronunciado. Porém, agora, Elias se sentia outro, forte, calmo, quase frio, decidido a lutar ferozmente contra si mesmo. No dia seguinte pela manhã, partiram. O Prior velho tinha entregado o estandarte, o nicho e as chaves ao Prior novo, sorteado no dia anterior. A priora tinha dividido o pão, as provisões e a última caldeira de *filindeu*<sup>136</sup> entre as famílias da grande *cumbissia*. Desde o alvorecer começaram os preparativos para a partida. Foram carregados os carros, selados os cavalos, enchidos os alforjes. Partiu-se depois da missa, e o novo Prior fechou o portão. As habitações, a igreja, os arbustos voltaram a ficar desertos, instalados sobre o fundo azul das solitárias montanhas.

Adeus. A coruja retomou o seu grito prolongado, cadenciado, vibrado no silêncio infinito dos arbustos. Nas noites perfumadas pela aroeira, nos longos dias luminosos, ela é a rainha da solidão, ela impera sozinha, e o seu grito melancólico parece com a voz sonhadora da paisagem. Adeus. Os cavalos trotam, galopam, descem e sobem pelos vales verdes da montanha. A boa e orgulhosa tribo dos parentes e dos devotos de São Francisco volta à sua pequena cidade, lá em cima, atrás das frescas colunas do *Orthobene*, volta ao seu trabalho, aos seus currais, as suas missas, a sua vida dura. A festa terminou.

Tio Portolu levava tia Annedda na garupa do seu cavalo e Pietro a sua noiva. Dessa vez Elias galopava entre os primeiros da caravana; também ele frequentemente se lançava à corrida, com as narinas dilatadas e os olhos brilhantes como que embriagado pelo vento morno e perfumado, que agitava os arbustos floridos, e passava sobre o rosto com fortes carícias. Contudo, no fundo, estava sério. Não cantava, não gritava como os outros, e nem sequer olhava Paska, a filha do Prior anterior, da qual, frequentemente, estava próximo. Paska não deixava de lhe dirigir algum tenro, ainda que tímido, olhar, mas ele pensava: “Por que devo enganar a alguém e ainda mais uma garota inocente? Não, não devo enganar ninguém e muito menos a mim mesmo.”

Recordava as palavras do padre Porcheddu e os bons propósitos feitos na noite anterior. Por isso ignorava Paska, distanciava-se de Maddalena e, sem ter consciência, procurava fugir de si mesmo, inebriando-se inocentemente no galope e nas corridas de seu ágil cavalo.

A égua seguida do potro era montada por tio Portolu e por tia Annedda. Pietro e Maddalena montavam um cavalo muito manso, magro e fraco. Portanto, eram os últimos, e tio Portolu não cessava de cuidar deles. Em torno do meio-dia chegaram a Isalle. Segundo o costume, desmontaram ali, para almoçar, embaixo de um grupo de árvores, entre rochas cobertas de musgo florido, à margem da água corrente. O acampamento foi montado imediatamente. Acenderam os fogos, giraram os espetos, as mesas foram postas. O meio-dia estava doce. Grandes, altas matas de espinheiros surgiam ao longo do leito do rio, imóveis no ar quente. No fundo do vale, as colheitas brilhavam ao sol. O nicho com o São Francisquinho foi deposto na terra, sobre um grande lenço estendido. Depois da refeição, homens e mulheres se aglomeraram ao redor do nicho, ajoelhando-se, beijando-o e depositando uma oferta no seu interior. Pietro veio com Maddalena, muito mais para ser visto por ela do que por devoção, e depositou uma grande oferta dentro do nicho. Depois veio tia Annedda, e, em seguida, Elias, que se deteve um pouco, dirigindo ao pequeno Santo os olhos cheios de oração. Ah, sentia-se novamente perdido; o calor, o torpor daquele meio-dia sereno, o vinho, a presença de Maddalena o atormentavam asperamente. Mas o Santinho escutou a sua

<sup>136</sup> Tipo de sopa espessa que se pode comer fria. Minestra.

oração e lhe deu coragem para se distanciar e deitar na margem da água, embaixo das espinheiras, sozinho. Sozinho e forte contra a tentação.

No acampamento, as mulheres tagarelavam, tomando café e colocando as coisas em ordem para a partida. Os homens cantavam ou jogavam tiro ao alvo. Elias ouvia os estouros dos disparos percorrer o vale, repetir-se nas verdes distâncias e retonarem através do eco. Ouvia vozes distantes, esvaecidas na quietude meridiana, o gorjeio de algum pássaro, o murmúrio da água corrente. Os seus sentidos se acalmavam na doçura inicial do sono, quando uma visão lhe apareceu.

Era Maddalena que descia para se lavar. Ao vê-lo, ela não se perturbou, ao contrário, aproximou-se dele, inclinou-se sobre... Ah, demasiado! Demasiado! Os seus olhos encantavam-no, ardentes, fatais. Recordava a sua promessa: “Pietro, irmão meu, ainda que ela se atirasse em meus braços, eu a rejeitaria...” Mas provava uma inquietude, um delírio que o sufocava e o cegava. Queria fugir, mas não podia se mover, e ela estava perto dele, e os seus olhos semicerrados, ardentes sob as largas pálpebras, e os seus lábios e os seus dentes o faziam perder a consciência.

“Maddalena, amor meu...”, murmurou, mas logo se arrependeu e começou a gemer de paixão e de dor. “Pietro, irmão meu! Pietro, irmão meu...”

Despertou tremendo: estava sozinho e a água murmurava, e os pássaros gorjeavam. Contudo, não se ouviam mais nem disparos nem vozes. Levantou-se. Quanto tempo havia dormido? Olhou o sol e ele declinava. Todos tinham partido, mas, vigiando o cavalo de Elias restavam dois pastores, para os quais a caravana, em troca dos laticínios recebidos, havia deixado as sobras do banquete. Elias agradeceu-lhes e partiu. O seu cavalo voava, e o impulso e o pensamento de encontrar logo os companheiros dispersaram a impressão ardente e afanosa que o sonho lhe havia deixado. Depois de quase uma hora de corrida, viu tio Portolu e tia Annedda, Pietro e Maddalena, parados nos seus cavalos, no alto de uma encosta. Talvez esperassem por ele? Os outros já estavam longe.

“Bem?”, gritou de baixo.

“Que o diabo o castigue”, gritou tio Portolu.

“Onde estavas metido? Dá o cavalo ao teu irmão, porque o dele está machucado.”

“Não, não lhe dou.”

“Elias, filho meu, obedece teu pai”, disse tia Annedda.

“Não!” Respondeu Elias zangado. “Deixaram-me lá embaixo como um asno, não lhe dou.”

“Bem, leva por um trecho Maddalena, assim não se pode andar”, disse Pietro.

“Ah, Pietro, o que dizes”, gritou para si Elias. E se arrependeu de haver negado o cavalo, mas não pode mais recusar, e nem mesmo pode reprimir, dentro de si, um sentimento de alegria.

Porém, quando sentiu, na descida, o macio peito de Maddalena demasiado abandonado, como no sonho, sobre suas costas, e o braço dela bem apertado na sua cintura, ele, que acreditava nos sonhos, recordou o seu, e ficou em estado de alerta.

Levados pelo forte cavalo, por vezes, entre as voltas e as colinas e os caminhos escavados na rocha e encobertos de arbustos floridos, Elias e Maddalena se encontravam sozinhos, silenciosos, apertados, envoltos em seu triste amor. Houve um momento no qual Maddalena, de natureza apaixonada e débil, não pode se dominar.

“Elias!” disse com voz um pouco trêmula: “desculpe-me se te chateio!”

“Oh!”, disse ele sacudindo a cabeça.

“No ano que vem levarás na garupa do teu cavalo a tua esposa...”

“A minha esposa?”

“Sim, a Paska. Então estarás contente.”

“E tu não estarás contente?”

“Oh, eu estarei morta...”

“Morta!... Maddalena!...”

“Morta... para a vida... para o amor, quero dizer...”

Não somente a sua voz tremia, mas tremia também a sua mão, pousada sobre a cintura de Elias, e toda a sua pessoa abandonada sobre as costas dele. Também ele vibrou todo como uma corda rota, uma sombra velou os seus olhos. Era a mesma angústia, a mesma embriaguez do sonho.

“Maddalena...” murmurou, apertando-lhe a mão, mas logo se enrijeceu, e disse em voz alta: “pareceu-me que ias cair, fica reta e mantém o equilíbrio.”

Na sua alma ressoavam fortes, insistentes, as palavras de padre Porcheddu, e a sua promessa não lhe saía da mente.

“Fique tranquilo, Pietro, irmão meu, ainda que ela se atirasse em meus braços, eu a rejeitaria.”

Nuoro estava próxima, lá, por de trás do vale iluminado pelo sol poente. A caravana parada, lá no alto, seus cavalos cansados e suados, brilhantes contra o fundo de ouro do céu, esperava que todos se juntassem, para entrarem unidos na aldeia e fazer três voltas a cavalo em torno da igreja do Rosário, cujo sino já tocava, longe, prateado, saudando o retorno do Santinho.

#### IV

Eis, então, que Elias está finalmente na ilimitada solidão da *tanca*, animada somente por algum grito, por algum assobio de pastor, pelo tilintar dos rebanhos e do mugido das manadas. Bosques espessos de sombreiros perfilavam-se no horizonte, cerrando o fundo sereno do céu. A *tanca* dos Portolu havia sido desmatada, anos antes, e agora se estendia aberta, vasta, açoitada pelo sol. Somente algum sombreiro aqui e acolá surgia entre o verde das relvas, das matas, dos espinheiros. Nas vastidões úmidas, a vegetação era suave e delicada, perfumada de menta e de tomilho. Os pastos viçosos, ao cair da primavera, adquiriam um verde dourado luminoso. Os cardos abriam suas flores de ouro e de violeta, os espinheiros balançavam as suas rosas selvagens. Somente embaixo das árvores e nas úmidas extensões, a relva se mantinha verde e fresca. A *tanca*, ainda que plana e sem bosque, tinha recantos secretos, rochas e matas. O curso d'água, em certos pontos, escorria entre bosquinhos de sabugueiros, onde o sol apenas penetrava, formando laguinhos verdes e misteriosos, circundados e divididos por rochas, sobre as quais a água se rompia murmurando. Ao longo da margem, por grande trecho, a vegetação se conservava fresca e mórbida. De noite, o odor dos juncos e das mentas era quase irritante. O rebanho discretamente numeroso dos Portolu pastava na *tanca*. As ovelhas eram grandes pela longa lã intrincada, os cordeiros grandes e gordos. Entre dois ou três dias se deveria tosar o rebanho. Elias se sentia fisicamente bem *naquele lugar* solitário e selvaticamente belo, no qual havia crescido, no qual havia transcorrido a sua primeira juventude. Dia após dia revivia e reconhecia cada ângulo, cada recanto da *tanca*.

Os cães, um grande e preto, com olhos selvagens, olímpicamente deitado embaixo da árvore à qual estava acorrentado, e outro pequeno, com o pelo eriçado e avermelhado, semelhante a um porquinho, tinham reconhecido Elias. E ele quase chorou quando os acariciou. Além dos cães, no curral, tinha um porquinho manso e malicioso, com pequenos olhos alegres e carinhosos, que pareciam olhos humanos, um gato preto e um belo cabrito branco que servia de guia às ovelhas, abrindo alegremente

o caminho quando se tinha de passar por um lugar difícil ou atravessar o rio. Quando não pastava, o belo cabrito estava sempre perto de Mattia, seguindo-o passo a passo, saltando sobre ele, fazendo-lhe mil agrados. Era um animalzinho adorável, andava no campo, molestava o gato, brincava com o porquinho ou com o pequeno cão, e dormia aos pés de Mattia.

A vida transcorria simples e primitiva no curral dos Portolu, frequentado somente pelos pastores vizinhos e por algum andarilho. Pessoas equívocas, fugitivos ou outros, não pairavam ao redor. Tio Portolu era um homem honesto e enérgico, Mattia um pouco simplório, Elias não sentia vontade alguma de retomar as antigas relações ou de fazer novas.

Agora ele amava a solidão, e, frequentemente, naqueles primeiros dias passados no curral, escapava até da companhia dos seus, quando não tinham necessidade do seu trabalho. Vagava aqui e ali, procurando os lugares que recordavam a infância, comovendo-se com frequência. Comovia-se facilmente por qualquer coisa, mas, depois do primeiro impulso instintivo, se irritava com o que ele acreditava ser uma debilidade, sobretudo quando seu irmão e especialmente tio Portolu, percebiam e riam dele.

“E, e, o que és tu?” perguntava-lhe tio Portolu.

“Tu te tornastes um homem de queijo fresco, Elias, filho meu. Pálido como uma mulherzinha diante de cada pequena coisa. Homens precisam ser homens, leões, não se comover, não mudar de expressão, não chorar. O que é um homem que chora? É um corno. Vês teu irmão Mattia? Não é uma águia, e se maravilha de muitas coisas. Porém, não muda de cor, e, às vezes, a maravilha é também uma astúcia. Ei, não o olhes assim, Mattia. Ele é mais preparado do que tu.”

Depois desses pequenos sermões, repetidos frequentemente, Elias se propunha estar mais preparado e forte, mas o que tu queres? Certos pensamentos, certas recordações, certas sensações o assaltavam assim de improviso e ele perdia o domínio de si, e voltava a se enternecer, a ficar irritado, a se envergonhar.

Tinha trazido consigo todos os livros que possuía, mas, não achem que esses volumes formavam uma biblioteca. Eram: O livro da *Settimana Santa*, alguns volumes religiosos que lhe foram distribuídos *naquele lugar*, a *Battaglia di Benevento*, opúsculos de poesias sardas e um velho herbário ilustrado. Escondeu-os em um lugar bem seguro e resguardado, debaixo de uma rocha, em um bosque de sabugueiro, seu lugar de repouso favorito.

Mas tio Portolu e Mattia (estes sabiam ler) tinham também os seus livros: *I Reali di Francia e Guerino detto il Meschino* (Os reis da França e Guerino dito o mesquinho), e também os *Fioretti di São Francisco* (As Florzinhas de São Francisco). Quantas vezes Mattia os havia lido, para si, para seu pai, para os amigos pastores! E que perturbação infantil experimentavam aqueles homens fortes, pois não queriam se comover por outras coisas, cada vez que liam ou escutavam as aventuras de Guerino ou a palavra dos *Fioretti!*

Dentre todos os livros, Elias preferia sempre o da Semana Santa. Já sabia de memória os Evangelhos e os lia quase tão rapidamente também em latim. Ele ia para o bosque dos sabugueiros, no fresco, na sombra cheirosa dos juncos, perto da água murmurante, e lia a palavra divina. Naquela hora, os trabalhos do curral tinham sido feitos. Mattia trotava em direção a Nuoro montado em sua égua, seguida do potrinho, com o alforje cheio de queijo fresco e ricota. Tio Portolu, sentado na beira da cabana, cortava e gravava pacientemente uma abóbora, desenhando precisamente um episódio do Guerino, murmurando, falando com a abóbora, com o canivete, com os dedos, com a tinta que usava. Os rebanhos descansavam na sombra das matas, e o porquinho, o

cabrito, o gato e os cães dormiam. Toda a *tanca* repousava no ardor do sol. Sob o céu de metal claro, cinzento no horizonte, não se movia nem uma folha.

Elias relia o seu livro, movido pelo murmúrio da água, porém, naquela paz infinita, o seu coração não estava tranquilo. Frequentemente, na metade de um versículo, uma recordação brilhava na mente, reclamando toda a sua atenção. E aquela recordação não era boa, ah! Não era boa, não era boa.

Algumas vezes ele dormia assim, na quietude profunda do meio-dia, e, infalivelmente, Maddalena aparecia-lhe em sonho. E eram sonhos que o turbavam e o excitavam dolorosamente, deixando-lhe uma má impressão por todo o resto do dia. Na solidão da *tanca*, longe dela, ele tinha tido esperança de se acalmar e esquecer-la. Mas as memórias dos dias passados em São Francisco, aquele sonho na beira do rio Isalle, aquele retorno fatal, eram muito recentes. O seu sangue ainda estava aceso, e a vontade não bastava para apagar o incêndio. A solidão, as forças físicas renascentes, aumentavam a paixão.

Mas, sobretudo, aumentavam a recordação fixa, insistente, indestrutível do retorno da festa. Os sonhos de Elias renovavam quase sempre aquela cena, uma vez que as suas costas, a sua vida, a sua mão conservavam intactas a impressão física do corpo e da mão de Maddalena. E a mente, recordando as palavras dela, se perdia outra vez numa vertigem de prazer e de angústia.

Ele se irritava, mas não podia se dominar. Às vezes os seus lábios pronunciavam a promessa e, ao mesmo tempo, o pensamento se perdia lá, na recordação. Em seguida, ele se cobria de impropérios, e queria castigar-se, mas era impossível se dominar.

“O meu pai tem razão”, pensava, “sou um homenzinho de queijo fresco, uma besta, um estúpido. Que necessidade se tem de pensar nas mulheres, e especialmente na mulher que não se deve olhar? Não se pode viver de outra maneira? Homens precisam ser homens, leões, e eu sou um cordeiro, uma ovelha louca. Mas o que eu posso fazer? Eu não me fiz assim. Se eu me tivesse feito, me teria feito com o coração de pedra. Mas, quem sabe, com o tempo, esta loucura passará.”

Pensava assim, mas não se confortava, porque sentia que aquela loucura duraria um longo tempo.

Entretanto, um desejo agudo de rever Maddalena crescia dia após dia no seu coração. Pelo menos sobre isto o seu propósito era firme. Não somente isso, também tinha medo do dia em que Maddalena, Pietro e tia Annedda viessem para a tosa do rebanho. Todavia, contava as horas que o aproximavam daquele dia, e experimentava um misto de medo e um prazer trêmulo.

Na véspera daquele dia, ao entardecer, ele estava fechando um buraco do muro da *tanca*. Daquele ponto se estendia o bosque vigiado por tio Martinu Monne, o “pai da selva”. Onde estaria tio Martinu? Elias não tinha voltado a vê-lo, ainda que o houvesse procurado duas ou três vezes.

De súbito, aquela tarde, eis que tio Martinu sai do bosque e aproxima-se do muro. Era um velho gigantesco, ainda forte e ereto, com os longos cabelos amarelados e uma espessa barba cinza. O seu rosto todo pregueado de rugas duras parecia fundido no bronze. Estava majestoso, no seu traje escuro, sobre o qual usava uma sobrecapa sem mangas, de couro gorduroso. Parecia um homem pré-histórico. Elias proferiu uma exclamação de alegria, subiu no muro, estendeu a mão ao velho.

“Feliz quem o vê, tio Martinu! O procurei duas vezes. Como está?”

“Estou bem! E outra desgraça como a tua, somente em cem anos. Como estás? Eu estou bem. Precisei ausentar-me por vários dias”, respondeu tio Martinu, calmo, com voz forte e pronúncia lenta.

Sentaram-se sobre o muro e falaram por longo tempo, contando-se tantas coisas.



“O primeiro dia depois que retornei”, disse então Elias, “sonhei com o senhor. Estava no pátio, em casa, estava cansado, tinha bebido um pouco e dormi. E sonhei com o senhor: estávamos assim, como estamos agora, diante desse muro. Como os sonhos se tornam realidade!”

“Oh! Oh!”, disse o outro, mas sem se assombrar. Elias não lhe contou com detalhes o sonho, mas lhe perguntou:

“Acreditas em sonhos, senhor?”

“O que queres que te diga? Os sonhos na verdade não se realizam, mas muitas vezes acontece que nós esperamos algo, pensamos muito nisso, e assim sonhamos. Depois acontece, e, então, nos parece que o sonho se tornou realidade, mas é algo que simplesmente devia acontecer.”

Elias admirou uma vez mais a sabedoria de tio Martinu, mas sacudiu a cabeça. Relembrava o sonho na beira do rio Isalle: acaso tinha ele previsto e desejado a conversa mantida com Maddalena? Não, parecia-lhe que não.

“Amanhã”, disse depois de um momento, “amanhã tosamos as ovelhas, tio Martinu. Virás, não é verdade? Virá minha mãe, Pietro meu irmão e a sua noiva.”

“Ah, sim, ouvi que teu irmão está comprometido. É boa a noiva?”

“Sim, parece boa. É bela.”

“Eh, isto não basta. Os quadros, que são belos, nós os penduramos na parede e servem somente para enfeitar. É preciso que a mulher seja boa, seja afeiçoada ao marido, e não ame outro homem da terra.”

Elias ficou pensativo e não respondeu. Além disso, já era tarde, o céu empalidecia, o bosque calava na quietude solene da tarde. Era necessário voltar ao campo.

“O senhor virá, tio Martinu? Nós o esperamos, não falte.”

“Virei.”

“Bem, não falte!”, advertiu Elias, saltando o muro.

“Nunca faltei com a minha palavra, Elias Portolu. Saúda teu pai em meu nome.”

“Bem, boa noite.”

“Boa noite.”

Tio Martinu não só não faltou como chegou mais cedo e ajudou os pastores com os preparativos para aquela espécie de festa campestre. A aurora alaranjada incendiava o leste, vertendo brilhos de ouro rosado sobre a relva e sobre as pedras da *tanca*. No oeste, o bosque calava sobre o fundo de céu de um quadro claro.

Tio Portolu aquecia uma pedra para fazer coalhada. Elias e tio Martinu mataram um cordeiro gordo como uma ovelha e tiraram sua pele, o esquartejaram e retiraram as vísceras fumegantes.

Pouco depois do amanhecer chegaram Pietro e as mulheres. Vinham lentamente, sobre um carro de boi guiado por Pietro. Ninguém foi ao encontro deles, mas Elias sentiu bater-lhe violentamente o coração. Maddalena foi a primeira a descer, ágil e rápida, sacudiu o vestido e ajudou sua mãe e tia Annedda a descerem.

Enquanto Pietro descarregava o carro de boi (tia Annedda tinha levado pão fresco e vinho em abundância), as mulheres se encaminharam para a cabana. Maddalena estava mais fresca e graciosa que nunca. A blusa branquíssima, bordada e engomada, e a saia indiana escura, com a barra de cor celeste, destacavam as suas belas formas. Tão logo a viu por perto e ficou sob o poder daqueles olhos ardentes, Elias sentiu-se perdido. Apesar da angustiante ausência de prazer, ele teve a força de pensar: “É preciso que eu não me encontre sozinho com ela, senão sou um homem perdido. É necessário que eu confie em alguém, para que me siga sempre e não me deixe nunca sozinho com ela, se a oportunidade se apresentar. Ah, tenho medo de mim mesmo. Mas a quem dizê-lo? A

minha mãe, a meu pai? Não, não é possível. A Mattia? Não compreenderia. Ah, tio Martinu!”

Respirou. Enquanto isso, tio Martinu olhava solenemente, do alto, a noiva, ao mesmo tempo tio Portolu fazia as apresentações, rindo com o seu riso forçado e cáustico.

“Eh, eh, javali velho, vês a noiva de Pietro? Chama-se Maddalena, e sabe fiar e costurar e nunca ninguém tem nada para dizer dela. Veja a pomba branca. Não sentes que emana perfume de rosas? E essa é Arrita Scada, a velha pomba, a vês, Martinu Monne?”

“Estou vendo.”

“Bom dia”, disse tia Arrita, voltando-se com curiosidade para o velho. “O senhor é de Orune, não é verdade? Está na *tanca* de fulano de tal?”

“Sou de Orune, estou na *tanca* de fulano de tal.”

“Falem logo!”, gritou tio Portolu. “Agora vamos beber a coalhada, comer o leite coalhado. Vamos, vamos, rápido!”

“O sol acaba de nascer; não é hora de beber coalhada”, disse Maddalena rindo.

“Filha minha”, sentenciou tia Arrita, “é preciso comer e beber quando somos convidados, esteja o sol alto ou baixo.”

“Eh, eh, Martinu Monne, ouves a velha pomba? Eu te disse que era sábia como a água!”. Entraram na cabana onde estava Mattia com o cabrito de um lado e o gato de outro. Logo chegou Pietro e o quadro ficou completo. As mulheres sentaram-se sobre banquinhos de cortiça, Elias, silencioso, mas não triste, distribuiu os *corcarjos*<sup>137</sup> de casco de ovelha, e tio Portolu destampou os *malunes*<sup>138</sup> cheios de coalhada e de leite. Tio Martinu dominava a cena, e olhava obstinadamente Maddalena. Comeram e beberam em abundância. A coalhada estava deliciosa, e tio Portolu se ofenderia se os convidados não deixassem limpas as *malunes*.

Após o café da manhã, começou a tosquia. As ovelhas foram amarradas, sobre a grama, sem que opusessem a mínima resistência. Mattia e Elias as tosavam velozmente com grandes tesouras com mola. A lã emaranhada e suja se acumulava no chão, e as ovelhas, livres do laço, voltavam ao pasto encolhidas, tranquilas.

As mulheres, como de costume, preparavam o almoço, reservando a tio Portolu o assado do carneiro. Maddalena, porém, seguia obstinadamente Elias, como que atraída por um fio mágico, e cada vez que ele levantava os olhos, estes encontravam os dela, que pareciam querer fasciná-lo. De repente, eles se encontraram a sós. Pietro tinha ido à cabana, Mattia perseguia uma ovelha mais relutante que as demais e tio Martinu se distanciou para ajudá-lo.

Elias teve um instante de desfalecimento, de medo, de prazer indescritível, por encontrar-se só com Maddalena. Sós, entre a grama e os altos cardos floridos. O coração bateu-lhe forte e uma vertigem de desejo perturbou todo o seu ser quando os seus olhos encontraram aqueles apaixonados e suplicantes de Maddalena.

“Salva-me! Salva-nos”, dizia-lhe aquele olhar. “Tu me amas, eu te amo, vim para te pedir que me salves e nos salve. Elias, Elias!”

Mas ele acreditava se perder e perdê-la se continuasse sozinho a olhá-la. Fez um esforço e olhou ao longe. A ovelha corria na grama, seguida de tio Martinu e de Mattia que tentavam empurrá-la para uma mata.

“Que estúpidos!” disse Elias. “Se fosse comigo, a esta hora estaria tosquiada.”

---

<sup>137</sup> Colheres.

<sup>138</sup> Recipientes de cortiça.

E saiu correndo, deixando Maddalena sozinha no sol, entre a grama e os altos cardos floridos. Sozinha, com as pálpebras como as da Madonna, abaixadas, com resignada dor.

“Tio Martinu”, disse Elias ao velho, enquanto Mattia os precedia, já perto da ovelha relutante, “faça-me um favor, tio Martinu meu, não me deixes nem por um momento sozinho com aquela garota.”

Ele falava devagar, um pouco ansioso, um pouco envergonhado, com os olhos baixos. Tio Martinu olhou-o do alto, longamente, intensamente. Compreendeu, não respondeu nada.

“Vou contar ao senhor... esta noite... Não penses mal de mim, tio Martinu meu”, disse Elias levantando os olhos. “Confio mais no senhor do que em meu pai.”

Tio Martinu não respondeu, não se comoveu, não sorriu, somente deu um tapinha no ombro de Elias, e, por todo o dia, seguiu-o passo a passo, como uma sombra.

O almoço foi mais feliz e barulhento do que o esperado. Portolu anunciou a tio Martinu que Maddalena e Prededdu se casariam em breve, depois da colheita do trigo. Mas o velho não pareceu se alegrar muito com a notícia.

As mulheres e Pietro partiram com o pôr do sol. Maddalena parecia alegre, ria, brincava, se dirigia a Pietro com contínuos sorrisos e não se importava mais com Elias. Mas Elias, um pouco ferido em seu amor próprio, não se iludia com aquela falsa alegria.

“Ela acreditará que sou um estúpido”, pensava. “Bem, tanto melhor, mas se ela soubesse... se soubesse...”.

Às vezes, parecia-lhe que o coração iria explodir, e tinha um desejo louco de soluçar, de gritar, de levar os punhos ao rosto. Enquanto isso o carro de boi se distanciava, e as manchas de sangue nos corpetes das mulheres, e a figura branca e preta de Pietro desapareciam lá embaixo, no verde profundo da *tanca*, nas rosadas distâncias do pôr do sol. Adeus, adeus. Ele não voltaria a vê-la assim, livre e enamorada, na solidão da *tanca*, palpitando de amor ao seu lado, como naquela manhã de primavera. Tudo estava acabado.

O carro de boi desapareceu ao longe e tudo ficou em silêncio, tudo ficou vazio em torno de Elias. Porém, virando-se para retornar à cabana, viu tio Martinu que o esperava.

“Eu vou embora”, disse o velho. “Queres acompanhar-me, Elias?”

“Vamos.”

Foram. O sol já se pusera e os bosques e as distâncias calaram sobre o céu todo rosa, de um rosa denso quase violáceo. Toda a *tanca*, as matas reluzentes, a grama imóvel, as rochas e a água refletiam aquela quente luminosidade de rosa peônia. Era uma paz quase religiosa, como de igreja iluminada por círios acesos. Tio Martinu e Elias atravessaram silenciosos toda *tanca* e foram sentar-se no muro, sérios e graves.

Elias se sentia triste, não sabia como começar, e olhava obstinadamente as mãos. Tio Martinu compreendeu em que estado de ânimo se encontrava o seu jovem amigo, e procurou tirá-lo do apuro.

“Elias Portolu”, disse gravemente, “eu sei o que queres me dizer. Maddalena está enamorada de ti.”

“Quieto!”, disse o outro assustado, colocando a mão em seu braço. “Cada pequena mata tem pequenas orelhas!”<sup>139</sup>, acrescentou rapidamente, para desculpar sua confusão.

“Sim”, respondeu com voz grave o ‘pai da selva’, “cada pequena mata, cada árvore, cada pedra tem orelhas. E para quê? O que acabo de dizer e o que direi pode ser ouvido por qualquer um, começando por Deus que está lá em cima, e terminando pelo

---

<sup>139</sup> Provérbio sardo.

mais mísero servo. Maria Maddalena te ama, tu a amas; uni-vos em Deus, porque Ele vos criou um para o outro.”

Elias o olhava como em um sonho. Recordava o colóquio que tivera com o padre Porcheddu, os conselhos, as advertências naquela inesquecível noite de São Francisco. A quem devia escutar?

“Mas é a noiva de meu irmão, tio Martinu!”

“E se é a noiva de teu irmão? Talvez ela o ame? Não. Portanto não é dele e não o será nunca segundo as leis do Senhor. O matrimônio de amor é o matrimônio de Deus, aquele de conveniência é o matrimônio do diabo. Salva-te Elias Portolu, e salva a pomba, como a chama teu pai. Maria Maddalena aceitou Pietro porque lhe impuseram, porque ele tem trigo, porque tem cevada, fava, casa, bois, terras. O diabo operou. Mas Deus destinara de outra maneira. Ele te fez voltar, te fez encontrar com a garota. Vocês se viram, vocês se amaram, mesmo sabendo que, segundo os preconceitos dos homens, não poderiam nem mesmo se olharem. Não sentes nisso uma força superior ao homem, que indica o seu caminho? Não é a mão de Deus? Pensa bem, Elias Portolu. Pensa sobre isso. Tens pensado?”

“É verdade. Mas Pietro é meu irmão.”

“Somos todos irmãos, Elias Portolu. Pietro não é um estúpido, ele entenderá a razão. Vai, diz a ele:” “Irmão meu, eu amo a tua noiva e ela me ama, que pensas em fazer? Queres fazer infeliz teu irmão e aquela outra criatura inocente?”

Elias sentiu frio só de pensar em falar assim com seu irmão, e sacudiu a cabeça com dor e com terror.

“Nunca! Nunca! Pietro me mataria, tio Martinu!”

“A meu ver, tu tens medo.”

“Sim, por que o esconderia? Tenho medo, mas não da morte. É que também Maddalena estaria perdida, e também Pietro e toda a minha família. Mas não é somente este espinho que tenho no coração, tio Martinu. É que eu amo meu irmão e não quero, mesmo admitindo, que se resigne que seja infeliz.”

“Pietro poderia resignar-se mais facilmente que tu, pois tem um caráter diferente do teu. Eu compreendo os teus bons sentimentos, Elias Portolu, mas não os aprovo. Pensa nas consequências, nunca pensastes nelas? Maddalena te ama perdidamente, eu li em seus olhos. Se tu calas, se casará com Pietro, irá viver em tua casa, e acabarão se perdendo, porque a natureza humana é fraca. Ouve isso, Elias Portolu? Você já pensou nisso? A tentação se vence hoje, se vence amanhã, mas ela acaba por nos vencer porque nós não somos de pedra. Tu já pensaste nisso, Elias Portolu?”

“É verdade, é verdade!”, disse Elias, com os olhos cheios de terror.

Calaram-se por um momento. Ao redor o silêncio era intenso, infinito. A sombra caía sobre os bosques, o céu de peônia empalidecia em tenros matizes violáceos... E, de repente, Elias sentiu aquela grande paz arcana penetrar o coração.

“Mas eu”, disse com voz alterada, “eu vou embora de minha casa.”

“Casar-te-ás? Lembre-se, isso, talvez, seja pior.”

“Não, eu nunca me casarei.”

“O que farás então?”

“Eu vou ser um padre. Isso não o surpreende tio Martinu?”

“Eu não me surpreendo com nada.”

“O que me aconselhas então? No sonho que contei, aquele que tive na primeira noite do meu regresso, o senhor me aconselhava a ser padre.”

“Uma coisa é o sonho, outra é a realidade, Elias Portolu. Eu não te desaconselho se tens a vocação, mas te digo que nem mesmo isso te salvará. Somos homens Elias, homens frágeis como juncos. Pense bem, pense duas vezes.”

“O que me aconselhas então?”

“O conselho já te dei. Vai, retorna à vila, fala com teu irmão.”

“Nunca...nunca...com ele!”

“Bem, fala com tua mãe. A tua mãe é uma santa mulher. Saberá por o bálsamo sobre cada ferida.”

“Bem, sim, irei!”, disse Elias com súbito ímpeto.

Havia descido, e um raio de alegria lhe brilhou nos olhos. Levantou-se, deu alguns passos; queria sair imediatamente, livrar-se daquele pesadelo que lhe esmagava. Parecia-lhe tudo fácil, tudo acomodado, e, por alguns momentos, vivenciou uma felicidade tão intensa como nunca antes em sua vida havia vivenciado.

“Bem, não percas tempo”, lhe disse tio Martinu. “Vá amanhã mesmo, fala, não tenhas escrúpulos, nem preconceitos. Espero-te aqui amanhã a esta hora; me dirás o que fizestes.”

“Irei, virei, tio Martinu. Boa noite, e obrigado, tio Martinu.”

“Boa noite, Elias Portolu.”

E cada um seguiu o seu caminho.

No dia seguinte, na mesma hora, os dois homens se reencontraram no mesmo lugar, perto do muro na *tanca*. Ao redor reinava o mesmo silêncio, puro, infinito. O pôr do sol iluminava os extremos topos do bosque, uma garça cantava ao longe. Entretanto, Elias estava triste, exausto, com o rosto impregnado de cansaço e de sofrimento como nos primeiros dias de seu retorno.

“Tio Martinu meu”, disse, “se soubeste como as coisas correram! É inútil, não posso, não posso falar, nem com a minha mãe, nem com ninguém. Ontem a noite estava decidido, parecia-me ter um coração de leão, ou, para melhor dizer, uma cara dura de couro. Bem, deitei-me, dormi, e, no sonho, tive a impressão de estar em casa, de falar com minha mãe. Tudo parecia fácil. Levanto-me, parto, chego à casa me sentindo sempre alegre, cheio de esperança e de coragem. Chamo minha mãe à parte, e sinto subir-me aos lábios as palavras que já tinha preparado. Ela me olha, e, então, de repente, sinto bater-me forte o coração, e um nó me fecha a garganta. Ah, não tio Martinu meu, é impossível, eu não posso falar, mesmo querendo. Poderei cometer um delito, mas revelar meu segredo aos meus parentes, não. Não é possível.”

“Experimenta novamente”, tentou dizer o velho. Mas Elias fez um gesto de repulsa, quase de revolta.

“Ah, não!”, disse ele em voz alta. “Não me tenteis, tio Martinu meu. É uma coisa superior às minhas forças. Poderia tentar mil vezes, sem nunca conseguir fazê-lo.”

“É verdade”, disse o velho que pareceu assaltado por uma recordação. “Lembro-me de um fato”, acrescentou pouco depois. “Realmente era uma coisa muito mais grave, mas o homem era também muito mais forte que tu, corajoso, ousado, violento. Deveria cometer um delito (e já tinha cometido outros); deveria matar um homem honesto. Parecia-lhe uma coisa natural, fácil, e, no fundo de seu coração, estava mais que decidido. Chega o dia, a hora designada. Ele vai à casa do homem honesto, encontra-o jantando, pode matá-lo sem nenhum perigo. Mas o homem honesto o olha, e basta isso para que o outro não possa levantar o braço. E isso sucedeu duas, três, dez vezes.”

Enquanto o velho falava, Elias o devorava com os olhos, esquecendo o seu pesar ao escutar aquela história. Ah, ele já conhecia aquela história, mas não somente isso, sabia que o homem violento era o próprio tio Martinu. Todo mundo conhecia aquela história há anos, e acrescentavam que o homem honesto, vindo também ele a conhecê-la, chamou tio Martinu e deu-lhe trabalho. Fez dele seu pastor e, mais tarde, guardião de suas *tanças*. Desde então o tio Martinu tornou-se o braço direito, o servo mais fiel do homem que queria matar.

E Elias provou um sentimento de alívio. No fundo, ele se envergonhava da sua fraqueza e de suas indecisões contínuas. Porém, se um homem de ferro como tio Martinu Monne, na sua orgulhosa juventude, não conseguiu vencer a potência de um olhar honesto, como poderia ele, pobre e débil garoto, vencer o horror da confissão aos seus, daquilo que lhe parecia um delito?

“O fato que te contei”, acrescentou o velho, “não tem, certo, comparação com a tua história; mas demonstra igualmente como acima de nós tem uma força que nós não podemos vencer. Assim que tu puderes, Elias Portolu, procura fazer algo!”

“Eu não posso fazer nada, tio Martinu!”, disse Elias desanimado.

“Talvez tu desejes que eu me intrometa...”, começou o velho, pensativo, depois de um breve silêncio. Porém, Elias lhe apertou o braço e protestou ferozmente:

“Nunca, tio Martinu! Nunca, nunca! Ah, não me faças a ofensa de crer que eu tenha sequer pensado nisso... E não só isso, tio Martinu, se o senhor revelar o meu segredo, nunca mais olharei para o senhor.

“Tu tens razão, não é conveniente. Verdade!”

“O que me aconselhais então?”

“Eu já te aconselhei, Elias Portolu. Faz qualquer coisa, mude-se, seja previdente.”

“Eu prevejo, tio Martinu. Deixarei que se cumpram os acontecimentos. Depois, se não puder resistir, farei tudo quanto lhe disse ontem a noite.”

“E tu farás mal”, disse o velho se levantando. “Experimenta de cada lado, Elias, filho meu. O fato que te contei terminou bem, pela indecisão de um homem, mas o teu poderá terminar mal. Tu sabes escrever e, uma vez que teu irmão sabe ler, escreva a ele. Entendei-vos, prevês o futuro. Eu não vou te dizer mais nada.”

Uma luz de esperança brilhou novamente nos olhos de Elias.

“Sim. Escreverei.”

Separaram-se, sem mais palavras, e Elias se encaminhou à cabana com o coração um pouco aliviado. “Sim, sim”, repetia para si, “escreverei a Pietro como fazem os senhores. Dir-lhe-ei tudo, ele é razoável e escutará. Tenho caneta e papel. Darei a carta a Mattia... não, a levarei eu mesmo, a darei à minha mãe para que ela lhe entregue em mãos. Sim, tudo bem.”

Por longas horas da noite pensou e repensou como escrever a carta. Já sabia como começá-la e como terminá-la, o resto era fácil. Na manhã seguinte levantou-se obstinadamente firme em seu propósito e, apenas pôde, dirigiu-se ao seu lugar favorito, no qual tinha escondido os seus livros, a caneta e um tubo de cana cheio de tinta, e preparou cada coisa. Sentou-se perto de uma pedra elevada, procurou a melhor posição e a posição era ótima para escrever comodamente e, então, ficou por um tempo pensativo.

O riacho ali perto murmurava entre os juncos. Uma brisa agradável serpenteava entre os sabugueiros e as relvas altas despertavam longos sussurros. Vagos rumores, esvaecidos, próximos, distantes, animavam a *tanca*, sob o azul e luminoso céu daquela pura manhã.

Elias pensava, com as mãos firmes, e não mais brancas sobre a folha de papel ordinária estendida sobre a pedra. De repente levantou a cabeça, como se escutasse uma voz distante. Em seguida pegou a folha, a caneta, o tubo, colocou tudo no esconderijo, e retornou à cabana. Não podia vencer a força superior da qual lhe tinha falado tio Martinu.

## V

Chegou o verão. Toda a *tanca* tingiu-se de um belo amarelo pálido, entre as matas e ao longo da margem do riacho no qual a vegetação adquiriu uma exuberância tropical. Que profundas doçuras de cores eram encontradas agora lá embaixo, nas manhãs esplêndidas, nos crepúsculos ouro-rosados, nas noites brilhantes de estrelas, puríssimas, quando a lua nova caía misteriosamente sobre os bosques silenciosos!

Elias morria de amor e de tristeza, mas não tomava uma decisão, nem tampouco dava um passo para deter os acontecimentos. Entretanto, o tempo passava. Pietro tinha tido uma magnífica colheita, e as bodas deveriam ser celebradas dentro de poucos dias. Elias não tinha voltado a ver tio Martinu nem procurava revê-lo. No fundo, sentia medo dele, porque, ao invés de conforto, o velho, que também passava por sábio, havia colocado o inferno em sua alma.

“E se ele tivesse razão?”, perguntava-se às vezes. Contudo, prontamente rebelava-se contra esse pensamento, mesmo porque sentia não ter forças para agir, para se mover, para revelar o seu segredo, e, sobretudo, para atrapalhar a felicidade de Pietro.

Mas a lembrança e o desejo por Maddalena, e o pensamento de que dentro de pouco tempo ela estaria inexoravelmente perdida para ele, o consumia. Procurava combater contra seu coração e contra seus sentimentos. Procurava rir da sua paixão, ser forte como tio Portolu queria. Que diabo! Existem tantas mulheres no mundo, além disso, pode-se viver sem elas, e mesmo sem amor. De fato um homem verdadeiramente homem deve rir dessas coisas!

A batalha, porém, era inútil, e sem a figura de Maddalena todo o horizonte de Elias se esvaziava e se escurecia da mesma forma que em São Francisco. Entretanto, ele tinha ardentemente desejado a distância, a solidão, o silêncio da *tanca*, agora ansiava o dia das bodas de Pietro. Pelo menos assim tudo acabaria para sempre. Parecia-lhe que depois se curaria, e recuperaria a paz e a saúde. Porque se sentia esmorecer também fisicamente. O ardor daqueles longos dias luminosos e a frescura insidiosa das claras noites perfumadas o debilitavam e causavam febre.

Em sua tristeza, havia começado a odiar os homens. Também seu pai e Mattia o desagradavam, e, então, fugia, vagava o dia todo através da dourada e ardente solidão da *tanca* e passava as noites ao relento.

Adormecia ao meio dia, depois de haver lido e relido os seus livros santos. Despertava com a cabeça girando por uma grave dor; e, depois, à noite, não conseguia dormir. Então ficava por longo tempo nos seus esconderijos, acorocado sobre as pedras, contemplando o pôr da lua sobre os bosques, ou imerso em uma apatia dolorosa. Tio Portolu, a velha raposa, via perfeitamente o estado de ânimo e do corpo do filho, sem conseguir adivinhar a causa. Entristecia-se por ele, e repreendia amargamente Elias, nos poucos momentos em que permaneciam juntos.

“Por que te escondes?”, gritava-lhe. “Que vida é esta? Se planejas um delito, cumpre-o e acaba com isso de vez. Se estás enamorado, assume. Tu és homem? Tu és um graveto, uma estatueta de queijo de vaca! Não vês que não podes nem te manter em pé e que a tua cara está verde como uma rã?”

“Estou mal”, disse Elias, não para se desculpar, mas porque tinha um medo louco que tio Portolu viesse a adivinhar o seu segredo.

“Se estás mal, cuida-te ou morre. Eu não quero ver gente fraca ao meu redor, quero ver leões, quero ver águias, e tu és um lagarto.”

“Deixa-me em paz, paizinho meu”, suplicava Elias, distanciando-se aborrecido.

“Vai para o inferno! Vai para o inferno!”, gritava-lhe tio Portolu. Mas, quando se encontrava sozinho, o velho se entristecia, sentia, também ele, o coração pequeno como o de um passarinho.

“Vê-se que Elias está adoecendo. Ah, não. São Francisco meu, leva-me contigo, mas deixa os meus filhos vivos e fortes! Os meus filhinhos! Os meus pombos! Os passarinhos meus! Ah, que sejam felizes, ainda que tio Portolu morra desesperado. Elias, Elias, porque não te cuidas? O que farei eu sem ti? Farei vir tua mãe e farei com que retornes com ela para a vila. Ela te meterá na cama e te fará remédios com as ervas, com sal, com as medalhas santas, como só ela sabe fazer.”

No entanto, Elias vagava triste, desesperado, irritado contra si mesmo e contra todos. Uma noite tio Portolu, atravessando a *tanca*, o vê empoleirado sobre uma rocha, contemplando a lua.

“Ele quer fazer magias? Planeja um delito? Quer ser um frade?”, perguntou-se o velho, fixando o filho com os olhos mais avermelhados do que nunca pelo calor daqueles deslumbrantes dias. “São Francisco meu, *Santu Franzischeddu* meu, cura este meu filho.”

Ele retornou à cabana muito angustiado. Ah, em verdade, o estranho comportamento de Elias envenenava a alegria das bodas de Pietro, que deveria ser celebrada no domingo seguinte. Todavia, Elias, do alto da rocha, com os olhos vítreos e fixos, e como que fascinados pelo puro esplendor da lua, permanecia imóvel, imerso em confusas visões. Era o atordoamento, o zumbido, a vaga vertigem provada na primeira noite depois do retorno ao patiozinho de sua casa. O vento leve, que agitava os bosques ao longe, parecia uma voz confusa, às vezes doce, às vezes assustadora. O que dizia? O que dizia o vento? O que murmurava a selva? Ele queria ouvir aquela voz distinta, e se angustiava, se enternecia, se irritava não conseguindo. Parecia a voz de padre Porcheddu, de Maddalena, de sua mãe, de tio Martinu. Recordava o sonho que teve na primeira noite após seu retorno e aquele na margem do Isalle, e outros sonhos, e outras visões distantes. E experimentava, no fundo da alma, uma angústia confusa, por causa daquela voz que não podia ouvir, daqueles sonhos, por outras coisas que não conseguia lembrar.

A lua batia sobre seu rosto, sobre seus olhos, dando-lhe um encantamento de sonho. Enquanto isso, sobre a linha dos bosques, sobre os distantes horizontes, o céu se desvanecia em um esplendor de pérola. Os rebanhos ainda pastavam ao longe, difundindo na solidão noturna o melancólico tilintar das suas campainhas. Nunca Elias havia se sentido tão triste como naquela noite. Sucedia-lhe também uma coisa insólita: recordava os dias, os meses, os anos passados *naquele lugar*, recordava-os com dor humilhante, como não os tivesse nunca recordado, e, confusamente, pensava: “Ah, se não tivesse pecado e nem frequentado os maus companheiros, não teria estado *naquele lugar*, teria conhecido Maddalena antes de Pietro, e agora não seria tão infeliz. Domaram-me, é verdade, mas tornaram-me débil como uma mulherzinha. E pensar que eu conto sempre as lembranças *daquele lugar* e me orgulho delas! Desavergonhado, Elias Portolu, desavergonhado!”

E se sentia corar, e novamente seus pensamentos se confundiam. Voltavam as visões, as vozes confusas, a figura de padre Porcheddu, a de Maddalena, a de tio Martinu, e outras figuras vistas *naquele lugar*. E a angústia confusa que pesava sobre o coração se tornava cada vez mais opressiva, esmagadora como uma rocha. Finalmente teve a impressão de agarrar a recordação e ouvir a voz. Um calafrio percorreu lhe as costas, o seu rosto tornou-se lívido, os dentes bateram.

“Dentro de três dias ela se casa. Tudo está terminado!”, gritou para si. “É isso que me mata, e eu não faço nada, não me movo, não ousar...”



Foi tomado por um ímpeto de desespero, uma loucura de propósitos ousados.

“Eu vou, eu me mudo. Não quero morrer. Eu a amo e ela me ama. Ela me disse lá embaixo, na margem do Isalle... não, enquanto voltávamos... enfim me disse, e eu a beijei, e ela é minha, é minha, é minha...Eu vou...Ah, irmão meu, mata-me se quiseres, mas ela é minha. Agora desço, corro, vou a Nuoro, acomodo as coisas. Tudo, pode ser acomodado. Tio Martinu tem razão, mas é necessário que seja logo.”

Moveu-se. Imediatamente calafrios o assaltaram, subindo das pontas dos pés e serpenteando por todo o corpo. Sentou-se novamente diante da lua, com o rosto cinzento, batendo os dentes. Recordava também a sua promessa, a noite que tinha chorado como uma criança aos pés de São Francisco, mas agora aquelas intenções estavam longe. Tinha a impressão de estar vencido pela paixão e de não poder mais resistir. Pensava:

“Na ocasião me parecia que o dia das bodas não chegaria nunca. Agora, ao contrário, está próximo, será depois de amanhã, é necessário que eu me mova.”

“Mas por que não posso me mover?”, perguntou a si mesmo em um momento de lucidez. “Procuro me mover e não consigo. Sinto os membros pesados como pedras. E esses calafrios? Tenho febre, devo estar doente.”

“Ah”, pensou depois com temor, “e se fico doente? Se não posso me mover? E se, no entanto... Ah, não, não, eu vou, eu vou.”

Levantou-se pesadamente, desceu da rocha e se encaminhou cambaleando, através das palhas e do feno brilhantes e odorantes, à lua.

Ouvia-se sempre o melancólico tilintar dos rebanhos, a distante voz do vento no bosque. Ele andava. Queria correr, mas não podia, e, de quando em quando, parava, com um zumbido soturno e agudo assobiando dentro das orelhas.

De repente deixou-se cair por terra, embaixo de uma árvore da qual, através dos ramos, via a lua o olhando com um olho luminoso quase ofuscante. Aquele olho luminoso foi a sua última percepção. Depois não sentiu nada além de uma aguda dor no cílio esquerdo, e pareceu que lhe tinham dado um golpe de machado, e o zumbido dentro das orelhas aumentava. Mas, no seu sonho maléfico, continuava a caminhar, dizendo as mais estranhas coisas. Tinha a impressão de atravessar um lugar cheio de rochas monstruosas, de arbustos espinhosos, de cardos secos, iluminado por uma luz azulada de lua.

No seu delírio, lembrava perfeitamente onde ele estava indo e o que queria. Mas embora corresse, escalando as rochas, pulando os arbustos, suado, fatigado, angustiado, não conseguia se distanciar daquele lugar misterioso. E sentia uma ira e uma dor incalculáveis. Todas as suas articulações doíam, sentia as costas quebradas, os pés, as mãos, as têmporas pulsantes, e todo o seu corpo inundado de suor. E andava, andava sempre, sobre aquelas rochas que lhe davam uma sensação de susto, de temor, naquele clarão lívido de lua invisível que o cercava de uma luz estranha, a mais triste e assustadora das trevas.

Quanto tempo durou aquela sua luta enorme contra as rochas, os arbustos, os cardos, aquela sua ira indistinta, aquele seu espasmo oprimente, aquele seu medo de monstros invisíveis, daquela luz horrenda, não soube precisar nunca. Outras visões, não menos monstruosas, mas confusas, insistentes, que se entrelaçavam, se dissolviam e voltavam, como nuvens empurradas pelo vento, o envolveram, o torturaram.

Chegou enfim um momento no qual a alma, cansada e vencida, se afundou em um escuro abismo de inconsciência, enquanto seu corpo continuava a sofrer. Depois, como uma triste luz do alvorecer, desceu no abismo, e cresceu e cresceu, e a alma percebeu o sofrimento do corpo, mas sem sonhos, e febrilmente ele reabriu os olhos à realidade.

Encontrou-se em sua casa, sobre sua cama de rústica coberta de lã, em seu humilde quartinho branco. Uma luz melancólica de crepúsculo descia pela janela semifechada. Da rua chegavam gritos alegres de crianças, e do patiozinho, da cozinha, dos quartos conjugados, vinha um surdo som de vozes. Devia ter muita gente. O que diziam? O que faziam? Maddalena estava lá? E Pietro? Havia se casado?

Elias se sentiu gelar, mas agora o delírio tinha passado, e, mesmo se Maddalena ainda não casada viesse diante dele, ele não lhe diria nada. Ao contrário, desejou que as bodas já tivessem sido realizadas. Mas com este desejo uma violenta tristeza se apossou dele, e, ele invocou a morte.

Mas, ao contrário da morte, voltava à vida, voltavam as inquietudes. Havia falado durante o seu delírio? O que tinha acontecido? Como o tinham encontrado? Como o tinham transportado? Maddalena o tinha visto? Tinha se compadecido dele, Maddalena? Ante a ideia de piedade por parte dela, sentiu-se enternecer e desejou outra vez a morte.

Naquele momento entrou tia Annedda. Viu logo a melhora de Elias e se inclinou sobre o travesseiro, sorrindo de alegria e de piedade.

“Saberá algo?”, perguntou-se Elias abaixando as pálpebras lívidas.

“Filho meu! Como te sentes?” Perguntou a mãe, pousando uma mão sobre sua frente.

“Assim.”

“Deus seja bendito. Tiveste uma grande febre, Elias. Por pouco não suspendemos as bodas...”

“Ela sabe!”, pensou ele com dor.

“Mas esta manhã já estavas um pouco melhor. Teu irmão casou-se às dez.”

“Eles não sabem de nada!”

Mas este pensamento não bastou para erguê-lo da indescritível dor que as palavras da mãe lhe causavam. Porque, no fundo, ainda esperava. O que esperava? Nem mesmo ele sabia. Esperava o desconhecido, o impossível, mas esperava.

Agora tudo estava acabado. Fechou os olhos e não abriu mais a boca, e não ouviu as outras palavras da mãe. Sentia todo o corpo dolorido e pesado, imóvel como uma pedra, e lhe parecia que, mesmo que quisesse se mover, não conseguiria.

Tudo estava acabado.

Tia Annedda o deixou novamente sozinho. Ao abrir a porta da cozinha e do pátio, as mais diferentes vozes de convidados e algumas risadas fracas chegaram até Elias. Ele reabriu os olhos, olhou para as paredes nas quais morria a melancólica luminosidade do crepúsculo. Pensou na alegria dos outros que não tinham pena dele e sentiu mais fortemente a sua grave dor, a sua solidão, o seu fim. E chorou silenciosamente, perdendo-se em uma dor mais obscura do que a morte.

No entanto, a notícia da sua melhora, difundida por tia Annedda, tirou da alma da família e dos poucos convidados (todos parentes dos noivos) a sombra que a enfermidade de Elias projetava sobre eles. E naturalmente tio Portolu foi quem ficou mais feliz.

“São Francisco seja louvado”, disse, saltando para cima. “Se o meu filho tivesse morrido eu não teria sobrevivido. Vamos vê-lo e fazer-lhe companhia. Vamos.”

Devido à tristeza, ele não tinha nem mesmo bebido. Nem mesmo tinha refeito as quatro trancinhas dos seus cabelos. Mas estava limpo, com os sapatos untados de sebo, o traje novo reluzente. Somente Maddalena parecia estar indiferente, com as largas pálpebras de Madonna abaixadas com resignação. Ela se sentava no pátio, ao lado do esposo, e falava pouco, olhando os anéis e frequentemente mudando-os de um dedo para o outro. Pietro estava feliz. Tinha o rosto barbeado, os olhos luzentes, os lábios

vermelhos. Em seu traje de esposo, com o colarinho da camisa branco e acolchoado, e com as pontas viradas sobre o colete de veludo azul, parecia quase belo.

“Vamos, vamos”, dizia tio Portolu, ansioso para rever Elias. E, tão logo a porta do quarto foi aberta, começou a fazer brincadeiras, rindo com seu riso forçado, sem se dar conta da dor mortal que paralisava o filho.

“Vocês o veem *bellu mannu*<sup>140</sup>, a florzinha da nossa casa, que queria morrer justo no dia do casamento do seu irmão? Isso é coisa que se faça? Eh, mas eu te vi sobre as pedras, na outra noite, e disse a mim mesmo: “o pombo quer ficar doente.” Depois fomos e o encontramos lá embaixo daquela árvore, como morto, e tivemos que trazê-lo até aqui sobre um carro. Isso é coisa que se faça? Ah, tens o rosto branco como a cinza, Elias, eh, eh, queres beber? Eh, eh, o vinho cura todos os males. Teu irmão se casou, sabes? Logo te levantarás, e beberemos a saúde dos esposos.”

“Deixe-o em paz”, disse tia Annedda com voz fraca, puxando a aba do casaco. E ele se calou, fixando com tristeza os olhos fechados de Elias.

Os esposos permaneceram no pátio, rodeados pelos parentes. Na verdade a conversa não estava muito animada. Ainda reinava no ambiente um peso, um tédio, que o comportamento frio e tímido da esposa não conseguia dissipar.

Algum moleque impertinente aparecia no portão, gritando, pedindo doces, atirando pedras no muro. Na cozinha a mãe da esposa e outra parenta preparavam o jantar. Tia Annedda ia e vinha, do pátio à cozinha, da cozinha ao quarto de Elias, nas pontas dos pés, com o rosto branco e calmo. Que Elias deviria melhorar ela sabia. Credo que ele tivesse “tomado algum susto”, ela preparou e o fez beber uma água especial. Depois pendurou uma medalha santa no seu pescoço. Acendeu uma lamparina a São Francisco, e, por fim, pronunciou as “palavras verdes”, esconjuro para saber se o doente devia viver ou morrer. As “palavras verdes” responderam que ele devia viver. São Francisco seja louvado e Deus seja bendito em todas as suas santas vontades.

Pouco a pouco os convidados se foram. Permaneceram somente os dois irmãos, a mãe da esposa e uma vizinha amiga de tia Annedda. O jantar foi mais melancólico do que o almoço. Ouvia-se Elias gemer de vez em quando e um véu de tristeza pesava sobre todos.

“Parece que estamos em um jantar fúnebre”, disse tio Portolu, esforçando-se para rir. Entretanto, se sentia triste e lhe parecia que a melancolia, que havia encoberto aquele dia de bodas, era de mau agouro para os esposos. Quando teve certeza de que não faltava nada à mesa, tia Annedda foi ao quarto de Elias levando-lhe uma tigela de caldo.

“Ergue-te um pouco e bebe filho meu”, disse amorosamente, resfriando o caldo com a colher.

Mas Elias fez uma careta de desgosto e distanciou, com a sua, a mão de sua mãe.

“Elias, filho meu, bebe, seja inteligente, bebe que te fará bem.”

“Não, não, não...”, repetia ele com um lamento infantilmente lamentoso.

“Vamos, seja inteligente. Se continuares assim ficarás doente de verdade, e cometerás pecado mortal, porque o Senhor quer que conservemos a saúde.”

Ele abre os dois grandes olhos cheios de angústia e de sofrimento físico.

“Deixem-me em paz, deixem-me morrer em paz”, disse.

Tia Annedda saiu e voltou em seguida com Maddalena. Logo que viu a noiva, Elias começou a tremer visivelmente, e não teve nem o desejo, nem a força de esconder a sua perturbação. Somente procurou murmurar um augúrio:

“Boa sorte...”, mas as palavras queimavam a garganta.

---

<sup>140</sup> O grande belo, o muito belo, o belíssimo.

“Elias, por que ages assim? Por que não tomas alguma coisa?”, disse Maddalena, fria e firme. “Não és mais um garotinho. Por que fazes sofrer a tua mãe? Vamos, seja inteligente, como disse ela.”

Ele se ergueu imediatamente, pegou a tigela e bebeu, ofegando e tremendo todo como uma folha. Depois elas o fizeram beber vinho e ele, imediatamente, caiu em um torpor leve e agradável que, em breve, se tornou um sono tranquilo.

Porém, durante a noite acordou-se e, uma vez acordado, apesar do bem-estar físico que o sono lhe havia proporcionado, sentiu um ímpeto de angústia indescritível, um profundo desespero. Maddalena estava lá, debaixo do mesmo teto, e Pietro estava feliz.

Elias sentiu que, para ele, tinha terminado a alegria da vida, começava a aflição da luta contra o ciúme, o pecado, a dor. Ao redor e dentro dele, pairava uma terrível escuridão. E ele sentiu uma necessidade louca de se levantar, de se mover, de caminhar, de ir para longe. Era o seu destino.

“Eu vou”, pensou, “é preciso que eu vá, me mude, vá para longe, que eu nunca retorne aqui. Caso contrário sou um homem perdido. Ai de mim, ai de mim...”.

Virou-se se contorcendo, apertou os punhos e bateu a fronte sobre o travesseiro, mordendo os lábios para sufocar os soluços e os gemidos, com o desejo raivoso de arrancar o coração, de tomá-lo em sua mão e esmagá-lo contra o muro.

## VI

Avançava o outono, trazendo uma doce melancolia na *tanca*. Nos dias vaporosos, a paisagem parecia mais vasta, com misteriosas fronteiras além do velado limite do horizonte. E uma solidão mais intensa pesava sobre as *tancas*. As árvores, as pedras, os arbustos adquiriam uma atmosfera grave como se também sentissem a tristeza outonal. Grandes corvos lentos e melancólicos riscavam o céu pálido. A relva de outono renascia sobre as palhas enegrecidas pelas abundantes chuvas caídas ultimamente.

Em um desses dias transparentes, ainda morno, mas triste, Elias se encontrava só, sentado sobre o limiar da cabana. Lia um dos seus livrinhos de orações e de meditações. O rebanho pastava ao longe. Algum gracioso cordeirinho de outono, branco como a neve, balia com lamentos de bebê mimado.

Elias lia e esperava tio Martinu Monne, que tinha mandado chamar para pedir-lhe um conselho.

“Desta vez”, pensava “desta vez quero seguir o conselho do velho. Ele tem experiência de vida e talvez eu tivesse feito bem se tivesse seguido os seus conselhos desde o princípio”. “Basta” acrescentou então para si, suspirando. “Agora tudo terminou.”

Finalmente a grande figura do velho apareceu no fundo vaporosa da pequena trilha, avançando direta e rigidamente em direção à cabana.

Elias colocou-se de pé, largou o livrinho e caminhou ao encontro de tio Martinu. Embora soubesse que a *tanca* estava deserta, recordando sempre o provérbio *cada pequena mata pode esconder pequenas orelhas*, e querendo falar com segurança, conduziu o velho para um lugar aberto, com um grande trecho livre de matas e de rochas. Somente algumas pedras surgiam entre as palhas, e, exatamente sobre duas pedras, Elias e o velho se sentaram.

Começaram falando de coisas indiferentes: do que tio Martinu havia feito em todo o tempo que não se tinha deixado ver, das ovelhas, dos cordeiros, de um touro que havia sido roubado em uma *tanca* vizinha. Mas, de repente, o velho fixou o olhar no rosto de Elias e mudou de tom.

“Por que me chamaste, Elias Portolu? O que tem de novo?”

Elias estremeceu, se ruborizou e olhou ao redor. Não viu ninguém, o bosque, as rochas e as matas calavam nos fundos vaporosos, sob o torpor do céu transparente.

“Quero lhe pedir um conselho, tio Martinu...”

“Outras vezes me pedistes conselhos e não os seguistes.”

“Agora é diferente, tio Martinu. E talvez tivesse feito bem em seguir o seu conselho. Basta agora, tudo está terminado. Eu desejo ser padre, tio Martinu. O que o senhor me diz?”

O velho olhou ao longe, pensativo.

“Tu ainda estás enamorado?”

“Mais do que nunca!”, explodiu Elias. E, pouco a pouco, a sua voz tornou-se frágil, lamentosa, quase voz de choro. “Às vezes tenho a impressão de enlouquecer. Ela é bela, ah, se visseis como está bonita agora! Eu sempre prometo não voltar para casa, não vê-la, não olhá-la. Mas o demônio me empurra, tio Martinu meu. E também ela me olha, e eu tenho medo. É preciso encontrar um remédio, caso contrário, acontecerá aquilo que o senhor disse.”

“Por que não te casas?”

“Ah, não me fales disso!”, disse Elias com uma cara de horror. “A maltratarei, pressinto, talvez me tornaria mau, e o demônio me venceria com mais facilidade”.

“Maria Maddalena também te olha?”

“Ah, não falais nomes, tio Martinu! Sim, ela me olha.”

“Mas então não é uma mulher honesta?”

“Eu acredito que seja honesta, mas nunca amou o seu marido, nunca o amou, e o seu marido não a trata bem. Cansou-se cedo, tio Martinu. E depois, ele se embriaga com frequência e, então, se torna ruim. Brigam com frequência.”

“Tão cedo?”

“Eh, com estas coisas se começa cedo. Mas exatamente porque ela não lhe quer bem, tenho medo que Pietro termine por bater nela. Ele não quer que ela saia de casa, que vá ver sua mãe, que converse com as vizinhas.”

“É ciumento?”

“Não, não é ciumento, nunca foi, mas é colérico, bebe demasiado, abusa do seu bem-estar.”

“Ah, Elias, Elias! O que eu te disse? Se tu tivesses seguido o meu conselho!”, exclamou o velho, mas em seguida sacudiu a cabeça e acrescentou: “Ademais, quem sabe? Talvez também contigo teria acontecido a mesma coisa.”

“Ah, não! O que diz o senhor?” disse Elias com fervor enquanto um doloroso sonho brilhava nos seus olhos. “Eu teria adorado os seus pensamentos, os seus desejos...”

“Oh, deixa acontecer! Fala-se assim, mas chega um dia em que nos cansamos de tudo, e especialmente da mulher. Acreditas tu, Elias Portolu, que este teu capricho durará muito tempo? Virá um tempo no qual rirás dele. Ela terá filhos, murchará, não te olhará mais, se tornará como tantas outras mães de família da vila, com vestidos sujos, velha, desleixada e feia.”

“O senhor está enganado, tio Martinu. Esse é o problema. Ela não terá nunca filhos, se conservará bonita e fresca por muito tempo.”

“O que sabes tu disso, Elias Portolu?”

“Quem disse foi minha mãe que entende dessas coisas. O mau humor de Pietro, creio, vem principalmente disso. Ah, tio Martinu, não me traias, pois vos confio tantas coisas, que não diria nem mesmo ao confessor”.

“Se acreditas que eu possa te trair, não deverias me chamar! Tenho ouvido segredos bem mais graves que os teus!” “Além disso” disse depois o velho, “não importa que ela não tenha filhos, murchará da mesma forma.”

“Não é verdade, tio Martinu! É uma daquelas mulheres que, com o passar dos anos, mesmo se não são felizes, se tornam sempre mais belas. Em casa não tem trabalho e, se o marido a trata mal, os outros, especialmente minha mãe, a adoram. Ela estará bem materialmente, será sempre bela. Além disso, eu não a amo por sua beleza! Amo-a porque... é ela!...”

“Envelhecerá. Envelhecereis!”

“Ah, daqui até lá tem tempo! E o que o senhor diz! O senhor que é um sábio? Não sabeis acaso o que é a juventude? Terminaremos caindo em pecado mortal, e então?”

“Mas tu acreditas, Elias Portolu, que te tornando padre tudo termina? O homem, o jovem, não morrerá em ti, poderás cair do mesmo jeito, e, então, não será mais um pecado, mas um sacrilégio.”

“Ah não! O que dizeis?” - falou Elias com horror. “Neste caso será diferente. Ela não me olhará mais, além disso, eu farei com que me mandem para um vilarejo distante.”

“Bem, tudo isso é bom, filho meu. Mas deixa de lado todas as outras coisas, diga-me, tu não é mais um menino. Vão querer-te então? Para se tornar padre se precisa de tempo, se precisa estudar, se precisa de dinheiro. Quem sabe se tudo poderá ser superado, quem sabe se tu, entretanto, poderás vencer a tentação!”

Uma vez que eu tenha anunciado o meu propósito, não temo mais. Ela não me olhará mais, eu vencerei a mim. Não sou mais um menino, é verdade, mas não tenho ainda trinta anos como aquele pastor que vendeu seu rebanho e se ordenou padre em menos de três anos.

“Tudo isso está bem, porém, digo outra coisa: que os padres se ordenem por desgostos, e especialmente por desgostos amorosos, não me agrada nada. É necessário começar desde menino. Deve ser por vocação.”

“A vocação tinha e tenho. Manifestou-se quando era menino e depois voltou quando estive *naquele lugar*. E não pense, tio Martinu, que, se me faço padre, faço-o por preguiça, para ganhar, para viver bem, como tantos outros. É porque acredito em Deus e quero vencer as tentações do mundo.”

“Não basta, Elias Portolu. O homem que se torna sacerdote não deve combater somente o mal, mas fazer o bem. Deve viver inteiramente para os outros, deve, em uma palavra, se tornar padre para os outros e não para si. Ao contrário, tu queres ser padre para ti somente, para salvar a tua alma, não a alma dos outros. Pensa bem, Elias Portolu: tenho razão? Sim ou não?”

Elias ficou pensativo. Sentia que o velho sábio tinha razão, sim, mas não queria, não podia se dar por vencido.

“Finalmente”, disse, “vós me desaconselhais, tio Martinu? Mas pensai também se o senhor faz bem ou mal. Interrogai a vossa consciência.”

Tio Martinu, que não se alterava nunca, pareceu ferido pela última observação de Elias. Seus olhos agudos desviaram o olhar em direção ao horizonte vaporoso, enquanto a rude alma absorta ouvia vozes misteriosas vibrarem naquele grande silêncio de deserto.

“A minha consciência diria para eu voltar minha cólera contra ti, Elias Portolu”, falou depois de um momento de silêncio. “Como diz teu pai, tu não és um homem, és um galho, um junco que se dobra ao primeiro choque de vento. Eis porque tu estás enamorado de uma mulher que não podes possuir, que não quiseste possuir, eis que

agora queres te converter em um mau sacerdote, enquanto poderias ser um homem apto para o bem. Deverias ser como as águias, não como os tordos, Elias. Tem razão o teu pai!”

E enquanto Elias permanecia oprimido sob o efeito daquelas rudes observações, o velho prosseguiu.

“Sabes tu o que é a dor, Elias Portolu? Ah, tu acreditas ter bebido todo o fel da vida porque estiveste no cárcere e porque estás enamorado da esposa de teu irmão? O que é isso? É nada. Um homem deve cuspir sobre essas pequenas coisas. A dor é outra coisa, Elias, é outra coisa. Provaste a angústia de ter cometido um delito? E depois o remorso? E a miséria, tu sabes o que é a miséria? E o ódio tu sabes o que é? E ver o inimigo, o rival vencedor, se apoderar do que é teu e depois te perseguir? E tu foste traído? Por uma mulher, por um amigo, um parente? E acariciaste por anos e anos um sonho, e depois viste desaparecer este sonho diante de teus olhos como se fosse uma nuvem? E experimentaste o que é não conseguir acreditar em mais nada, não esperar mais nada, ver tudo vazio ao teu redor? O não acreditar em Deus, ou acreditá-lo injusto e odiá-lo porque Ele abriu para ti todos os caminhos e depois fechou todos, um a um. Sabes o que quero dizer, Elias Portolu, não sabes?”

“Tio Martinu, o senhor me assusta”, murmurou Elias.

“Vê que tu és homem! Assusta-te só de ouvir falar da dor do homem. Vai, levanta-te e vai, Elias Portolu, vai! Vai! Vai! És jovem, és sadio, vai e encara a vida. Sejas águia e não tordo. De resto o Senhor é grande, e frequentemente nos reserva alegrias que nós sequer imaginamos. O homem não deve nunca se desesperar. Quem sabe se dentro de um ano tu não estejas feliz e rias do teu passado? Vai.”

Como enfeitiçado, Elias se levantou e se preparou para se afastar: mas o velho disse: “Ei, me deixas sozinho? Não me conduzirás até a cabana? Não me darás coalhada e leite?”

“Vamos, tio Martinu. Estou atordoado como uma ovelha louca.”

Puseram-se em marcha silenciosa. Elias deu ao velho, na cabana, leite, vinho, pão e uva, e ainda falaram de coisas indiferentes. Antes de se despedirem, tio Martinu voltou inesperadamente ao assunto.

“De resto sempre haverá tempo. Quando verdadeiramente souberes o que é a vida, se quiseres te retirar, retira-te então. Mas recorda-te do que te disse: melhor ser um homem do mundo hábil para bem, do que um homem do Senhor inclinado ao mal. Adeus, cuide-se.”

Elias permaneceu triste, mas calmo. Aliás, tinha a impressão de se sentir forte, e de se envergonhar da sua debilidade passada.

“O velho javali tem razão: é preciso ser homem”, pensava, “devemos ser águias ao invés de tordos. Quero ser forte: bom cristão; sim, mas forte.” E por muitos dias sentiu-se triste, mas não desesperado, e fez de tudo para tirar da cabeça as ideias melancólicas.

O outono era extraordinariamente brando e doce na *tanca*. O céu estava sereno, assumindo aquela doçura tenra, indescritível, do céu de outono sardo. Nos horizontes distantes, nos fundos um pouco leitosos, parecia que se via o mar. Em certos anoiteceres, o horizonte se transformava inteiramente em um tom rosado leitoso madreperolado, com uma nuvem de azul pálido que se assemelhava a uma vela navegante. Sobre a claridade do céu, o bosque se desenhava com uma tinta sombria e úmida. As folhas caíam somente dos arbustos, mas algum carvalho perdido na vastidão da *tanca* começava a se dourar. E a erva tenra e espessa crescia recobrando as palhas queimadas. Algumas flores selvagens, especialmente perto da água, abriam as melancólicas pétalas violetas.

E o sol espalhava um calor aconchegante em cada canto, sobre as matas, sobre os muros, sobre as rochas. E, naquela doçura de sol, sob o delicado céu, com os seus prados de erva efêmera e fina, a *tanca* parecia sempre mais ampla, ilimitada, com limites perdidos nas margens dos plácidos mares do horizonte.

A vida no curral prosseguia calma e, naquela estação, pouco fatigante.

Tio Portolu se ausentava com frequência e Mattia levava uma vida um pouco selvagem e taciturna. Mattia amava muito o rebanho, os cães, o cavalo. O gato e o cabrito, que se tornava bode, andavam sempre atrás dele. Ele falava com eles como se fossem amigos. Há algum tempo encontrava-se ocupadíssimo fabricando colmeias de cortiça, uma vez que queria ter, na primavera seguinte, um apiário. Tinha gostos simples e nenhum vício, mas era supersticioso e um pouco medroso. Acreditava nos mortos e nas almas penadas. Nas longas noites da *tanca*, seguindo o rebanho, tinha muitas vezes empalidecido acreditando ter visto movimentos misteriosos no ar, animais estranhos que passavam correndo sem despertar nenhum ruído. E, na voz distante do bosque, naquela imensa solidão das matas e das rochas, sentia frequentemente lamentos misteriosos, suspiros e sussurros.

Elias invejava um pouco o caráter e a simplicidade do irmão.

“Veja-o” pensava “ele está sempre calmo como uma criança de sete anos. Em que pensa? O que deseja? Ele nunca sofreu e talvez nunca sofra. Ele não é forte, mas certamente é mais forte do que eu.”

Naquele final de outono, porém, depois da conversa com tio Martinu, acreditou finalmente ter adquirido certa energia. Pelo menos conseguia se dominar e fazer bons propósitos para o futuro.

Mas um dia, voltando ao vilarejo, presenciou uma tempestade entre Pietro e Maddalena. Naquele tempo Pietro semeava o trigo, cuja semente havia sido guardada em uma antiga arca sarda de madeira preta e que estava no quarto dos recém-casados. Na ocasião, Pietro achava que estivesse faltando certa quantidade destas sementes, então tinha começado a murmurar contra a mulher.

“O que pensas que eu tenha feito com elas?”, dizia Maddalena muito ofendida. “Pães ou doces? Tu sabes que na tua casa não existem segredos, e está aqui tua mãe que vê cada gesto meu”.

“Ela tem razão, filho meu”, confirmava tia Annedda. “O trigo não pode ter diminuído. O que podíamos fazer com ele?”.

“Vocês, sabem, mulheres! Vocês fazem e desfazem, têm necessidades secretas, bobagens, e para satisfazerem aos seus caprichos recorrem às provisões e dizem ao vosso e enganam o pobre marido, que trabalha todo o ano por vocês.”

Pietro falava no plural, mas Maddalena sabia que cada palavra era dirigida a ela.

“Fala comigo”, disse furiosa, “não metas a tua mãe nisso. O trigo estava no nosso quarto.”

“E sumiu de lá.”

“Queres dizer que fui eu?”

“Sim”, gritou Pietro.

“Porcaria!”

“Porcaria quem? Eu? Veja só, a filha de Arrita Scada! Maldita a hora em que me casei contigo!”

Estas e outras ofensas. Naquele ponto Elias entrou e tia Annedda saiu para o pátio para ajudá-lo a descarregar os alforjes do cavalo. Elias ouviu a briga e sentiu um aperto no coração.

“O que eles têm?”, perguntou com os dentes apertados. “Por que brigaram? Ah!” - disse em voz alta, depois de ter ouvido algumas palavras em voz baixa de sua mãe, “É



uma infâmia. Pietro está ficando louco? E a nossa casa está se transformando em casa do escândalo! Já é hora de acabar com isto!”.

“Ao contrário, estamos no princípio!”, disse Pietro, aproximando-se da porta, com os olhos brilhantes de raiva. “E tu te metes com teus assuntos, se não queres que sobre para ti.”

“Homem!”, gritou Elias, “Atenção ao que dizes.”

“Presta Atenção! Eu sou um homem, mas tu és um corno. Cuida para não te intrometeres nos meus assuntos.”

“Parem com isso, filhos meus, parem com isso. O que é isso? Isso nunca aconteceu em minha casa!” disse tia Annedda, lamentosa e palidíssima.

“Eu sou o dono da casa”, dizia Pietro com aspereza, “É preciso que ouças: o dono da casa sou eu, e se tem alguém que queira comandar, eu estou pronto a esmagá-lo como se faz com os gafanhotos”.

Entraram na cozinha, e Maddalena, ao ver Elias, ao ouvir as palavras de Pietro e de tia Annedda, se pôs a chorar. Isso acabou por irritar Elias contra Pietro, e Pietro contra Maddalena.

“Sim, quero lágrimas. Mulheres, mulheres! Quero boas ações, caso contrário, de agora em diante tem gente que fará amizade com a vara.”

“Experimenta covarde!”, gritou Maddalena, erguendo-se ameaçadora. “Miserável, caluniador, covarde...”.

Pietro ficou vermelho de raiva e se lançou contra ela gritando: “Repete, repete, se puderes...”.

“Tu estás bêbado...”.

“Pare com isso, filho meu!”, gritaram ao mesmo tempo Elias e tia Annedda, o dominando.

E Maddalena soluçava e repetia: “Caluniador, vil, vil, vil...”.

“Agora mostro a você se estou bêbado ou não, ou se sou vil!”, gritou Pietro se desprendendo. Aproximou-se e deu-lhe uma bofetada.

Elias ficou lívido, sentiu que tremia. Por sorte tia Annedda o bloqueou, e Pietro teve então a prudência de ir embora, caso contrário, teria acontecido um desastre.

“Isso é para começar”, gritou Pietro do pátio, com voz raivosa, mas irônica. “Podias ter casado tu, irmão meu, com essa joia! Agora vou me embriagar e quando voltar, se tiver alguém que quiser erguer um dedo que seja, verá quem é o leão e quem é a lagartixa.”

E saiu. Maddalena parou de chorar logo após ter recebido a bofetada. Ficou branca como um cadáver e tremia toda de ira e de dor, mas compreendeu imediatamente que se não mudasse sua atitude causaria graves desgraças na família.

“A culpa é minha”, disse com voz trêmula. “Desculpem-me. Não acontecerá mais. Visto que estou presa à cruz, saberei suportá-la. Perdoem-me, perdoem o escândalo, perdoem a minha língua. Ah!”, disse então, enquanto Elias pálido e silencioso a devorava com os olhos e tia Annedda fechava o portão, “que minha mãe e os meus irmãos não saibam de nada!”

“Ela é uma santa!”, pensava Elias. “Ah, ele não a merecia, ele é uma besta feroz!”

“Tu é que deverias ter casado com ela!” Essas palavras de Pietro ressoavam na mente, no coração, na agitação de todo o sangue revoltado.

“Que fiz eu! Que fiz eu! Que erro irremediável! Agora eles são infelizes, porque ela não o ama, e ele deve estar irritado por isso, e eu... o que sou eu? Eu sou o mais infeliz de todos, e eu a amo mais do que nunca, e eu...”.

Sentia um impetuoso desejo de prender Maddalena entre seus braços e de levá-la dali. Já era tempo, já era tempo! Quem os separava? O que os separava?

Mas tia Annedda retornou, e ele voltou à realidade.

Durante o restante da tarde teve oportunidade de se encontrar a sós com Maddalena. Ela trabalhava silenciosa sentada perto da porta escancarada. De quando em quando fortes suspiros subiam do seu coração. E ela tinha as pálpebras violetas. Elias saía, voltava, não se decidia a partir. Um fascínio fatal o atraía em direção àquela porta escancarada, forçando-o a girar em torno da jovem mulher como uma borboleta em torno da luz. Ele acreditava que Maddalena estivesse, talvez, mais angustiada do que realmente ela estava, e se oprimia mais com a dor dela do que com a sua. Lamentos vãos, inúteis remorsos, ira contra Pietro, desejos fatais o atordoavam. Teria dado a vida, naqueles momentos de paixão, para confortar Maddalena. Entretanto, não conseguia lhe dizer uma palavra, e se irritava secretamente contra a sua timidez.

“Não te vás?” perguntava-lhe tia Annedda suplicando. “Parte, filho meu, vai, enquanto é tempo. Vai porque te esperam, vai.”

“Sempre sou eu que tenho que ir!”, por fim ele respondeu aborrecido.

“Ah, filho meu, tu queres fazer um escândalo! Vai, vai. Teu irmão retornará bêbado, e vocês farão um novo escândalo. Ah, filhos meus, vocês não temem a Deus, e a tentação vos ilude!”

Maddalena suspirou quase gemendo, e Elias ferido pelas palavras da mãe. Era verdade. O demônio o tentava, e ele esperava, com amargo desejo, o retorno do irmão para insultá-lo, para fazê-lo pagar pela dor e pela humilhação de Maddalena. E não bastava. Ele já olhava Maddalena com olhos diferentes daqueles com os quais a tinha visto até então. Tomou consciência de tudo e experimentou um ímpeto de terror.

“Eu estou a um passo de me perde, a um passo de nos perder!”, pensou. “De que valeu o meu sacrifício? Cedi a esposa a meu irmão para não vê-lo infeliz, e agora sou eu, eu mesmo, que quero rendê-lo desgraçado. Será possível que eu seja capaz de tanto? Eu? Eu?”, se perguntava depois com assombro.

Tinha a impressão de ter se transformado em um ladrão, e se espantava e se assustava com sua súbita mudança. “É preciso que eu me vá, e que não retorne jamais”, pensou finalmente.

Decidiu partir e partiu, para alívio de sua mãe, que esperava aquele momento com ansiedade. Maddalena permaneceu no seu lugar, e não levantou nem mesmo aquelas suas grandes pálpebras violáceas de Madonna dolorosíssima. Mas, ao sair, ele a envolveu com um olhar desesperado, e saiu com a morte no coração.

Uma dor grave, trágica, se apoderou dele a partir daquele dia. Começou a se desesperar consigo e com tudo e a odiar aos seus semelhantes. Até então seu desespero e sua necessidade de solidão haviam tido algo de doce e de bom. Agora se transformaram em sentimentos maus, amargos, e eram acompanhadas de um instintivo desejo de vingança. Elias Portolu sentia que a sorte, a malvada esfinge que atormentava os homens, havia sido injusta com ele. Ele tinha procurado fazer o bem, sacrificando a si mesmo, mas, ao contrário, o bem havia se convertido em mal. Por quê? Que fatalidade tinha o direito de jogar assim com os homens? Na imensa solidão da *tanca*, sob o pálido céu de outono, na misteriosa dor da paisagem deserta, dos esfumaçados horizontes, a alma do pastor apresentava a ele as terríveis questões dos homens refinados, mas não conseguia encontrar explicação. Restava-lhe somente a dor, e na dor não só perdia a fé, mas começava a sentir se agitar o monstro da rebelião.

Mais de uma vez vagando pelos limites da *tanca*, Elias avistara tio Martinu, aquele velho pagão, cuja rígida figura dominava e, ao mesmo tempo, se confundia com a forte, triste e fatal paisagem. Porém, sempre escapou dele com raiva.

“É uma velha besta”, pensava. “O que é a dor? O que é a dor? Ele, o velho de pedra, riu de mim. Entretanto com todos os seus delitos e as suas desgraças e a sua sabedoria não sabe que eu sofro mais em um dia que ele em toda a sua vida. Que não me venha mais com seus sermões porque eu o mato com o machado.”

Todavia, sentia que o velho não lhe tinha feito mal. Ao contrário, se tivesse seguido os seus conselhos!...

Mas ele estava irritado com todos, e, sobretudo, consigo mesmo. Sentia uma cruel necessidade de fazer mal a alguém, ainda que fosse a uma criança, para experimentar não o prazer, mas a dor.

De fato, frequentava o curral o filho de um pastor, gente muito pobre. Era um pouco estúpido, mas bom, esfarrapado, tão magro e negro que parecia uma estatuetazinha de bronze. Ele vinha quase todos os dias à cabana dos Portolu, e brincava quieto com o gato, com o porquinho, com os cães. Elias frequentemente dava-lhe pão, fruta e leite, e também vinho. E o menino se afeiçoara a ele. Porém, um dia, descontou tudo. Elias encontrava-se sozinho na cabana e estava com um humor terrível porque, na noite anterior, Mattia havia trazido más notícias de casa. Pietro se embebedava cada vez que retornava do trabalho e insultava e maltratava Maddalena. O menino veio com pequenos passos silenciosos de seus pés descalços, abraçou o cão, depois entrou na cabana.

“O que queres?” perguntou Elias rudemente.

“Dá-me leite!”

“Não temos.”

“Dá-me leite, dá-me leite, dá-me leite”, começou a dizer o menininho, e não parava nunca.

Elias sentiu uma irritação física invencível. Pegou o pequeno pelo braço e o jogou para fora a pontapés, longe, insultando-o como a um adulto e ordenando-lhe que não voltasse mais. O menino foi embora quase com dignidade, sem dizer uma palavra. Depois de algum tempo, Elias o ouviu chorar ao longe, um choro desolado, desesperado, que vibrava tristemente na solidão. E sentiu um rompante de ira contra si mesmo, um ímpeto violento de morder os punhos até sangrarem. Aquele choro lhe parecia o eco da sua própria dor. Um infinito desespero o envolveu.

“Eu sou um animal, eu estou perdido. Mas os outros são diferentes de mim? Somos todos malvados, com a diferença de que os outros não têm escrúpulos e gostam, e eu sofro porque sou um estúpido, porque fiz o bem a quem não o merecia.”

Ressurgiam também, com insistência, das profundezas da alma, as recordações *daquele lugar*. E parecia-lhe que a dor sofrida pela condenação não era nada em comparação com a dor que sentia agora.

Enquanto isso, no entanto, a lembrança da dor passada aumentava a dor presente. Detalhes esquecidos retornavam à mente com amargura. As lembranças das humilhações, dos assédios, das perseguições dos *torturadores*, como ele chamava os guardas da penitenciária, o faziam corar de raiva. Ah, se tivesse tido algum deles na mão, naqueles momentos, na *tanca* solitária!...

“Eu os faria em pedaços”, pensava, rangendo os dentes, “e depois lamperia o sangue da faca.”

Enfim, parecia que uma besta feroz se agitava dentro daquele jovem pálido, de aparência suave, que frequentemente podia ser visto sentado na soleira da cabana, com as pernas abertas, com os cotovelos sobre os joelhos, imerso na leitura de livrinhos sagrados.

Enquanto isso, chegava o frio e com ele a imensa tristeza do inverno na solidão. Sentia-se profundamente a constituição doentia de Elias. Os longos dias de chuva, de

neve e de dificuldades, (uma vez que é no inverno que o pastor sardo, cujo rebanho e ele mesmo vivem sem abrigo, trabalha e sofre mais), o desconforto da cabana sempre cheia de fumaça e de vento, a luta contra os elementos, terminaram por exaurir as forças físicas e morais de Elias.

Naquele tempo, durante certas nevascas que faziam morrer congeladas as ovelhas, voltou ao jovem a ideia de ser padre. Mas, muito diferente de antes! Na áspera luta contra os elementos e contra si mesmo, se desesperava mais do que nunca, sentia um rebelde desejo de vida cômoda, uma necessidade de trégua, e acreditava que sua única salvação era se mudar.

No entanto, um maléfico fascínio o atraía frequentemente à vila, para a casinha aconchegante na qual Maddalena trabalhava perto do fogo. Uma paz relativa reinava agora entre os esposos. Maddalena, pelo menos, tinha se tornado prudente, e, às vezes, se ouvia somente a voz embriagada de Pietro. Mas, fosse ela feliz ou não, Elias já não era mais capaz de se cuidar. A má semente havia germinado. Dia após dia o vaso foi sendo cheio com uma gota a mais e estava prestes a transbordar. Elias se abandonava secreta e inteiramente a sua paixão. Pensava: “Nunca ninguém saberá, e muito menos ela. Mas vê-la, mas olhá-la, quem me impede? Que mal faço? Não tenho outra alegria. E não tenho direito a um pouco de alegria?”

E a via frequentemente, a observava. E instintivamente desejava que ela se desse conta, e ela se apercebia, e inconscientemente correspondia aos seus olhares. E quando os seus olhares se encontravam, um arrepio, uma suspensão da vida, uma vertigem de triste prazer os arrebatava.

Estavam a ponto de se perderem. Faltava-lhes somente a ocasião. No final do inverno Elias foi tomado de um verdadeiro delírio de amor. Não raciocinava mais. E, entre os atozes sofrimentos, experimentava uma felicidade triste ao se sentir correspondido por Maddalena. Tudo o que antes parecia pecado e dor agora parecia correto, alegria. Tudo o que antes provocava horror agora o atraía vertiginosamente.

No último dia de carnaval ele, Pietro, Maddalena e as outras duas jovens mulheres se mascararam.

Os esposos estavam em paz. Pietro inclusive estava alegre além da conta. Tia Annedda se opôs debilmente ao projeto dos jovens de se mascararem, mas eles não lhe deram atenção. Com seu simples bom senso, a pequena velha desaprovava os mascarados, os bailes, as perversões carnavalescas, e, pelo menos, fez Maddalena prometer que não iria dançar, principalmente com outros mascarados desconhecidos, e especialmente as danças “civís”, aquelas que permitiam aos casais se apertarem e se tocarem.

Maddalena e as amigas, vestidas de *gatas*, usavam trajes escuros, um amarrado na cintura, o outro no pescoço, e tinham a cabeça envolta com um xale. Os homens estavam mascarados de *turcos*, com longas túnicas brancas apertadas nos joelhos, e corpetes femininos, com brocado de cores vivas, vestidos ao contrário, atados atrás e com a parte das costas no peito.

Saíram, em um momento em que a ruazinha estava deserta, e desceram pelas ruas nas quais Nuoro assume aspecto de pequena cidade. As mulheres seguiam um pouco timidamente, tentando mudar o passo, temerosas de serem reconhecidas, sufocando sob as máscaras de cera as risadas de alegria infantil.

E os homens caminhavam rudemente à frente, quase como para abrir o caminho para as companheiras. De vez em quando Pietro emitia um grito selvagem, gutural, alongando o pescoço como um galinho. Então, Elias recordava os gritos de alegria dos cavaleiros diretos de São Francisco em uma manhã pura de maio. O coração batia. Desde o primeiro momento ele, que sabia um pouco das danças *civís* por tê-las aprendido *naquele lugar*, disse a si mesmo: “Dançarei com Maddalena.”

Não importava a proibição de tia Annedda, a promessa de Maddalena. Ele estava inflamado de desejo de dançar com ela, e passaria por qualquer obstáculo para triunfar em seu intento.

Uma força selvagem e rebelde se agitava dentro dele. Houve um tempo em que conseguia se dominar e querer o bem alheio, agora sentia toda audácia do mal, e desejava satisfazer os seus piores instintos. Sentia o rosto arder sob a máscara, e a fantasia estreita e desagradável provocava calor em todos os membros. Além disso, o dia estava quente, encoberto, e, na suavidade do ar, já se sentia a promessa da primavera.

As ruas estavam cheias. Mascarados barrocos e triviais andavam para cima e para baixo, entre uma nuvem rumorosa de moleques sujos que gritavam improperios e palavras indecentes. Máscaras solares, vestidos com cores vivas, passavam seguidos do olhar indagador e zombeteiro dos operários e dos burgueses. Passavam senhores, crianças, servas dos espartilhos escarlates. Grupos de aldeões bêbados se aglomeravam em certos pontos da via. E músicas melancólicas de violão e acordeão subiam e vibravam naquele ar quente e encoberto, o que tornava os sons mais distintos como em um crepúsculo de outono.

Isso era suficiente para atordoar a alma de Elias, acostumado às grandes solidões da *tanca*. Em vão, ele acreditava ter conhecido o mundo e estar pronto para qualquer coisa, porque havia cruzado o mar e visto a triste multidão *naquele lugar*. Ah, agora bastava aquele pequeno carnaval de Nuoro, aquela multidão multicolorida, aquela quadrilha melancólica de um acordeão errante, para que a sua alma se perdesse naquele mundo que não era seu, para que as coisas parecessem diferentes. Parecia-lhe que toda aquela gente que caminhava, falava e ria era feliz, na verdade bêbada de felicidade. Também ele se abandonava, sem escrúpulos, à loucura dos seus desejos, a uma irresistível necessidade de alegria e de prazer.

Agora ele e Pietro caminhavam com as companheiras no meio deles, protegendo-as contra os choques e os insultos dos moleques. Maddalena caminhava no meio, mas, de quando em quando, se inclinava para frente e olhava ora seu marido, ora Elias, que correspondia sempre ao olhar daqueles olhos ardentes e oblíquos, sob a máscara.

“Façamos alguma coisa, vamos parar. Andar para cima e para baixo é uma estupidez”, disse Elias à sua companheira.

“Como queiras”, respondeu ela. E comunicou a Maddalena o desejo do jovem. Todos pararam. “O que devemos fazer?”, perguntou Maddalena.

“Dançar. Eis, lá dançam, vamos”.

“Teu irmão quer dançar”, disse Maddalena a Pietro.

“Não”.

“Sim”, disseram as mulheres.

“Minha mãe não quer.”

“Dançamos a dança sarda.”

E as três mulheres saltaram na frente com alegria, correndo até o ponto no qual se dançava ao som do acordeão. Um círculo de gente, moradores, moleques, operários, quase todos de rostos pálidos e feios, decididos, insolentes, rodeavam alguns casais de máscaras que dançavam se empurrando e rindo.

Um homem, vestido de mulher, com o rosto vermelho e barbudo, com a máscara colocada para trás do pescoço, tocava, dando-se grande importância, com os olhos fixos nas teclas do acordeão. Era uma *polca* tocada com muita maestria, mas triste, melancólica como uma música de sanfona.

As nossas máscaras romperam o círculo dos curiosos e penetraram no espaço no qual se dançava, enquanto alguns casais pararam ofegantes, cansados, mas não saciados de prazer. Ninguém protestou contra os recém-chegados, ao contrário, rapidamente, um homem, vestido de frade, com o rosto pintado de amarelo, convidou para dançar uma das nossas mascaradas, que aceitou sem pensar duas vezes. Elias encontrou-se ao lado de Maddalena, tremia de vontade de dançar, mas agora, neste justo momento, não se atrevia por medo de Pietro.

“Toca a dança sarda”, gritou este ao músico.

E o músico levantou os olhos, fitou um momento a máscara turca, mas não parou. “Silêncio!”, gritavam os casais que passavam dançando na frente de Pietro.

“Pois bem, silêncio!”, disse ele como para si mesmo, todo envergonhado.

“Dancem também vocês, vamos!”, disse à mascarada que dançava com o frade, passando diante das companheiras.

“O que fazemos? Vamos dançar, sim, vamos dançar?” Suplicou exageradamente a outra mascarada, voltada para Pietro.

Ele a olhou nos olhos, abriu os braços e disse: “Bem, dancemos, caso contrário tu morres de desejo, mas cuidado que eu não sei dançar, e se te piso nos pés será por tua conta”. Tomou-a entre os braços e começou a saltar e girar comicamente com ela. Por sorte um mascaradão, com um grande casaco de lã grotesca, amarrado à cintura com uma corda, veio liberar a mascarada, pedindo a Pietro para cedê-la. Então ele recuou, parou, e viu que Elias e Maddalena dançavam juntos.

“Eh, eles sabem dançar!”, disse para si, bem humorado. “Se tia Annedda os visse, na verdade bateria neles!”

Elias e Maddalena dançavam bem, com compostura, mas não se preocupavam muito com a dança. Depois de caírem quase involuntariamente um nos braços do outro, aturdidos por uma embriaguez sem nome. Elias sentia bater forte o coração, e Maddalena via girar vertiginosamente ao seu redor aquele círculo de rostos pálidos, feios, insolentes.

“Eu gostaria de falar, mas o que devo lhe dizer?”, pensava Elias envolvendo-a com um aperto desesperado, o seu busto sob a *gonnella*<sup>141</sup> escura, que lhe descia desde o pescoço. Em vão procurava com angústia uma palavra, uma só palavra para dizer-lhe. Somente sentia um ímpeto louco de erguê-la entre os seus braços, de romper aquele círculo de estúpidos curiosos, de fugir, longe, na solidão, gritando em um só grito toda a sua dor e a sua paixão. Porém, Pietro está ali parado, terrível como uma esfinge, sob a sua máscara, que ria um riso grotesco, e Elias, fazia algum tempo, tinha um estranho medo de seu irmão.

Pietro sabia? Adivinhava? Era possível que fosse tão estúpido para não ler nos olhos do irmão a cruel paixão que o devorava?

“E o que me importa?”, pensava Elias, depois de ter se feito com terror aquelas perguntas. “Que ele veja e que me mate simplesmente, ele me fará um favor”.

E não sentia nenhum rancor de Pietro, só tinha medo, e, frequentemente, também uma estranha, pueril compaixão do irmão.

“Ele é mais desgraçado do que eu porque ama sua mulher e ela não o ama”, pensava. “Pietro, irmão meu, que erro cometemos!”.

Enquanto dançava, arrebatado pelo ímpeto dos seus loucos desejos, repensava confusamente todos esses pensamentos, e provava paixão, piedade, medo, dor e prazer ao mesmo tempo. O som do acordeão, os rumores da multidão, aquela fantasmagoria de rostos e de cores, o movimento, a máscara, o contato de Maddalena, lhe atordoavam e

<sup>141</sup> A *gonnella* é um vestido medieval usado para ambos os sexo, seu tamanho é que distingue o uso. O termo deriva do latim tardio “gunna”, que significa pele. Fantasia.

lhe queimavam o sangue. Houve um momento no qual não viu mais nada. Encostou-se ofegante e disse à Maddalena qualquer coisa que ela não compreendeu, mas fez com que erguesse os olhos para ele. Ele a olhou longamente, desesperadamente, e, a partir daquele momento, não teve nada além de um único pensamento fixo, devorador.

O baile cessou. O círculo dos curiosos se desfez, e as nossas máscaras voltaram a vagar pelas ruas, entre a multidão. Depois caiu a noite, pálida e velada. Seguindo como em um sonho os companheiros, Elias se encontrou na estradinha, diante da casinha silenciosa, em frente da cerca viva, imóvel no crepúsculo. O gato parado sobre a janelinha, com os olhos fixos e distantes parecia imerso na contemplação das montanhas cinzas e arroxeadas que escondiam o horizonte. Via-se o fogo arder na lareira.

Tia Annedda esperava sentada no pátio, com as mãos entrelaçadas debaixo do avental, rezava suplicando contra a tentação que podia arrebatar os seus filhos mascarados (para ela, a máscara era um símbolo do demônio), e, ao irromper da companhia, estremeceu ligeiramente. Talvez um maligno espírito interno lhe sussurrasse que a sua oração era inútil, que o demônio vencera, que, com a volta dos seus filhos mascarados, o pecado mortal entrava na casinha até então pura.

“Divertiram-se? Já era tempo de retornarem!”, disse toda lamentosa.

“Demoramos”, confirmou Maddalena, mas sem pesar. “Venham, venham, eu morro de calor.”

E precedeu as companheiras pela escadinha externa. Enquanto isso, Elias tirava a máscara, e Pietro, que já a tirara antes de entrar, corria ao cântaro de água e, erguendo-o, bebia avidamente.

“Que sede tens!”, disse tia Annedda, “Sede e fome, mãe minha. Dai-me de comer, que depois vou ao *seranu*<sup>142</sup>.”

E foi até a mesa fixa na parede, sobre a qual estava a cesta com pão e com os restos das comidas. (Naquele dia os Portolu haviam tido um farto almoço: favas cozidas com banha de porco, e *cattas*, espécie de rosquinhas de farinha fermentadas, com ovos, leite e aguardente).

“Tu estás louco”, disse tia Annedda. “São Francisco te console, o que pensas fazer? Tu ceará conosco, depois irás dormir. Estas não são noites para sair. Vai e tira essa roupa.”

“De modo algum, de modo algum, mãe minha! O carnaval acontece uma só vez ao ano! Eu irei ao baile e irá também o meu irmão Elias. Eh, já não é como o ano passado quando estávamos juntos!”

Elias, todo vermelho e belo no seu disfarce feminino, enrubescou. As palavras do irmão causavam-lhe dor? Ou se envergonhava pelo ímpeto de alegria que lhe despertava o projeto de Pietro, de querer passar a noite fora?

“Tu te enganas se acreditas que eu vou ao baile”, disse, se esforçou e acrescentou: “seria melhor se nem mesmo tu fosses”.

“Estás ouvindo, Pietro?”

“Não, eu vou. Pronto, janto agora, em seguida vou. E tu também virás Elias, verás que divertimento. Vem e janta.”

“Não, não, ao invés disso vou trocar de roupa.”

“Dai-me vinho, mãe minha. Ah, se soubésseis o quanto nos divertimos! Dançamos... não, não, dançamos, não credes, talvez eles digam!”, exclamou Pietro, comendo em grandes garfadas. “Eh, é preciso gozar a juventude. E, além disso, que mal tem? E, além disso, eu não sei dançar, mas me divirto assim mesmo. Eh, aquelas mulheres, então, como se divertem. Oh, aquele frade! E aquele casacão? Eh! Eh!”, dizia rindo para si mesmo.

---

<sup>142</sup> Sarau, baile popular.

“Bem, presta atenção para pelo menos, não manchar o corselete. Que São Francisco te console! Queres queijo? Ah, a tentação os arrasta, rapazes meus, mas depois vem a quaresma. Ireis ao menos vos confessar?”

Elias estremeceu. Desde alguns segundos ele estava parado na soleira da porta, indeciso, como se atento a uma voz distante.

“Se tu jantasses com Pietro e depois saíesses com ele?”, dizia-lhe aquela voz. “Ouve tua mãe? Irás confessar-te.”

Mas ele não podia, não podia dar ouvidos àquela voz. Ah, a tentação o vencia, o oprimia. Era mil vezes mais forte do que ele. Inútil combatê-la, porque já o vencera havia muito tempo. Ele saiu e se despiu, depois sentou no pátio, no lugar no qual antes estava a sua mãe. Foi tomado por um só desejo: que Pietro se fosse; e por um só medo: que Pietro permanecesse em casa. Mas Pietro, pouco depois que as amigas de Maddalena se foram, saiu no pátio e disse ao irmão: “Não vens, então?”.

“Não.”

“És um estúpido. Eu vou e me divirto: me abrirás o portão?”

Elias não respondeu. Todo recolhido sobre si mesmo, com os cotovelos sobre os joelhos e a cabeça entre as mãos, tremia internamente de dor e de prazer e já não ousava mais olhar o irmão. E Pietro se foi.

“Venha jantar”, disse tia Annedda duas vezes, vindo à porta.

“Não tenho vontade, sinto-me mal”, respondeu Elias. E permaneceu longo tempo imóvel, sempre assim, recolhido e com a cabeça entre as mãos.

Do interior ouvia Maddalena conversar alegremente, como nunca havia ouvido, com voz alterada. Narrava a tia Annedda todos os particulares do baile de máscaras, e ria, e devia ter os olhos cintilantes, o rosto aceso, a alma embriagada. Em seguida as duas mulheres se retiraram e tudo ficou silencioso ao redor de Elias. O fogo ardia na lareira, uma quietude assustadora estava no ar, no patiozinho tranquilo, na noite velada.

Ele se levantou, tinha as costas quebradas, o coração pulsante, o sangue passava em ondas pelas costas, pela nuca, saltando na cabeça, obscurecendo seus pensamentos. Nesse estado de inconsciência, subiu, sem fazer ruído, a escadinha, e bateu com um levíssimo golpe na porta de Maddalena. Ela deveria estar acordada porque respondeu imediatamente: “Quem é?”.

“Abre”, disse ele com voz fraca, “sou eu, devo te dizer uma coisa.”

“Espera”, ela respondeu sem se inquietar.

E pouco depois abriu.

“O que queres? Tu te sentes muito mal, Elias, o que tens?”. Dizendo isso, olhou para ele e empalideceu. Talvez tivesse aberto inocentemente, mas, agora, vendo-o assim tão branco, com o rosto e com os olhos de louco, compreendeu tudo e se perturbou.

Ele entrou e fechou a porta. E ela, que poderia gritar e se salvar, calou e não se moveu.

## VII

Pietro retornou muito tarde, completamente bêbado. Elias lhe abriu o portão, depois se retirou. Porém, antes do raiar do dia, ele estava de novo no pátio. Tão logo alvoreceu, Elias partiu para o curral de ovelhas.

Era uma aurora triste, cinzenta, mas não fria. O céu estava coberto por uma só nuvem, escura, imóvel, que pesava como uma abóbada de pedra cinza sobre as paisagens mortas. Elias cavalgava sozinho, perdido naquele silêncio de morte. Não se ouvia uma única voz, não se movia um galho, até mesmo os córregos, ao longo das margens dos caminhos, passavam verdes, frios, silenciosos. Elias tinha no rosto a cor



daquele céu lívido e olheiras em torno dos olhos verdes, frios e tristes como a água dos córregos.

Parecia-lhe que acabara de despertar de um sonho, ao mesmo tempo divino e monstruoso. A felicidade, porém, se se pudesse chamar de felicidade, nunca vinha separada de uma sensação de angústia, embora, em alguns momentos, na verdade na maioria, nos quais a dor do delito cometido o vencia, nada servia para acalmá-lo.

A parte boa e crente da alma de Elias despertava repentinamente, naquele amanhecer quaresmal triste e ameaçador, e se perdia e o aterrorizava diante da realidade do fato consumado.

“Não é verdade, foi um sonho”, ele pensava, apertando a rédea com os dedos dormentes de terror. “Um sonho. Oh, quantas vezes não sonhei na margem do Isalle e na *tanca*? Mas não, não, não! O que dizes a ti mesmo, Elias Portolu? Miserável, és louco, o mais vil, o mais canalha dos homens.”

Mas, enquanto assim se reprovava, recaía na lembrança, e todos os seus membros estremeciam de prazer e o rosto se iluminava. Logo se tornava mais inquieto que antes e uma onda de vergonha e de remorso penetrava por cada veia, e, de novo, o terror e ímpetos loucos de se castigar, de se golpear, de morder os punhos assaltavam-lhe como cães raivosos.

Então começavam os impropérios.

“És um vil, um miserável, um louco, Elias Portolu, criminoso, o que poderiam esperar de ti, tua mãe, teu pai, os teus irmãos? Sujaste tua própria casa, traíste teu irmão, tua mãe, a ti mesmo. Caim, Judas, vil, vagabundo, lixo. O que farás tu agora? O que te resta fazer senão dar-te um golpe de machado?”

E retornava para as lembranças. Sentia que agora amava Maddalena até a morte e que, na primeira ocasião, teria uma recaída. Diante desse pensamento, seus cabelos se arrepiavam de horror. Assim transcorreu a viagem. Ao ultrapassar a entrada da *tanca*, levantou lentamente os olhos e olhou, como que alheio, a paisagem que se estendia diante dele, silenciosa e verde, de um triste verde invernal. As rochas, a linha do bosque, graves e imóveis sob o céu cinza, tudo parecia mudado, tudo com raiva dele.

“O que fiz eu? O que fiz eu? Como suportarei o olhar de meu pai?”

No entanto, o suportou. E não só isso, teve que escutar os discursos de tio Portolu, que o feriam cruelmente.

“Tu te divertiste, cordeiro? Eh, vê-se no teu rosto. Tu tens o rosto da cor da levedura. Deves ter te mascarado e dançado e não dormiste e te divertiste. Leio isso em teus olhos, filho meu. E teu pai estava aqui trabalhando, com as orelhas alertas contra os malfeitores, enquanto tu te divertias. Tudo bem. Eh, não penses que eu sou invejoso. É o teu tempo, e o meu já passou, e agora é quaresma. E tia Annedda, o que faz? Ah, ela me mandou as *focaccias*<sup>143</sup> e as panquecas. Ah, ela não esquece o velho pastor. E Madelenedda minha o que faz? Ela se diverte? Sim, deixamo-la se divertir, a pequena pomba. Ela é uma santa, como tia Annedda. Eh! Se parece com ela, mais que os seus filhos.”

“Ah, se ele soubesse!”, pensava Elias tremendo. Cada palavra do pai o golpeava no coração. No entanto, tinha a impressão de não poder se abandonar a seus pensamentos na presença de tio Portolu. Logo que possível, foi em busca de solidão e, sem confessá-lo, desejou se encontrar com tio Martinu. Mas o velho não estava por lá. Atravessando a *tanca*, Elias encontrou somente o irmão Mattia, que vagava tranquilo e taciturno, armado de uma longa vara. Ninguém mais. Debaixo daquele grande céu morto, na imobilidade de cada coisa, as *tanches* pareciam agora mais desertas e ilimitadas.

---

<sup>143</sup> Pão rústico italiano.

Elias relembrava o baile de máscaras, os rumores, as cores da multidão, a dança com Maddalena. E, cada pequena recordação, o fazia tremer. Ah, todos aqueles que ele havia visto eram felizes e somente ele estava condenado a vagar na solidão. E, pra ele, a felicidade se transformava em tormento. Voltou a se rebelar, já que o primeiro passo estava dado, já que a sua alma estava inexoravelmente perdida, porque não continuar a gozar?

“Sou um idiota”, pensava. “Maddalena não pode mais viver sem mim, ela me disse, e eu jurei que serei sempre seu. Por que devo fazê-la infeliz? Não faremos outro mal sobre a terra. Vivemos sempre como marido e mulher, e Pietro não sofrerá nunca por nossa culpa.” E o seu rosto se iluminava diante do sonho de tanta felicidade. Mas, de repente, improvisamente, sentia o horror do seu sonho e queria rolar no chão, mover as pedras, gritar para os céus o seu pecado, bater a cabeça contra as pedras, para esquecer, para tirar da mente os desejos e as recordações.

Ao cair da tarde foi vencido por uma tristeza, uma languidez invencível. Começou a olhar o horizonte em direção a Nuoro, com desejo de voltar, de ver Maddalena. Vê-la ao menos de longe, e apertar pelo menos a sua mão, ou pelo menos inclinar a cabeça sobre seu ventre e chorar como um menino.

“Eu vou, eu vou”, murmurava, como na noite em que a febre o tombara debaixo de uma árvore.

“Eu vou, eu vou.”

E houve um momento no qual se pôs a caminhar. Mas, dado o primeiro passo, se deu conta de que o empurrava, não somente o desejo de ver Maddalena de longe, mas o pecado mortal, o demônio, o monstro da recaída.

“Aonde vais, Elias Portolu? É possível que tu não sejas um homem?” E não foi. Mas teve medo de si mesmo e da sua debilidade, e pensou em se atirar aos pés de seu pai, de lhe confessar tudo e de implorar:

“Amarrai-me, pai, fechai-me entre duas rochas. Não me deixeis partir, não me deixeis sós, ajudai-me contra o demônio.”

“Ai de mim, ele me mata se lhe conto isso!”. Pensou em seguida: “ele teria razão de me esmagar com o pé como a uma rã.”

Durante alguns dias assim combateu. Porém, vencida a primeira noite, foi menos terrível vencer os dias seguintes e não retornou a Nuoro. Entretanto, as forças o abandonavam, uma tristeza mortal não lhe dava descanso nem de dia, nem de noite. Sentia que, se retornasse ao povoado, e revisse Maddalena, não resistiria à tentação.

Então, foi novamente à procura de tio Martinu. Atravessou a *tanca*, saltou o muro e adentrou no bosque. Era uma noite limpíssima de lua. O vento passava sobre as copas das árvores, suscitando um tremor sonoro e contínuo. Porém, dentro do bosque, sob os sombreiros, não se movia uma folha. A lua passava entre os ramos, límpida, tranquila, e, nos fundos de prata outros perfis de bosques se desenhavam pretos como montanhas. Parecia a selva dos contos de fadas.

Elias caminhava, os seus olhos agudos distinguiam as alterações do terreno, os troncos na sombra, cada pequena mata. De longe viu que a cabaninha de tio Martinu estava iluminada e, repentinamente, na tristeza que o impedia, se sentiu aliviado.

Ah! Finalmente podia contar a alguém o horrível segredo que esmagava o seu coração, e pedir ajuda e conselho. Contudo, chegando à cabana saldou tio Martinu e caiu novamente em desespero. O que podia fazer por ele aquele velho? O que lhe dizer? O que está feito está feito e acontecesse o que acontecesse não tinha remédio. E o que teria que acontecer, aconteceria da mesma forma, qualquer que fosse o conselho do velho.

Lembrou-se quantas vezes tio Martinu tinha lhe dado bons conselhos. Ele sempre se sentia aliviado, mas jamais pôde seguir aqueles conselhos. Pensando nisso, se deixou cair sentado perto do fogo, com visível expressão de dor no rosto que tio Martinu adivinhou tudo imediatamente.

“Onde o senhor estava?”, disse Elias. “Eu o procurei tantas vezes.”

“Por que me procuraste, Elias Portolu?”

“Há muito tempo que não o via.”

“E agora aonde vais, assim de noite?”

“Venho aqui, tio Martinu.”

“Estiveste na vila?”

“Não, depois do último dia de carnaval.”

“Procuraste-me depois?”

“Sim”, disse Elias. Depois sentiu que tio Martinu adivinhou tudo e corou.

“Tu estás abatido”, disse tio Martinu o encarando, “tu trazes no rosto o sinal do pecado mortal. Por que me procuras, se não tens mais necessidade de conselhos?”

Como outras vezes, Elias ergueu os olhos arregalados, assustados e perdidos, e encontrou os olhos de javali do velho, selvagens, contudo, ao mesmo tempo, doces. E tio Martinu sentiu balançar aquele seu coração de pedra. Pareceu-lhe que Elias Portolu, aquele rapaz bonito e débil como uma mulher, na hora da tempestade, se refugiava nele como um cordeiro sob o sombreiro.

“Por que reprová-lo?”, pensou, “ele sofre, se vê, ele cora. Bater nele é como bater com machado contra um junco.” Todavia, ele perguntou com voz rude.

“Por que vieste, agora, Elias Portolu? Que queres que te diga? Se tu tivesses seguido os meus primeiros conselhos!”

“Palavras! palavras?”, explode Elias, com verdadeiro desespero. “Como saberíamos que se eu seguisse os seus primeiros conselhos, meu irmão não me teria matado? No entanto, eu não o teria ofendido como o ofendi agora; e agora ele não me tocará em um fio de cabelo. Assim são as coisas do mundo, tio Martinu! E é a sorte, é o demônio que nos persegue.”

“Então por que vieste?”

“Bem, sim”, prosseguiu Elias, sempre mais desesperado e irritado, “sim, vim para pedir mais conselhos, e estou certo de que o seu conselho será bom. Vim para pedir ajuda e estou certo que o senhor, para me impedir de voltar a Nuoro, antes que a tentação tenha cessado de me atormentar, será capaz de me amarrar, de me esconder. Entretanto, não sei se eu poderei seguir o seu conselho. Não sei se, enquanto o senhor estiver me amarrando, não morderei as suas mãos para escapar e ir fazer aquilo que quer o demônio?”

“O demônio! O demônio!”, disse o velho erguendo os ombros com desprezo. “O que tens tu com o demônio! Estou farto de te ouvir falar assim. Quem é o demônio? O demônio somos nós.”

“O senhor não acredita no demônio? E em Deus?”

“Eu não acredito em nada, Elias Portolu! Mas quando pedi um conselho eu o segui, e quando pedi uma ajuda beijei a mão que me ajudava e não a mordi. Que a víbora te morda, Elias Portolu!”

Elias sorriu tristemente.

“É uma maneira de falar, tio Martinu.”

“Bem, por uma maneira de falar eu te digo, uma vez que vens pedir conselhos para não segui-los e para me pedir para te amarrar para depois me morder a mão, é inútil que tenhas vindo Elias Portolu. Tu crês no demônio, bem, agarra-o pelo chifre e amarra-o, mas cuida para que não te morda.”

O velho estava zombando, e, mais que das suas palavras, do seu tom emanava o sarcasmo pungente que só os *Oruneses* sabiam dar às suas palavras. Uma angústia infantil se difundiu pelo rosto de Elias.

“Tio Martinu”, disse suplicante, “é essa toda a sua sabedoria? de matar um desesperado?”.

“Ah, Elias Portolu, eu não sou um sábio, mas sei que cada um recebe os sapatos de acordo com o seu pé. Tu, que crês em Deus e no demônio, vieste pedir conselhos a mim que creio somente na força do homem. Errastes e errei também eu te dando conselhos que não estão de acordo com a tua índole. Eis até que ponto chega a minha sabedoria, Elias! Ah, o asno é mais sábio do que eu! Quem sabe, te direi eu, em vez de te ajudar, não te prejudiquei? Tu deves procurar um homem de Deus e lhe pedir conselho. Sempre é tempo. Isso é o que te digo.”

Elias sentiu que o velho tinha razão e imediatamente se recordou do padre Porcheddu e da conversa que tiveram em uma noite de lua como aquela, na altura de São Francisco.

“De fato, eu conheço um homem de Deus”, disse, “uma vez me deu bons conselhos e me tornou forte contra a tentação. É um homem alegre, que se diverte, mas, no fundo, é um homem de consciência. E astuto! Também ele, como o senhor, tio Martinu, adivinhou imediatamente o meu segredo, enquanto não o adivinharam nenhum daqueles com quem vivo cotidianamente. Eu irei procurar padre Porcheddu.”

“É de Nuoro?”

“Não é de Nuoro, mas vive em Nuoro.”

“Bem, vá, vá imediatamente.”

“Tenho medo, tio Martinu.”

“De que tens medo, pequena lebre?”, gritou o velho.

“Tenho medo de me encontrar sozinho com Maddalena”, respondeu Elias com os olhos perdidos.

“Ah, Elias Portolu, tu me fazes rir! Que animal tu és? És uma lebre? Um galo? Uma galinha? Uma lagartixa?”

“Sou um homem mortal!”

“Bem”, gritou tio Martinu, “eu irei contigo, não te deixarei só. Tu te tornaste um chato e para não te ver de novo, se quiseres, eu te levo para o inferno.”

Essa promessa fez Elias sorrir e o acalmou: via finalmente um raio de luz diante de si.

Pensava:

“Sim, me confessarei, comungarei, salvarei a minha alma.”

A dor e a paixão não o abandonavam um só instante. E a ideia de ter que renunciar à Maddalena para sempre, agora que ela era toda sua, provocava nele uma tristeza infável. Mas, o primeiro passo fora do caminho do pecado fora dado e os outros pareciam menos difíceis.

Na manhã seguinte, tio Martinu foi buscá-lo e ambos caminharam até Nuoro. Durante a viagem, não trocaram vinte palavras. À noite, Elias fez o seu exame de consciência e, agora, andando, repetia a si mesmo os seus pecados e os seus bons propósitos. Contudo, à medida que se aproximavam do povoado, Elias se sentia oprimido por uma angústia mortal.

“Escutai”, disse de repente, “se quiserdes confiar em mim, tio Martinu, não vamos para a minha casa.”

“Ah, que homem és!”, exclamou o velho, como que falando consigo mesmo. “Ele vai se confessar por medo dele mesmo, não pelo temor a Deus. Não saberá nunca se vencer.”

“Bem, não, vamos de qualquer modo para casa!”, disse Elias, quase zangado.

Por sorte Maddalena estava fora. Mas ele sentiu o quanto era fraco, pois se entristeceu em não vê-la e não ousou perguntar onde ela estava. Depois, ele e o velho foram até padre Porcheddu e esperaram o seu retorno do coro. Padre Porcheddu foi nomeado cantor benemérito e não esperava, por certo, se tornar cônego. No entanto ele vivia comodamente servido, com o amor da velha irmã Anna, em uma casinha mobiliada conforme costume do vilarejo natal, com altas camas de madeira com dossel e arcas de madeira preta e cadeiras Luís XIV com assento de palha.

Do vilarejo mandavam-lhe grandes provisões de vinho, de nozes, de cebolas, de feijões e frutas secas. E a velha Anna sabia preparar todos os tipos de conservas, de doces de mel e de calda, e o café mais delicioso de Nuoro.

Quando soube que aquele jovem do olhar inquieto, que procurava padre Porcheddu, era filho de tia Annedda Portolu, o acolheu muito bem. Ah, ela conhecia aquela santa velhinha porque uma vez a mesma tinha curado sua mão doente sem esperar recompensa.

“Pelas almas, pelas pequenas almas do purgatório!”, dizia tia Annedda aos seus doentes.

Finalmente padre Porcheddu regressou. Era sempre o mesmo, vermelho e alegre, e acolheu Elias com exclamações de alegria, mas olhando-o fixa e maliciosamente.

“Também ele adivinha!”, pensou o jovem e se sentiu empalidecer de vergonha e de angústia.

“Eu preciso falar com o senhor...”, murmurou.

“E este velho carvalho?”, perguntou padre Porcheddu, virando-se para tio Martinu. “Vamos, vamos para cima, Annesa, traz o café e também algo mais, se tiver.”

“Agora eu me vou”. Disse tio Martinu. “Eu te esperarei na tua casa, Elias Portolu. Bom dia, senhor padre, recomendo esse jovem.” Mas padre Porcheddu não o deixou ir até que tia Annesa lhe tivesse servido um cálice de aguardente e depois outro cálice.

Em seguida, tio Martinu regressou aos Portolu e esperou sentado perto da lareira. Quando Elias voltou, Maddalena ainda estava ausente, e ele ficou contrariado, mas não tanto como da primeira vez. Não. Naquele momento ele queria vê-la para provar a si mesmo, e um pouco também a tio Martinu, o quanto ele estava forte agora. Olhá-la-ia sem paixão ou desejo, com olhos puros e arrependidos.

E, na verdade, algo de novo, uma chama pura e corajosa, brilhava no seu olhar. Mas o seu rosto apresentava uma palidez mortal e as suas mãos tremiam. Tio Martinu o olhou durante muito tempo, em silêncio, depois lhe perguntou se não deveriam partir imediatamente. Elias venceu o desejo de por à prova a sua força revendo Maddalena e partiu.

“Confessei-me”, disse ao velho quando estavam sozinhos, “voltarei dentro de duas semanas para comungar e porque padre Porcheddu deve me dar uma resposta.”

“Que resposta?”

“Serei padre”, disse Elias abaixando a voz. “Ah, já era hora! Esse é o meu caminho.”

O velho não respondeu. Parecia que a sua alma estava novamente longe da alma de Elias e que nada sobre as questões do jovem importavam mais a ele. Elias, porém, não se ressentiu. Também a sua alma, agora, estava distante do velho e de todas as coisas do passado!

Uma espécie de êxtase o envolvia. Todas as angústias, as inquietudes, as vergonhas, as indecisões cessaram. Diante de si, ele via um caminho branco e plano

como a estrada que percorriam, e um fundo nítido, sereno, semelhante ao horizonte azul-escuro daquela manhã pura.

“Padre Porcheddu está interessado, se encarregará de tudo, e, dentro de duas ou três semanas, tudo estará resolvido”; dizia com voz perturbada, falando mais para si mesmo que para tio Martinu. “E tudo sairá bem, o senhor verá. Teremos despesas, mas meu pai tem dinheiro e sequer pensará em não me ajudar.”

“Está bem, está bem; se esse é o teu caminho, segue-o de uma vez por todas”, disse tio Martinu.

Uma vez no curral de ovelhas se separavam, e Elias nem mesmo agradeceu àquele homem que o guiara até a sua salvação, somente disse:

“Vamos nos ver, tio Martinu.”

O velho não prometeu nada e desapareceu. Um mês depois, Elias o viu de longe, mas o evitou.

“Oh, oh!”, pensou tio Martinu com um sorriso estranho nos olhinhos de javali, “se ele está para se tornar homem de Deus, na verdade, que comece bem!”.

O que acontecia com Elias? Um mês havia transcorrido, a quaresma terminava e padre Porcheddu o esperava em vão. Nos primeiros dias após a confissão o jovem viveu entre o céu e a terra. Todo o passado ficara no esquecimento. Todo o porvir se apresentava doce. Ele se sentia renascer com a mesma pureza e a doçura com a qual ao seu redor renascia a natureza no princípio da primavera. Rezava continuamente e esperava com ânsia suave que aquelas duas semanas passassem. Seu rosto estava iluminado, os olhos tinham uma expressão e uma transparência infantil.

Entretanto, quinze dias de espera eram demais. Ah, padre Porcheddu não devia conhecer bem o coração humano, como se gabava, se acreditasse que a alegria da confissão durasse duas semanas em um coração oprimido pelas paixões. O tempo passava, lançando um véu sobre a alegria de Elias. Chegou um dia, na segunda semana, em que ele sentiu que recaía na tristeza. Era como a mão de um invisível monstro que o agarrava pela nuca e o empurrava até um abismo.

No dia seguinte, Elias pensou em retornar ao povoado, em se lançar aos pés de padre Porcheddu. Mas e se antes revisse Maddalena? Com esta pergunta um arrepio percorreu seu corpo. Ah, era inútil, era inútil. Ele amava Maddalena e não podia esquecê-la. No momento em que acreditava ter vencido, ter sepultado o seu coração, os sentidos, o passado, a paixão o agarrava mais tenazmente e o arrastava como a uma folha em um redemoinho. E a mão daquele monstro invisível, que comprimia sua nuca, continuava a empurrá-lo até o pecado. Seu rosto voltou a empalidecer e os seus olhos se tornaram sombrios.

Um dia, enquanto estava por acaso perto da entrada da *tanca*, pensativo e triste, viu uma coisa extraordinária. Aquela manhã, como de costume, Mattia tinha ido a Nuoro e deveria retornar até o meio-dia. E, naquele período, o morno meio-dia de março reinava sobre a *tanca*. Era uma doce hora de sol, de sonhos, não se ouvia voz humana, não se via alma viva na vastidão da planície. O vento morno passava curvando a erva quente de sol.

E eis que, ao invés de Mattia, sobre a égua “balzana” (os tornozelos pintados como se fossem meias) seguida por um potro já crescido, Elias vê chegar Maddalena. Era uma alucinação? Um sonho da sua mente enferma? Maddalena nunca vinha sozinha ao curral de ovelhas. Elias olhou pálido, chateado. Era ela, era ela: eram aqueles olhos ardentes fixos nos seus, mesmo de longe, com potência magnética.

Nem sequer por um momento ele teve o desejo, nem a força de ir embora. Somente se deixou cair sentado no muro. E Maddalena chegou sem pressa. Tão logo ultrapassou a entrada, desmontou agilmente e se aproximou de Elias. Tremia toda e o

olhava com paixão louca. Ah, que expressão e que luz tinham os seus olhos escuros, ardentes, entreabertos, vistos de baixo para cima como Elias os via! Ele nunca os esqueceu. Naquele momento sentiu que aquele olhar lhe dava uma alegria da qual um só momento valia por uma eternidade da alegria provada na semana passada.

“E Mattia?”, perguntou.

“Ficou no povoado, eu o convenci a deixar-me vir. Pietro não está. Tua mãe também desceu ao pomar para colher azeitonas e voltará ao anoitecer”.

“Maddalena, tu nos perdes! Por que vieste?”

Ela se inclinou sobre ele delirante.

“E tu por que não retornas? Por que não retornas Elias? Elias! Elias! Elias!”, continuou a gemer sobre o seu rosto, prendendo-o entre as mãos, com crescente delírio. “Não vês que morro? Já que não vieste, vim eu!” E lhe cobriu o rosto de beijos. Ele não viu mais nada e saltou delirando do mesmo delírio que ela. E se perderam novamente.

Por toda a quaresma padre Porcheddu esperou em vão por Elias. Perguntou por ele e soube que o jovem retornava frequentemente ao povoado e, então, começou a suspeitar.

“Deve ter tido uma recaída!”, pensou. “E eu faço um belo papel com o monsenhor. Logo agora que os trâmites, para que o jovem entre no seminário, ficaram prontos. Padre! Padre! Outro que quer ser padre! No entanto, é preciso reparar essa situação, porque, caso contrário, pode acontecer uma tragédia naquela casa.” Então ele mesmo foi procurar Elias até conseguir encontrá-lo.

“Esperei-te”, disse-lhe, olhando-o fixamente nos olhos. Mas os olhos de Elias, frios e malvados, escaparam do olhar do homem de Deus. E o seu rosto estava desfigurado, consumido pela paixão e pelo pecado.

“Não consegui.”

“Por que não conseguiste?”

“Pensei bem, sou indigno de comungar, além disso, minha decisão, ainda não está tomada. Tem tempo, padre Porcheddu!”

“Tem tempo, Elias? O que tu dizes Elias! Ai de quem espera o amanhã! Tu voltaste a cair em pecado, o demônio te arrasta.”

“Não, eu não estou em pecado! O que o senhor vem me contar?”, disse Elias com indiferença.

Padre Porcheddu sentiu desespero. Teria preferido que Elias confessasse o seu pecado, também que se rebelasse, ou que blasfemasse. Mas aquela frieza, aquela dissimulação eram o máximo da perdição.

“Elias, Elias!”, disse com voz perturbada. “Tome cuidado para onde vais, retorna a ti... Ai de quem semeia na carne, pois colherá corrupção, e feliz de quem semeia no espírito porque colherá vida eterna...”.

Elias sacudiu a cabeça várias vezes.

“Eu não entendo estas coisas: as entendem somente os sacerdotes. Além do mais eu não sou um pecador, eu não faço mal e ninguém, tire isso da cabeça, padre Porcheddu.”

“Tu não entendes essas coisas Elias, mas podes prever as consequências do teu pecado. Pensa, pensa, se um dia se venha a saber. Que horror, que tragédia! Pensa na tua mãe, em teu pai! Pensa que o pecado não pode ficar escondido por muito tempo, porque onde tem fogo tem fumaça.”

“Eu não estou em pecado”, repetia o outro com obstinada frieza. “Não pode acontecer nada quando não existe nada.”

Por isso não se movia. Padre Porcheddu o deixou, desesperado por salvá-lo. Todavia, Elias ficou profundamente impressionado com aquela conversa. A sua

felicidade era horrível, amargurada pelo remorso, pelo medo, pelo horror do pecado! Pensava continuamente sobre todas as coisas que padre Porcheddu havia dito e as repetia para si mesmo. Mas ele não podia ou não procurava se vencer. Depois do prazer experimentava toda a agonia da dor, do remorso e do desgosto, mas voltava a procurar a sua culpável felicidade para fugir dessa dor, desse remorso. Além disso, nos momentos mais tristes de seu desespero, começava a sentir desgosto e desprezo por Maddalena.

“É ela a tentação”, disse para si, depois da conversa com padre Porcheddu. “Foi ela quem me perdeu: por que veio? Por que me tentou? Essa mulher não pensa em Deus, na vida eterna?”

Depois se arrependia daquele desprezo, recordava como Maddalena o amava, e se sentia arrastado até ela por uma ternura ainda mais profunda, por um amor ainda mais ardente. Mas a palavra de padre Porcheddu havia lançado a boa semente. O remorso e a dor se fizeram mais intensos no coração de Elias, e ele recomeçou a pensar que deveria procurar paz em outro lugar e não próximo a Maddalena.

“Um dia seremos velhos”, disse-lhe uma vez, “o que faremos então? Deus nos perdoará?”.

“Não falemos dessas coisas!”, disse ela zangada. “Oh, talvez queiras ser padre, como disseste na festa de São Francisco?” E riu.

Ele estremeceu e não respondeu, mas o seu desgosto e a sua irritação contra Maddalena cresceram. Se ela tivesse respondido com jeito, demonstrando esperança na misericórdia do Senhor, ele teria se comovido e a teria amado ainda mais, mas as zombarias e o despeito dela a tornaram odiosa por um momento. Daquela noite começaram a ter pequenas discussões, ora por isso, ora por aquilo. Quando se separavam, Elias se arrependia de suas palavras, mas, revendo Maddalena, recomeçava.

“Ouve Elias”. Disse-lhe ela por fim, “tu estás irritado e me maltratas injustamente, e também eu, sob o ferro quente das tuas palavras, frequentemente não sei o que digo. Acabamos por não nos entender mais, e, ao mesmo tempo, não podemos viver um sem o outro. É melhor não nos vermos por um tempo. O que você acha? Principalmente porque devemos nos separar por um tempo...”

“Não, antes, é melhor nos vermos com mais frequência e discutir e terminar por nos odiarmos e por nos separarmos para sempre.”

“Elias!”, disse ela empalidecendo. “Por que falas assim? Por que devemos nos odiar e nos separar para sempre?”.

“Porque estamos em pecado mortal.”

Ela se tornou mortalmente triste.

“E não o sabias antes, Elias Portolu? Agora é demasiado tarde!”

“Por que é demasiado tarde?”

“Porque eu sou mãe de um filho teu...”.

Também ele mudou de cor e um turbilhão de afetos diversos o invadiu. Cobriu Maddalena de beijos, disse-lhe loucas palavras, pediu-lhe perdão, prometeu-lhe tudo o que ela quisesse.

Separaram-se decididos a não voltarem a se ver intimamente até o nascimento do filho; e Elias, perdidamente enamorado, sentia-se finalmente feliz, como não tinha sido há muito tempo.

## VIII

Havia chegado o outono. O céu se tornava sempre mais fresco e profundo, o ar transparente. E as grandes chuvas haviam tornado a terra e a atmosfera puríssimas.



Também a Elias ocorreu de se sentir emergindo em uma banheira. Também ele voltou a ser puro, os seus pensamentos se clarearam e por algum tempo passou dias felizes.

Naqueles dias serenos ele ficava longas horas deitado de barriga para cima embaixo de uma árvore, olhando o céu azul através dos ramos, escutando a voz distante do bosque, o curso da torrente, o canto dos pássaros.

E pensava sempre em Maddalena, entretanto, diversamente de como pensava antes. Agora a amava castamente como nos primeiros dias em que a havia conhecido. Ou melhor, como um esposo que pensa na esposa como mãe de seu filho. E pensava também nesse filho.

“Será menino”, dizia para si. “Quando for garoto virá aqui conosco, comigo. Eu o terei sempre comigo, e me farei amar por ele, muito, muito.”

E se sentia todo feliz. Porém, frequentemente uma sombra o perturbava:

“E se Pietro quiser tê-lo consigo? Ele crerá que é filho dele, o levará consigo, fará dele um pastor, o fará amá-lo como pai.”

“Não, não!”, pensava então. Eu lhe direi: “deixe-me o bebê, eu não me casarei nunca. Deixarei a ele tudo o que tenho, o farei estudar, o farei meu. Pietro cederá e o meu bebê me amará.” Pouco a pouco a ideia desse menino o tomou por inteiro. Formava já loucos projetos e começava a pensar mais nele que em Maddalena.

Um dia Mattia chegou com muita pressa, trazendo ao ovil a boa nova.

“Papai meu, irmão meu, Maddalena terá um filho. Minha mãe fez a oração a Sant'Anna e o filho será menino.”

E sorria todo feliz. Parecia ele o pai. E tio Portolu por pouco não chora de alegria, começando a bendizer São Francisco, Nossa Senhora de Valverde, Nossa Senhora do Remédio e não sei quantos outros Santos.

“Ah, a pomba! Eu sabia que ela não poderia nos fazer a maçada de permanecer estéril. Ah, o pequeno Portolu, o novo pombo, quando o veremos?”, dizia de vez em quando.

“Eh!”, disse Mattia rindo. “Você gostaria que nascesse imediatamente e que já estivesse aqui a guiar as ovelhas!”

Elias sentia bater forte o coração e pensava, não sem dor: “Se eles soubessem!” Mas, no fundo, estava feliz e, coisa estranha, quase contente de ter dado aquela felicidade aos seus. E, como tio Portolu, não via chegar a hora de a criança nascer.

Entretanto, os dias passaram, voltou o frio, a névoa, a neve. Chegou um rigoroso inverno e Elias, que era muito friorento, recomeçou a se sentir desconfortável no ovil. Como no ano passado, desejava a doçura da lareira, de uma vida fechada e cômoda. “Oh, que doçura!”, pensava, “passar as longas noites perto do fogo, perto de Maddalena!” Mas agora não a sonhava como no ano passado, com paixão trêmula. Não, a via perto de um berço e ouvia uma *canção de ninar* nostálgica que recordava aquelas de sua infância. Assim, sem que ele soubesse dizer por que, o ritmo de seu coração diminuía dia após dia. Uma força misteriosa que não era mais remorso, nem terror, nem desgosto, nem cansaço, nem medo, operava lentamente dentro dele. De longe, nos frios dias do ovil, desejava ainda se encontrar junto de Maddalena. Mas, quando a revia, não sentia mais a tremenda felicidade do ano passado. E pensava: “Talvez porque ela esteja nesse estado. Depois de nascida a criança eu voltarei a amá-la como antes.”

Um dia, porém, tia Annedda disse a Arrita Scada, na presença de Elias:

“Elias disse que nunca se casará. Mattia não o querem porque é simplório. É, portanto, necessário que Madalena nos dê muitos filhos, não é verdade, Arrita Scada? Caso contrário, quem abastecerá a lareira quando nós estivermos mortos?”

Então Elias provou um intenso desgosto, um golpe no coração, pensando que aqueles filhos poderiam ser seus. Oh, não, bastava um!

“Nunca! Nunca!”, gritou para si.

No princípio da quaresma foi até padre Porcheddu e se confessou. Não demonstrava mais o arrependimento, a dor e o fervor do ano passado, mas se dizia estar firmemente decidido a não cair mais em pecado mortal.

Parecia outro. Padre Porcheddu pôde ver que o incêndio da paixão havia diminuído nele, mas o olhou durante longo tempo, pensativo, e sacudiu muitas vezes a cabeça.

“Agora te parece assim”, disse, “mas, veja bem, se não te salvares agora, te perderás outra vez. Aproveita esse momento de graça.”

“O que o senhor quer dizer, padre Porcheddu?”

“Não te lembras do que querias fazer no ano passado? Eu segui os trâmites necessários e parecia que tudo iria terminar bem...”

“Ah, sei o que o senhor quer dizer”, murmurou Elias, baixando os olhos como um menino. “Mas agora!...”

“Bem, agora?... O que isso quer dizer? Não pensastes mais nisso?”

“Sim, pensei com frequência, mas creio que agora seja demasiado tarde e que eu não seja mais digno...”

“Nunca é tarde para a misericórdia de Deus, Elias Portolu. Pense bem nisso se queres te salvar.”

Elias, pensativo, com a cabeça inclinada, foi invadido por uma lembrança. Ele se reviu na *tanca*, em uma noite cinza e silenciosa, e reviu a rígida figura de tio Martinu e escutou ainda as suas palavras.

“Padre Porcheddu”, disse, “e se depois, quando eu for padre, a tentação voltasse a me atormentar? Não seria pior?”

“Não, Elias Portolu, agora eu te conheço: tu vencerás a tentação, ou melhor, a tentação não te molestará mais. Porque para ti a tentação é aquela mulher e ela, vendo-te sacerdote, não te tentará mais.”

“Quem sabe!”, disse Elias com tristeza.

“Além disso, poderias ser enviado para um povoado distante, e, se desejares, não voltarás a vê-la nunca mais”.

“Sim, depois. Mas, no entanto!”

“No entanto? Não temas, tu irás para o seminário e eu te farei estudar. Não poderás ir para tua casa senão a certas horas, de dia e se tu o quiseres, não cairás nunca mais em tentação. Decida-te, Elias Portolu, não perca tempo. Pense que devemos morrer, que a nossa vida é breve, que temos apenas uma alma e que devemos salvá-la.” Dizendo essas palavras, padre Porcheddu fixava o olhar em Elias, quase querendo sugestioná-lo. E, de fato, de repente, o vê empalidecer e quase desfalecer. Porém, logo Elias levantou o rosto e seus olhos se acenderam.

“Bem”, disse comovido, “faça o senhor aquilo que acredita, eu confio no senhor, padre Porcheddu. Em casa não direi nada até que tudo esteja decidido.”

“Bem, vai. Prometo-te que dentro de oito dias tudo estará concluído; no entanto, te aconselho a frequentar mais a igreja. Vai, filho meu, e fique alegre. Verás que te sentirás renascer em outra vida.”

Elias foi, mas não conseguiu ficar alegre. Ah, não, parecia estar sonhando. Não sentia mais aquela alegria infantil sem motivo, que havia experimentado no ano anterior. Depois da confissão, na verdade, se entristecia e lágrimas amargas lhe ofuscavam os olhos. No entanto, estava firmemente decidido, a sua tristeza vinha de fato da sua firme decisão. Não era mais sonho. Agora era realidade. No primeiro instante, tomada sua decisão, ele não pôde se desligar do passado sem sentir o coração sangrar. Era o adeus a todas as coisas que formavam a sua vida. Era, de fato, sua

própria vida que se ia, com seus costumes, com suas alegrias, suas dores, suas paixões, seus erros, seus prazeres.

Durante vários dias viveu na amargura desse adeus: especialmente na *tanca*, a tristeza o agarrava até deixá-lo frio, insensível a tudo que não fosse o seu adeus aos lugares e às coisas entre as quais tinha amado e sofrido tanto.

“Eu não verei mais isso, eu não farei mais aquilo”, pensava, e um nó fechava sua garganta. Sua decisão, entretanto, era firme e, quanto mais os dias transcorriam, mais ele se habituava à ideia de deixar tudo para trás e começar uma nova vida.

Pouco a pouco, quando tinha secretamente dito adeus a cada pequena coisa, a cada árvore, a cada pedra, aos animais e aos homens, as ideias se iluminavam e ele começou a ver no futuro.

Retornando ao povoado ia à igreja, onde permanecia por longas horas e assistia com fervor as celebrações religiosas. O som do órgão, da solene lamentação dos cantos litúrgicos, as vestes dos sacerdotes, tudo o encantava. E, pensando que um dia também ele cantaria aquelas orações que lhe davam um estremecimento de doçura, e que usaria aquelas roupas luminosas e santas, esquecia todo o passado e se sentia feliz. Contudo, retornando à casa ficava perturbado, especialmente diante de Maddalena.

“O que dirá ela quando souber?”, pensava continuamente. Tinha a impressão de não amá-la mais, sobretudo porque ela estava disforme, amarelada e com o rosto inchado. Contudo, sentia-se ligado a ela de um modo indissolúvel. E tinha medo de romper este laço.

“O que pensará? O que dirá? Ela se desesperará? Ah, talvez isso lhe faça mal, talvez fosse melhor esperar.” E pensava ainda, e sempre com ternura, na criança que deveria vir. Mas por esse lado se sentia contente com sua decisão. O novo estado não lhe impedia de amar a criança, ao invés disso mais que nunca poderia tê-lo consigo, educá-lo, fazê-lo um homem do bem e dar-lhe um futuro. Mas, quando um dia falou sobre ele com padre Porcheddu, este sacudiu a cabeça.

“Não pense nisso”, disse-lhe, “Porque faz mal pensar nisso. Antes de tudo o bebê ainda está na mente do Senhor, porém, mesmo quando nascer e crescer, tu deves mantê-lo longe, uma vez que poderá ser sempre uma ligação perigosa entre você e ela. O sacerdote não deve ter nem filhos, nem esposa, nem família. Não deve pensar nas riquezas e nas coisas terrenas. Ele é esposo da Igreja e os seus filhos são a pobreza, o dever, as boas obras. Pensa nisso, Elias Portolu, se tu ainda te sentes apegado às coisas do mundo, não dê o passo que vais dar. Deves pensar somente em salvar a tua alma e em nada mais.”

“O senhor quer me transformar em santo”, disse Elias sorrindo, mas, no fundo, sentia que o padre Porcheddu tinha razão e se entristecia ao ter que dizer adeus ao seu pobre sonho de ser pai. Mas agora nem mesmo isso o movia da decisão tomada.

Os oito dias passaram. Os trâmites do padre Porcheddu chegaram ao bom termo: monsenhor bispo se interessava muito por esse jovem pastor que queria se dedicar a Deus por vocação e o admitiu imediatamente no seminário a meia pensão. Por conselho de padre Porcheddu, Elias escreveu ao bispo uma amável cartinha de agradecimento e isso acabou por entusiasmar o monsenhor.

“Monsenhor quer te conhecer, Elias Portolu, agora só te resta dar a notícia aos teus.”

“Ah!”, disse Elias suspirando. “Eu tenho um medo...”

“Qual?”

“Que a coisa faça mal àquela mulher. Melhor seria esperar!”

Padre Porcheddu sacudiu a cabeça.

“Tu queres esperar? Ainda estás amarrado às coisas do mundo? Ah, ah, isso me desagrada!”

“Bem”, disse Elias com firmeza, “quero demonstrar ao senhor que não sou mais ligado a nada. Hoje mesmo dou a notícia em casa.”

“Teu pai está no povoado?”

“Sim.”

“E teu irmão Pietro?”

“Também ele.”

“Bem, depois que tu tiveres almoçado diga a eles que permaneçam em casa, eu irei e falaremos com todos juntos.”

“Eu não sei como agradecê-lo!”, exclamou Elias com gratidão. “Que Deus o pague.”

“Bem, bem, disso falaremos precisamente com Deus, outro dia, agora vai em paz.”

Elias se foi, mas não conseguiu voltar para a casa até a hora do almoço. Sentia o coração pesado, a garganta apertada. Ah, a realidade de seu sonho se aproximava, já o rodeava, o prensava, o desligava violentamente do mundo, da juventude, do prazer, da família, da vida até então vivida.

E ele experimentava, por tudo isso, uma dor infinita. Mas nem mesmo por um instante pensava retroceder.

Voltou para casa, almoçou distraído, com os olhos sempre voltados para a porta, e, de quando em quando, ouvindo rumores de passos no caminho, estremecia. Maddalena o observava e não pode evitar lhe perguntar o que tinha e a quem esperava.

“Uma pessoa” ele respondeu. “Peço a todos que permaneçam aqui, uma vez que essa pessoa precisa falar com vocês.”

“Também comigo?”, perguntou Maddalena. “Quem é? Quem é?”

“Com todos. Tu verás quem é.”

Assediaram-no com perguntas, mas ele não respondeu e saiu para o pátio. Maddalena foi tomada por uma inquietude que não procurou esconder nem mesmo de Pietro. E começou também ela a olhar para a porta escutando se vinha alguém no caminho.

“Quem pode ser essa pessoa?”, dizia de quando em quando para si. Há algum tempo havia se dado conta da mudança de Elias, e o temor de que ele estivesse enamorado de outra mulher e que pensasse em se casar provocavam nela ciúme e sofrimento.

“Ele quer se casar”, pensava naquele dia, “e a pessoa que espera deve ser o casamenteiro que vem solicitar autorização para barganhar a esposa para Elias. Ah, esse dia tinha que chegar! Ah, assim tão rápido! Ele não vai esperar nem mesmo o nascimento de seu filho. Deus, Deus meu, me ajude, dai-me força vós que sois misericordioso. Não me faça morrer, não me castigue antes da hora.”

Um grave sofrimento se desenhou sobre seu rosto pálido e em suas pálpebras, aquelas pálpebras que se baixaram com resignada dor, tornando-se arroxeadas.

Quando Elias voltou a entrar com padre Porcheddu, olhou-a e teve medo. Também ele ficou pálido e sentiu um frio de morte percorrer o sangue.

Padre Porcheddu, porém, cantarolava, olhando ao redor, saldando com brincadeiras e reverências desajeitadas, e quis ficar na cozinha, embora tia Annedda toda atenta insistisse para subirem ao quarto de Maddalena.

“Então, como vai tio Portolu?”

“Com duas pernas como as galinhas, meu padre Porcheddu!”

“E os filhos, os filhos, estão bons? Continuam sendo pombos?”

“Ah, sim!”, exclamou tio Portolu escancarando os olhinhos encarnados. “Como os meus filhos existem poucos, graças a São Francisco.”

Elias fazia um esforço para sorrir, mas padre Porcheddu via a derrota angustiante estampada em seu rosto, e, após um pouco de conversa, olhou Maddalena, piscou e disse: “E dentro de pouco teremos outro pombo, não é mesmo? Eh, eh, São Francisco lhe quer bem, tio Portolu. Todas as graças de Deus estão com vocês. E agora me escutem: o que diria se o seu filho Elias se fizesse padre?”.

Todos permaneceram aturdidos, porque se padre Porcheddu falava assim a coisa já estava decidida. Quem poderia esperar por isso? Maddalena ergueu os olhos e um fugaz rubor iluminou seu rosto. Depois do temor que havia sentido, as palavras do padre Porcheddu pareciam-lhe uma boa nova. Elias estava perdido para ela, mas ela podia se resignar porque outra mulher não o teria.

E Elias se deu conta da alegria dela. Então se acalmou e observou melhor a impressão que a pergunta do sacerdote causava nos seus. Parecia que se tratava de uma brincadeira. Pietro sorria. Tia Annedda, sentada perto do padre Porcheddu, com o rosto atento e as orelhas alertas, sorria. O selvagem rosto de tio Portolu sorria.

Elias se deu conta de que o que havia dito o padre Porcheddu causava tanta alegria em seus familiares que lhe parecia um sonho; e, de quando em quando, sentiu também ele tal ímpeto de alegria e se colocou a rir como um menino.

## IX

Passaram-se dois anos. As pessoas cessaram de murmurar, de rir, de se maravilhar ao ver Elias Portolu, o ex-pastor, vestido de seminarista. Além disso, ele não parecia de fato um jovem de vinte e seis anos, e muito menos um ex-pastor. A clausura tornou suas mãos e sua face brancas. O seu rosto barbeado, de um pálido pérola, parecia o de um adolescente.

Nas grandes funções religiosas, quando ele usava a túnica de renda atada por uma grande fita azul, parecia um anjo melancólico, com uma ruga de suprema, mas doce tristeza em sua boca de rosa pálido. Muitas garotas do povoado e também algumas senhoritas o olhavam, por longo tempo, com muito interesse. Mas ele não se dava conta. Os seus olhos esverdeados se perdiam em distantes visões. O que via ele, então, quando o órgão gemia sonoro e os cantos litúrgicos se elevavam com uma lamentação nostálgica de bens perdidos e com a invocação sincera de bens ignorados? Via o passado, a *tanca*, a solidão? Recordava a sua paixão? Sim, ele via e recordava tudo, e lamentava por não conseguir se separar do passado, como tinha acreditado e esperado. Contudo, o que o prendia à dor e à alegria das paixões humanas era a visão contínua daquela jovem mulher ajoelhada no fundo da igreja, entre o roxo transbordante da multidão do povoado. Era Maddalena, bela e esplendida em seu traje de esposa. Entre os braços tinha o menino coberto por uma mantilha de cor escarlata com franja de seda azul. Quando a mãe fazia dançar diante do rostinho do menino, os amuletos de prata e coral pendurados em seu pequeno pescoço, ele levantava as mãozinhas rosadas e sorria estreitando os luminosos olhos esverdeados.

Elias via continuamente diante de si a sua criatura sorridente, e a amava com ternura sincera, e amando a criança amava a mãe e frequentemente sofria na luta vã contra aqueles seus amores terrenos.

A sua inteligência natural, entretanto, ia se moldando. Dois anos de estudo incansáveis, de leituras contínuas, de boa vontade, o haviam colocado ao nível dos clérigos que estudavam há muito mais tempo do que ele. Pouco a pouco se habituou à vida de clausura, à obediência cega, à disciplina. Coisas que, no princípio, quase o

havam sufocado. O passado lhe parecia um sonho, mas um sonho ao qual estava tenazmente atado.

Sentia-se triste, sobretudo quando ia para a sua casa, na qual tia Annedda o acolhia com terna reverência. Esquivava-se com cuidado dos olhos de Maddalena e tinha medo de tocar no menino, ou, se o obrigavam a acariciá-lo, fazia-o timidamente. No entanto, estremecia ao vê-lo, e o desejo de pegá-lo nos braços, de beijá-lo, de fazê-lo sorrir, de olhar os primeiros dentinhos, de colocar suas mãozinhas e seus pezinhos dentro de uma de suas mãos, o oprimia.

“Não, não”, repetia para si, “é necessário vencer.”

Também a presença de Maddalena, que frequentemente o olhava com ternura dolorosa embora nunca houvesse lhe dirigido uma repreensão, o perturbava profundamente. Ela estava mais atraente do que nunca, toda atenta ao filhinho, para o qual parecia viver exclusivamente. Elias não podia separar a imagem da mãe da do menino.

Sentia que, se tivesse permanecido livre - pois já se sentia ligado a Deus, apesar de não haver recebido ainda as primeiras ordens - teria recaído inevitavelmente. Assim como estava conseguia vencer até mesmo o seu pensamento, mas aquela luta contínua era desoladora e o deixava meio morto de angústia. Naqueles dias sentia-se, contudo, muito triste e desesperado com a vida e consigo mesmo. Nunca, porém, tinha um momento de revolta e de arrependimento em função da decisão tomada.

Às vezes as suas forças minguavam. Sonhos atormentadores, no sono e na vigília, o assaltavam, piores do que qualquer tentação. Quase toda noite sonhava com o passado, com a *tanca*, o curral de ovelhas, a casinha, com Maddalena e frequentemente também com o menino. E sempre tinha a impressão de ainda ser pastor e livre. Porém, uma opressão sombria e uma recordação que não conseguia reter, mas muito dolorosa, convertiam aqueles sonhos em pesadelos. Contudo, não era com esses sonhos que ele se angustiava, mas dos sonhados com olhos abertos, com as visões doces e funestas que o cerravam em círculos insidiosos. “Não! Não, não!”, repetia sempre e expulsava os desejos vãos, as imagens fatais, e começava a rezar e a estudar. Porém, se fossem expulsos cem vezes, cem vezes os tristes sonhos voltavam.

Uma noite ele estudava a epístola de São Paulo aos romanos. Era uma noite de abril límpida, e enluarada. Pela janela aberta entrava um ar impregnado de doçura, e se via uma vivíssima estrela oscilar no céu de cristal. Elias se sentia mais triste do que de costume. A vida o tentava e lhe falava e o assaltava com o sopro puro daquela noite de abril. Recordações inefáveis voltavam ao pensamento e, em seu sangue, com o renascer da primavera, parecia germinar algo de novo e inquietante.

“Não, não, não...”, repetiu para si, sacudindo a cabeça como para expulsar os pensamentos incômodos. “É preciso esquecer tudo; estudar, ir avante, Elias Portolu.” Apertou a cabeça entre as mãos e submergiu na leitura. Ao seu redor havia um profundo silêncio e somente ao longe, mas muito longe, quase como que vindo da remota campanha, ondulava um melancólico canto nuorese. Elias lia, relia, meditava, repetia de cor os versículos.

“... Que o amor de vocês seja sem hipocrisia. Detestem o mal e apeguem-se ao bem.

...Quanto ao zelo, não sejam preguiçosos, sejam fervorosos de espírito, servindo ao Senhor.

...Sejam alegres na esperança, pacientes na tribulação e perseverantes na oração.

...Abençoem os que perseguem vocês, abençoem e não amaldiçoem.

...Não paguem a ninguém o mal com o mal. A preocupação de vocês é fazer o bem a todos os homens.

‘...A mim pertence a vingança, eu mesmo vou retribuir’, diz o Senhor.

...Não se deixe vencer pelo mal, mas vença o mal com o bem.”

Como é justa e doce a voz do Apóstolo! Era como um estrondo de um trovão e como voz pura de uma fonte borbulhante no silêncio noturno. Mas vinha de muito longe, muito do alto, como estrondo de trovão, como o murmúrio de uma fonte, ouvido em um sonho. Elias o ouvia. E sentia-se todo envolto e refrescado como em um perfumado sudário. Mas, ai de mim, é um sudário de véu vaporoso, que o sopro daquela noite de abril bastou para rasgá-lo.

Então, o distante canto sardo se fez um pouco menos distante. Do coro melancólico subia uma voz harmoniosa de tenor, na qual tremulava toda a vontade e a doçura daquela noite enluarada. Elias levantou a cabeça apanhado por um súbito encantamento. Onde tinha ouvido aquela voz? Uma recordação quase física o fez estremecer. Ele se lembrava de ter vivido outra noite como aquela, de ter ouvido aquele canto, de ter estado triste como estava agora. Onde? Quando? Como? Levantou-se, apoiou-se na janela, sob o puríssimo raio da lua em zênite. A brisa trazia distantes fragrâncias. Ele estremeceu e recordou a noite na qual tinha chorado de paixão aos pés de São Francisco.

A voz do Apóstolo não falava mais, o véu tinha caído. O que era a eternidade, a morte, a vaidade de cada paixão humana, diante da alegria fugaz daquela noite de abril, daquele sopro de brisa, daquele canto de amor? E Elias foi vencido. A vida lhe tirou tudo. E ele caiu de joelhos diante da janela, sob a lua, e chorou como uma criança tomada por um supremo delírio de desespero.

Uma louca súplica subia no seu choro.

“Senhor, tu vês, eu sou débil e vil. Tenha piedade de mim, meu Deus, me perdoa, me dá descanso, me arranca o coração do peito. Eu sou homem, não consigo vencer as tentações. Por que tu me fizeste assim tão débil, Senhor? Tenho sempre sofrido na minha vida, e quando dominado pela minha débil natureza, procurei a felicidade, pequei, violei os teus preceitos, fui o mais pagão e malvado dos Gentios<sup>144</sup>. Mas sofri tanto. Meu Deus! E sofro tanto que não aguento mais. Deus meu, Deus meu!”, prosseguia soluçando, com o rosto transtornado inundado de lágrimas salgadas, “tenha misericórdia de mim, me perdoa, me ajuda, me dá a paz do coração... me dá um pouco de felicidade...um pouco de doçura. Não tenho o direito, Deus meu? Não sou uma criatura humana? Se pequei, perdoa-me se tu és misericordioso. Se tu és grande, Senhor, me perdoa e me dá um pouco de felicidade, um pouco de alegria...”

Pouco a pouco as lágrimas se exauriram. Aquele desabafo lhe fez bem, o acalmou. Passado o excesso de desespero, se envergonhou de ter chorado, mas pensou: “meu pai diz que só os desprezíveis choram, e que um Sardo, um Nuorese, não deve chorar, mas isso faz muito bem! De outro modo, em determinados momentos, arrebenta-se!”.

Também se envergonhou e teve medo da sua súplica, que era quase um desafio a Deus. E pediu perdão e se resignou; mas, na manhã seguinte, teve uma fortíssima impressão de susto, de surpresa, de dor e também de alegria, quando vieram lhe contar que Pietro, seu irmão, retornou do campo com uma forte inflamação nos rins e que o seu estado era muito grave.

“Se morrer, eu posso me casar com Maddalena!”, pensou imediatamente.

<sup>144</sup> Vocábulo mantido em maiúscula, conforme original.

Havia Deus ouvido a sua prece? Ah não! Ele recuou apavorado com sua blasfêmia, diante da imagem de um Deus tão monstruoso, segundo criava a sua fantasia naquele momento. Não é possível.

“Como eu sou vil!”, pensava, enquanto ia rapidamente para sua casa. “Não, nunca mais me salvarei. Eu sou composto de maldade.”

E se angustiava, mais pelos seus maus pensamentos do que pela doença de Pietro. E se arrependia e se insultava. Todavia, quando chegou em casa e soube que o irmão tinha regressado doente no dia anterior, experimentou uma espécie de desilusão, pois, no fundo, afagava a ideia de que Deus tinha escutado a sua prece.

O estado de Pietro era verdadeiramente grave. Ele gemia continuamente, apresentava o rosto lívido, com as feições descompostas por um intenso sofrimento. Três dias antes tivera que percorrer grandes distâncias a pé, para encontrar um boi perdido. A ânsia, a fadiga, o calor, uma predisposição à doença, o haviam derrubado. Tinha os pés inchados e ensangüentados, as mãos arranhadas pelos espinheiros e pelas pedras.

Uma grave consternação reinava na casa Portolu. Maddalena chorava sinceramente. Tia Annedda tinha acendido duas lâmpadas e dito as *palavras verdes*, e as *palavras verdes* haviam respondido que Pietro deveria morrer.

Para Elias os dias que se seguiram foram terríveis. Ia até o irmão, o olhava, percorria o quarto retorcendo silenciosamente as mãos, consternado por não poder fazer nada para salvar Pietro. Nunca dirigia o olhar para Maddalena, nem para a criança, e estava desesperado; e rezava fervorosamente horas e horas para que o irmão doente sarasse. Mas, frequentemente, em meio ao fervor de suas orações, estremecia e um gelo mortal paralisava o seu sangue. Ah, que monstro o atacava? Por que, apenas relaxava por um instante e o monstro lhe sussurrava palavras de alegria, lhe incutia desejos culpáveis, lhe mostrando continuamente a imagem do irmão morto, sepultado?

“É o demônio”, pensou uma tarde, “mas ele não vencerá, não, não vencerá nunca mais! Pois bem, que Pietro morra se é que tem que morrer. Sim, por mais que isso seja horrível Satanás, eu agora desejo a morte de meu irmão para demonstrar que você não me vencerá. Nunca mais! Nunca mais! Sou mais forte do que você, Satanás. O meu corpo é débil e você pode despedaçá-lo, mas a minha alma não a vencerás nunca mais.”

Aquela noite Pietro morreu. Elias fechou os olhos dele, fez o sinal da cruz sobre seu rosto, ajudou tia Annedda a lavar e vestir o cadáver.

Depois velou o irmão morto durante toda a noite. De quando em quando se levantava, inclinava-se sobre o seu rosto e o olhava por longo tempo, com a tola esperança de que não estivesse morto, ou que pudesse de um momento a outro se mover e ressuscitar.

Mas o rosto barbudo e lívido, com as pálpebras abaixadas, permanecia imóvel como uma assustadora máscara de bronze. Elias sentia, talvez pela primeira vez em sua vida - já que não havia nunca visto tão de perto e por tanto tempo um cadáver - toda a inexorável grandeza da morte. Recordava de Pietro vivo, rindo. Ah, bastava um sopro para jogá-lo ali, imóvel, mudo para sempre! Para sempre “Amanhã a essa hora também esses restos mortais desaparecerão do mundo!”, pensava; e não conseguia persuadir-se que tudo terminasse assim, que também ele e os genitores, e o irmão e Maddalena e a criança, desapareceriam um dia. Depois caía ajoelhado aos pés da cama e a sua dor se convertia em conforto.

“Sim, tudo termina”, pensava. “E não sofreremos mais. Por que se agitar tanto? Tudo termina. Somente a alma permanece; salvamo-la.”



E mais que nunca se sentia forte contra a tentação e o mal, depois voltava a lembrar do irmão vivo: a infância deles, a juventude, a ofensa mortal que lhe havia causado e sofria, e os soluços lhe fechavam a garganta.

“Agora que está morto”, perguntava-se, “saberá como eu o ofendi? E me perdoará?”.

Mas essas perguntas o reconduziam as recordações. Revia Maddalena no mesmo quarto no qual agora repousava o morto, e insidiosamente dominava-o uma improvisada doçura, ao pensar que agora ele poderia amá-la sem pecado. Porém, de imediato, expulsava essa tentação e se inclinava outra vez sobre o rosto do cadáver voltava a imergir na visão da morte. Assim passou a noite.

Ao amanhecer dormiu um pouco, e sonhou com Pietro vivo, que vinha para a *tanca* (como sempre, parecia que ainda era pastor). Pietro vinha a cavalo e tinha o rosto lívido e os olhos fechados como os do cadáver.

“O que tens?”, perguntou Elias com terror.

“A criança morreu; venho para te dizer”, respondeu Pietro. “Retorna ao povoado porque é você que deve enterrá-lo.”

Elias experimentou tanto medo e tanta angústia que fez um esforço para se despertar. Mas despertando continuou a se sentir angustiado como no sonho. Já era dia. Ouviu a criança chorar e logo pensou com dor:

“Que também ele deveria morrer? Que o sonho teria sido um aviso? As desgraças nunca vêm sozinhas e eu creio nos sonhos”.

Agora lhe parecia que todas as desgraças eram possíveis, vizinhas, inevitáveis; e, dominado por uma grande tristeza, foi ver a criança.

A criança chorava. Maddalena, já vestida de viúva (e a roupa preta a tornava graciosa, tão jovem e fresca como ela era) procurava acalmá-lo, falando-lhe em voz baixa. Muitos parentes já tinham vindo. A casa estava toda imersa no escuro.

Elias avançou silenciosamente, quase furtivo, na penumbra do quarto.

“O que tens?”, perguntou inclinando-se sobre a criança. “Por que chora?”, perguntou depois a Maddalena.

A criança o olhou com grandes olhos lacrimejantes, e ficou quieto por pouco tempo, com a boquinha aberta e trêmula; depois voltou a chorar. Da mesma forma, Maddalena levantou os olhos em direção aos olhos de Elias e a sua boca também estremeceu.

“Quieto, quieto belo meu”, disse com voz trêmula, embalando a criança entre os seus braços, “seja bonzinho, aqui está tio Elias que não quer que você chore...” Mas repentinamente também ela inclinou o rosto sobre as costas da criança e pôs-se a chorar desconsoladamente.

“Bem, Maddalena, o que é isso?”, disse Elias fora de si.

Depois se distanciou como que empurrado por uma mão invisível. Aquela cena lhe remexia o sangue, sentia que o choro de Maddalena não era somente pela morte do marido, e o olhar dela, sempre tenro e ardente, penetrava o seu coração.

“Ah”, pensava, sentado em um cantinho, no círculo dos parentes, “padre Porcheddu tem razão: a criança nos ligará para sempre, para sempre. É preciso que eu não o veja, não me aproxime dele, caso contrário eu me perco de novo e agora mais do que nunca”.

E toda aquela gente que entrava e saía dizendo coisas banais o aborreciam mortalmente. Desejava ardentemente que tudo estivesse terminado, os funerais completos, os três dias das condolências passados, para se encontrar sozinho com sua dor e com suas tentações.

“Ai de mim!”, pensava, “se a tentação já é tão forte diante do cadáver de meu irmão que ainda nem esfriou, o que será depois? Não, não, não!”, propunha-se com raiva. “Eu vencerei, devo vencer e vencerei.”

Mas a luta tinha começado e de forma terrível. O primeiro, o segundo e o terceiro dia, com os funerais, as condolências, as cerimônias do luto sardo, passaram como um pesadelo.

Finalmente Elias se encontrou em sua cela, sobre seu leito, cansado, prostrado, só. Tinha ainda na memória à noite na qual lera a epístola de São Paulo, e a lembrança de sua desesperada súplica retornava sempre como um remorso.

“Fui duramente castigado por isso!”, pensava. “Mas quem conhece os caminhos do Senhor? Se ele quisesse me atender? Se fosse aquela a minha vida? Por que não posso ter o direito à felicidade terrestre? Não sou homem como os outros?”

E o sonho insidioso o dominava. O ar de primavera, pura e perfumada, subia à sua cela, e, da janela, se via um fundo de céu tão profundo, tão azul! Não era ele homem como os outros?

Havia pecado! Mas, quem não peca? E quem por isso se condena a um castigo eterno?

“Isso, isso, eu deixo o seminário com a desculpa que meu irmão morreu, e que agora necessitam de mim em casa. As pessoas falarão um pouco, mas do que as pessoas não falam? Dentro de um ano ninguém dirá mais nada e então!...” Ah, que doçura! Nunca foi possível tanta doçura? Mas sim, finalmente seria possível!

“Por que eu sou assim estúpido em hesitar um só instante?”, se perguntava maravilhado consigo dos tormentos vãos que lhe afligiam. E sentia o coração pleno de alegria. Contudo, de repente, o coração se esvaziava, e ele mergulhava inteiro no desespero.

“Não! Não! Não! Por que vacilo assim? É dessa forma que vences a tentação, Elias Portolu? São esses os teus votos? Não, não, não; vencerei eu; afasta-te Satanás, te vencerei, te vencerei!”

E apertava os punhos como para uma luta verdadeira. E assim se passavam as horas, os dias, as noites e os meses.

Um dia lhe anunciaram que, dentro de pouco, lhe concederiam as primeiras ordens. Ele não se alegrou, nem se entristeceu. Agora lhe parecia ter adquirido experiência e que não deveria mais se iludir. Recordava os primeiros tempos de seu amor, quando esperava que o matrimônio de Pietro com Maddalena bastasse para curá-lo da paixão. Do contrário!...

“Não, não quero me iludir”, pensava. “Permanecerei homem e sujeito às paixões. Não, a salvação não está nos obstáculos colocados entre nós e o pecado, mas na nossa força e na nossa vontade.”

Quando foi à sua casa para participar a notícia, por sorte encontrou toda a família reunida, incluindo Mattia e um criado (porque tio Berte e o filho não podiam acudir sozinhos todos os trabalhos do curral de ovelhas e do campo) e o parente Jacu Farre que, depois da morte de Pietro, frequentava muito a casa.

Jacu Farre era um *proprietário*, que possuía rebanhos, terras, cavalos e colmeias, e era solteiro. Dedicava um grande afeto ao órfão de Pietro e os Portolu o tratavam com luvas de pelica, com a esperança que ele deixasse os seus bens para a criança. Elias o encontrou, então, entre os seus. Tinha a criança sentada sobre um dos joelhos e lhe dizia: “Eis que trotamos a cavalo, vamos à festa, eh, Berteddu?”

A criança ria. Elias ficou contrariado. Olhou para o Farre que, apesar de sua corpulência/gordura era um belo homem, olhou para a criança, olhou para Maddalena e teve um ímpeto de ciúmes. Entretanto, se dominou logo e deu a notícia. Para os Portolu, e especialmente para tia Annedda, cuja dor provocada pela morte de Pietro tinha

envelhecido em dez anos, e a deixado totalmente surda, a boa nova trazida por Elias foi como um raio de sol.

“São Francisco seja louvado!”, disse tio Portolu. “Eu esperava esse dia. Se eu não tivesse essa esperança me teria matado. Ah, vocês sorriem! Tu sorris Jacu Farre! Ah, tu não sabes como é o coração de tio Portolu!” E suspirou mais vezes. Elias ficou sério e pensou: “Meu pai fala sério; se eu recuasse não sobreviveria à dor”.

Somente Maddalena não pareceu se alegrar com a notícia. Com suas grandes pálpebras abaixadas, com a maior das expressões de resignada dor, não olhou uma única vez para Elias. Entretanto, ele não se iludiu nem por um momento a respeito dos sentimentos dela.

“Ama-me sempre”, pensava indo embora. “Jacu Farre lhe fará a corte em vão. Ela é minha, é minha somente. Ela irá me procurar. Fará de tudo para falar comigo, para me desviar, estou seguro. Que farei eu?”

Não sabia o que fazer como tão pouco sabia como e quando Maddalena poderia ter uma conversa com ele. No entanto esperava, e essa espera o preparava para a luta, ou ao menos o prevenia contra a debilidade de uma surpresa. Se lhe diziam que alguém o procurava, sentia bater o coração e pensava: “É ela!” E depois, vendo que não era ela, respirava e se entristecia ao mesmo tempo. Se ia até a sua casa, tinha medo de encontrar Maddalena sozinha, entrava cauteloso e, então, se sentia contrariado vendo que Maddalena não estava só.

“É preciso terminar com isso!”, dizia a si mesmo para se desculpar. “É preciso falar e terminar com isso de uma vez.”

Mas passou bastante tempo e Maddalena não o molestou.

“Resignou-se. Tanto melhor! Quem sabe? Talvez tenha me enganado, talvez ela pense mais em Jacu Farre do que em mim!”, ele dizia a si mesmo. E lhe parecia estar contente, mas, no fundo, experimentava uma estranha e infundada dor.

Em uma tarde de outubro, porém, dois ou três dias antes do dia fixado para a cerimônia das ordens, enquanto ele estava estudando na sua cela, foram lhe dizer que o procuravam.

“É ela!”, pensou transtornado.

Não era ela, mas um rapazinho da vizinhança, mandado por ela. “Que padre Elias”, já o chamavam assim, “fosse imediatamente a sua casa porque precisavam dele.”

“É mamãe?”, perguntou Elias.

“Não sei.”

“Talvez a criança esteja doente?”

“Não sei.”

“Vá; vou imediatamente.”

E partiu, com o coração apertado por um pressentimento, Maddalena de fato estava sozinha em casa. Tia Annedda estava no campo, a criança dormia. O povoado estava deserto e ao redor da casinha reinava a doçura, a paz infinita da velada tarde outonal.

Tão logo Maddalena viu Elias se perturbou vivamente, e sentiu que em vão havia preparado um longo discurso, cheio de lógica persuasiva. O tempo no qual ela tinha ido à *tanca* e com um beijo havia dominado Elias, atualmente estava longe. Neste momento tinha respeito e talvez também medo do hábito de seu antigo amante. E talvez agora os argumentos falavam mais forte do que a paixão. De qualquer modo se perturbou e se confundiu. Fez Elias sentar, lhe serviu, como sempre, o café pronto para ele, depois lhe perguntou sem olhá-lo:

“Domingo então é a cerimônia?”

“E não sabias?”

“Sim, eu sabia.”

Silêncio.

“Por que me fizeste vir?”, perguntou ele finalmente.

“Por quê?”, ela disse, como que interrogando a si mesma. “Ah, espere, a criança está acordando. Ah, Berteddu meu, fique quieto. Estou indo, estou indo. Aqui está o tio Elias.” Levantou, foi, pegou a criança e trouxe-a consigo. Elias teve medo.

“Elias”, ela começou, “provavelmente tu imaginas o que eu quero te dizer.” Ele sacudiu a cabeça. “Essa criatura inocente não te diz nada? E a tua consciência não te diz nada? Interroga-a; ainda está em tempo. E Deus, que tudo vê, não ficará mais contente se tu, em vez de fazer aquilo que estás para fazer, fores um pai para essa criança inocente?”

Calou-se, olhando-o e esperando a resposta. Elias pôs a mão, e essa mão tremia, sobre a cabecinha da criança, acariciando-a inconscientemente.

“O que queres que te diga? Agora é demasiado tarde, Maddalena”, murmurou.

“Não, não é tarde, não é tarde!”

“É tarde, acredite-me. O escândalo seria enorme, me chamariam de louco.”

“Ah”, disse ela com amargura, “e em nome das más línguas do mundo tu não escutas a tua consciência?”

“Mas a minha consciência me diz para seguir o caminho que estou para seguir, Maddalena!” Disse-lhe, gravemente, sem nunca erguer os olhos e sempre acariciando o pequeno Berte. “Então diga-me, admitindo-se que eu tire esse hábito e me case contigo, poderemos então dizer que essa criança é meu filho?”

“Diante do mundo, Elias! Diante do mundo ele nunca será teu filho, mas tu poderás, igualmente, proceder com ele como se fosse teu filho!”

“Vou amá-lo do mesmo jeito, cuidarei dele igualmente. Ninguém, no meu novo estado, me impedirá de cumprir o meu dever para com ele.”

“Não, não”, disse ela, começando a se desesperar e inclinando e movendo a cabeça, “não, não, não é a mesma coisa, não é a mesma coisa!”.

“É a mesma coisa, te digo eu, Maddalena...”

“Tu dizes, mas não é a mesma coisa. E depois!”, explode ela, levantando com orgulho a cabeça. “E por mim, Elias! E por mim? Não pensas em mim?”

“Não posso”, ele murmurou.

“Não podes? E por que não podes Elias? Sempre é tempo! Ainda está em tempo! É possível que tu não lembres de nada?”

“Não posso lembrar. Além disso, te respeito, é demasiado tarde.”

“Não é tarde...”, ela repetia, torcendo as mãos, desesperada por não saber dizer as palavras que havia preparado.

E era suficientemente astuta para ver que Elias estava transtornado, que havia mudado de cor, que a sua mão tremia sobre a cabeça da criança, que bastava um pouco de audácia para vencê-lo. E tinha vontade de se levantar, de abraçar o pescoço com os braços e de lhe falar como havia lhe falado na *tanca*. Porém uma força superior a mantinha imóvel e quase não a permitia observá-lo. Sentia-se tímida e desajeitada como uma menina por ocasião da primeira conversa de amor. E a conversa prosseguiu penosamente e penosamente terminou.

Maddalena repetiu de cem maneiras as coisas que já havia dito. Recordou a Elias o passado, disse-lhe que o amava sempre, que viveria e morreria pensando nele. Entretanto, agora, ela não possuía mais a ênfase tocante da paixão e todas as suas palavras e todas as suas razões não se comparavam ao olhar com o qual havia dominado Elias na *tanca*. Ele sentiu tudo isso e pôde se dominar.

Separaram-se sem sequer terem tocado as mãos. Mas quando Elias ficou sozinho sentiu que a sua vitória foi uma vitória bem fácil e mísera.

“Se ela me tivesse tentado talvez eu teria caído de novo”, pensava. “Ah, por que ela permaneceu fria, permaneci frio também eu. Mas talvez, agora que começou, atacará de novo, porque me ama e não é somente para dar um pai à criança, mas para reaver o meu amor que ela me tenta.”

E sentia-se triste, perturbado, débil; mas não perdia a fé em Deus e, com a vontade amarga com que os fanáticos castigam o corpo, ele desejava que Maddalena ainda o perseguisse e o tentasse, fortemente, para exasperar e experimentar a sua força de resistência.

## X

Mas ela não o tentou mais. Ele recebeu as primeiras ordens, continuou a estudar e, em breve, foi consagrado sacerdote e pode rezar a primeira missa. Em sua casa festejaram como a um casamento. Parentes e amigos trouxeram-lhe presentes como para um esposo. Mataram ovelhas e cordeiros, fizeram um banquete, cantaram improvisando versos para o jovem sacerdote. Tio Portolu vestia roupa nova, tinha os cabelos untados, as trancinhas refeitas; e escutava a competição dos poetas improvisados, tendo sobre os joelhos o pequeno Berte que inclinava melancolicamente a cabecinha sobre o peito.

“O que tens cordeirinho meu?”, perguntou tia Annedda, inclinando-se sobre o pequeno. “Tens sono?”

A criança sacudiu a cabeça, os seus olhinhos esverdeados estavam tristes. Tia Annedda pegou com dois dedos um doce de massa de mel em forma de passarinho, inclinou-se de novo sobre o netinho e deu-lhe o doce.

“Pega, olha um passarinho, não durmas, sabe.”

A criança pegou o doce desinteressadamente, sem erguer a cabeça do peito do avô e encostou os lábios no bico do passarinho, mas não o comeu.

“Tens sono?”, perguntou tio Portolu, olhando-o. “Não dormiste, essa noite, passarinho meu? Upa, espreguiça-te, escuta que belas canções! Quando fores grande também tu cantarás assim. Te levarei a cavalo à *tanca* e cantaremos juntos.”

No entanto, o pequeno, que sempre se entusiasmava com a ideia de ir à *tanca*, não se moveu. No almoço não quis comer e não se separou do avô, sobre cujo peito tinha sempre apoiada a cabeça.

“Parece-me que teu filho está doente”, gritou o Farre à Maddalena.

Padre Elias estremeceu, olhou a criança e imediatamente recordou do sonho tido na noite em que velava o corpo de Pietro. Maddalena acariciou a criança, interrogou-o, pegou-o entre os braços e levou-o ao leito sobre o qual antigamente dormia Elias.

“Tem sono e agora dorme”, disse retornando.

Mas padre Elias não se aquietou. Queria se levantar, ir até a criança, examiná-lo. Ao contrário, não pode se mover e teve que esconder a sua inquietude.

Escutava os cantores, sorria levemente para certos versos bem feitos, mas não falava, não ria. Via o Farre, aquele rico e grande parente que falava ofegando, ir e vir pela casa, dando ordens, intrometendo-se em tudo como se fosse o patrão, falando frequentemente com Maddalena. Sentia ciúme, e, percebendo esse ciúme, se irritava consigo mesmo, mas calava-se.

Depois do almoço entrou quase furtivamente onde estava a criança, se inclinou e a observou durante longo tempo, e vendo-a dormir suavemente, com a boquinha semiaberta, com o passarinho de doce entre as mãozinhas, provou um ímpeto de ternura

e a beijou religiosamente. Levantando-se recordou do dia e da noite do casamento de Maddalena, e da doença e da dor que ele tinha sofrido sobre o leito.

“As coisas do mundo!”, pensou. “Quem acreditaria que essas coisas iriam acontecer?”

Retornando à cozinha, ouviu Farre que discorria sobre a criança com Maddalena, atenta em preparar o café.

“Você não cuida dele”, dizia-lhe “Não vêes que não está bem? Aquele é o rosto de uma criança sã? Não. Eu trarei o doutor e verás que tenho razão.”

“Que importa isso a ele?”, disse Elias para si, com amargura e ciúme. “Cabe a mim e não a ele, tomar conta do bebê.”

Saiu para o pátio, no qual os poetas recomeçavam a cantar, e sentou perto do padre. Parecia escutar a competição improvisada, mas pensava sempre em Farre, em Maddalena, na criança, e se entristecia e se irritava, e se dava conta do seu novo desejo: que Maddalena continuasse viúva. Nunca tinha pensado que, se ela se casasse novamente, ele não teria mais autoridade sobre a criança.

“Casará com Farre”, pensava, “e eu não poderei mais amar o meu filho. Serão contados os beijos e as carícias que poderei fazer-lhe.” E o seu pensamento se perdia no futuro, nas coisas completamente estranhas ao ministério em que tinha entrado naquele dia.

Terminada a festa, tendo regressado ao seminário, se deu conta de todos os pensamentos vãos, dos ciúmes, das tristezas experimentadas durante o dia e então um forte descontentamento consigo se apoderou dele.

“É inútil, é inútil”, pensava, se virando e se revirando na cama. “A carne está presa ao osso, e eu não me separarei nunca das coisas do mundo. Serei um mau sacerdote, como fui um mal leigo, porque não sou um bom cristão. Isso é tudo.”

Enquanto isso, aconteceu o que ele havia previsto. O Farre pediu a mão de Maddalena e imediatamente começou a se ocupar da criança como se fosse sua. Chamou o médico, e, tendo o médico declarado que o menino estava anêmico, o grande homem comprou os remédios, e tudo o necessário para a saúde do pequeno Berte. Padre Elias via e se calava, mas, por dentro, se roía de ciúmes. Muitas vezes, quando estava só, e mesmo estando na igreja, se surpreendia pensando na figura daquele grande homem saudável e vermelho, da fala lenta, de fala ofegante e sentia odiá-lo.

Um dia o Farre o convidou ao seu curral de ovelhas.

“Tio Portolu também virá”, disse, “e levaremos a criança, pois lhe fará bem e nós nos distrairemos...”.

Ao princípio Elias esteve ao ponto de refutar impetuosamente; depois se dominou e aceitou.

Mas sofreu muito durante aquela excursão. O Farre levava a criança consigo em seu cavalo, na frente da sela, e Berteddu apoiava a cabecinha sobre o seu peito e lhe fazia cem perguntas se visse um corvo voar grasnando, um pássaro levantar voo de um mato, um arbusto cheio de bagas escarlates, um carvalho verdejante de bolotas. O Farre explicava-lhe cada coisa com paciência e de quando em quando dava um beijo nele.

“Vês, aquele é um pé de pera selvagem. Olha, olha, tem mais frutos do que folhas. Gostas eh, de peras selvagens, pequeno porquinho, eh, eh? E aquelas coisas cinza longas, que parecem candelabros? E aquelas ali? Sabes o que são? São talos de *canna gurpina*<sup>145</sup>, bons para fazer canudos de pipa. Os pastores fazem as pipas assim. Eh, os pastores não são como os senhores, sabe, que vão ao mercado e compram as coisas belas e prontas. Os pastores se *arranjam*. E tu serás um pastor, eh?”

---

<sup>145</sup> Tipo de junco.

“Eu serei um pastor, sim”, disse a criança indolentemente, “e farei as pipas com aqueles juncos ali.”

“Eh, não, eh, não! Ouvistes papai Portolu, o garoto quer ser pastor! Não é verdade que, ao contrário, faremos dele um doutor?”

Eram bobagens. Mas Elias, que vinha cavalgando próximo de Farre, sofria infantilmente. O que tinha aquele homem estranho a ver com o futuro de seu filho? Não, não, ele não permitiria nunca que interferisse na vida e no destino de seu filho. Mas, também isso era um sonho. A realidade o incitava com as palavras de tio Portolu, o qual dizia ao pequeno Berte: “Ah, você quer ser um pastor, pequeno pombo? E por que quer ser um pastor? Não sabes que os pastores dormem frequentemente ao ar livre e sofrem o frio? Vês tio Elias? Tornou-se padre, porque, se ele tivesse permanecido pastor, teria morrido de frio. Não, te faremos doutor, não pastor. Eh, não te comandarás! Tem o tio Farre que fará com que andes na linha e, se fores malvado, tio Farre não brincará.”

“E o que é aquilo?”, perguntou Berteddu, indicando uma árvore, sem escutar as palavras do avô.

Mas Elias as havia escutado, aquelas enérgicas palavras, e sentiu-se atingido na alma.

A partir daquele dia o seu ciúme cresceu morbidamente. Em vão ele procurava se dominar, em vão pensava:

“Jacu Farre terá filhos, e então esquecerá e talvez ele se desafeiçoe do meu. Então Berte será todo meu. Eu o levarei para casa, o farei seguir um bom caminho, o farei feliz.”

Não, não. Tudo eram sonhos. O presente incitava, a realidade era dura. Elias sofria. E era uma dor diferente de todas as dores até agora experimentadas, mas não menos profunda. Ele voltava a se desesperar e a repetir a mesma lamentação: “Jamais encontrarei a paz, estou condenado. Qualquer coisa que eu faça é um erro. E talvez erre ao não dar ouvidos a Maddalena. Talvez Deus quisesse que eu reparasse o meu pecado, em vez de me dedicar indignamente a Ele. Ah, padre Porcheddu tinha razão. O pecado é uma pedra que nunca tiraremos do lombo, e eu estou condenado ao peso eterno da dor porque pequei gravemente.”

Assim os seus dias continuavam a transcorrer melancólicos e tormentosos. Ah, não era essa a vida quieta e santa que ele havia sonhado! Enquanto isso, se esperava que, de um dia para outro surgisse uma vaga para ele em qualquer paróquia nos povoados vizinhos. Ele sabia disso, e já sofria pensando na distância. Ele distante, o Farre se casando com Maddalena, e teria se apossado completamente da criança. Estava acabado, estava tudo acabado! Mas não, não, não estava tudo acabado. Não, ele sentia que mesmo longe continuaria a pensar em seu filho, se corroendo de ternura, de desejo, de ciúme e que possivelmente iria começar uma nova vida de paixão e de dor, bem diferente daquela que seria seu dever levar.

Todos os dias ia a sua casa e estranhamente procurava se tornar amigo da criança, levando doces, brincando e o mimando. Dava-se conta de que aquela era uma fraqueza. Aliás, uma pequenez, já que era empurrado a fazer isso não pelo amor paterno, mas pelo desejo de impedir que Berte se afeioasse ao Farre. Todavia, não conseguia agir de outro modo.

Porém, via com dor que Berte permanecia muito indiferente, indolente e taciturno. Quase nunca comia os doces, se cansava rapidamente dos joguinhos e das diversões, e se enfadava por cada pequena coisa. De resto, era assim com todos. Elias se dava conta de que o pequeno estava doente, e se oprimia em vê-lo assim e de não poder curá-lo.

Chamou um médico, não o mesmo consultado por Farre, e provou uma triste satisfação quando o novo doutor diagnosticou que a criança sofria de uma doença latente, diferente de anemia, e ordenou outros medicamentos.

“Vistes?”, disse Elias a Maddalena, com um triunfo malvado nos olhos.

“Vejo” respondeu ela tristemente, preocupada somente com o estado do filho.

O novo médico e o novo medicamento, porém, não impediram que a inflamação latente nas delicadas vísceras da criança se manifestasse imediatamente. Um dia padre Elias encontrou Berte deitado no leito do quarto térreo. A criança tinha uma febre altíssima e delirava, com os olhinhos perdidos e o rosto ardente. Maddalena o velava, consternada e desesperada, e tia Annedda já tinha recorrido aos seus medicamentos, aos Santos e as suas rezas, mas tudo perfeitamente inútil.

Ela tinha uma relíquia especial para baixar a febre. Passou-a sobre o corpo ardente da criança e recitou com fervor diversas orações, a Deus, ao Espírito Santo, a Nossa Senhora da Misericórdia, a Nossa Senhora dos Remédios, a Maria de Valverde, a Maria do Monte, a Maria do Milagre, às Almas Santas, a São Basílio, a Santa Lúcia, ao Sangue Santo, aos Santos Inocentes; mas a febre só aumentou.

Então chamaram novamente o primeiro médico. Ele declarou que o estado da criança era gravíssimo, mas não desesperador, a menos que ele contraísse também o tifo. Elias escutava pálido, de pé junto à janela. Daquele ponto viu Farre vindo através da viela e apertou instintivamente os punhos.

“Ele vem, ei-lo!”, pensou. “Ele vem para aumentar a minha dor! Talvez a criança morra, e eu não posso me aproximar de seu leito, não posso lhe dar as últimas carícias, os cuidados extremos, enquanto tudo isso será permitido a ele. Ei-lo, aqui está ele! Bem, eu vou embora, de outro modo se ele entrar aqui e se aproximar do menino, do meu menino que está morrendo, não responderei mais pelos meus atos.”

De fato, Elias saiu junto com o médico. No pátio, se encontraram com Farre que se mostrou pesaroso e perguntou sobre o estado da criança.

“O menino está mal. Deixemo-lo em paz em companhia da mãe”, disse Elias rudemente.

O Farre o olhou um pouco espantado, mas não respondeu.

O médico convidou Elias para andar pela estrada. O jovem padre o seguiu com prazer. Entretanto, enquanto o outro falava, ele olhava para o além, em direção ao fundo do vale, com os olhos perdidos em um sonho doloroso. Via o Farre sentado próximo à cama da criança. E via Maddalena triste e pálida, que se curvava sobre o pequeno doente para espiar o seu crescente sofrimento. O grande namorado a confortava, enquanto estendia a mão para acariciar o pequeno e lhe falar amorosamente.

O médico, no entanto, falava de uma garota gorda e corada que haviam encontrado próximo à fonte.

“Dizem ser amante do tal, aquela garota. Que cadeiras! Porém, não é bem feita, precisamente. Mas será verdade que é a amante do tal? Ouvistes falar disso, padre Elias?”

Elias o olhou com raiva. Como poderia o médico lhe fazer aquelas perguntas, quando o seu filho morria e o Farre se fazia de pai?

“O que me dizeis!”, exclamou. “Por que me fazeis essas perguntas?”

“Mas não são perguntas que se fazem aos homens do mundo? E não é um homem do mundo também o senhor?”

Ah sim! Também ele era um homem do mundo! Infelizmente era ainda um homem do mundo e como tal sentia-se mordido de dor, de despeito, de ciúme.



À tarde voltou a ver Maddalena e a encontrou desesperada porque o estado do pequeno era cada vez mais grave. Ela estava na cozinha preparando qualquer coisa no fogão.

“A mãe está lá?”, perguntou Elias, indo em direção ao quarto no qual estava deitado o filho.

“Sim.”

Ele gostaria de ter perguntado se também o Farre estava lá, mas não podia. Sentia que *ele* estava lá, sentado perto do leito. Via distintamente o grande homem, sentia a sua respiração ofegante, e experimentava uma angústia quase doentia. Mas quando abriu a porta e viu o Farre sentado junto ao leito, com sua grande figura um pouco inclinada para frente, silencioso, ofegante, ficou surpreso, como que assustado, com a inesperada aparição.

“A criança está morrendo, e ele está lá e não me deixa aproximar, não me deixa vê-lo nem acariciá-lo!”, pensou amargamente. De fato, aproximou-se apenas dos pés do leito e olhou quase timidamente o doentinho.

“Ele está mal, está mal”, disse o Farre com dor, como que falando para si.

Elias se deteve um momento, depois se foi sem dizer uma palavra. Passou uma noite horrível e, na manhã seguinte, bem cedo, foi de novo para lá. Atravessando o caminho se iludia que encontrava o menino melhor e então o seu rosto se iluminava de esperança. Entrou, com passo ágil, atravessou o pátio, a cozinha, empurrou a porta. E logo o seu rosto se fez lívido. O Farre estava novamente lá, sentado ao lado do leito da criança, com seu grande corpo inclinado para frente, silencioso, ofegante.

Maddalena chorava. Assim que viu Elias foi ao seu encontro, enxugando as lágrimas com o avental e soluçando disse que a criança estava morrendo. Elias a olhou de cima a baixo, lívido, sombrio. Não avançou um passo, não falou; e pouco depois saiu. Tia Annedda o seguiu até a cozinha, depois até o pátio e perguntou-lhe hesitando: “Elias, filho meu, que tens? Você também está doente?”

Ele parou perto do portão, se voltou e, dos seus lábios, saíram palavras amargas contra o Farre e contra Maddalena que permitia ao namorado que ficasse sempre próximo do doentinho. Porém, viu o pequeno rosto de sua mãe tão pálido, tão angustiado, que murmurou: “Não, não me sinto mal.” E se foi.

“O que ele falou? Não o ouvi”, disse para si tia Annedda. “Ele também está mal? O que ele tem? Ajudai-nos, São Francisco meu!”

Desde aquele momento começou para Elias uma verdadeira obsessão. Sempre que se encontrava livre ia invariavelmente, quase sem se dar conta, a sua casa. Mesmo antes de chegar ao caminho sentia que o Farre estava lá no seu lugar. Todavia, se obstinava em esperar o contrário e entrava. E a odiosa figura estava lá, sempre lá.

Pouco a pouco foi pego por uma espécie de delírio. Ia com desejo de se inclinar sobre a criança, de beijá-la, de cuidar dela com suas mãos, de dizer-lhe palavras afetuosas. Tinha a impressão que a força de seu amor bastaria para curá-lo. Ao invés disso, vinha e, bastava apenas ver o Farre, para sentir-se paralisado. Não ousava sequer pousar a mão sobre a fronte do pequeno moribundo, enquanto internamente gritava de dor e de raiva.

Na tarde do sétimo dia da doença de Berte, tia Annedda vem ao seu encontro chorando.

“Não passará desta noite”, murmurou.

“O Farre está ainda lá, mamãe?”

“Não está.”

Ele lançou-se no quarto, retirou Maddalena que chorava silenciosamente junto ao leito, e se inclinou ansioso sobre a criança. E a criança estava morrendo: o pequeno

rosto, antes gracioso e cheio de vida, estava lívido, magro, marcado por um desolador sofrimento. Parecia o rosto de um velhinho moribundo.

Elias não ousou tocá-lo nem beijá-lo, tomado por um súbito assombro. Como diante do cadáver do irmão Pietro teve a visão da morte, e se deu conta que até aquele momento lhe parecia impossível que Berte morresse. Em vez disso morria. Por que morria? Como morria? O fim de cada coisa, de cada paixão? E então por que ele odiava o Farre? Por que sofria?

“Filho meu, pequeno filho meu”, gemeu para si, “tu estás morrendo e eu não te amei, e eu, ao invés de te amar, de cuidar de ti, de te arrancar da morte, me perdi em um inútil rancor, em um inútil ciúme... E agora tudo está terminando, e não há mais tempo, não há mais tempo para nada...”.

Assaltou-o um impetuoso desejo de tomar o pequeno entre os seus braços, de levá-lo embora, de salvá-lo. Como? Não sabia como, mas parecia-lhe que bastava estender os braços, esticando a sua pessoa sobre o corpinho da criança, para manter a morte longe. Naquele ponto, o Farre entrou e se aproximou lentamente do leito. Elias ouviu o passo grave, o hálito ofegante e instintivamente se distanciou.

O Farre recuperou o seu lugar. E, mais uma vez, Elias sentiu que entre ele e a alma de seu filho existia um obstáculo intransponível. Colocou-se no fundo do quarto, perto da janela, e os seus olhos brilharam de um brilho verde escuro. Pensava delirando:

“Por que ele está lá? Por que me tirou de lá? Expulsou-me, empurrou-me. Com que direito? É dele ou meu o filho? É meu, é meu, não dele! Agora mesmo vou lá e dou umas bofetadas nesse grande odre, o expulsarei de lá, porque sou eu que devo estar lá, não ele. Eu vou, eu vou, o esbofetarei, o matarei. Quero beber o sangue dele, porque o odeio, porque ele me tomou tudo, tudo, porque quando ele está presente, eu chego a desejar a morte do meu filho.”

Mas, por alguns minutos, não se moveu de seu lugar. Em seguida, entrou na cozinha, disse para a sua mãe: “Retornarei daqui a pouco”, e saiu rapidamente.

Retornando à sua cela, teve a impressão de despertar de um sonho. E recobrou a consciência de sua vida, de seu estado e de seu dever. Ajoelhou e se pôs a rezar e a pedir perdão a Deus por seu delírio.

“Perdoai-me, Senhor, perdoai-me para a vida eterna, visto que nesta não sou digno de perdão. Eu não descansarei nunca. Estou condenado a sofrer, mas cada castigo é pequeno diante da falta que cometi. Sim, sim, fazei-me sofrer como mereço, mas dai-me força para cumprir os meus deveres, tire-me do coração cada vã paixão. Da minha parte prometo que farei de tudo para me controlar. Mesmo se a criança sobreviver irei vê-la o menos possível. Talvez seja meu? Não. Eu não devo possuir nada sobre esta terra: nem filhos, nem parentes, nem bens, nem paixões. Devo ficar sozinho, sozinho diante de vós, Deus meu, grande e misericordioso Senhor.”

Porém, uma hora depois lhe avisaram que comparecesse com urgência à sua casa. E ele correu pálido, e com o coração em tumulto. Era noite. Uma noite de outono, velada, silenciosa. A lua nadava lentamente entre tênues vapores, circundada de uma imensa aureola de ouro desbotado. Um silêncio profundo, uma paz arcana e triste, qualquer coisa misteriosa reinava no ar.

Elias sentia que a criança estava morta e, de fato, entrando na cozinha, viu sentada, em frente à lareira, Maddalena que chorava tragicamente, apertando de vez em quando a cabeça entre as mãos. Parecia uma escrava da qual haviam tirado tudo, liberdade, pátria, ídolos, família. Elias sentiu a imensa dor da mulher e pensou:

“Nesse momento provavelmente ela acredite que a perda da criança seja o castigo por sua culpa, e não sabe que, dessa dor, ao contrário, ela sairá purificada e que encontrará o caminho do bem. Os caminhos do Senhor são grandes, são infinitos!” Mas,

enquanto assim pensava, olhava ao redor pela cozinha semiescura e entre as poucas pessoas ali reunidas não encontrou o Farre. Pensou com dor que o homem talvez estivesse ainda lá, próximo da criança morta.

Entrou. O Farre não estava lá. Somente tia Annedda, palidíssima, mas calma, sem chorar, sem fazer ruído, lavava e vestia o mortinho. Elias a ajudou. Pegou as meinhas e os sapatinhos da criança da caixa, e, calçando-o, sentiu que os pesinhos sem sangue, enfraquecidos pela doença, estavam ainda mórbidos e quentes.

Até que o mortinho não estivesse vestido e acomodado entre as almofadas, e enquanto tia Annedda permaneceu lá, Elias se manteve calmo. Entretanto, tão logo ficou sozinho, ele sentiu um calafrio por todo corpo. Sentiu o rosto e as mãos esfriarem, e se ajoelhou e, escondeu o rosto entre as mantas da caminha.

Finalmente, finalmente estava sozinho com o seu filho. Ninguém mais poderia tirá-lo, ninguém mais poderia meter-se entre eles. E, em sua infinita aflição, sentia cair um tênue véu de paz, e quase de alegria - semelhante à vaporosidade daquela misteriosa noite outonal - porque a sua alma se encontrava finalmente só, purificada da dor, só e livre de cada paixão humana, diante do grande e misericordioso Senhor.

## BIBLIOGRAFIA DA TRADUÇÃO

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica.** Tradução de Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

\_\_\_\_\_. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo.** Tradução de Andréia Guerini, Marie-Hélène C. Torres e Mauri Furlan. Rio de Janeiro: 7letras/PGET, 2013.

CACCHIO, Pasquale. **Castellucese: grammatica, rimario, vocabolario, toponomastica della lingua di Castelluccio Valmaggiore (FG).** Disponível em: <pasquale75321.files.wordpress.com/2012/08/castellucese-8-2013-web4.pdf>. Acesso em: 02 mar. de 2014.

CAMPUS, Giuliano. **Alberi, arbusti, erbe, piante endemiche, orchidee, funghi e natura della Sardegna.** Disponível em: <http://www.sardegnaflora.it/>. Acesso em: 20 abr. de 2013.

CARBONI, Mario (coord.) **Ditzionàriu online: Dizionario de sa limba sarda.** Disponível em: <www.ditzionariu.org/>. Acesso em: 05 mar. 2013.

DELEDDA, Grazia. **Leggende Sarde.** Roma: Tascabili Economici Newton, 1995

**DICIONARIO ONLINE DE PORTUGUES:** <https://www.dicio.com.br/houaiss/>. Acesso em: 22 ago. 2017.

**DICIONARIO MARTINS FONTES italiano-português.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

**DICIONARIO PRIBERAM** In priberam dicionário da Língua Portuguesa, 2008-2013, <https://www.priberam.com/dlpo/verismo>. Acesso em: 25 out. 2017.

HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução.** 2. Ed. Florianópolis : UFSC, Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, v. 1, 2010.

ISTITUTO DELLA ENCICLOPEDIA ITALIANA (Roma). **Spedizione dei Mille:** Treccani, [2018? a]. Enciclopedia on line. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/spedizione-dei-mille\_>. Acesso em: 23 out. 2018.

ISTITUTO DELLA ENCICLOPEDIA ITALIANA (Roma). **Verismo.** Roma: Treccani, [2018? b]. Enciclopedia on line. Disponível em: <http://www.treccani.it/enciclopedia/verismo>. Acesso em: 23 out. 2018.

**PIANTE Caratteristiche della Sardenha.** Disponível em: <http://www.atlantides.it/piante-caratteristiche-della-sardegna.html>. Acesso em: 02 maio 2013.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, Werner (Org.). **Clássicos da teoria da tradução.** 2 ed. Florianópolis:

UFSC,/Núcleo de Pesquisas em Literatura e Tradução, v.1, 2010.

VENUTI, Laurence. **Escândalos da tradução**. Bauru: Edusc, 2002.

**VOCABOLARIO SARDO**. Disponível em: <<http://vocabolariocasu.isresardegna.it/>>